

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Gisele Aparecida Ribeiro

**O vocabulário rural de Passos/MG:
um estudo linguístico nos *Sertões do Jacuhy***

Belo Horizonte
2010

O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos *Sertões do Jacuhy*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Linguística, elaborada sob a orientação da Professora Doutora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Gisele Aparecida Ribeiro

FALE – UFMG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Belo Horizonte, março de 2010.

**Dissertação aprovada em 29 / 03 / 2010 pela Banca Examinadora constituída pelos
Professores Doutores:**

**Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra – UFMG
Orientadora**

Profa. Dra. Ana Paula Antunes Rocha – UFOP

Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen – UFMG

Dedico esta dissertação aos meus exemplos de vida, Bartolomeu José Ribeiro e Maria Tereza Silva Ribeiro, que sempre me estimularam a dar este grande passo. Essas duas pessoas, com muita sabedoria, discernimento, bom senso e dedicação, estiveram ao meu lado encorajando-me nas horas difíceis e aplaudindo-me nos momentos de glória. Obrigada por serem meus pais, fonte de inspiração, apoio e ensino diário.

Agradecimentos

A Deus pela força e disposição concedidas a mim todos os dias.

À Profa. Dra. Maria Cândida pelo constante incentivo, sempre indicando a direção a ser tomada nos momentos de maior dificuldade, interlocutora interessada em participar de minhas inquietações. Agradeço, principalmente, pela confiança depositada no meu trabalho.

Ao Murilo pela paciência, incentivo e compreensão mesmo nos momentos de ausência.

Aos meus familiares que sempre me deram amor e força, valorizando meus potenciais.

Aos informantes que, com seus “causos”, contribuíram imensamente para a realização desta pesquisa.

À amiga Mônica Emmanuelle pelas dúvidas partilhadas, pelas trocas constantes de experiências e pela paciência em ouvir.

À diretora Creide Ponçansini e à coordenadora Maria Inês Lemos e aos demais colegas do Colégio São Francisco – da cidade de Passos/MG – pelo incentivo e pela compreensão de algumas ausências.

Aos meus alunos pela compreensão dos momentos de ausência.

A todos os meus amigos e amigas que sempre estiveram presentes me aconselhando e incentivando com carinho e dedicação.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a execução desta Dissertação de Mestrado.

A memória é um sótão atravancado de objetos inúteis, onde tanto desejaríamos encontrar aquelas coisas perdidas que – de tão perdidas – já nem sabemos mais.

Mário Quintana



FOTO 01 – Monjolo
Fonte: Acervo pessoal

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo o estudo do vocabulário rural do município de Passos, que se localiza na mesorregião sul/sudoeste de Minas Gerais. A referida localidade está inserida em uma área denominada geo-historicamente como “Sertões do Jacuhy”, alvo de disputa, em épocas passadas, entre os governos de Minas e São Paulo. Nossa proposta é mostrar que os estudos lexicológicos apontam estreita relação entre o homem, a cultura e o ambiente em que se inserem. Adotamos como referencial teórico-metodológico a Sociolinguística (Labov e Milroy), a Lexicologia (Biderman), a Antropologia Linguística (Duranti e Hymes), a Dialectologia (Isquierdo, Ferreira, Cardoso), o conceito de região cultural (Diégues Jr). Seguindo o modelo laboviano, partimos do presente, ao coletar nossos dados decorrentes das 15 entrevistas orais realizadas na zona rural de Passos, voltamos ao passado, ao consultar dicionários do século XVIII (Bluteau) e XIX (Morais), e retornamos ao presente para estabelecer comparações entre esses períodos. Após análise dos dados, constataram-se casos de retenções, de variações e mudanças linguísticas ao longo do tempo, a existência de um vocabulário regional e de casos de influências vindos do vocabulário do interior paulista. Foram encontradas também lexias que são comuns no Sul e Norte de Minas Gerais. Os resultados obtidos por meio de nossa pesquisa evidenciaram aspectos históricos, sociais e culturais da região, destacando a importância da agricultura e da pecuária de invernada presentes em Passos.

Palavras-chave: Léxico, História, Cultura, Linguística, Sul de Minas Gerais, Passos.

Abstract

The objective of this work is to study the rural vocabulary of the city of Passos, which is located in the South/Southwest mesoregion of Minas Gerais. This locality is part of an area geohistorically named as “Jacuhy Backlands”, an area of dispute between the governments of Minas Gerais and Sao Paulo in the past. Our purpose is to show that lexicological studies point to an intimate relationship between men, the culture and the environment in which he lives. As a theoretical and methodological reference, we adopted the Sociolinguistics (Labov and Milroy), Lexicology (Biderman), Anthropological Linguistics (Durantis and Hymes), Dialectology (Isquerdo, Ferreira, Cardoso), the concept of cultural region (Diégues Jr.). Following the labovian model, we started from the present days, collecting our data from 15 oral interviews conducted in the rural area of Passos, went back to the past, consulting dictionaries from the 18th (Bluteau) and 19th Centuries (Morais), and returned to the present in order to draw comparisons between these periods. After the analysis of the data, we found cases of retention, linguistic variation and changes through time, the existence of a regional vocabulary, and cases of influence from the vocabulary of the countryside of Sao Paulo. We also found lexias which are common in the South and North of Minas Gerais. The results obtained through our research evince the historical, social, and cultural aspects of the region, highlighting the importance of the agriculture and the activity of raising beef cattle in feedlots in Passos.

Key-words: Lexicon, History, Culture, Linguistics, South of Minas Gerais, Passos.

ABREVIATURAS

ADJsing – Adjetivo singular
ADV – Advérbio
Cf. – Confira
Inf. – Informante
Loc. adv. – Locução adverbial
NCf – Nome Composto feminino
NCm – Nome Composto masculino
n/e – Não encontrado
Nf – Nome feminino
Nm – Nome masculino
p. – Página
Pesq. – Pesquisadora
Prep – Preposição
Pron – Pronome
Spl – Substantivo plural
Ssing – Substantivo singular
Terc. – Terceiro
V – Verbo

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Classificação morfológica do *corpus* analisado192

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sul/Sudoeste de Minas Gerais – microrregiões46
Quadro 2 – Mapas da região pesquisada por Amadeu Amaral.....205
Quadro 3 – Comparativo de Lexias: Sul de Minas X Interior de São Paulo.....205

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de lexias encontradas em cada dicionário191
Gráfico 2 – Distribuição percentual das lexias dicionarizadas e não-dicionarizadas193
Gráfico 3 – Percentual de lexias dicionarizadas por classe gramatical194
Gráfico 4 – Percentual de lexias não-dicionarizadas por classe gramatical195

Gráfico 5 – Origem das lexias.....	196
Gráfico 6 – Percentual de brasileirismos entre as lexias dicionarizadas	198
Gráfico 7 – Gênero das lexias	199
Gráfico 8 – Distribuição percentual dos casos de mudança e manutenção lingüística.....	201

LISTA DE FOTOS

Foto 01 – Monjolo	07
Foto 02 – Fazenda Santo Antônio das Areias – Passos/MG	14
Foto 03 – Carro de boi na zona rural de Passos/MG	17
Foto 04 – Casa de pau-a-pique na zona rural de Passos/MG	39
Foto 05 – Construção em pedras na antiga mineradora em Jacuí/MG	53
Foto 06 – Igreja do Senhor Bom Jesus dos Passos – Passos/MG	58
Foto 07 – Chiqueiro de porcos na fazenda Santo Antônio das Areias – Passos/MG	61
Foto 08 – Gado na internada – Fazenda Santo Antônio das Areias/MG	67
Foto 09 – Maminha-de-cadela (fruta típica do município de Passos/MG)	80
Foto 10 – Carro de boi.....	208
Foto 11 – Gaiteira (árvore frutífera comum no município de Passos/MG)	245

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 – Mercados abastecedores de Minas Gerais	41
Mapa 02 – Comarca do Rio das Mortes.....	43
Mapa 03 – Microrregião Passos	47
Mapa 04 – Região dos “Sertões do Jacuhy”	50
Mapa 05 – Bacias dos rios Sapucaí, Grande e Pardo	51
Mapa 06 – Região do Desemboque	52
Mapa 07 – Regiões culturais do Brasil	56
Mapa 08 – Os caminhos	62
Mapa 09 – Rota do Gado	65
Mapa 10 – Localização do município de Passos	68
Mapa 11 – Passos / Águas Vermelhas.....	203

Sumário

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1 – LÍNGUA E SOCIEDADE	18
1.1. O homem e sua linguagem	18
1.2. O homem, a língua e a cultura	19
1.2.1. Antropologia linguística	19
1.3. O homem, a língua e a sociedade	22
1.3.1. Sociolinguística	23
1.3.1.1. Variação e mudança linguística.....	25
1.3.1.2. Redes sociais e mudança linguística.....	25
1.3.2. Dialetoлогия	27
1.3.2.1. Caminhos da dialetologia.....	27
1.3.2.1.1. A dialetologia no Brasil.....	29
1.4. Léxico, cultura e sociedade	32
1.4.1. Lexicologia	34
1.4.1.1. Léxico regional.	35
1.4.2. Lexicografia.....	37
1.4.2.1. Lexema e Lexia.....	38
1.4.2.2. Dicionário, vocabulário, glossário.....	38
CAPÍTULO 2 – ASPECTOS HISTÓRICOS DA REGIÃO SUL DE MINAS	40
2.1. O sul de Minas na história das Gerais	40
2.1.1. O povoamento e os caminhos	40
2.1.2. A comarca do Rio das Mortes e a formação sul-mineira.....	42
2.1.3. A economia e o crescimento demográfico do Sul de Minas.....	47
2.2. Os sertões do Jacuhy	49
2.3. A Região Cultural de Passos.....	53
2.3.1. Passos, uma breve história.....	57
2.3.2. A questão agropecuária.....	58
2.3.3. Os caminhos do boi e a pecuária de invernada	61
CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	68
3.1. A região pesquisada.....	68
3.2. Objetivos.....	69
3.3. Métodos e Procedimentos.....	70

3.3.1. Pesquisa de campo.....	70
3.3.1.1. A coleta de dados.....	71
3.3.1.2. A escolha dos informantes.....	71
3.3.1.3. As transcrições.....	72
3.3.2. Fichas Lexicográficas.....	75
3.3.2.1. Sobre os dicionários consultados..	76
3.4. Macro e microestrutura do glossário.....	77
3.4.1. A macroestrutura.....	79
3.4.2. A microestrutura.....	79
CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	81
4.1. As fichas lexicográficas.....	81
4.2. Análise quantitativa.....	191
4.2.1. Quanto ao número de lexias presentes em cada dicionário.....	191
4.2.2. Quanto à classificação gramatical.....	192
4.2.3. Quanto às lexias dicionarizadas e não-dicionarizadas.....	193
4.2.3.1. Dicionarização segundo a classificação gramatical.....	193
4.2.4. Quanto à origem	195
4.2.5. Quanto à forma e ao gênero das lexias.....	198
4.2.6. Quanto ao número de ocorrências das lexias.....	198
4.3. Variação, manutenção e mudança das lexias ao longo do tempo.....	199
4.3.1. Quanto aos Arcaísmos.....	201
4.3.2. O léxico rural comum do Norte e do Sul de Minas.....	203
4.3.3. Quadro comparativo Sul de Minas x Interior de São Paulo.....	204
CAPÍTULO 5 – O GLOSSÁRIO	209
5.1. Quadro geral de classificação	209
5.2. Glossário.....	212
CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	246
REFERÊNCIAS	250
ANEXOS*	

* Os textos que constituem os *corpora* deste trabalho encontram-se no CD-Rom anexo.



FOTO 02 – Fazenda Santo Antônio das Areias – Passos/MG
Fonte: Acervo pessoal

Introdução

Não há dúvida de que a língua seja dinâmica, já que é considerada o grande instrumento da interação humana. Essa dinamicidade concentra-se especialmente no nível lexical, sistema aberto favorável a constantes transformações – as palavras resumem a maneira como os falantes veem a realidade, deixando transparecer valores, crenças, hábitos e costumes de um grupo social. Dessa forma, é através do léxico que também são apreendidas a organização e as transformações sociais, econômicas e culturais de uma comunidade.

Afirma Biderman (1978, p.19) que “o léxico é um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual da língua. O sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através do tempo”. Tomando como base essa assertiva, podemos dizer que, ao investigar o léxico de uma língua, investigamos, também, sua cultura.

Como moradora da cidade de Passos, vivendo e trabalhando como educadora nesse município, propus-me a realizar um estudo linguístico com enfoque no vocabulário rural dessa região do Sul de Minas, tendo como embasamento o tripé léxico, cultura e sociedade. Por vocabulário rural, entende-se, neste trabalho, a variedade do português brasileiro falada em áreas rurais brasileiras, pelo “caipira” (AMARAL, 1982).

Nesse universo rural, para estudar a relação entre léxico e cultura, detive-me na história local, na ocupação e no povoamento da região por meio das bandeiras paulistas e, posteriormente, por meio dos *mineiros* que objetivavam o ouro recém-descoberto nos *Sertões do Jacuhy*. Em um segundo momento, não menos importante, centrei-me nos *caminhos do boi* e na pecuária de invernada.

Constituíram a base empírica do presente estudo quinze entrevistas orais, realizadas em áreas rurais do município de Passos, cujas transcrições se encontram em CD-Rom, anexo a este volume. Essas entrevistas, parte fundamental desta pesquisa, foram transcritas, digitalizadas e enumeradas em linhas para melhor localização e consulta.

Apresentamos, a seguir, a estrutura da pesquisa realizada.

No capítulo I, intitulado **Língua e Sociedade**, abordamos a questão da língua como reflexo da cultura e da história de uma comunidade, baseando-nos, sobretudo, em Hymes (1964), Coseriu (1977) e Duranti (2000). Em seguida, discorremos sobre a Sociolinguística e a Dialetoлогия, destacando a variação, a mudança linguística e a noção de “rede social”. Ao tratarmos da relação léxico, cultura e sociedade, apoiamo-nos, principalmente, em Biderman (1984), Isquierdo (2001), Coseriu (1991) e Matoré (1953).

No capítulo II, **Aspectos históricos da região Sul de Minas**, versamos sobre o povoamento e os caminhos existentes no Sul de Minas, a influência das bandeiras e a descoberta do ouro. Destacamos a comarca do Rio das Mortes e a formação sul-mineira – sua economia e o crescimento demográfico da região. Tratamos, também, dos *Sertões do Jacuhy* e, ainda, realizamos um breve histórico de Passos: a agropecuária, os caminhos do boi e a pecuária de invernada.

No capítulo III, denominado **Procedimentos Metodológicos**, abordamos a região estudada, apresentamos os objetivos de nossa pesquisa, além dos métodos que utilizamos. Explicitamos a pesquisa de campo executada para o levantamento dos dados, detalhando os critérios adotados para a transcrição das entrevistas e descrevendo a ficha lexicográfica utilizada para a análise dos dados.

No capítulo IV, intitulado **Apresentação e análise dos dados**, apresentamos os nossos *corpora* coletados nas quinze entrevistas com falantes moradores da zona rural de Passos/MG. Os dados são apresentados na forma de fichas lexicográficas contendo: a) lexia; b) número de ocorrências; c) abonação; d) registro em dicionários. Informações que forneceram subsídio para nossa análise linguística. Nesse capítulo, realizamos análise quantitativa dos dados apresentados nas fichas lexicográficas e, ainda, análise linguística abordando questões de variação, manutenção e retenção ocorridas. Estabelecemos, também, comparações com os dados do Norte de Minas apresentados por Souza (2008) e com o trabalho realizado no interior de São Paulo, por Amadeu Amaral, intitulado *O dialeto caipira*.

No capítulo V, apresentamos o **Glossário**, constituído a partir das lexias selecionadas e analisadas nas fichas lexicográficas. Primeiramente, essas lexias são apresentadas segundo o critério onomasiológico e, em um segundo momento, pelo critério semasiológico, ou em forma de glossário propriamente dito.

Por último, no capítulo VI, em **Considerações Finais**, são retomados os principais aspectos discutidos nos capítulos anteriores e os resultados obtidos a partir da análise desenvolvida.



FOTO 03 – Carro de boi na zona rural de Passos/MG
Fonte: Acervo pessoal

CAPÍTULO 1 – LÍNGUA E SOCIEDADE

1.1. O HOMEM E SUA LINGUAGEM

Concebemos a linguagem como uma realidade cultural completíssima, polifacetada – dada a sua diversidade, e organizada. Graças a esse sistema organizado de signos, conseguimos nos comunicar: informando, expressando nossos sentimentos, influenciando outras pessoas e entendendo o que nos dizem. Em sua plenitude funcional, a linguagem utiliza-se de palavras, constituindo a língua.

Falar uma língua significa compartilhar com outros, com povos do presente, com povos do passado e com povos do futuro aquilo que temos e o que não temos em comum. Como pessoas que pertencem a uma determinada comunidade, ou como alguém que assume a tradição idiomática da comunidade em que vive, damos, em nossa vida, continuidade a um processo sócio-histórico-cultural estabelecido por nossos antepassados. As línguas são, pois, conforme aponta Coseriu (1991, p. 16): “[...] técnicas históricas da linguagem e, na medida em que se encontram estabelecidas como tradições firmes e peculiares, reconhecidas por seus próprios falantes e por falantes de outras línguas.”¹ (tradução nossa)

Como o homem vive em sociedade, língua e sociedade relacionam-se intimamente: uma não existe sem a outra. Se por um lado uma língua só existe se há uma comunidade que a utiliza, por outro lado um agrupamento de pessoas só será uma comunidade se tiver uma língua que possibilite a comunicação desse grupo.

A esse acúmulo de conhecimentos que advém das realizações do homem em seu grupo e que é transmitido de geração a geração dá-se o nome de **cultura**. A língua é, pois, condição fundamental para a existência de cultura e, ao mesmo tempo, recebe influência dessa cultura, uma vez que se correlaciona com as atividades sociais do homem, podendo, por isso, variar e mudar. Nas palavras de Coseriu (1991, p. 32), “o homem vive em um mundo linguístico que cria o mesmo como ser histórico”² (tradução nossa). A língua é, pois, um fato social, histórico e, portanto, cultural.

¹ (Las lenguas son, em efecto,) técnicas históricas del lenguaje y, en la medida en que se hallan establecidas como tradiciones firmes y peculiares, reconocidas por sus propios hablantes y por los hablantes de otras lenguas.

² El hombre vive en un mundo linguístico que crea él mismo como ser histórico.

1.2. O HOMEM, A LÍNGUA E A CULTURA

Como produto e instrumento da cultura, a língua é ferramenta da sociedade. Através dela os falantes de determinada comunidade se expressam e expressam seus valores, suas ideias, suas experiências e, assim, vão construindo sua sociedade, sua história.

Devido a esse caráter histórico, uma mesma língua possui divergências, entretanto essas divergências estão conectadas: no espaço (diatópica), no tempo (diacrônica), socioculturalmente (diastrática), no discurso (diafásica) – um entremeado de dialetos, níveis e estilo, como bem mostra Coseriu (1992, p. 37), quando afirma que “uma língua histórica nunca é um único sistema, mas sim um emaranhado de – em parte – diferentes sistemas. Há diferenças desde o ponto de vista fonético, gramatical e léxico.”³ (tradução nossa)

Para esse autor (1992, p. 38), “uma língua que não apresenta nenhuma diversidade no espaço, no tempo, na estratificação sociocultural ou no estilo é uma língua que não está viva.”

1.2.1. Antropologia linguística

A linguagem é, com toda evidência, parte do patrimônio cultural de uma sociedade. É por meio dela que os indivíduos que compõem uma sociedade se expressam e expressam seus valores, suas preocupações, seus pensamentos.

Uma das possibilidades de estudar linguagem e sociedade é observando o fato social, os tipos de comportamento de um determinado povo – seu sistema linguístico, suas atividades, melhor dizendo, seu *tecido cultural*. A esse estudo dá-se o nome de *Antropologia Linguística*.

Pode-se dizer que é impossível traçar a gênese da reflexão antropológica, uma vez que o homem, em toda sua história, sempre refletiu sobre a própria existência e sua relação com a sociedade. Dar sentido a si mesmo e aos outros é reflexão que podemos encontrar tanto entre os povos pré-históricos quanto no homem contemporâneo; entretanto, só a partir do século XVI, com a descoberta do além-mar e de seres até então desconhecidos é que a questão da alteridade tornou-se presente.

Com um campo de estudo muito vasto, que engloba a linguística, a biologia, a arqueologia, a paleontologia, dentre outros, a ciência antropológica tem como principal objetivo *conhecer o homem*, os grupos humanos, desvendar a *cultura* dos povos, cultura que,

³ Una lengua histórica nunca es un único sistema, sino un entramado de – en parte – diferentes sistemas. Hay diferencias desde el punto de vista fonético, gramatical y léxico.

na visão antropológica, não deve ser mensurada, já que a antropologia não é uma ciência experimental em busca de leis, mas uma ciência interpretativa em busca de significado.

O trabalho do antropólogo consiste, pois, em descortinar e registrar todas as formas de cultura, de modo que se possa preservar para as futuras gerações um conhecimento que, muitas vezes, poderia ter se perdido. Um bom estudo antropológico nos remete, portanto, às teias do significado que o próprio homem construiu e às quais se encontra amarrado.

Seguidor do linguista alemão Franz Boas (1858-1942), Edward Sapir (1844-1939) atraiu a atenção de linguistas com maior interesse em antropologia ao dizer que acreditava que a percepção de um observador sobre o mundo ao seu redor é controlada de alguma forma fundamental pela linguagem que usa. Esse linguista asseverava que a língua é, antes de tudo, um produto cultural, ou social, e assim deve ser entendida.

Seu discípulo, Benjamin Lee Whorf (1897-1941), revelou um avanço nesse campo de estudo ao afirmar que as pessoas vivem segundo suas culturas em universos mentais muito distintos, expressos e, talvez, determinados pelas diferentes línguas que falam. Para esse linguista, uma língua pode levar à elucidação de uma concepção de um mundo que a acompanhe. Whorf radicaliza sua perspectiva ao fundar o “relativismo linguístico”, variedade moderna do relativismo cognitivo: a verdade é criada pela gramática e pela semântica de uma determinada língua. Essa ideia tem sua origem filosófica em Ludwig Wittgenstein, mas adquire independência na Linguística com a teoria de Benjamin Lee Whorf. Uma versão de linguagem e pensamento baseada nesta tradição, na década de 1950, foi rotulada de “hipótese Sapir-Whorf” e é associada ao relativismo linguístico. É considerada uma das versões mais notáveis das características do pensamento linguístico do estruturalismo norte-americano, inclusive da escola pós-bloomfieldiana. A hipótese Sapir-Whorf combina determinismo linguístico com relatividade linguística: a língua determina o pensamento e não há limites para a diversidade estrutural das línguas.

Embora a hipótese Sapir-Whorf seja considerada forte, ela não exclui a possibilidade do bilinguismo nem da tradução. Mesmo que ninguém defenda o determinismo extremo nem a relatividade extrema, é possível considerar uma versão mais fraca da hipótese levando-se em conta experiências que vêm sendo feitas desde então. Os vocabulários de línguas diferentes costumam não ser totalmente isomórficos, e existem realidades mais facilmente codificáveis em uma língua que em outra.

O apogeu dos estudos antropológicos deu-se por volta dos anos 1960, quando o estruturalismo fez do francês Claude Lévi-Strauss o seu mais notabilizado representante. Esse antropólogo francês foi um dos primeiros teóricos a trabalhar com a teoria semiótica da

cultura, que, em sua versão mais básica, sustenta que a cultura é uma representação do mundo. Ele parte do princípio de que a mente humana é a mesma em todos os lugares, e de que as culturas são aplicações distintas das mesmas propriedades lógicas do pensamento, que todos os seres humanos compartilham e adaptam suas respectivas condições de vida.

Nota-se que os antropólogos linguísticos compartilham com outros cientistas sociais seu interesse pelos falantes como atores sociais. Isso significa que veem a fala, sobretudo, como uma atividade social da qual intervém algo mais que expressões linguísticas. Essa perspectiva epistemológica se reflete bem no seguinte fragmento escrito por Hymes (1972) para responder criticamente à noção de competência de Chomsky (1965), segundo a qual *competência* significa conhecimento da língua, isto é, de suas estruturas e regras, e *desempenho* o uso real da língua em situações concretas, em uma construção marcadamente dicotômica, sem qualquer preocupação com a função social da língua. De acordo com Hymes (*apud* DURANTI, 2000, p. 44),

Devemos [...] considerar o fato de que uma criança normal adquire o conhecimento das orações, não somente por meio da gramática, mas também por meio de sua inserção em um contexto. Ele ou ela adquire a competência sobre quando falar, quando não, de que falar e com quem, de onde e de que maneira. Em suma, uma criança pode chegar a dominar um repertório de atos de fala, tomar parte em eventos comunicativos e avaliar a conduta comunicativa dos outros. Além disso, esta competência se integra com suas atitudes, valores e motivações em relação com as propriedades e uso da língua e com sua competência e atitudes para entender a inter-relação da língua com outro código de conduta comunicativa.⁴ (tradução nossa)

Um dos principais pontos desse fragmento é o reconhecimento do fato de que ser falante de uma língua significa pertencer a uma comunidade de falantes, significa estar imerso nas atividades desse grupo, compartilhando seus usos da linguagem.

Antropólogo de formação, Hymes (1979) foi o primeiro a incorporar a dimensão social ao conceito de *competência*. Ao acrescentar *comunicativa* ao termo *competência*, demonstrou claramente estar preocupado com o uso da língua. Assim, para Hymes, não é bastante que o indivíduo saiba e use a fonologia, a sintaxe e o léxico da língua para caracterizá-lo como competente em termos comunicativos. É preciso que, além disso, esse indivíduo saiba e use as regras do discurso específico da comunidade na qual se insere. O indivíduo demonstra possuir *competência* se sabe quando falar, quando não falar, e a quem

⁴ Debemos...considerar el hecho de que un niño normal adquiere el conocimiento de las oraciones, no solo por medio de la gramática, sino también por medio de su inserción en un contexto. Él o ella adquiere la competencia sobre cuándo hablar, cuándo no, de qué hablar y con quién, donde y de qué manera. En suma, un niño puede llegar a dominar un repertorio de actos de habla, tomar parte en eventos comunicativos y evaluar la conducta comunicativa de otros. Además, esta competencia se integra con sus actitudes, valores y motivaciones en relación con los rasgos y uso del lenguaje, y con su competencia y actitudes para entender la interrelación del lenguaje con el otro código de conducta comunicativa.

falar, com quem, onde e de que maneira. Deve-se a Hymes (1979), igualmente, a ampliação do conceito de *competência* para incluir a ideia de “capacidade para usar”, unindo dessa forma as noções de *competência* e *desempenho* que estavam bem distintas na dicotomia proposta por Chomsky em 1965. A partir de Hymes, e aparentemente inspirados por ele, vários autores enfrentaram a difícil tarefa de conceituar *competência comunicativa*.

Conforme pudemos observar, a especificidade da antropologia linguística reside em olhar a linguagem e as línguas como construtos humanos que integram a vida das pessoas, uma vez que são instrumentos de comunicação e representação do mundo, como bem mostra Duranti (2000, p. 452-453):

Adquirir uma língua não nos permite somente dotar de sentido o que vemos e ouvimos aí fora; também nos permite penetrar em nossa mente e alma para formular perguntas como: quem somos nós?, de onde viemos?, aonde vamos?, por que estamos aqui? A língua está aí para formular perguntas e para propor respostas [...] Como nos tem ensinado os antropólogos socioculturais da velha escola, uma grande parte do que fazem os seres humanos guarda relação com a questão da continuidade, isto é, com o acabamento de nossas vidas, com a reprodução material e simbólica de nossa individualidade, assim como nossa própria sociabilidade.⁵ (tradução nossa)

1.3. O HOMEM, A LÍNGUA E A SOCIEDADE

Desde os primeiros estudos feitos acerca da linguagem, procuraram-se encontrar respostas para entender a relação língua e sociedade, haja vista que esses elementos estão intimamente ligados.

Saussure, prenunciador da corrente estruturalista, reconhecia a importância de natureza etnológica, histórica e política da língua, apesar de seus estudos terem se voltado fundamentalmente para o organismo linguístico interno. Para Saussure (1969, p. 23), “a língua é um fato social, no sentido de que é um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social.”

No início do século XX, Meillet (*apud* ALKMIN, 2001, p. 24) já demonstrava interesse pela relação língua e sociedade tratando a língua como um fato social e, em consequência disso, ampliando os estudos saussureanos, quando afirmou que

a linguagem é, eminentemente, um fato social. Tem-se, frequentemente, repetido que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam, e, em consequência disto, não há razões para lhes atribuir uma existência autônoma, um ser particular. Esta é

⁵ Adquirir un lenguaje no nos permite solamente dotar de sentido a lo que vemos y oímos ahí fuera; también nos permite penetrar en nuestra mente y alma para formular preguntas como: quiénes somos nosotros?, de donde venimos?, a donde vamos?, por qué estamos aquí? El lenguaje está ahí para formular preguntas y para proponer repuestas. (...) Como nos han enseñado los antropólogos socioculturales de la vieja escuela, una gran parte de lo que hacen los seres humanos guarda relación con la cuestión de la continuidad, esto es, con el acabamiento de nuestras vidas, con la reproducción material y simbólica de nuestra individualidad, así como con nuestra propia sociabilidad.

uma constatação óbvia, mas sem força, como a maior parte das proposições evidentes. Pois, se a realidade de uma língua não é algo de substancial, isto não significa que não seja real. Esta realidade é, ao mesmo tempo, linguística e social.

É pelo exercício da linguagem, pela utilização da língua, que o homem constrói sua relação com o outro. Benveniste (1989, p. 27) diz que “é dentro da, e pela língua, que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente.” Esse mesmo autor (1989, p.101-102) afirma, ainda, que o homem “se situa necessariamente em uma classe, seja uma classe de autoridade ou classe da produção” e, conseqüentemente, a língua, enquanto prática humana, “revela o uso particular que grupos ou classes de homens fazem dela, como, também, as diferenciações que daí resultam no interior de uma língua comum.”

1.3.1. Sociolinguística

As primeiras investigações sobre os estudos sociolinguísticos surgiram a partir de William Bright (1966) e Fishman (1972), os quais passaram a incorporar os aspectos sociais nas descrições linguísticas. Todavia, não foi fácil delimitar o campo de pesquisa dessa nova disciplina, a sociolinguística, já que vários teóricos do assunto levantavam questões diversas envolvendo a linguagem humana, tornando muito amplo o objeto de estudo. Foi Bright (1966), um dos pioneiros na definição dessa nova disciplina, quem definiu que a diversidade linguística era o foco principal de estudo da sociolinguística. Bright afirmou que *a diversidade linguística é precisamente a matéria de que trata a Sociolinguística*.

Dando prosseguimento aos estudos de Bright, Labov (1972) os amplia e passa a descrever a heterogeneidade linguística, acreditando que todo fato linguístico relaciona-se a um fato social. Para Labov – conhecido por ser o representante da teoria da variação linguística –, a língua sofre implicações de ordem fisiológica e psicológica. Em seu modelo de estudo, de uma forma veemente, destacou a importância do componente social para o essencial entendimento da língua falada. Segundo ele, havia uma variação na língua falada que deveria ser estudada.

Ao iniciar uma série de investigações no terreno social americano na década de 1960 (a mais acessível notícia que delas existe encontra-se em *Sociolinguistic Patterns*, de 1972, onde se reúnem os principais artigos do autor anteriores a essa data), William Labov, realizando trabalho de campo, veio a confirmar, com a força da comprovação estatística, que a convivência de variantes numa comunidade linguística constitui um indicador de mudanças em curso. A posição tradicional em face da mudança linguística (comum a neogramáticos e a estruturalistas) concebia-a quase como um fenômeno de natureza etérea, que iludia a observação direta e só podia

ser captado prévia ou posteriormente; Labov conseguiu provar que a mudança é observável na sincronia pela avaliação da heterogeneidade linguística dos grupos sociais.

A partir de Labov, a Sociolinguística começa, então, a ser conhecida como a área da linguística que estuda a língua inserida em seu contexto social, levando em conta os fatores externos, que poderão caracterizar a diversidade e a heterogeneidade linguística.

Na década de 1980, no Brasil, Fernando Tarallo sistematiza essa área de estudo, com seu livro *A Pesquisa Sociolinguística*, deixando claro, no começo desse, que o principal objetivo de estudo dessa disciplina é sistematizar o caos linguístico, enquanto bem mostra que os falares regionais podem ser descritos e mapeados com base em uma metodologia da linguagem que subsidie o trabalho do linguista. Assim, a Sociolinguística estudaria as relações entre as variações linguísticas e as variações sociológicas, descrevendo o falante em toda sua essência, não desprezando o contexto em que se insere, mas levando em consideração todo aspecto em que se encontra no momento em que emite uma mensagem. Nesse mesmo contexto, ele afirma que a língua, por ser um marcador que identifica usuários ou grupos de usuários de uma variedade, pode também ser o delimitador das diferenças sociais no seio de uma comunidade.

Ainda na década de 1980, outros teóricos contribuem para com essa nova linha de pesquisa. Em 1987, Dino Preti declara que a Sociolinguística pode desempenhar um papel de investigador e fornecer uma excelente metodologia para os estudos da oralidade em diferentes locais. Para ele, com esse método de investigação, é possível registrar diversos tipos de falas em diversas localidades de uma mesma região, traçar perfis – sejam eles sociológicos, econômicos e culturais de um falante.

Em Gadet (1987, p.4), consta que “a Sociolinguística estuda as relações entre as variações linguísticas e sociológicas, cabendo ao sociolinguista tentar mostrar a variação da linguagem de um falante para outro, como e por que está assim determinada.”

Posteriormente, Baylon (2000, p.26) afirma que “em um passado ainda recente, a Sociolinguística se preocupava essencialmente em descrever as diferentes variedades coexistentes dentro de uma comunidade de fala; hoje, ela engloba praticamente tudo o que diz respeito ao estudo da linguagem em seu contexto sociocultural.”

1.3.1.1. Variação e mudança linguística

Dado o caráter mutável da língua, é fato aceito que a variação linguística acontece em todos os níveis de elaboração da linguagem e ocorre em função do emissor e do receptor, sempre levando em conta a região em que se encontra (emissor ou receptor), a faixa etária, a classe social e a profissão, sendo eles responsáveis por essa variação. Em se tratando do Brasil, pelo fato de ser um país de grande extensão territorial e com uma população diversificada, utilizando a mesma língua materna, sempre se perceberá a heterogeneidade linguística dentro do mesmo estado ou até mesmo em uma comunidade linguística.

Toda língua, constantemente, sofre alteração, todavia o falante, nem sempre, consegue detectá-la. Embora não seja explícita, a linguagem apresenta uma característica contraditória: de um lado, uma aparência de estabilidade e, de outro, a constante variação e mudança tanto no falante como em sua comunidade. Essa característica é o alvo de estudo da Teoria da Variação e Mudança.

Tal teoria afirma que a maior parte das mudanças são justificáveis estruturalmente e, para que não se instale um caos total na comunicação, elas acontecem de forma progressiva e gradual. Por isso, percebemos períodos transicionais, em que duas variantes coexistem. É preciso ressaltar que uma mudança não envolve apenas aspectos estruturais, mas também aspectos sociais, isto é, o comportamento social também se modifica.

De acordo com Tarallo (1986, p.8), “é visivelmente frequente que o fenômeno da variação ocorre em toda comunidade de fala – a essa forma de variação dá-se o nome de variante.” As variantes estão sempre em processo de concorrência – variantes padrão se opondo a não-padrão, conservadoras a inovadoras e variantes estigmatizadas a variantes de prestígio.

1.3.1.2. Redes sociais e mudança linguística

A noção de rede social foi desenvolvida por antropólogos sociais durante as décadas de 60 e 70, tendo sido adotada para os estudos sobre a variação/mudança com a finalidade de explicar a relação entre os padrões da conservação do vernáculo e os de mudança no decorrer do tempo (MILROY; GORDON, 2003). Trata-se de averiguar os mecanismos presentes nas comunidades que tanto facilitam como resistem à mudança (MILROY; MILROY, 1997), além de analisar a maneira pela qual os indivíduos fazem uso dos recursos de variabilidade linguística que estão disponíveis a eles (MILROY, 1987). Em termos gerais, os estudos de redes sociais se pautam em duas premissas: (i) os indivíduos criam suas comunidades pessoais com o objetivo de organizar esquemas que os ajudem a resolver seus problemas diários (MILROY; GORDON, 2003); (ii) o “estudo da fala

vernacular do indivíduo inserido no seu contexto social diário é uma tarefa importante para a sociolinguística” (MILROY, 1987, p. 177).

As redes sociais representam os graus de contato entre indivíduos que se relacionam informalmente, mediante duas propriedades – densidade e multiplicidade –, resultando, de um lado, em redes sociais densas e múltiplas; de outro lado, em redes frouxas e com pouca multiplicidade.

Laços fortes constituem redes sociais *densas* – nas quais todos conhecem todos – e *múltiplas* – nas quais os indivíduos compartilham mais de um tipo de relação, como amizade e companheirismo profissional (MILROY; MILROY, 1997). Quanto mais densas e múltiplas forem as redes sociais, maior a probabilidade de elas operarem de forma normativa, uma vez que densidade em grau extremo tende a produzir homogeneidade de valores e de normas, incluindo as normas linguísticas. Assim, as redes densas são responsáveis por uma certa estabilidade linguística, uma vez que se mantém o vernáculo local com resistência a pressões linguísticas e sociais de outros grupos.

Por outro lado, laços fracos caracterizam redes com ligações interpessoais frouxas e com pouca multiplicidade, as quais operam como canais de transmissão de inovação e de influência de uma rede densa sobre a outra, conectando os grupos coesos à sociedade ampla e estratificada (já as redes densas não operam como canais porque tendem a ser isoladas). Indivíduos pertencentes a redes frouxas desempenham importante papel na difusão da inovação por ocuparem uma posição periférica nos grupos coesos em função da mobilidade a que estão sujeitos e, assim, estarem mais expostos à influência da norma de prestígio (GRANOVETTER *apud* MILROY, 1987).

Um rompimento na estrutura densa de uma rede se associa a valores sociais atrelados às variáveis linguísticas e abre caminho para uma mudança linguística. Em uma rede social densa, os primeiros indivíduos a se adaptarem à inovação são aqueles que ocupam posição central em suas redes sociais e com quem os inovadores possuem estreitos laços de relacionamento. Entretanto, para que as inovações sejam aceitas pelo grupo, elas devem ser avaliadas positivamente e desejadas (MILROY, 1987).

Em suma, densidade e multiplicidade operam como indicadores das pressões de normas e valores sobre os indivíduos: quanto mais densa e múltipla for uma rede social, maior a estabilidade linguística nesse grupo; quanto mais frouxa, mais sujeita a variações.

1.3.2. Dialetoлогия

Conforme mostramos anteriormente, a língua apresenta variações, sobretudo relacionadas com fatores sociais, temporais, geográficos. É nesse último tipo de variação que se concentram os estudos dialetológicos.

A Dialetoлогия relaciona-se a um campo de estudos mais vasto, a Etnografia, área de conhecimento que se ocupa do estudo da cultura de um povo (conjunto de ideias, conhecimentos, técnicas e artefatos, padrões de comportamento e de atitudes que caracterizam um grupo humano). Exprime a herança social de um grupo, visto que a sua transmissão se faz pelo convívio entre diferentes gerações.

Nas palavras de Faraco (2005, p. 178),

entende-se por dialetoлогия o estudo de uma língua na perspectiva de sua variabilidade no espaço geográfico. O termo deriva de *dialeto*, que é a designação tradicional em linguística das variedades de uma língua correlacionadas com a dimensão geográfica, a chamada variação diatópica.

É uma disciplina que procura descobrir e descrever características próprias de falas usadas em diferentes regiões, na tentativa de identificar áreas mais ou menos coesas, assim como determinar os fatores que levaram a sua formação.

1.3.2.1. Caminhos da dialetoлогия

Já faz mais de um século que os estudos dialetológicos passaram a ser considerados científicos. Na verdade, o interesse por esses estudos surgiu no século XIX, quando alguns linguistas começaram a se preocupar com o registro e a descrição das distintas variedades linguísticas regionais, bem como pelas manifestações das culturas locais de determinadas comunidades. É com a Geografia Linguística, contudo, que a dialetoлогия vai ganhar ênfase.

O nascimento da *Geografia Linguística* como disciplina autônoma está associado à elaboração do *Atlas linguistique de la France* (ALF) (1902-1910) de J. Gilliéron e E. Edmont, que, embora surja na sequência de outros trabalhos dessa natureza, é o primeiro *Atlas linguístico* a orientar-se por critérios mais rigorosos que esta disciplina veio a adotar. A Geografia Linguística é, desde então, entendida como o estudo cartográfico dos dialetos.

Antes de Gilliéron, o linguista alemão Georg Wenker (1852-1911) delineou o Atlas Linguístico da Alemanha Setentrional e Central, do qual apenas um capítulo foi publicado em 1881. Não alcançou sucesso porque as isoglossas de determinados fenômenos não conseguiram definir as fronteiras dialetais. Esse atlas só continha material fonético porque seu autor era adepto das leis fonéticas dos neogramáticos e não levou em conta outros fatores

interferentes na variação linguística, além da analogia e do empréstimo. Fatores de alteração linguística de ordem social não foram considerados, o que determinou o fracasso do plano, pois o autor chegou a resultados opostos aos que esperava. Salienta-se que os questionários foram enviados somente a religiosos e a professores da extensa área rural estudada.

Outro atlas semelhante, anterior ao de Gilliéron, foi o do também alemão Gustav Weigang (1860-1930). Trata-se do *Atlas Linguístico Daco-Romeno*. Esse atlas representa um progresso em relação ao de Wenker porque o autor realizou um inquérito direto utilizando um formulário que previamente tinha preparado – método muito mais eficiente dos que os que são realizados por correspondência porque a inquirição direta realizada por um linguista está menos sujeita a erros do que observações e transcrições realizadas por pessoas que não possuem formação específica, embora, muitas vezes, sobre-lhes vontade de colaborar. O atlas de Weigang foi publicado em 1909. Nesse ano, quase toda a obra do atlas de Guilliéron já havia sido publicada, o que tornou inevitável o confronto entre os dois atlas. O trabalho de Weigang foi realizado com um questionário de 114 palavras para o estudo de fonemas do daco-romeno, contudo não abrangeu todos os fonemas, nem em todas as posições possíveis. O atlas publicado constava de 67 mapas, o que é considerado pouco para um trabalho dessa envergadura.

Conforme podemos observar, o trabalho de Jules Gilliéron, linguista suíço, professor de dialetologia da École Pratique de Hautes Études, foi muito mais completo. Esse dialetólogo lançou os fundamentos da geografia linguística ao conduzir, entre 1897 e 1901, uma investigação de campo que consistia em aplicar um questionário de 1920 perguntas em 639 regiões do território francês. A aplicação desse questionário tinha como finalidade coletar dados sobre fonética, morfologia e sintaxe desse território. Os resultados alcançados permitiram maior ampliação nos estudos das línguas, a partir de suas variedades, permitindo, assim, reformulações nas teorias linguísticas da época. As informações conseguidas por meio desse trabalho de campo resultaram no *Atlas linguistique de la France* (ALF), publicado entre 1902 e 1912.

A técnica de Gilliéron era inovadora e de relevante importância porque, diversamente dos comparatistas que utilizavam primeiramente as fontes escritas, o autor dava prioridade aos dados obtidos por meio dos questionários aplicados por ele.

O ALF foi acolhido com admiração por grupos de estudos linguísticos, dentro e fora da França. Diversos linguistas viram nele uma revolução no campo da Linguística e, a partir de então, a Geografia Linguística passou a ser considerada uma nova disciplina, contudo não careceram críticas tanto à própria disciplina quanto ao método de realização do Atlas.

O exame de um atlas permite confirmar que muitas palavras migram e algumas são alteradas ou substituídas por outras com valor semântico equivalente, irradiadas de um centro tão importante como Paris. Como já se tinha verificado anteriormente com o atlas de Wenker, o ALF deixou claro que não há limites dialetais precisos, apenas limites de certos traços ou fenômenos linguísticos. Entre os discípulos de Gilliéron, destacam-se Georges Millardet, Charles Bruneau, A. Terracher e Oscar Bloch na França, além de outros na Suíça e em outros países.

Para Faraco (2005, p.78), “o mérito do trabalho de Gilliéron residiu no levantamento das diferentes variedades geográficas de uma língua, revelando uma realidade linguística muito mais complexa e heterogênea do que costumavam supor os linguistas de sua época.” Ficou claro que não há dialetos homogêneos, nem limites precisos entre eles, mas um entrecruzamento de influências e uma conjunção de elementos de variada proveniência. Quebrou-se a ideia de que a variedade chamada culta era intrinsecamente melhor e mais antiga que as outras variedades dialetais e que estas não passavam de corrupção da “boa linguagem”. Evidenciou-se que a variedade culta era, na origem, uma fala local, que, por vicissitudes da história social, cultural e política, adquiriu estatuto especial. Constatou-se, enfim, que os dialetos locais e regionais conservam, frequentemente, aspectos mais antigos, já não ocorrentes na variedade.

1.3.2.1.1. A dialetologia no Brasil

De acordo com Isquierdo (2004, p.390), “os estudos Dialetológicos do Brasil tiveram como idealizadores iniciais Amadeu Amaral, com a publicação de ‘O dialeto caipira’, de 1920; Antenor Nascentes, com ‘O linguajar carioca’, de 1922; Mário Marroquim, com ‘A língua do nordeste’, de 1934; Gladstone Chaves de Melo, com ‘A língua do Brasil’, de 1934; Pereira da Costa, com ‘O vocabulário pernambucano’, de 1934; entre outros.” Esses autores ressaltaram a necessidade de se elaborar um Atlas Linguístico do Brasil que descrevesse a língua falada de todo o território nacional, para que a variante brasileira da língua portuguesa fosse registrada.

Entretanto, a demonstração oficial de interesse na criação de um Atlas nacional só ocorreu, segundo informa Cardoso e Mota (2003, p. 39),

em 1952, quando já haviam sido publicados, na Europa, alguns atlas, dentre eles o Atlas Linguistique de la France (1902-1910), Linguistischer Atlas des Dakorumänischen Sprachgebietes (1909), Atlas Linguistique de la Corse (1914-1915), Atlasul Linguistic Român (1938-1942) e Atlas Linguístico da Península Ibérica (1962).

Em 20 de março de 1952, com o Decreto 30.643, no seu Art. 3º, essa preocupação torna-se matéria de lei, instituindo como finalidade principal da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a elaboração de um Atlas Linguístico do Brasil. Estudos enfocando a natureza da pesquisa dialetológica já vinham sendo realizados, com destaque para os trabalhos de Antenor Nascentes, Celso Cunha e Serafim da Silva Neto (PASTORELLI, 2006). Esse último publica, em 1957, o *Guia para Estudos Dialectológicos*. Sua preocupação era criar “uma mentalidade dialectológica” nos pesquisadores brasileiros para que eles pudessem ir a campo. De acordo com Cardoso (1999), Neto procurou definir com muita clareza as tarefas que considerava urgentes para a concretização dos estudos dialetais no Brasil. Merece destaque a obra *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, de Nascentes, publicada em 1958, pois é, ainda hoje, referência na orientação para a construção de Atlas nacionais e regionais. Nesse trabalho, Nascentes institui bases fundamentais para o começo de pesquisas na área dialetal. O autor aponta, também, recomendações para escolha dos locais, dos informantes e para confecção do questionário linguístico a ser aplicado.

Seguindo a orientação desses estudiosos, começam a surgir no Brasil os atlas linguísticos regionais. Em 1963, publica-se o *Atlas prévio dos falares baianos*; em 1977, o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*; em 1984, o *Atlas Linguístico da Paraíba*; em 1987, o *Atlas Linguístico de Sergipe* e, em 1994, o *Atlas Linguístico do Paraná*; em 2002, o *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – Vol. I e II*; em 2004, o *Atlas linguístico sonoro do Pará*. Outros atlas foram elaborados como tese de doutoramento: o *Atlas Linguístico do Sergipe II*, de Suzana Alice Marcelino Cardoso, em 2002, e o *Atlas Linguístico do Amazonas*, de Maria Luíza de Carvalho Cruz, em 2004. De acordo com Isquerdo (2005, p.1), “atualmente, encontram-se mais doze projetos de atlas regionais/estaduais em andamento: do Ceará, de São Paulo, do Acre, do Pará, de Mato Grosso do Sul, de Mato Grosso, do Maranhão, do Rio Grande do Norte, do Espírito Santo, o Atlas Etnolinguístico dos pescadores do estado do Rio de Janeiro, o Atlas Linguístico do Rio de Janeiro e o do Espírito Santo.”

Durante o Seminário *Caminhos e perspectivas para a Geolinguística do Brasil*, realizado de 4 a 8 de novembro de 1996 na Universidade Federal da Bahia (Salvador), é que o Projeto Atlas Linguístico do Brasil ganha forma. Estabelece-se que a cidade sede do seminário será também a cidade sede do projeto, tendo como Diretora Presidente Suzana Alice Marcelino Cardoso, da mesma instituição. Confirmando sua natureza interinstitucional, cria-se um Comitê Nacional do qual participam professores-pesquisadores de oito universidades brasileiras: Jacyra Andrade Mota (UFBA) – Diretora Executiva, Maria do

Socorro Silva Aragão (UFC), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Ana Paula Antunes Rocha (UFOP), Vanderci Andrade Aguilera (UEL), Walter Koch e Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS), Aparecida Negri Isquierdo (UFMS) e Abdelhak Rasky (UFPA). Além das sete Universidades a que se filiam os membros do Comitê Nacional, participam do Projeto, mediante convênio firmado, outras Instituições de Ensino Superior, somando um total de dezesseis instituições participantes do projeto.

Nas palavras de Cardoso (2005, p.130-131),

[...] a importância dos estudos dialetais se evidencia não apenas no que diz respeito aos estudos linguísticos *stricto sensu*, mas também no que diz respeito a outros campos do conhecimento com os quais mantém profunda relação e explícita interface. [...] é reconhecida a relevância da contribuição que esse ramo de estudos da linguagem pode trazer à reconstituição da história, ao entendimento da organização demográfica, às questões de natureza antropológica, em geral, e ao próprio ensino da língua materna.

De acordo com Cardoso e Ferreira (1994, p.37-51), “os estudos dialetais no Brasil podem ser divididos em três grandes fases. A primeira corresponde ao período de 1826 a 1920. Foi no ano de 1826 que Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, escreveu um capítulo para o livro *Introduction à l’atlas ethnographique du globe*. Nesse trabalho, o Visconde apresenta diversas características da Língua Portuguesa no Brasil; por isso, essa foi considerada a primeira manifestação dialetal ocorrida no país. Além dessa, diversas pesquisas relacionadas ao léxico português foram desenvolvidas nesse período, resultando em dicionários, vocabulários e léxicos regionais.

A segunda fase inicia-se com a publicação de *O dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, referência obrigatória na história da dialetologia brasileira. Antes da publicação desse trabalho, os estudos dialetológicos no Brasil eram fundamentalmente no campo do léxico, resultando na confecção de dicionários, vocabulários e léxicos de brasileirismos e de regionalismos. Depois da investigação de Amadeu e, logo em seguida, da obra *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes, as pesquisas na área da dialetologia passaram a analisar, também, os fatores sintáticos, morfológicos e fonéticos.

Na terceira fase dos estudos dialetais, aparecem os primeiros trabalhos com base em *corpus* constituído de ‘forma sistemática’ segundo afirmam Cardoso e Ferreira (1994, p.44). Surge também, nessa fase, o interesse pela execução de pesquisas de geografia linguística do Brasil, incluindo a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB). Destacam-se os trabalhos de Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi. Esse último, autor do *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB*, publicado em 1963, considerado o primeiro Atlas Linguístico Brasileiro.”

Isquierdo (2005, p.337) afirma que

o pioneirismo dos trabalhos liderados por Rossi, somado à continuidade das pesquisas levadas a efeito por seus discípulos, resultou, no âmbito do Brasil, ao que se pode chamar de **escola dialectológica da Bahia**, cujos frutos em muito contribuíram para a construção da história dos estudos dialetológicos e geolinguísticos no Brasil.

A essas três fases, Isquierdo (2004) sugere o acréscimo de mais uma, a quarta fase, que, segundo ela, teria surgido com o início do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil*, nos últimos anos do século XX.

Conforme pudemos verificar, é possível dizer que os estudos dialetológicos no Brasil estão bem avançados; entretanto há, ainda, muito o que fazer, principalmente se conseguirmos aliar o trabalho de campo com a tecnologia que o século XXI disponibiliza, como bem mostra as palavras de Ferreira (1998, p.15-16):

Toda obra pioneira contém em si o mérito do seu pioneirismo, mas carrega consigo muitas limitações. Se olharmos para trás, para o agora e ainda projetarmos o futuro, vemos quanta distância existe entre o feito, o que se faz e o que venha a fazer, e no nosso caso, a distância é marcada não apenas pelo desenvolvimento da própria ciência da linguagem com seus diversos interesses e apuradas metodologias como também pelas novas técnicas existentes para o aproveitamento e análise de dados.

Discutiremos, no próximo subcapítulo, o léxico, tendo em vista a cultura e a sociedade.

1.4. LÉXICO, CULTURA E SOCIEDADE

As palavras servem para nomear o mundo que está em constante transformação e evolução, sendo as ocorrências da vida cotidiana dos falantes o que permeia o entrelaçamento entre língua e cultura. Os falantes da língua portuguesa, membros de uma mesma sociedade, compartilham entre si um conhecimento cultural do qual se valem naturalmente.

O léxico classifica de maneira única as experiências humanas de uma cultura, não apresentando, desse modo, apenas um conjunto de palavras, mas uma espécie de ponte entre os falantes de uma língua em suas condições reais de uso. A criatividade lexical dos falantes possibilita que eles criem e recriem de acordo com suas necessidades sociointeracionais.

Sobre essa questão, Biderman (2001, p. 179), assim, se manifesta:

O Léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares: daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico.

Estudos referentes ao léxico têm chamado a atenção de especialistas de campos diversos do saber, como sociólogos, antropólogos, filósofos e de pessoas em geral, atentas e sensíveis ao fato de que as unidades lexicais de uma língua são portadoras de significado e refletem os diferentes momentos da história de uma sociedade, como aponta Biderman (1981, p. 132) quando afirma que “se considerarmos a dimensão social da língua, podemos ver no léxico o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural.”

Nessa concepção, a autora busca fundamentos em Matoré (1953) ao dizer que a palavra tem uma existência psicológica e um valor coletivo, ou seja, que é pela palavra que o homem exerce a sua capacidade de abstrair e de generalizar o individual, o subjetivo.

Muito além de um conjunto de palavras, vemos que o léxico pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma comunidade linguística ao longo de sua história, patrimônio esse que constitui um tesouro cultural imaterial, definido por Biderman (2001, p.14) como

Uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras. Os modelos formais dos signos linguísticos preexistem, portanto, ao indivíduo. No seu processo individual de cognição da realidade, o falante incorpora o vocabulário nomeador das realidades cognoscidas juntamente com os modelos formais que configuram o sistema lexical.

Desse universo teórico, compreendemos que o sistema são possibilidades oferecidas às diferentes comunidades linguísticas.

No campo do léxico, Coseriu (1991) acredita que correspondem ao sistema as funções representativa e associativa. A primeira corresponde à particular classificação conceptual do mundo que toda língua representa, já a segunda é a maneira peculiar pela qual essa classificação se realiza formalmente em cada idioma, tanto no momento da criação do signo quanto em sua repetição. Sobre esse tema, Biderman (1978, p. 20) discorre:

No domínio do léxico os valores semânticos tidos como “normais”, e igualmente as associações vocabulares consideradas “normais”, são função de sua frequência. Por conseguinte, os neologismos, tanto de forma como de significado, nos primeiros tempos em que são introduzidos no uso, geralmente causam impacto, ou, pelo menos, a impressão de estranheza, dada a sua novidade. E não estamos falando de significantes e significados gráficos. À medida que o uso dos neologismos se vai tornando frequente, passa a ser considerado como “normal” e assim esse novo vocábulo, ou esse novo valor de uma palavra velha, é incorporado à *norma* léxica da língua. Eis por que os neologismos, com frequência, não se encontram dicionarizados, pois o dicionário nada mais é que o repertório da *norma* vocabular.

E atesta, afirmando que:

O léxico pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não

linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do mundo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado. Por isso o léxico é o menos linguístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é uma parte do idioma que se situa entre o linguístico e o extralinguístico (BIDERMAN, 1981, p.138).

Partindo dessas reflexões, entendemos que é no sistema que se propiciam as possibilidades inéditas, não realizadas na norma da língua.

1.4.1. Lexicologia

A Lexicologia é um ramo da linguística que tem por objetivo o estudo científico do léxico de uma determinada língua, sob diversos aspectos, procurando determinar a origem, a forma e o significado das palavras que constituem o acervo lexical de um idioma, bem como o seu uso em diferentes comunidades de falantes. É uma disciplina que se relaciona, necessariamente, com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e, em particular, com a semântica. Por meio da Lexicologia, torna-se possível observar e descrever cientificamente as unidades léxicas de uma comunidade linguística. Isso é possível porque cada palavra remete a particularidades diversas relacionadas ao período histórico em que ocorre, à região geográfica a que pertence, à sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática, ao seu uso social, cultural, político e institucional.

Os estudos de lexicologia começam a ganhar estatuto de maioria a partir dos anos 1950, marcados por obras como a de George Matoré, *La méthode en Lexicologie*, pelo congresso de 1957, *Lexicologie et lexicographie françaises et romanes*, realizado em Estrasburgo, e pelo início da publicação dos *Cahiers de lexicologie*, em 1960, dirigidos por B. Quemada.

Ao afirmar que o léxico é “testemunho da sociedade”, uma vez que reflete as diferentes fases que determinam e compõem a história dessa sociedade, Matoré (1953) define a lexicologia como disciplina sociológica que tem como objetivo o estudo dos fatos sociais, utilizando-se das palavras como material linguístico. O caráter social da disciplina pode ser inferido pelas palavras de Matoré (1953, p. 94), quando informa que:

[...] ao constatar a impossibilidade de dissociar na linguagem a forma do conteúdo, a Lexicologia se fundamentará não sobre formas isoladas, mas sobre conjuntos de noções, a estrutura e as relações sendo explicadas pelos fatos sociais, dos quais os fatos do vocabulário são ao mesmo tempo o reflexo e a condição.⁶ (tradução nossa)

⁶ “[...] constatant l'impossibilité de dissociar dans le langage la forme du contenu, la lexicologie se fondera non pas sur des formes isolées, mais sur des ensembles de notions, la structure et les relations étant expliquées par les faits sociaux, dont les faits de vocabulaire sont à la fois le reflet et la condition”.

1.4.1.1. Léxico regional

Conforme já anteriormente discutido, o léxico de uma língua mostra a história, os costumes, os hábitos e a estrutura de um povo. Ao estudá-lo, quando fazemos um recorte de uma determinada área geográfica, mergulhamos na vida de uma comunidade em um determinado período de sua história, pois o léxico é, segundo Biderman (2001, p. 179), “a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades”. Continua, ainda, essa pesquisadora, “os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico da sua língua”. Assim sendo, as palavras tornam-se o espelho em que vemos refletida a história, a cultura e as formas de vida ou organização de uma comunidade.

É importante destacar, também, a posição assumida por Barbosa (1981, p. 120), quando se refere ao léxico:

O léxico, cujas formas exprimem o conteúdo da experiência social, é o conjunto dos elementos do código linguístico, em que se sentem particularmente as relações entre a língua de uma comunidade humana, sua cultura – no sentido antropológico –, sua civilização; e compreende-se pois, que uma alteração das unidades desse inventário, seja reflexo, de alterações culturais.

Portanto, na formação, na fixação e na manutenção da língua, não há como não admitir a influência exercida pela cultura, pela realidade social de uma dada comunidade linguística no processo de composição do léxico. Isso lhe confere o *status* de um sistema aberto, como o domínio da linguagem menos propício à sistematização e à formalização, ao contrário dos sistemas fechados tais como fonologia, sintaxe e morfologia, etc.

O aspecto mutável do léxico é, também, confirmado por Borba (2003, p.45-46) ao afirmar que o léxico é “um acervo de conceitos que, pela sua natureza dinâmica, tem equilíbrio sempre instável não apenas por causa de pressões externas, mas ainda de transformações, migrações, reacomodações internas.”

Como o léxico se origina da relação indivíduo e sociedade, ele se realiza nessa interação social, no “conjunto de palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si” (VILELA, 1995, p. 13).

Realmente, sendo o léxico recurso de expressão e interação social, devemos admitir que é no dinamismo do processo de comunicação que os usuários conservam, criam, recriam e incorporam o vocabulário de sua língua, contribuindo, assim, para o processo contínuo de manutenção, variação, renovação e expansão lexical.

Ainda sobre essa questão, assim se manifesta Fiorin (2001, p.115): “o léxico de uma língua forma-se na história de um povo”, ao que complementa Oliveira (2001, p.132)

quando declara que “o léxico de uma língua é constituído por um conjunto de vocábulos que representa a herança sociocultural de uma comunidade”. Podemos afirmar que características e interesses particulares de uma região encontram-se no próprio conjunto de expressões utilizado por seus falantes; o sistema lexical de um grupo manifesta, pois, toda a sua organização social.

Sobre a importância de se estudar o léxico regional, Isquierdo (2001, p.91) afirma que:

o estudo do léxico regional pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo. Deste modo, no exame de um léxico regional, analisa-se e caracteriza-se não apenas a língua, mas também o fato cultural que nela se deixa transparecer.

Nessa organização social, que envolve diferentes regiões e diferentes vocabulários, inclui-se a questão do ambiente físico, mais especificamente a questão língua-ambiente. Para Sapir (1961, p.41):

o léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que a çambarcam a atenção da comunidade; e por isso, se houvesse à nossa disposição um tesouro assim cabal da língua de uma dada tribo poderíamos daí inferir, em grande parte, o caráter do ambiente físico e as características culturais do povo considerado.

Como produtos do processo de nomeação da realidade pelo homem na tarefa de apreender, estruturar e apropriar-se do universo que o cerca, as palavras variam e adquirem significados mais amplos ou restritos, dependendo do ambiente que descrevem: refletem cultura, normas sociais, tradições, visões de mundo, experiências, tornando-se, desse modo, testemunho da própria história de uma dada comunidade linguística numa determinada época.

Assim, o estudo aqui realizado considera e adota a visão de que é no léxico que podemos ver refletidos os aspectos do mundo biossociocultural de uma determinada comunidade linguística, o que nos possibilita a compreensão da forma como essa comunidade concebe seu mundo, sua realidade, suas crenças numa dada época, num dado lugar.

1.4.2. Lexicografia

A Lexicografia é uma disciplina que, contemporaneamente, se divide em duas áreas: Lexicografia prática e Lexicografia teórica. A primeira se ocupa da descrição do léxico e tem como um de seus principais objetivos produzir obras de referência, como dicionários, vocabulários e glossários. Já a Lexicografia teórica, ou Metalexigrafia, dedica-se a todas as questões ligadas aos dicionários, como história, problemas de elaboração, análise, uso.

Hoje, há uma variedade muito grande de dicionários, tanto com relação ao número de entradas quanto com relação à temática ou à maneira de descrever o léxico. Há grandes dicionários, de 100.000 a 500.000 ou mais entradas, mas há, também, dicionários de menor volume; há dicionários pedagógicos, dicionários enciclopédicos, dicionários ilustrados, dicionários histórico-culturais, dentre muitos outros.

Essas obras podem registrar uma parcela maior ou menor do léxico total de uma língua ou podem se restringir a um determinado tema ou, ainda, se referir a uma determinada região – são os dicionários regionais. Podem-se dedicar aos fraseologismos (expressões idiomáticas, provérbios etc.), à língua escrita, à gíria, à língua falada. Podem ser descritivos, registrando como os itens lexicais são usados na realidade, ou prescritivos, determinando de que maneira palavras e expressões deveriam ser empregadas, ou criticando seu uso. Podem ser monolíngues (uma só língua), bilíngues (duas línguas), trlíngues (três línguas) ou multlíngues.

Em sua confecção, os dicionários costumam seguir duas direções: podem ser alfabéticos, isto é, quando seguem o critério semasiológico, ou temáticos, quando seguem o critério onomasiológico.

De acordo com Biderman (1984, p. 143):

A semasiologia é uma área da Semântica que estuda os significados e a sua estruturação interna, a partir dos signos linguísticos (das palavras). Divide-se assim o signo linguístico nas suas duas faces – significante e significado. O método semasiológico considera os significantes para indagar sobre os significados, ou investigar o fenômeno da significação. O contrário da semasiologia é a onomasiologia, que parte da significação em busca da designação linguística dos conceitos ou objetos considerados.

Qualquer que seja o objetivo do dicionário, ele trará sempre uma informação ao consulente. Assim sendo, eles constituem uma prática social já que servem à escola, à pesquisa e à disseminação do conhecimento em geral.

Observa-se que, na Lexicografia contemporânea, têm-se valorizado, muito, obras lexicográficas que se fundamentam sobre *corpora*, seja sobre bases textuais informatizadas compiladas especialmente para esse fim, seja sobre bases regionais, pelas quais se pode contemplar e descrever mais eficazmente o uso do léxico de uma determinada localidade.

1.4.2.1. Lexema e Lexia

Em Lexicografia, comumente deparamo-nos com os termos *lexema* e *lexia*. Welker (2005, p. 20) afirma que diversos lexicólogos entendem por *lexema* uma “palavra ou parte de palavra que tem um significado próprio”, por isso mesmo são chamadas de palavras autossemânticas, ou seja, que apresentam significação própria. Os lexemas se diferem dos *gramemas*, que são as palavras sinsemânticas, ou seja, que não apresentam significação própria, como os artigos. Os gramemas compõem um sistema fechado de elementos, enquanto o sistema de lexemas apresenta um inventário aberto.

Já o termo *lexia* é utilizado por Pottier (1974) para se referir ao uso que se faz de um lexema, como no caso das palavras flexionadas: casa e casas, cantar e cantou, etc. Welker (2005) esclarece que existem lexias simples (*pedra, pedras, ventilar*), lexias compostas, que compreendem as palavras compostas (por exemplo, *peixe-espada*), e palavras derivadas (por exemplo, *traduzível*), lexias *complexas*, que abarcam as sequências de palavras em vias de lexicalização, como é o caso de *guerra de nervos*, e lexias textuais, que dizem respeito a lexias complexas que atingiram o *status* de enunciado ou de texto; é o caso dos provérbios.

1.4.2.1. Dicionário, glossário, vocabulário

Assim como para os estudos lexicológicos, são reservados aos estudos lexicográficos conceitos que abarcam áreas fronteiriças; uma dessas áreas é a que trata das definições de dicionário, glossário e vocabulário.

Segundo Barbosa (1995):

- ✓ o *dicionário* almeja reunir o maior número possível dos lexemas de uma língua e defini-los;
- ✓ o *vocabulário* procura representar o conjunto de lexemas de um determinado tipo de discurso (político, geográfico, religioso). É o caso dos vocabulários técnico-científicos e especializados;
- ✓ o *glossário* objetiva esclarecer o contexto lexical de um único texto/obra manifestado. É comum ser encontrado na parte final de livros.

O Capítulo V de nossa pesquisa se insere mais apropriadamente na noção de glossário, pois restringimos nosso objeto de estudo a uma determinada área geográfica, a um determinado contexto, a saber, a área rural do município de Passos, localizado na região sudoeste de Minas.

Em nosso próximo capítulo, discorreremos acerca da contextualização histórico-geográfica que compreende a região estudada. A ela relacionam-se as primeiras incursões realizadas no século XVIII pelas bandeiras em busca de ouro em território mineiro, na região que ficou conhecida como *Sertões do Jacuhy*.



FOTO 04 – Casa de pau-a-pique na zona rural de Passos/MG
Fonte: Acervo pessoal

CAPÍTULO 2 – ASPECTOS HISTÓRICOS DA REGIÃO SUL DE MINAS

2.1. O SUL DE MINAS NA HISTÓRIA DAS GERAIS

2.1.1. O povoamento e os caminhos

No final do século XVII, o caminho velho, de São Paulo em direção ao Norte do Continente, tendo Piratininga e Mogi Mirim como ponto de partida, atingia Minas Gerais passando por Taubaté, Atibaia e Bragança. Foi a expedição de Fernão Dias que deu início ao povoamento da região sul-mineira, especialmente as fazendas de abastecimento e pouso instaladas nas proximidades dos caminhos que levavam ao ouro.

Zemella (1951, p.37-38) explica que “havia pelo menos três correntes de povoamento que adentravam Minas Gerais em meados do século XVI: a dos paulistas, naturais de Taubaté, Piratininga, Santos e outras vilas; a dos nordestinos que abandonaram a velha região da cana-de-açúcar e dos engenhos em busca das lavras; e a dos portugueses e outros estrangeiros que deixaram seus países com o objetivo de enriquecerem no Novo Mundo.” Com a descoberta do ouro, abriu-se o caminho novo de Parati, passando pelo Campo das Vertentes e atingindo a região central de Minas. Embora tenha diminuído a importância do caminho velho, o novo não anulou o tráfego do Sul de Minas que continuou intenso, como via de abastecimento da região mineradora.

De acordo com essa estudiosa (1951, p. 32), “a febre do ouro contaminou milhares de pessoas. O sertão foi tomado de assalto por bandeiras que se sucederam e as descobertas se multiplicaram ininterruptamente”.

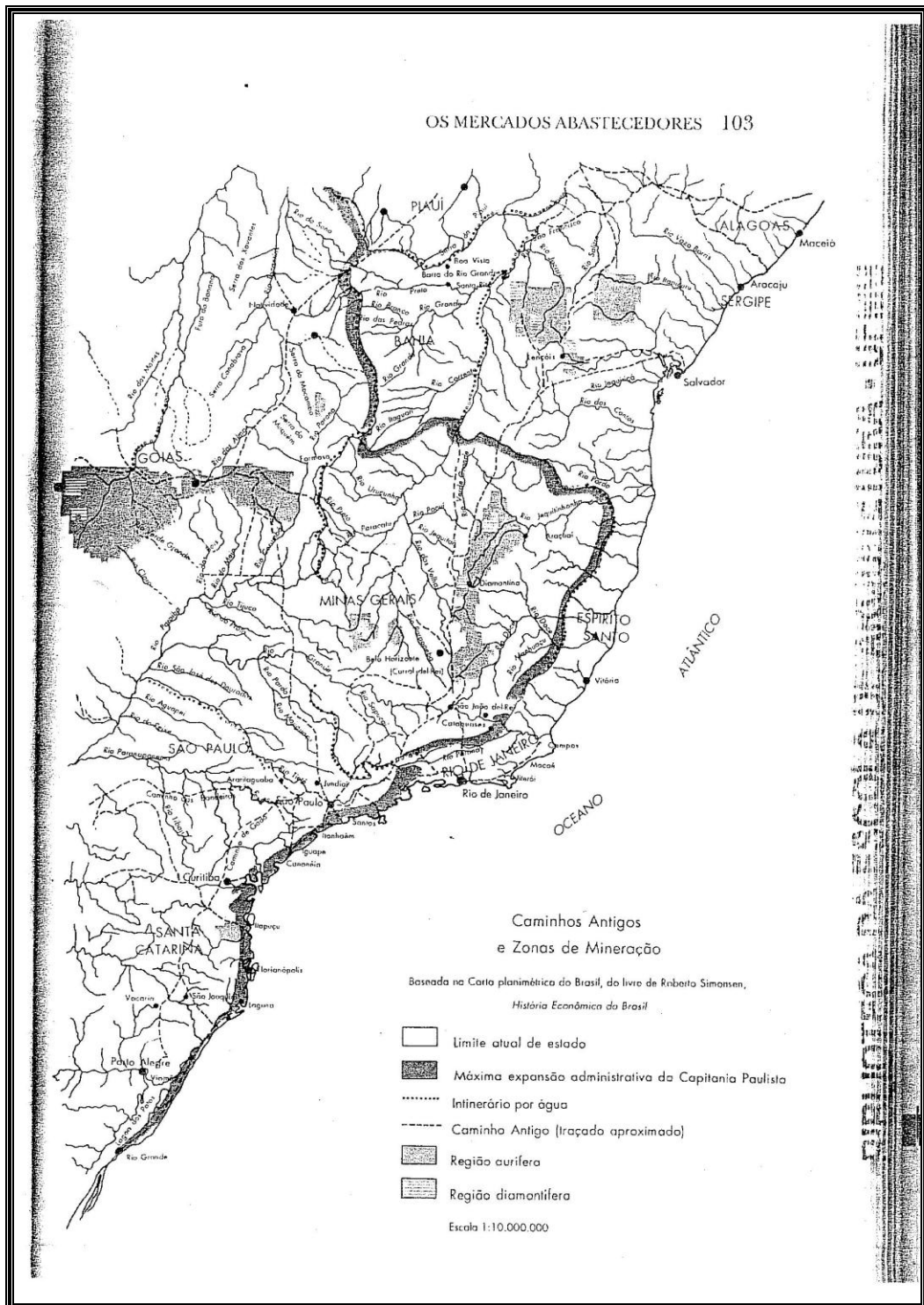
Também segundo Zemella (1951, p.49),

descoberto o ouro, tendo sido paulistas seus descobridores, sendo paulista a primeira via de comunicação com as Gerais, as vilas Planaltina estavam naturalmente indicadas para funcionarem como mercados abastecedores das populações mineiras. De fato, muito cedo, estabeleceu-se ativa corrente comercial entre as cidades vicentinas e as Gerais. Os caminhos paulistas viram-se trilhados e batidos com frequência por mercadores, tropeiros, comboieiros e boiadeiros que iam e vinham por essas estradas, diferenciando-se por isso mesmo daqueles que, levados pela febre do ouro, apenas, pensavam na ida e não na volta.

Essa pesquisadora (1951, p.49-50) ainda assevera que:

os caminhos paulistas de penetração nas Gerais, apesar de penosos, apesar de longos, eram caminhos cheios de vida, cheios de movimento, percorridos incessante por levas de forasteiros que iam instalar-se nas minas, bem como por barulhentas tropas de mercadores que iam levar às Gerais tudo aquilo que suas populações reclamavam.

Segue um mapa proposto por Zemella (1951, p.103); onde podemos ver traços de caminhos antigos, dentre eles um que adentra o território sudoeste mineiro.



MAPA 01 – Mercados abastecedores de Minas Gerais
Fonte: O abastecimento da Capitania das Minas Gerais no século XVIII, 1951, p.103.

2.1.2. A comarca do Rio das Mortes e a formação sul-mineira

Inserida no amplo contexto colonial brasileiro, a história da Comarca do rio das Mortes, parte da antiga Capitania das Minas Gerais, representou como o restante da colônia um novo espaço no processo de expansão colonialista da Coroa Portuguesa.

O desejo de encontrar o *eldorado* estimulou aventureiros portugueses e brasileiros a se arriscarem pelos sertões em busca de riquezas minerais. Foram os bandeirantes paulistas, segundo Grilo (2009, p. 254), “os primeiros desbravadores dessa região” que, mais tarde, passou a ser conhecida pela abundância do ouro ali encontrado. Muitas vezes, esses bandeirantes contavam com o apoio do governo português, que se empenhava em ver realizado o sonho de enriquecimento a partir da descoberta de metais preciosos.

As dificuldades encontradas para ocupar essas terras foram diversas, as quais podemos destacar: a geografia montanhosa, a inexistência de caminhos, o risco de doenças e a ameaça indígena. Os habitantes dessa região eram os índios cataguases — a tribo mais temida pelos bandeirantes, com fama de terem hábitos cruéis e até mesmo antropofágicos. Porém, a força armada do homem branco era naturalmente superior, e os indígenas foram forçadamente adaptados às novas condições de vida.

Vencida a resistência indígena, o acesso aos campos gerais tornou-se mais fácil, especialmente entre os anos de 1693 e 1695, quando foi descoberta enorme quantidade de ouro de aluvião nas proximidades dos rio São Francisco, Doce e das Velhas.

Pela sua localização, a região do Rio das Mortes tornou-se passagem obrigatória para aqueles que, transpondo o rio Grande e a Serra da Mantiqueira, vinham de São Paulo ou do Rio de Janeiro para as comarcas de Sabará e Vila Rica nos primeiros anos da exploração aurífera.

Em meio a esse caminho, havia um local denominado Porto Real da Passagem, em que o paulista Tomé Portes del Rei exercia o direito de cobrança pela passagem no Rio das Mortes. Aí se formou o primitivo núcleo de povoamento compreendido entre os atuais municípios de São João del-Rei e Tiradentes. Essa rota ficou conhecida como Caminho Velho, em oposição ao depois Caminho Novo, que, anos mais tarde, cortaria a região mineradora.

Naturalmente, a exploração das jazidas de ouro e a necessidade de moradia e incremento comercial de bens de consumo para os mineradores proporcionaram o surgimento do Arraial Velho do Rio das Mortes (atual Tiradentes), em 1701, e do Arraial Novo do Rio das Mortes (hoje São João del-Rei), por volta de 1704. A partir daí, surgiram outros núcleos de povoamento, dando origem à localidades como Prados, Lagoa Dourada, Carrancas e Resende Costa. Segue, o mapa ilustra a região dessa comarca.



MAPA 02 – Comarca do rio das Mortes
 Fonte: GRILO, 2009, p. 45.

No entanto, a ocupação da região mineradora não se daria de maneira pacífica. Além dos conflitos com os nativos, ocorreram sérias divergências entre paulistas e forasteiros, sobretudo portugueses e brasileiros do norte do país. A inexistência de uma autoridade constituída provocou a chamada *Guerra dos Emboabas*, nome pejorativo dado àqueles que vinham de Portugal e das ilhas Atlânticas e se dirigiram à região das minas de ouro.

Os anos de 1707 e 1709 foram marcados por intensa luta armada, caracterizando a superioridade dos *emboabas*, que passaram a controlar as principais datas auríferas e provocaram o deslocamento dos paulistas para áreas mais afastadas ao longo do rio das Mortes.

O episódio conhecido como *Capão da Traição*, ocorrido em local próximo ao Rio das Mortes, provavelmente em 1708, marcou com violência a vitória final dos portugueses

sobre os paulistas. Inúmeras lendas relatam o episódio como “[...] o mais horrendo acontecimento [...] em razão do qual tomou o sítio em que se deu tal episódio o nome de *Capão da Traição*” (Afonso, 1998, p.27).

A necessária intervenção das autoridades coloniais no sentido de solucionar o conflito alertou a metrópole para a criação e regularização de órgãos administrativos no âmbito da justiça e da ação fiscal. Entre as primeiras medidas oficiais estaria a distribuição de datas e sesmarias, definindo-se territórios e seus respectivos proprietários. Em 1710, a Capitania de São Paulo e Minas do Ouro é criada, sendo escolhido para governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho. No ano seguinte, alguns arraiais mineradores são transformados nas primeiras vilas da capitania recém-criada.

Em 1714, as jurisdições das comarcas mineiras são definidas pelo então governador da capitania, Dom Braz Baltazar da Silveira. Nessa época, a Vila de São João del-Rei é eleita a principal vila da Comarca do Rio das Mortes e diversas localidades consolidam-se, como no caso das vilas de São José del-Rei, de Nossa Senhora da Conceição de Prados, de Santa Rita do Rio Abaixo (atual Ritópolis) e do povoado de Mosquito (hoje, Coronel Xavier Chaves).

Porém, em meados do século XVIII, já se vislumbram sinais da decadência aurífera com o esgotamento de muitas minas de ouro, levando ao conseqüente enfraquecimento do pacto colonial. A Comarca do Rio das Mortes, como uma das mais importantes regiões mineradoras, é também afetada pelo rígido controle instituído em vilas e arraiais mineradores a partir da atuação do Marquês de Pombal.

A cobrança de impostos foi a solução encontrada para que a metrópole continuasse a acumular as riquezas extraídas da colônia. O mais comum deles era o dízimo, quase sempre cobrado por um contratador, que era obrigado a recolher uma certa quantia ao Erário real em troca do que conseguisse arrecadar.

Em 1789, a Comarca do Rio das Mortes envolve-se no mais importante movimento revolucionário da época — a Inconfidência Mineira. Diversas personalidades da região foram apontadas como membros do movimento, entre elas o padre Carlos Corrêa de Toledo e Mello, vigário da freguesia de Santo Antônio na Vila de São José del-Rei, Inácio José de Alvarenga Peixoto, ouvidor da Vila de São João del-Rei, além do capitão José de Resende Costa e dos alferes Vitoriano Gonçalves Veloso e Joaquim José da Silva Xavier.

Segundo Carrato (1962, p. 218), “depois da Inconfidência Mineira ocorreu uma verdadeira diáspora em Minas em que os povos das regiões auríferas se espalharam em migrações internas para os extremos da Capitania. A partir de então, a região Sul foi tomada quase inteiramente pela Comarca do Rio das Mortes, verificando-se, no século XIX, uma

substancial mudança na região, o que gerou crescimento econômico e, conseqüentemente, expansão para outras regiões da Província. Com isso, houve mudança na fisionomia da região: passaram a ser constantes os desmembramentos de distritos, com a criação de novos municípios e comarcas.”

Surgem os municípios de Baependi e Jacuí em 1814; Lavras e Pouso Alegre em 1831; Aiuruoca em 1834; Oliveira em 1839; Três Pontas em 1841; São João Nepomuceno em 1841; Campo Belo em 1848; São Sebastião do Paraíso em 1870; São Gonçalo do Sapucaí e Poços de Caldas em 1888. Mas é a emancipação de Campanha, desmembrado de São João del-Rei, que dá início ao que compreende a região hoje conhecida como Sul de Minas, conforme alvará de 20 de novembro de 1789. Os núcleos principais do município foram Baependi, Jacuí, Pouso Alegre, Itajubá, São Gonçalo do Sapucaí e Lavras, que no século XX vão-se desmembrando em outros municípios através de leis estaduais que promovem constantes divisões administrativas. Dessa forma, desdobra-se em Aiuruoca, Liberdade, Pouso Alto. Jacuí é dividido em Passos, São Sebastião do Paraíso e Monte Santo. Pouso Alegre divide-se em Caldas, Cabo Verde, Alfenas, Poços de Caldas e Monsenhor Paulo. Lavras divide seu território nos municípios de Três Pontas, Perdões, Nepomuceno, Itumirim, Ribeirão Vermelho e Ijaci.

Contemporaneamente, o IBGE agrupa as regiões sul e sudoeste em uma única região denominada Sul/Sudoeste de Minas, subdividindo-a em dez microrregiões, conforme podemos verificar no quadro seguinte:

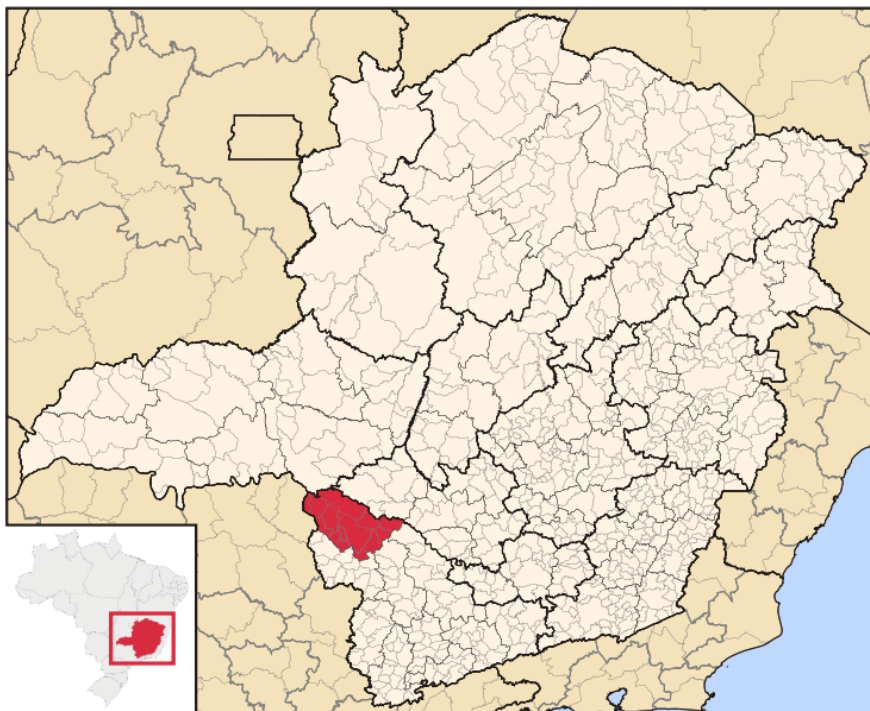
QUADRO 1

Sul/Sudoeste de Minas Gerais – microrregiões



Fonte: Projeto ATEMIG – FALE/UFMG, 2009, p.20

A microrregião de Passos localiza-se no sudoeste de Minas, como destacamos no mapa a seguir.



MAPA 03 – Microrregião de Passos

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:MinasGerais_Micro_Passos.svg. Acesso em 07 jan. 2010.

Essa microrregião é composta por catorze municípios, a saber: Alpinópolis, Bom Jesus da Penha, Capetinga, Capitólio, Cássia, Claraval, Delfinópolis, Fortaleza de Minas, Ibiraci, Itaú de Minas, Passos, Pratápolis, São João Batista do Glória, São José da Barra.

2.2. A economia e o crescimento demográfico do Sul de Minas

Nas primeiras décadas do século XIX, verifica-se um crescimento demográfico surpreendente na comarca do Rio das Mortes, tendo as vilas de São João del-Rei, Barbacena e Campanha como principais centros urbanos. Além de variado comércio, a região se destacava notadamente pela agropecuária dirigida para o mercado interno. Em 1821, de acordo com Fragoso (1998, p. 125), “a comarca detinha 41,6% do total de habitantes da Capitania, totalizando 231.617 pessoas.”

Para o ano de 1824, encontraremos alguns dados populacionais expressivos sobre as freguesias que compunham o Sul mineiro, visitadas por Dom Frei José da Santíssima Trindade, bispo de Mariana, entre 1820 e 1835. A região era composta pelas freguesias de Nossa Senhora da Conceição de Aiuruoca, Santa Maria de Baependi, Conceição do Pouso Alto, Santa Catarina, São Gonçalo e Santo Antônio da Campanha, atingindo um total estimado em 7.348 habitantes. “As freguesias mais populosas eram as de Pouso Alto

(13.516), Aiuruoca (11.484), Campanha (8.788) e Baependi (7.560)” segundo Trindade (1998, p. 210-227).

Conforme o relatório fiscal da província para o ano de 1836, Campanha possuía o maior número de pequenos comércios (471 vendas) e ocupava o sexto lugar dentre os municípios voltados para a atividade açucareira (84 engenhos). O número de habitantes da Vila em 1831 correspondia a aproximadamente 35.000 pessoas, 8% da população total da província de Minas Gerais.

O primeiro estudo demográfico sobre a população livre e escrava da Vila de Campanha foi elaborado por Clotilde Paiva e Herbert Klein (1992), que trabalharam com as seguintes variáveis: idade, sexo, origem, estrutura ocupacional e distribuição da população escrava entre os senhores. Cabe destacar algumas especificidades da região.

Embora o contingente escravo não ultrapassasse o percentual de 30% do total da população da vila, destoando do restante dos municípios da província, cerca de 46% dos escravos eram de origem africana e representavam 14% do total da população do município. Esse percentual é característico de regiões onde predominavam a “grande lavoura” e a produção voltada para o mercado internacional, segundo Paiva e Klein (1992).

A distribuição ocupacional de livres e escravos em Campanha demonstrava que a maioria dos trabalhadores livres e escravos estavam comprometidos com a agricultura, conforme Paiva e Klein (1992). A produção têxtil artesanal também era bastante disseminada e exercida, sobretudo, por mulheres.

Entretanto, a economia sul-mineira não se restringia às atividades agropecuárias voltadas para o abastecimento de certos mercados, especialmente o da Corte. O tabaco constituiu uma atividade bastante significativa, destacando-se como centro principal de produção a região de Baependi⁷. Saint-Hillaire, ao passar pela localidade em 1822, relata a importância do cultivo e comércio do tabaco nas imediações de Carrancas, Aiuruoca, Baependi e Pouso Alto.

[...] principia-se a cultivar um pouco de fumo nas imediações de Carrancas: planta-se igualmente nas de Aiuruoca; mas perto de Baependi e da cidade de Pouso Alto [...] quase todos se entregam a esta cultura que dá lugar a comércio muito importante entre esta região e o Rio de Janeiro. Calcula-se a riqueza dos proprietários pela quantidade de pés de fumo que plantam anualmente e alguns há que chegam a 60.000. A área que comporta um alqueire de milho pode conter 20.000 pés de fumo. (Saint-Hillaire, 1974, p.64)

⁷ Desconhecemos trabalhos que analisem a economia do tabaco em Baependi. João Fragoso (1998) menciona o comércio de fumo e tecidos grossos para escravos desenvolvido entre Aiuruoca, Baependi e Cristina e a praça do Rio de Janeiro.

A agropecuária, o tabaco e as atividades comerciais tiveram grande importância na economia do Sul de Minas. Como pudemos ver, elas formavam a base econômica e detinham grandes números de escravos e trabalhadores livres envolvidos, o que fez com que a região sul crescesse rapidamente, pois precisava de muita mão de obra.

2.2. Os Sertões do Jacuhy

Etimologicamente, *Jacuhy* é a *água do jacu – yacu-i*⁸ – que, sem perder a significação, permite que se traduza como *rio ou ribeirão do jacu*. É denominativo de origem indígena, atribuído pelos primeiros entrantes dessa região, que, nessa época, praticavam a chamada *língua geral*, ou *nheengatu*, inspirados, naturalmente, na maneira indígena de identificação.

Geograficamente, portanto, a expressão *Sertões do Jacuhy* aparece conotada ao rio São João, a que os Bandeirantes das Gerais puseram o nome Jacuhy. Uma coisa, porém, é certa: os topônimos posteriores estão sempre associados a essa denominação: Arraial de Nossa Senhora da Conceição do Jacuhy, *descubertos* do rio São João do Jacuhy, São Pedro de Alcântara e Almas do Jacuhy, e assim por diante.

A história dos *Sertões do Jacuhy* nada mais é do que um segmento da história regional mais abrangente. Nesse caso, situa-se no grande movimento de configuração das três capitanias em evidência naquele momento da História do Brasil, principalmente do ponto de vista administrativo: Rio de Janeiro, São Paulo e Minas. Na sequência, há um mapa que mostra a região dos *Sertões do Jacuhy*.

⁸ SILVEIRA BUENO, 1998.

No primeiro, predominou a “gente paulista”, representada principalmente por sertanistas da Villa de Santa Anna do Mogi das Cruzes, pelas autoridades da Comarca e da Ouvidoria de São Paulo, pelos camaristas de *Jundiáhy* e pelo clero do Bispado de São Paulo. No segundo predominou a “gente mineira”, representada principalmente por sertanistas e autoridades da Comarca e Ouvidoria do Rio das Mortes, pelos camaristas de São José Del-Rei e pelo clero de Mariana (depois de 1745).

Os “Sertões do Jacuhy” se formaram historicamente na grande malha espacial situada na conjunção das bacias de três rios que, de certa forma, definiram seus limites: do lado paulista, a oeste, a bacia do rio Pardo; do lado mineiro, a leste, o rio Sapucaí; e do lado dos sertões goianos, ao norte, o rio Grande; ao sul, contrafortes da serra da Mantiqueira e a bacia do rio das Mortes. No centro destas malhas, o rio São João e todos os seus afluentes representaram papel decisivo, tanto que, por muito tempo, os documentos se referem a “sertões do Rio São João”. O mapa a seguir mostra as bacias supracitadas.



MAPA 05 – Bacias dos rios Sapucaí, Grande e Pardo
 Fonte: RIBEIRO, 1999, p.14.

A construção da história regional dos “Sertões do Jacuhy” só se deu na medida em que grupos humanos aí se estabeleceram empregando seus esforços corporais na produção, distribuição e consumo de alimento, moradia, agasalho, bem-estar e lazer e na solução cultural dos problemas daí decorrentes: a constituição das famílias, a administração dos laços de parentesco, de vizinhança e de compadrio; a definição de sistemas de ajuda mútua, de

obrigações implícitas ou explícitas; calendários mínimos de celebrações sociais e religiosas; e, ainda, na construção de uma malha de comunicações, mesmo elementar, no contexto da regionalidade. Em suma, juntar o feixe das relações sociais, políticas e ideológicas que lhes permitiram erguer e organizar econômica e culturalmente a vida social.

A primeira grande ocupação dos “Sertões do Jacuhy” foi realizada de acordo com Grilo (2009, p. 344), sem dúvida, pelas etnias africanas, ou delas descendentes, como forma de resistência ao cativo. Eles implantaram inúmeros *Quilombos*, baseados na organização de uma economia de subsistência. Socavaram e descobriram ouro nos cursos d’água e nos grotões praticando a faiscação de aluvião. Há evidências documentais de que praticaram um sistema rudimentar de trocas com moradores das redondezas.

Concomitantemente, ainda conforme Grilo (2009, p.347), nos “Sertões do Jacuhy”, há também evidências de entrantes no campo da iniciativa privada, anteriores aos movimentos “oficiais”: são os “roceiros”, ignorados em sua maioria, quase sempre acompanhados de parentalha e camaradagem, com ou sem titulação de terras por cartas de sesmaria. Em geral, estão ligados às atividades das roças e currais. Quando se tornou conhecido o sucesso dos moradores dos quilombos nas suas faiscas, os governos, civil ou eclesiástico, e as iniciativas privadas dos capitães e dos clérigos iniciaram o movimento ininterrupto de apossamento das áreas promissoras. Nos “Sertões do Jacuhy”, o primeiro “braço” desse movimento acompanhou o “caminho dos goiases” até as alturas do Desemboque e por aí entrou na região. Segue um mapa indicativo da região do Desemboque.



MAPA 06 – Região do Desemboque

Fonte: <http://www.sacrahome.com.br>. Acesso em 20 set.2009.

Tomando por base as informações anteriores, podemos concluir que a formação histórica dos “Sertões do Jacuhy” se situa nas teias de uma complexa questão de domínio e de divisas entre São Paulo e Minas Gerais a partir dos fins da primeira metade do século XVIII, e se torna crítica quando se insinua a decadência da região aurífera central, ao mesmo tempo em que se declara os “novos descobertos” nos ribeirões e grotões da malha fluvial do rio São João.



FOTO 05 – Construção em pedras na antiga mineradora em Jacuí/MG
Fonte: www.mgquilombo.com.br/site/index.php?option=c. Acesso em 11 mar. 2009.

2.3. A Região Cultural de Passos

Abordando o conceito de “região cultural”, Diégues Júnior (1960) pondera sobre a origem da cultura brasileira e lembra que o Brasil faz parte de uma área cultural maior que o seu território, chamada de “área cultural luso-cristã”, abarcada por Portugal e suas províncias ultramarinas, e o que distinguiria essa área seriam o elemento lusitano e o cristianismo, esse servindo como base religiosa.

Diégues Jr. (1960) afirma que, a partir dessa ligação lusitana comum, nossa formação cultural é consequência da conexão de diversas condições geográficas e humanas, e que para entender melhor essa cultura é preciso enfocá-la sob o ângulo de regiões culturais. Esse pesquisador (1960, p.6) afirma que “a caracterização de regiões culturais constitui um ponto de partida fundamental para certos estudos, sobretudo para compreensão das diversidades culturais de hoje – e quase diria: pluralismo cultural”.

Para esse articulista (1960, p.6-7), o conceito de região cultural pode ser apreendido

como um conjunto ecológico de pessoas, aproximadas pela unidade das relações espaciais da população, da estrutura econômica e das características sociais, dando-lhe, em conjunto, um tipo de cultura que, criando modo de vida próprio, a difere de outras regiões.

Diéguas Jr. adverte que diferentes tentativas de se analisar a cultura e a história brasileira de modo regionalizado foram feitas desde meados do século XIX, citando as propostas de Martius, Nina Rodrigues, Roquete Pinto, Silvio Romero e outros. Contudo, o autor assevera que nenhuma dessas classificações pode ser considerada como de região cultural. Segundo esse estudioso (1960, p.12-13):

De modo geral, verifica-se nessas classificações – como, aliás, em outras que se destinam a estudos lingüísticos ou de alimentação ou de literatura ou de geografia – tomar-se como base apenas um elemento – a língua, a alimentação, a literatura ou a geografia, respectivamente – que, considerado predominante, torna-se o centro da região. Parece-nos um sentido restrito esse em que se ignoram outros aspectos deixando de lado a conjugação de vários elementos que, através da Antropologia, da Sociologia, da Economia, da História, da Geografia, da Etnografia, possam oferecer as características fundamentais a fixar numa região cultural.

A partir do exposto, fica claro que a caracterização de região cultural deve levar em conta diversos aspectos, como as relações do homem entre si e do homem com o seu meio.

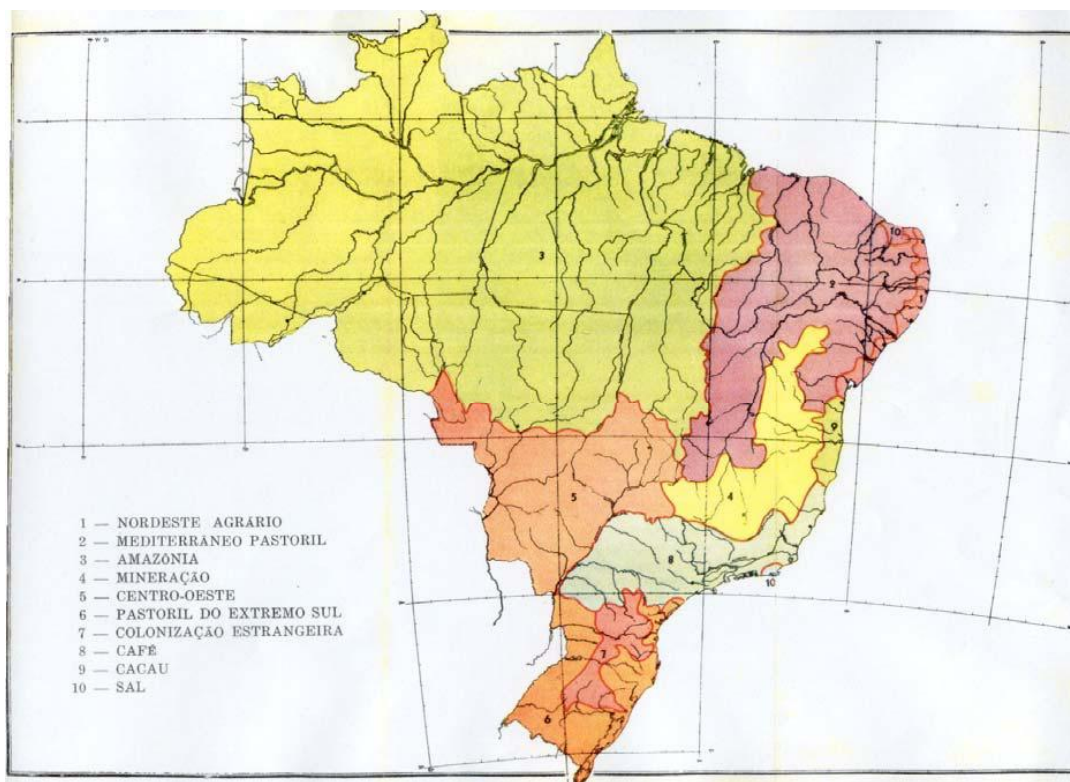
Sendo assim, Diéguas Jr. (1960, p.14) afirma que, “para tratar de forma completa a noção de ‘região cultural’, é preciso buscar no processo de ocupação humana os elementos que oferecem as bases para as caracterizações de cada região.”

De acordo com esse mesmo autor (1960, p. 19), é “a existência de certos elementos que dão unidade e mesmo homogeneização à cultura”, que delimita uma região cultural. A partir do que aqui foi relatado, Diéguas Júnior (1960) propõe uma divisão do Brasil em 10 regiões culturais, a saber:

- a) o nordeste agrário do litoral, caracterizado, do ponto de vista étnico, pela mestiçagem entre brancos e negros e, do ponto de vista socioeconômico, pelos engenhos de açúcar.
- b) o nordeste mediterrâneo caracterizado pela mestiçagem entre brancos e índios e pela atividade da criação de gado, com seus currais e a figura do vaqueiro.
- c) a Amazônia, caracterizada principalmente pelo elemento indígena e pelo extrativismo vegetal da borracha (que teve no seringal seu *focal point*), da madeira, do castanheiro.
- d) a mineração no planalto, caracterizada economicamente pela formação dos arraiais de mineração, e socialmente pela presença de várias correntes como mamelucos, mulatos, reinóis, judeus, paulistas e nordestinos.

- e) o centro-oeste, que no início teve a mineração como atividade principal, e que após seu declínio deu espaço à pecuária, que hoje tem grande destaque. O elemento humano predominante foi o português mestiçado com o indígena e que hoje sente um pouco a influência cultural espanhola das regiões vizinhas.
- f) o extremo sul, que teve na pecuária sua principal atividade econômica e que teve sua formação humana resultante da expansão de correntes paulistas, nordestinas e fluminenses. A influência cultural da vizinhança deu a essa região aspecto peculiar, e tem a estância como seu núcleo social mais marcante.
- g) as regiões de colonizações estrangeiras, as quais foram formadas inicialmente por alemães e italianos, e depois por poloneses, russos, árabes, tendo ainda, mais tarde, chegado holandeses e japoneses. Compreende áreas isoladas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.
- h) a região do café, que teve expansão a partir do século XIX, irradiando-se do Rio de Janeiro e alcançando São Paulo, Minas Gerais e, posteriormente, o estado do Paraná. Socialmente, teve a figura dos escravos e posteriormente dos imigrantes que trabalhavam na exploração do café. A partir da fazenda de café e dos barões do café, essa região gozou de grande influência no cenário político e econômico nacional e, mais tarde, passou por intensas transformações, experimentando um grande desenvolvimento industrial.
- i) a região do cacau, no sul da Bahia, que experimentou grande desenvolvimento.
- j) a região do sal, localizada no Rio Grande do Norte e também no Rio de Janeiro.

Essas regiões podem ser visualizadas no mapa apresentado a seguir.



MAPA 07 – Regiões culturais do Brasil
 Fonte: DIÉGUES JR., 1960, p. 02.

Embora reconhecendo a existência de dez “regiões culturais” no território brasileiro, Diéguas Júnior (1960, p.23) já chamava a atenção para “as intensas transformações que essas regiões vêm passando em face do desenvolvimento dos transportes e das comunicações.” Tal fato, segundo ele, “altera valores e características dessas áreas, levando-as a mudanças significativas.” Diz, também, que cada região assinalada por ele não apresenta unicamente um tipo de cultura, mas o oposto, há uma variedade, como anota:

Podemos encontrar em cada região cultural diversidades que não lhe quebram a hegemonia, traduzida esta pela maior importância dos estilos de vida criados em torno de uma atividade. Como as regiões culturais diversas não quebram a unidade da cultura brasileira. (Diéguas Jr. 1960, p.23)

Considerando o conceito de Diéguas Junior (1960) sobre ‘região cultural’ acima discutido, podemos afirmar que a cidade de Passos se insere na região do café, já que a base predominante da economia do município é a cafeeira. Mas não podemos deixar de considerar que a pecuária e a plantação de outros tipos de cultura também têm imensa relevância para o município. A pecuária tem ganhado, contemporaneamente, espaço e se mostrado muito forte na região.

Passos é o município mais populoso do Sudoeste Mineiro e o quarto em todo Sul de Minas. Está situado a 345 km da capital Belo Horizonte, tem como municípios limítrofes,

ao norte, Delfinópolis; ao sul, Jacuí e Bom Jesus da Penha; a leste, São João Batista do Glória e Alpinópolis; a oeste, Cássia e Itaú de Minas.

O município é rico em recursos hídricos, estando situado na bacia do médio rio Grande, que é composta pelo rio São João, Ribeirão Conquistinha e Ribeirão Bocaina. Hoje, a cidade também é conhecida por sua indústria moveleira e de confecção de roupas.

2.3.1. Passos, uma breve história

Em meados do século XVIII, os “sertões do Jacuhy” já aqui apresentados, região geo-histórica da origem da comunidade de Passos, pertenciam à Província de São Paulo.

A descoberta de ouro em Jacuí e as faiscagens (garimpos de pequena escala nos leitos e margens dos mananciais) em suas redondezas motivaram intervenção armada do Governador das Minas, Luís Diogo Lobo da Silva, em 1764, e a ocupação dos referidos sertões. A junta, presidida pelo Vice-rei, no Rio de Janeiro, confirmou, em 1765, a divisão anterior, decisão não respeitada pelo governo mineiro, seguindo-se uma acirrada “questão de divisa”, que se arrastaria pelo resto do século.

Como meio de assegurar a posse, tanto o governo de Minas quanto o de São Paulo incentivaram a fixação de “casais” da região. Os paulistas vieram da região de Mogi; os de Minas, de São João Del-Rei e Lavras do Funil. Muitos outros vieram diretamente das ilhas portuguesas.

Antonio de Freitas e Silva, médico na freguesia do Facão (SP), foi um dos primeiros a obter terras junto ao Ribeirão do São Francisco e do Bonsucesso, doando-as ao filho José de Freitas e Silva, que acabara de obter a ordenação sacerdotal.

Por volta de 1780, tendo morrido o pai, o jovem padre se fixou em Jacuí e implantou a Fazenda Bonsucesso ao pé do Morro de São Francisco, onde instalou a mãe viúva, Dona Faustina Maria das Neves, e outros familiares. Dona Faustina, daí para frente, dirigiu os destinos da fazenda, de cuja colônia, junto às faisqueiras do Bonsucesso, se originou a cidade de Passos.

Os mineiros ocuparam as terras ao longo do Ribeirão Bocaina, dividindo com D. Faustina, Manoel Cardoso Osório e Eduardo Barros nas cabeceiras; os irmãos Domingos de Souza Vieira e João de Souza Vaz, Bocaina abaixo até a foz no rio Grande. Meio paulista, meio mineira, a povoação inicial seguia mais ou menos a direção do “caminho do Desemboque”.

À primeira e diminuta capelinha de Santo Antônio (edificada pelos paulistas) seguiu-se outra, na atual praça da Matriz, maior e em condição de ser curada, com a invocação

do Senhor dos Passos (edificada pelos mineiros), cujo patrimônio foi doado por Domingos de Souza Vieira e Joaquim Lopes da Silva, este como herdeiro de D. Faustina das Neves. Prevaleceu a segunda, sendo modificado o traçado urbano anterior por arruadores de Jacuí.

A capela do Senhor dos Passos, iniciada em 1829, por iniciativa de Domingos Barbosa Passos, foi inaugurada em 1835, e o cura designado foi Francisco de Paula Trindade. Em 1840, por sua providência, o Bispado de São Paulo criou a paróquia independente, com a mesma invocação. Em 1848, os entrantes de Lavras reivindicam a criação da vila. Atendidos, a instalação da Vila Formosa do Senhor dos Passos se dá em 07 de setembro de 1850. Oito anos depois, foi elevada à condição de cidade, no dia 14 de maio de 1858. Assim, nascia o município de Passos.

Nas páginas seguintes, abordaremos a questão agropecuária e a pecuária de invernada, que são fatores primordiais para entendermos a formação da cultura local.



FOTO 06 – Igreja do Senhor Bom Jesus dos Passos – Passos/MG
Fonte: Acervo pessoal

2.3.2. A questão agropecuária

Conforme Grilo (2009), no arraial de Passos, até a criação da Vila, em 1848, foi o modelo das fazendas e roças que prevaleceu, combinando igualmente cultivos de mantimentos e cana com criação bovina e suína. Isso ocorria praticamente em ambas as margens do Rio Grande e em todos os povoados.

O ciclo aurífero dos “Sertões do Jacuhy”, que foi relativamente curto, coincidiu com a ocupação da região por fazendas e roças, processo esse que foi favorecido por diversas circunstâncias particulares, entre elas um sintomático programa de doação de sesmarias desenvolvido pelo governo de Minas, desde as últimas décadas de 1800, conforme afirma Barbosa (1971, p. 112)

Nessa segunda metade do século XVIII é que se realizou a verdadeira expansão da capitania, com o povoamento mais intenso de todo o Alto São Francisco. As sesmarias aí concedidas, quase todas, faziam referência a “fazenda de gado vacum e cavalari e outras criações.

Ao longo do caminho do ouro foram-se formando, conforme visto anteriormente, povoados e vilas que precisavam de produtos alimentares, entre outras coisas. Esses lugarejos eram mercados consumidores em potencial, portanto era preciso atendê-los o mais rápido possível.

Essas novas condições materiais podem, então, ser resumidas quanto à formação das unidades agropecuárias em dois grupos: a) as fazendas, caracterizadas pelos cultivos de mantimentos e de cana, em geral comum a todas, para atendimento dos interesses da reprodução e da comercialização; pela criação de gado com vistas aos interesses de mercado; e ainda pela produção de artesanatos de transformação, destacando-se os derivados da pecuária (carne seca, couros, solas, sebos, mantas de toucinho) ou dos cultivos (açúcar mascavo, rapaduras, “águas ardentes”), todos voltados para os interesses comerciais; as fazendas quase sempre dispunham de equipamentos especiais, como engenho tocado a bois ou a água, alambique de atafona, moinhos d’água para obtenção do fubá de milho, e os monjolos, que eram os mais comuns; b) as roças, produtoras de alimentos, com rebanho bovino diminuto, mas que sempre permitia a comercialização de pequeno porte; uma ou outra touceira de cana; criação de porcos para consumo próprio, mas também, sempre que possível, direcionada para o mercado, e produção artesanal de derivados, especialmente o toucinho, os queijos, além da venda ocasional de galinhas e ovos.

Em ambos os casos, a atividade tipicamente “agrária” está sempre acoplada à fabricação artesanal de derivados, acima mencionados, que também contribuem de forma residual ou não para os interesses de acumulação via mercado. Vale a pena ressaltar o caso do leite e dos laticínios.

Tanto o segmento das fazendas quanto o das roças produziam queijos, mas o volume e a comercialização eram diferenciados: as roças, de pequeno porte, atendiam a si e à vizinhança imediata; as fazendas, com maior produção, atendiam a si e ao mercado mais distante. Sem fazer essa distinção, Frieiro (1966, p.158-159) observou bem que “nas fazendas

fabricava-se o que se chamou o ‘queijo de Minas’, queijo branco, muito apreciado em todo o país”. Na região aqui focada, pode-se dizer que foi do complexo das fazendas e seus mercados que adveio a fama do produto da região, o até hoje famoso “queijo da Canastra”.

Igualmente, tanto nas fazendas quanto nas roças, esses produtos alimentavam os porcos, e o excedente do consumo próprio era comercializado. À medida, porém, que se amplia o comércio de gado voltado para a comarca do rio das Mortes, também as lavouras de cana e a existência de pequenos engenhos para fabricação e comercialização de açúcares, rapaduras e aguardentes, assim como a criação de porcos, encontram novas perspectivas. Quanto à pecuária suína, roças e fazendas detinham condições mínimas para o seu desenvolvimento: o espaço, a ração, a força de trabalho. O espaço era sempre o “chiqueiro”, que se prolongava no “mangueiro”; “porcos cevavam no chiqueiro, outros, na rebaixa, fuçam no lamaçal junto ao regato” (FRIEIRO, 1966, p.169). A “ceva”, ou ração, era constituída da “lavagem” (os restos da alimentação humana), de abóboras e de milho, quase sempre na forma de fubá misturado a soro de leite, quando existia. A força de trabalho, em várias modalidades, compreendia formas variadas e combinadas. Assim, nas pequenas roças, baseadas no trabalho familiar, “levar comida dos porcos e despejá-las no chão ou no cocho do chiqueiro” era tarefa dos meninos, ou rapazes, filhos do roceiro, ou deste mesmo; nas fazendas, mesmo nas pequenas, quando dispunham de um ou mais cativos, era o escravo do terreiro que se incumbia dessas tarefas. Enfim, o volume de trabalho e os custos alimentares com a criação de porcos podiam ser bastante reduzidos. Nas fazendas, onde predominava a pecuária bovina, a criação suína ficava quase sempre em plano secundário. Mas esta não é uma situação padronizada, uma vez que são referidas unidades de grandes rebanhos bovinos, onde a criação de porcos absorviam até mais investimento e trabalho do que os bois nas invernadas.

Apesar de pouco estudado, o porco era indispensável na dieta mineira regional, garantindo suprimento de carnes e gorduras. A gordura se obtinha pela fritura do toucinho. Mesmo nesse nível primário de suas forças, a produção já contava com técnicas simples de conservação do alimento, em um tempo em que refrigeradores nem eram imaginados. O toucinho, retalhado em cortes transversais e salgado, podia ser preparado em mantas, postas a defumar sobre o fogão de lenha, ou ao sol, em vaias. A carne, depois de frita, podia ser guardada na própria gordura e, assim, se conservava por bom tempo. Além disso,

desenvolveu-se um artesanato de transformação específico em relação à carne: a produção das famosas linguiças, que também podiam ser defumadas, e dos “chouriços”⁹.

Todas as evidências apontam justamente o leque dessas atividades como responsável pela complexidade dos nexos sociais, econômicos e históricos dessa regionalidade. A questão dos caminhos, por exemplo, é indicadora de transformações tanto nas bases produtivas quanto nas bases de mercado. Esse assunto será o tema do nosso próximo item. Passemos a ele então.



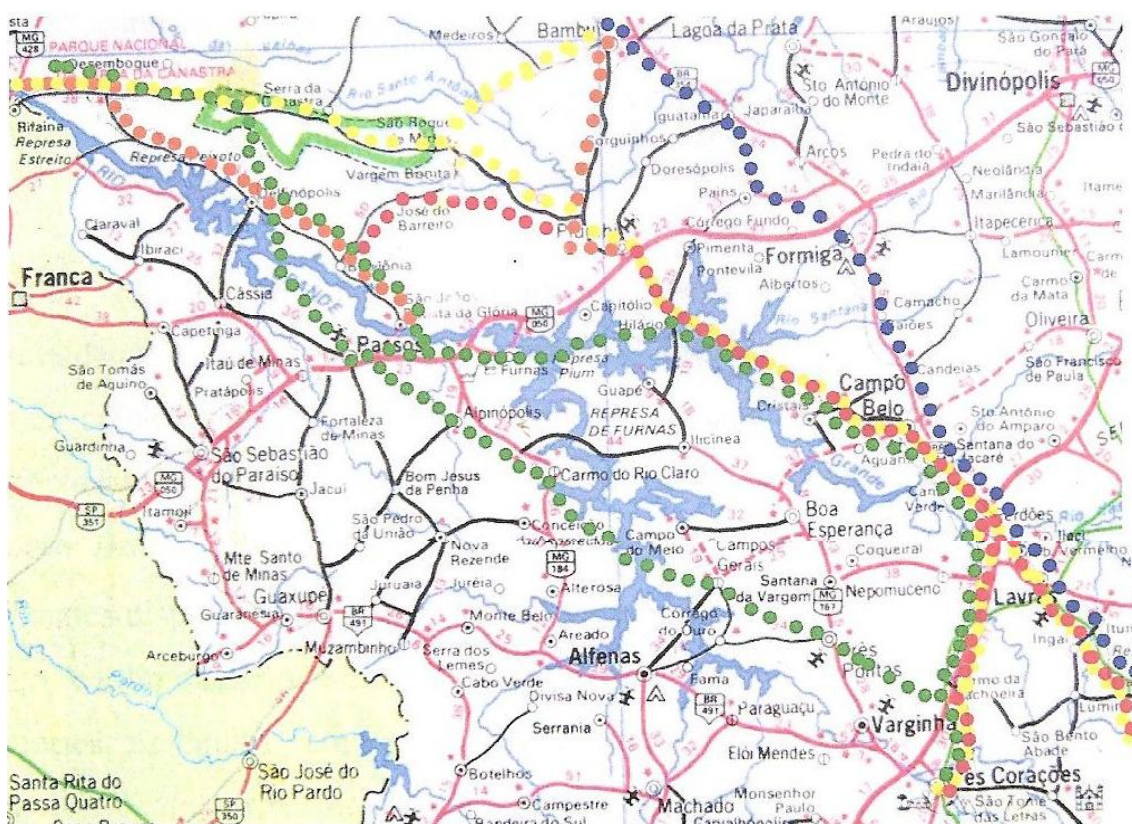
FOTO 07 – Chiqueiro de porcos na fazenda Santo Antônio das Areias – Passos /MG
Fonte: Acervo pessoal

2.3.3. Os caminhos do boi e a pecuária de invernada

De acordo com Grilo (2009), aos caminhos que ligavam o vale do São Francisco aos sertões do Rio das Mortes, viabilizados desde a abertura da “picada de Goiás”, em 1736, somaram-se outros que podem ser sumariados assim (cf. mapa ilustrativo na sequência): 1. *a salineira “de cima”*, também denominada “picada do desemboque”: cruzava a Canastra, pelo alto dos chapadões, saía em São Roque (onde havia uma bifurcação para Bambuí), depois de Piumhi, onde encontrava a “picada de Goiás”, seguia por Campo Belo, daí para Perdões, bifurcando-se então para Lavras ou para Três Corações do Rio Verde; 2. *a salineira “de baixo”*: começava no chapadão da Zagaia, descia a “serra das sete voltas”, alcançava o “arraial da Forquilha” (Delfinópolis), seguia pela Babilônia (Olhos d’água), Ponte Alta e Glória; daí rumava para Piumhi por duas picadas: uma beira-rio (com trânsito difícil e às

⁹ As linguiças consistiam na carne de porco temperada e metida em tripas. Os chouriços eram feitos do sangue porcino condimentado e também metido em tripas. Embora a linguiça fresca pudesse ser consumida de imediato, o mais comum era que ambos fossem curados por um bom tempo, na fumaça, sobre o fogão de lenha.

vezes apenas sazonal) e outra, rumando para a serra, alcançava o “chapadão do Bugre”, descia pelo “rolador” até São José do Barreiro e daí ao Piumhi, seguindo então a rota anterior; 3. *a rota dos invernistas*, posterior: conectada à anterior pelo “porto da Joana” (depois pela Ponte Surubim), seguia de Passos, margeando o Rio Grande, até a barra do Sapucaí, passava pelo arraial de Santo Hilário (antiga Capetinga) e encontrava a Picada do Goiás, como as anteriores; mais tarde, passou a seguir por Ventania, Carmo do Rio Claro, margem esquerda do Sapucaí, Três Pontas e, finalmente, Três Corações. Todas se dirigiam para o centro comercial do Rio das Mortes.



Legenda
● "picada de Goiás"
● salineira ou boiadeira "de cima", também denominada "picada do desemboque", antiga rota dos muares e do sal, praticada por paulistas e mineiros; o trecho dos chapadões corresponde à antiga "picada do desemboque".
● salineira ou boiadeira "de baixo"; utilizada por criadores de gado e de porcos, das margens do rio Grande; foi também utilizada depois pelos invernistas.
● Rota dos invernistas

MAPA 08 – Os caminhos
 Fonte: GRILO, 2009, p. 172

Essas mudanças, no seu conjunto, foram induzidas pela lógica da acumulação, respaldada pelo crescimento da demanda: carnes, couros, solas e queijos de origem bovina e mantas de toucinho eram cada vez mais procurados. Esse crescimento não era resultado apenas das variações demográficas do mercado consumidor do rio das Mortes, mas, sobretudo, do fato de que essa comarca, com a transferência da capital administrativa para o Rio de Janeiro e com a presença posterior dos escalões de ponta da corte portuguesa, se tornara o entreposto preferencial para abastecer a Corte com os produtos do sertão e abastecer o sertão com os produtos da Corte, os “importados”. Nessa circunstância, a comarca encabeçada por São João del-Rei se transforma em um grande empório no centro dessa dupla malha mercantil.

A precoce especialização agrícola da região irá transformá-la no celeiro estratégico fornecedor de produtos ao mercado litorâneo. Com a transferência da Corte para o Brasil o eixo de escoamento da produção regional se desloca do abastecimento interno para a praça do Rio de Janeiro. A posição geográfica privilegiada, sobretudo no triângulo formado pelas vilas de São João, Barbacena e Campanha – principais entrepostos comerciais, fazia com que a região fosse corredor pelo qual escoavam todas as mercadorias em direção ao sul, vindas das regiões à oeste e ao norte, e todas as mercadorias em direção ao sul, vindas das regiões à oeste e ao norte e entravam os produtos importados que se dirigiam às regiões centrais. Desse modo, as vilas se transformavam em centros de redistribuição dos produtos importados trazidos do Rio de Janeiro, amplificando suas atividades comerciais. (Grilo, 2009, p.39)

Em outra direção, fenômeno semelhante acontecia na região paulista, também abastecedora da Corte, mas por outras vias, situação que às vezes costumava ser mascarada pela expansão da cafeicultura, já que, de certa forma, os caminhos percorridos eram mais ou menos coincidentes – a velha “estrada” ao longo do eixo São Paulo, Jundiaí, Campinas, Mogi Mirim, Casa Branca e Rio Pardo atingindo o nordeste paulista. Com a cafeicultura, as pastagens, antes disponíveis nos campos do Jundiaí e do Mogi, foram “empurradas” cada vez mais para o “capim mimoso” dos confins da província. Nessa rota, os tropeiros paulistas levavam os rebanhos até esse centro, de onde eram enviados para Santos e Rio de Janeiro em carretas e tropas de mula, e retornavam trazendo cargas de sal, pólvora, arame, ferramentas e outros artigos importados. É o que registra, acertadamente, Pedro Tosi (2002, p. 50):

Se se supõe, como é bastante plausível, que os fluxos de gado e sal estivessem entrelaçados, não se pode afirmar que houvesse uma única praça a abastecer Franca com sal, mas com certeza muitos lugares eram abastecidos unicamente com o sal de Franca. [...] O sal chegava em Franca e região via Campinas, bem como pelo sudoeste de Minas Gerais; os responsáveis pelo seu comércio estocavam-no e depois o revendiam no fluxo contrário ao do gado que, por sua vez, descia de Goiás e do Triângulo Mineiro, ficando internado na pastaria para sair de Franca quer na direção de Minas, quer na direção de São Paulo.

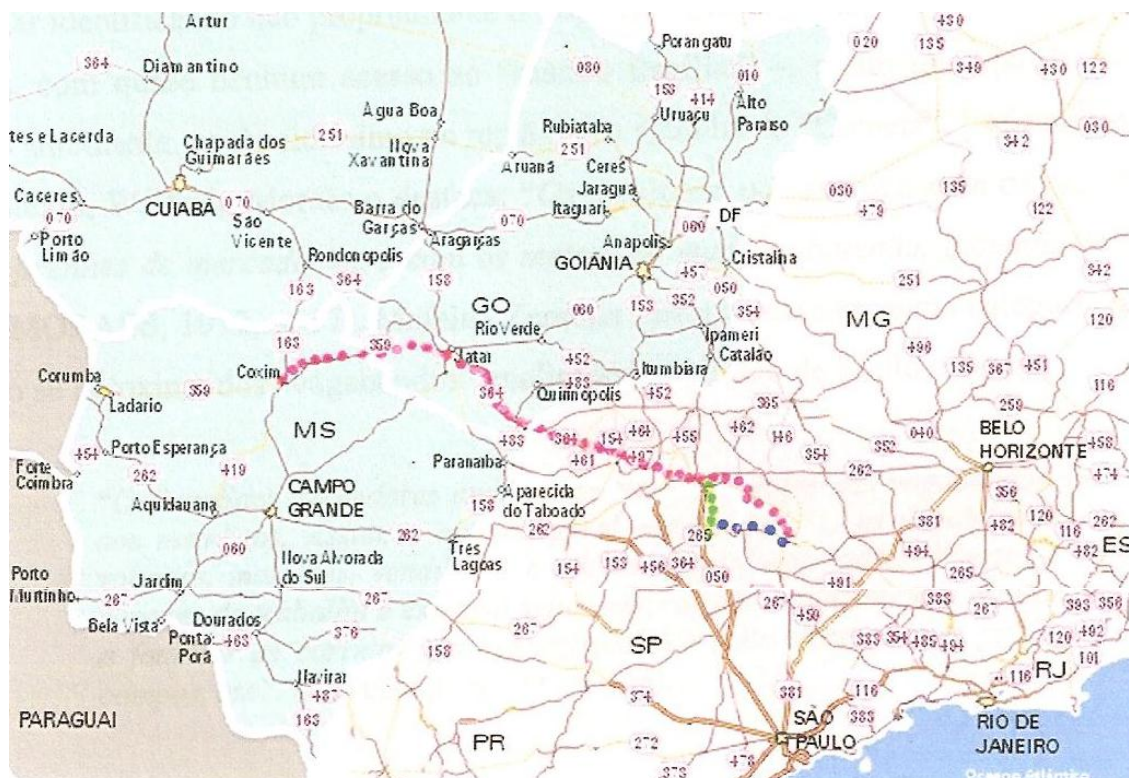
Na segunda metade do século XIX, a convergência dessas condições materiais acabou por configurar, historicamente, duas regiões que vivenciariam em comum, pelo menos nos seus traços gerais, a experiência de um tipo original de comércio e pecuária bovina, passando a se caracterizar, respectivamente, como o “nordeste paulista” e o “sudoeste de Minas”. No lado paulista, a hegemonia seria exercida por Franca, e no sudoeste mineiro, por Passos. Franca obteve a cidadania em 1866 e Passos, em 1858. Além de localidades contíguas, com características semelhantes, estavam unidas pelo mesmo cordão umbilical do rio Grande, pelas mesmas pulsações do mercado e, a partir daí, pelo mesmo perfil de produção das condições materiais de existência: a *invernada*.

Não demorou muito tempo para que as duas cidades citadas acima não suportassem o número de pedidos de compra de gado. Elas não conseguiam atender com rapidez e eficiência todos os pedidos de carne. Em meados do século XIX, mesmo desconhecendo-se os seus detalhes iniciais, a alternativa representada pela existência dos grandes rebanhos bovinos dos “sertões dos goiases” e do “mato grosso”, também chamados de “pantaneiros”, tornou-se a grande opção para o abastecimento do mercado consumidor. Esses rebanhos, ali existentes desde o século XVII, eram formados pelo gado que se reproduziu nessas regiões em decorrência da expansão da Casa da Torre, de Garcia d’Ávila, pela margem esquerda do São Francisco.

Com o tempo, muitas fazendas ali implantadas tinham se transformado em grandes criatórios (e comércios) de gado sertanejo. É bem provável que os primeiros compradores tenham sido os negociantes paulistas. Tudo indica que foi pelo domínio da rota das monções que tiveram acesso aos rebanhos dos confins do rio Coxim, no Mato Grosso (HOLANDA, 1945; GODOY, 2003). Uma vez conhecida a existência dos rebanhos pantaneiros, a comercialização era evidente. O grande problema era resolver a questão do traslado dessas boiadas: primeiro, estabelecer a rota mais curta, mais prática e mais segura; o gado se transportaria a si mesmo, e a organização dos seus condutores não era problema maior; portanto, nada impedia que as boiadas fossem entregues no entreposto da comarca do Rio das Mortes nos abatedouros da Corte. O problema grave era que, ao término de viagem tão longa, bois e reses chegariam ao destino extremamente magros, mercadoria nada atraente para o abate.

Quanto à rota, foi possível reconstituí-la a partir do roteiro publicado por Washington Noronha (1969). A maioria dos pousos e algumas localidades não figuram nos mapas modernos. Para permitir uma visualização básica, elaborou-se, a partir de uma cópia fotografada, o mapa ilustrativo apresentado logo à frente.

Partindo-se de Coxim, na fazenda de Però, depois de pernoites em vários pousos, ao Bananal (falha para descanso); seguia-se depois pelo cerrado: Jauru, Boa Vista, Mosquito, Baú, Olho d'água, Marruás do Formoso, Ronda Viva, Retiro da Viúva, dobrava a Serra do Café, já em Goiás, (falha para descanso e diversões); retomada a marcha, ia-se ao Rio Doce, à cidade de Rio Verde, daí ao Augusto, Córrego Fundo do Belinho, Balsamo, Cabeleira, até à ponte do Rio dos Bois (pedágio de \$300 por cabeça) e pelos pousos da Miséria e Cascavel, até Santa Rita do Parnaíba. Aí se cruzava a ponte, entrando em Minas. E seguiam por Rancharia, Passa Três, Briosa, Douradinho, Tangará, até à região de Araxá; depois, Teófilo, Buriti, Bela Flor, Capão dos Porcos, Camurça, Carrapichos. Depois, as boiadas paulistas seguiam à direita para Franca, percurso descrito por Pedro Tosi (2002), e as mineiras seguiam pelo chapadão da Zagaia, do Bugre, desciam a serra das Sete Voltas, até o pouso do Pé da Serra, daí a Ciganos, Cabrestos e Forquilha (Delfinópolis). Cruzavam então o rio Grande, primeiro pelo porto, depois pela ponte Surubim, e chegavam a Passos, através da estrada do morro do Café. Segue o mapa referente a esse roteiro:



MAPA 09 – Rota do Gado
 Fonte: GRILLO, 2009, p. 183.

Pelo que foi exposto, percebemos que a questão agropecuária foi fundamental para a formação econômica e cultural desse município sul-mineiro. O gado e as atividades relacionadas a ele fazem parte da vida das pessoas desse lugar há muito tempo. Portanto, é de se esperar que haja reflexo desse contexto na história, nos costumes e hábitos dos moradores, principalmente daqueles da zona rural de Passos/MG.

Após focar aspectos históricos da região Sul/Sudoeste de Minas, principalmente de Passos, indispensáveis para fundamentar um estudo do léxico, passemos ao capítulo dos procedimentos metodológicos.



FOTO 08 – Gado na invernada (Fazenda Santo Antônio das Areias/MG)
Fonte: Acervo pessoal

CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. A REGIÃO PESQUISADA

Desenvolver um estudo sobre o léxico de uma determinada região pressupõe investigar não só a língua dessa região, mas também considerar a influência exercida pelo ambiente, motivada por fatores de natureza geográfica, sociocultural, histórica, dentre outros.

Para a abordagem dos procedimentos metodológicos, faz-se necessária, primeiramente, uma breve apresentação de nossos interesses em desenvolver uma pesquisa nos *Sertões do Jacuhy*, mais precisamente na zona rural do município de Passos, região sudoeste de Minas Gerais, em destaque no mapa apresentado abaixo:



Mapa 10 – Localização do município de Passos/MG

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:MinasGerais_Municip_Passos.svg. Acesso em 19 dez. 2009.

Em seguida, listamos os objetivos que nortearam a presente pesquisa, bem como os critérios adotados para a constituição do *corpus*, a transcrição, o tratamento dos dados e o glossário.

3.2. OBJETIVOS

O interesse em estudar o léxico do Sul de Minas Gerais, mais especificamente do município de Passos, surgiu porque acreditamos na importância de se pesquisar a língua levando em consideração o tripé léxico, história e cultura. Como o léxico é o subsistema da língua que mais retrata a cultura local, optamos por focalizar neste estudo itens lexicais do mundo rural, acreditando nele encontrar resquícios de um passado linguístico e, assim, contribuir para a história social da língua portuguesa.

Conforme vimos no capítulo 2, a referida região foi alvo de um processo migratório logo no início do século XVIII, quando se descobriu ouro naquela localidade. No entanto, a fase aurífera foi muito curta e restaram apenas fazendas e pousos instalados nas proximidades dos caminhos que conduziam a esse metal precioso. Posteriormente, em fases subsequentes, a região passa a se tornar predominantemente agrícola.

Como tanto os *Sertões do Jacuhy* quanto o município de Passos nos são familiares, almejamos realizar a pesquisa linguística nessa área, já que teríamos facilidade em penetrar em suas “redes sociais” (MILROY, 1987), obtendo um bom conhecimento da cultura local através de entrevistas, uma vez que nos identificamos e fazemos parte dessa comunidade, convivendo com seus membros – tendo, portanto, aquilo os antropólogos chamam de *ponto de vista êmico* (DURANTI, 2000).

A escolha dessa região para pesquisa deveu-se também ao fato de não haver estudos linguísticos referentes ao léxico da mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais. Por se encontrar em uma zona fronteira entre os estados de Minas Gerais e São Paulo, acreditávamos que uma pesquisa linguística realizada nesse local poderia contribuir efetivamente com os estudos lexicais e dialetológicos referentes aos territórios mineiro e paulista.

Os objetivos que nortearam nossa pesquisa foram:

- ✓ realizar um estudo léxico-histórico-cultural no município de Passos/MG, tendo como foco a rede semântica do *mundo rural*;
- ✓ descrever o léxico coletado em entrevistas;
- ✓ levantar aspectos socioculturais da região estudada para posterior auxílio à análise do *corpus*;
- ✓ procurar vestígios de vocabulários setecentista e oitocentista que pudessem configurar como casos de retenção linguística;

- ✓ contribuir, através do material coletado, com um banco de dados para futuras pesquisas linguísticas da região sul-mineira;
- ✓ relacionar dados coletados à história e à cultura local e, principalmente, à questão do povoamento da região;
- ✓ elaborar um glossário do vocabulário coletado no município em questão.

3.3. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Conforme pôde ser visto no capítulo 1, para fundamentação teórica deste trabalho, procedemos à leitura de vários textos de diversos autores que tratam do léxico e da sua relação com a cultura e a sociedade. Nossa pesquisa se apoia, portanto, nos fundamentos da Sociolinguística, da Lexicologia e da Antropologia Cultural.

Como se trata de um trabalho de cunho lexicológico, envolvendo, portanto, a sociedade e a cultura locais, propusemo-nos, no capítulo 2, a focalizar aspectos históricos da região pesquisada, conhecimentos necessários, segundo Seabra (2004), para um estudo bem fundamentado do léxico regional.

Coletada em entrevistas orais, nossa pesquisa sobre o léxico rural do município mineiro de Passos desenvolveu-se da seguinte maneira:

- ✓ pesquisa de campo para realização de entrevistas objetivando coleta lexical;
- ✓ transcrição dos relatos dos entrevistados destacando as lexias que nos causavam estranheza;
- ✓ preenchimento das fichas lexicográficas, seguido de análise;
- ✓ construção de um glossário.

3.3.1. Pesquisa de campo

Seguindo metodologia laboviana¹⁰, partimos do presente observando dados de língua falada coletados em 15 entrevistas gravadas com moradores da zona rural de Passos. A partir das transcrições desses dados, cujos critérios serão apresentados na seção 3.3.1.3., fizemos levantamento daquelas lexias que, a nosso ver, melhor refletiam a cultura rural das pessoas dessa região. Em seguida, fomos ao passado em busca dessas formas encontradas. Verificamos se essas lexias estavam dicionarizadas ou se fizeram parte do acervo lexical da língua portuguesa nos séculos XVIII, XIX, XX. Posteriormente, retornamos à contemporaneidade para realizar análise diacrônica.

¹⁰ LABOV, 1972.

3.3.1.1. A coleta de dados

Primeiramente, deslocamo-nos para a zona rural da região sob análise em busca de dados. Como fazemos parte da comunidade em questão, íamos até as fazendas e gravávamos as entrevistas nas próprias casas dos entrevistados, em conversas informais. Não nos provisionamos de perguntas precedentes, “a prosa” era bem solta, como sugere os antropólogos linguistas, com temas que enfocavam o dia a dia das pessoas, como costumes, casos, tradições, a lida no campo, entre muitos outros temas. Procuramos, durante as gravações, ter sempre em pensamento o que ensina Paiva Boléo (1924 *apud* Seabra 2004, p.61):

O explorador de palavras locais ou regionais deve estabelecer bem no seu espírito o fato de que é ele quem deve se adaptar às conveniências do informante e não este às suas. Por conseguinte, servir-lhe-ão todos os lugares para fazer o inquérito, de que o informante esteja à vontade e haja o sossego suficiente. Chamá-los à pensão ou à casa onde habitamos a pretexto de que as casas do povo são pobres e tão pouco asseadas que não nos sentiríamos bem lá, é princípio que se deve pôr de lado, aceitando-o apenas quando de todo não puder deixar de ser. Convém não nos esquecermos de que o homem ou mulher do povo só está à vontade no seu meio próprio: a sua casa ou sítio onde trabalha é aí que devemos proceder ao inquérito, tanto mais que só desta maneira teremos ao nosso alcance um grande número de objetos do seu uso e que nos interessam.

O tempo para a gravação e o número de sessões dependeu da disponibilidade e do interesse de cada informante, variando de vinte minutos a uma hora de conversa, embora quatro delas tenham apresentado tempo inferior ao mínimo citado.

Todos os nossos informantes são moradores da zona rural, mas alguns foram entrevistados em suas casas da zona urbana porque essa opção mostrou-se como a mais viável.

3.3.1.2 A escolha dos informantes

Para a escolha de nossos informantes, seguimos as normas estabelecidas pelo Projeto *Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais*¹¹, utilizadas em vários trabalhos desenvolvidos na UFMG, dentre eles, os de Seabra (2004), Souza (2008), Menezes (2009). Tais normas postulam, como condições ideais, que o entrevistado deve:

- a) ter idade igual ou superior a setenta anos;
- b) ser preferencialmente da zona rural;
- c) ter nascido ou ter vivido a maior parte da vida no município em estudo;
- c) ter baixa ou nenhuma escolaridade.

¹¹ Projeto da FALE/UFMG, com apoio da FAPEMIG, sob coordenação da Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen (2003-2006).

Tal requisito para a escolha dos informantes decorre do fato de ser esse o perfil que se acredita poder revelar um léxico mais próximo do vernacular, além de apontar possíveis retenções lexicais.

Realizadas as 15 gravações, apuramos os seguintes dados sobre nossos informantes:

- ✓ Quanto à idade: 70-75 anos: 6 pessoas (40,1%); 76-80 anos: 6 (40,1%); 81-85 anos: 1 (6,6%); 86-90 anos: 1 (6,6%) ; 91-95 anos: 1 (6,6%).
- ✓ Quanto ao sexo: masculino: 9 (60%) e feminino: 6 (40%);
- ✓ Quanto ao grau de escolaridade: analfabetos: 12 (80%) e 1ª a 4ª série: 3 (20%);
- ✓ Quanto à ocupação profissional: lavrador: 9 (60%), do lar: 6 (40%).

3.3.1.3. As transcrições

À medida que as entrevistas eram realizadas, a transcrição era feita, ou seja, os dados obtidos no registro oral eram passados para o registro escrito. Para essa etapa, seguimos as regras de transcrição utilizadas pela equipe do Projeto *Filologia Bandeirante*¹² e, também pela equipe do Projeto *Pelas Trilhas de Minas: as Bandeiras e a Língua nas Gerais*, modelo adotado por Amaral (2003), Seabra (2004), Souza (2008), Menezes (2009), dentre outros. Não se trata de uma transcrição fonética, já que eram vários os interesses da equipe na época (léxico, sintaxe, morfologia, etc.). É uma transcrição ortográfica, porém adaptada. Foram estabelecidas as seguintes normas para a transcrição:

✓ Orientações gerais:

- a) a transcrição não pode ser sobrecarregada de símbolos;
- b) deve ser adequada aos fins;
- c) deve permitir a compreensão do significado do texto;
- d) deve respeitar o vocábulo mórfico como unidade gráfica (FERREIRA NETTO & RODRIGUES, 2000);
- e) deve tentar facilitar ao leitor a criação de uma “imagem” do texto elaborado no plano da oralidade (FERREIRA NETTO & RODRIGUES, 2000).

¹² COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça *et al.* *Filologia Bandeirante*, 1997.

1 – Nem tudo será registrado:

a) o acento das postônicas não será registrado

carne = carni; namorado = namoradu

(A ideia é: o que é categórico, não marcado no dialeto, não precisa ser registrado)

2 – Serão registrados:

a) alteamento/abaixamento das pretônicas

pirđi = perdi

reberão = ribeirão // premero = primeiro

b) a redução dos ditongos [ow], [ey], [ay] será grafada ortograficamente como pronunciada:

dotô = doutor

falô = falou

primero = primeiro

c) ausência do -r:

• no final dos nomes: *doutor = dotô*

• no final dos verbos: *falá = falar; comê = comer*

• no meio dos vocábulos: *pá = prá; madugada = madrugada*

d) ausência do -m final, desnasalização:

homem = home

garagem = garage

e) nasalização de segmentos normalmente não-nasalizados deverá ser marcada com o til:

ĩlusão = ilusão

ẽizame = exame

f) prótese: as próteses serão marcadas, ortograficamente, como pronunciadas:

Izé = Zé

Ieu = Eu

Alembirá = lembrar

g) supressão de consoantes, vogais ou sílabas finais será marcada com apóstrofo.

mai' ~ mais

ago' ~ agora

h) paragoge:

mali = mal

i) iotização, grafando com i:

fia = filha

jueio = joelho

j) aglutinação, com apóstrofo:

dex'eu ~ deixa eu

pr'eu ~ para eu

k) pronomes *ele, ela, eles, elas* e *eu* serão grafados como realizados:

Eis = eles;

Ê = ele;

Ea = ela

Eas = elas

l) casos de *uma, alguma, nenhuma, etc.* serão marcados com til:

ũa ~ uma;

algũa ~ alguma

m) variação fonética do “s” será grafada como efetivamente realizada:

mermo ~ mesmo

memo ~ mesmo

3) Indicações de:

- Pausa: reticências...
- Inaudível ou hipótese do que foi ouvido: ()
- Comentários:(())
- Sobreposição de fala: { }
- Discurso direto: “ “
- Ênfase: maiúsculas
- Truncamento: /

Procuramos seguir, na medida do possível, as indicações acima relacionadas para as transcrições das entrevistas que se encontram no CD-Rom que acompanha este trabalho.

3.3.2. Fichas Lexicográficas

Para sistematizar e analisar os dados por nós coletados em entrevistas orais e, posteriormente, transcritos seguindo metodologia adequada, elaboramos uma ficha para cada lexia. Nesta seção, apresentaremos a constituição dessa ficha.

Número da ficha – lexia (classificação morfológica) _____ Número de ocorrências
<i>abonação</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau:
2. Moraes:
3. Laudelino Freire:
4. Aurélio:
5. Cunha:
6. Amadeu Amaral:

a) Do lado esquerdo, em primeira posição, apresentamos o número da ficha, seguido do vocábulo selecionado para análise. Esse vocábulo aparecerá na forma encontrada nas entrevistas, salvo os verbos que, por causa da diversidade de formas, optamos por colocá-los na forma infinitiva; e, entre colchetes, sua classificação morfológica, segundo o contexto em que se encontra inserido no *corpus*.

b) Do lado direito, em primeira posição, apresentamos o número de vezes que a lexia aparece nas entrevistas.

c) Logo abaixo, no item “abonação”, apresenta-se, em itálico, um trecho da fala do entrevistado contendo uma amostra do *corpus* da lexia em estudo. No final desse item, são identificados o número da entrevista e a linha em que o vocábulo aparece nesse *corpus*.

d) No item “registro em dicionários”, destaca-se como o vocábulo é descrito em cada obra. Quando isso não ocorre, ou seja, o dicionário não registra o termo, indicamos “n/e”.

e) Algumas vezes, a entrada do verbete adotada pelos dicionários consultados não corresponde à nossa lexia. Há variações quanto a gênero, número, ortografia. Nesse caso, optou-se por considerar a forma dicionarizada, pois essas variações não prejudicavam nossa análise.

Por meio das fichas, podemos visualizar se a lexia em estudo é ou não dicionarizada por um ou mais autores, ou por nenhum deles; se o vocábulo é considerado arcaico, se é um brasileirismo, etc. Além de analisar o termo coletado, a ficha lexicográfica constitui-se em uma boa ferramenta para nos auxiliar no trabalho de quantificação e comparação dos dados.

3.3.2.1. Sobre os dicionários consultados

Para a análise das lexias coletadas, contamos com obras lexicográficas renomadas. São elas: i) *Vocabulario Portuguez e Latino*, de autoria de P. Raphael Bluteau (século XVIII); ii) *Diccionario da lingua portugueza*, de autoria de António de Moraes Silva (século XIX); iii) *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de Laudelino Freire (primeira metade do século XX); iv) *Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (final do século XX). Além dessas obras citadas, consultamos o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha, e *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral.

Selecionamos o *Vocabulário Portuguez e Latino* por dois motivos: ser este um dicionário que contempla grande parte do léxico da língua portuguesa até início do século XVIII, aumentando e atualizando aproximadamente em cinco vezes o vocabulário até então dicionarizado, conforme destaca Verdelho (2002) e, principalmente, por ser reconhecido pelos estudiosos da área como uma obra de referência nos estudos lexicográficos de língua portuguesa.

Conforme destaca Murakawa (2006, p.31),

o Diccionario da lingua portugueza, de Antônio de Moraes e Silva, mesmo dando continuidade ao *Vocabulário Portuguez e Latino*, é uma obra que traz grande número de vocábulos não dicionarizados por Bluteau. Moraes utiliza-se de obras de vários autores como fonte que, talvez por influência do Tribunal do Santo Ofício e, ainda, pela censura literária, foram deixadas de lado pelo P. Raphael Bluteau.

Segundo, ainda, essa autora (2006, p.119), “o *Diccionario* de Moraes pode ser considerado como o primeiro dicionário de uso da língua portuguesa, porque os que o antecederam não podem ser classificados de tal maneira”. Tal fato se explica porque, para a Lexicografia moderna, um dicionário de uso é aquele que registra o vocabulário usual mais frequente na língua escrita e oral, destacando os diferentes registros e as variações linguísticas.

Em relação aos dicionários contemporâneos, o *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Laudelino Freire, foi escolhido como obra de referência da primeira metade do século XX, por tratar-se de um dicionário que apresenta grande riqueza vocabular, resultado da inclusão de muitas locuções, expressões e brasileirismos.

A escolha do *Aurélio Sec. XXI: O dicionário da língua portuguesa* deu-se por ser este considerado como um dicionário padrão da sociedade brasileira, apresentando um vasto repertório lexical, incluindo grande número de brasileirismos. É um dicionário que, embora conte com limitações, apresenta grande número de abonações de obras variadas, exemplificações, exemplos baseados em linguagem falada e escrita, indicação da variabilidade linguística no território nacional, além de concisão e clareza nas definições.

Quanto aos dois últimos dicionários, a escolha do *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* teve como objetivo principal esclarecer a etimologia dos vocábulos e a datação aproximada da sua entrada na língua portuguesa, uma vez que parte desses vocábulos selecionados não constavam nos dicionários mais antigos. Outra finalidade da escolha desse dicionário foi a de identificar as formas variantes que tais vocábulos adquiriram ao longo do tempo, podendo, com isso, verificar se algumas dessas formas coincidem com aquelas encontradas no nosso *corpus*. Já a escolha do dicionário de Amadeu Amaral, *O Dialeto Caipira*, teve como objetivo comparar itens lexicais usados por nossos entrevistados com aqueles lexemas que constam nesse dicionário, representantes do falar caipira do interior paulista.

Os estudos de Amadeu Amaral sobre o dialeto caipira, conforme aponta Castro (2006, p.1937), “apresentam dois aspectos inovadores que justificam a importância que é atribuída à obra: i) trata-se de uma tentativa pioneira de se descrever, de forma abrangente, um falar regional brasileiro – o próprio autor dizia que para se reconhecer a existência de um *dialeto brasileiro* ou de uma *língua brasileira* seria preciso que se conhecesse efetivamente esse dialeto, sendo necessário ir além do campo social e político; ii) aborda o ponto de vista metodológico – o trabalho se orienta por princípios rigorosos, que Amaral considera indispensáveis na investigação dialetológica, o que torna confiável a sua descrição, a saber: necessidade de pesquisa *in loco*, rejeição de dados não verificados pessoalmente pelo investigador; clareza, objetividade e precisão na descrição dos fatos e nos registros das formas.” Em seu livro, Amaral (1982 [1920]) afirma que “a coleta de dados deveria ser limitada estritamente ao terreno conhecido, banindo-se por completo tudo quanto fosse hipotético, incerto, não verificado pessoalmente. Seus critérios para coleta de dados, seleção e organização são seguidos em trabalhos posteriores.”

3.4. MACRO E MICROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO

Para elaborar nosso glossário, adotamos como base alguns pressupostos de autores representativos da lexicologia e da lexicografia. Por isso, escolhemos dois expressivos nomes que são: Haensch (1982) e Barbosa (1995) para obtermos uma definição consistente desse tipo de obra. Haensch (1982) considera glossário toda obra lexicográfica que registra e explica vocábulos usados por autores em uma obra literária. Para esse autor, não apenas o texto literário, mas vários textos podem salientar palavras de significados difíceis; quando tais palavras aparecem em ordem alfabética no final de um texto, dá-se o nome de **glossário**.

Ainda baseados em fundamentos teóricos da lexicologia e lexicografia, buscamos em Barbosa (1995) um outro conceito para glossário. Para Barbosa (1995, p.19-21), “o glossário pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado, podendo ser classificado em *lato sensu* e *stricto sensu*. Ambos resultam do levantamento das palavras-ocorrências e das acepções em um único texto.”

Para a confecção de glossários ou dicionários, temos que levar em conta, de acordo com Haensch (1982, p.396), que:

Há quatro critérios que determinam de maneira decisiva a seleção de entradas de um dicionário ou glossário, etc. A três, poderíamos chamar de fatores “externos”: sua finalidade (descritiva, normativa, etc.), o grupo de usuários ao qual se destina (especialistas, tradutores, universitários, público culto, etcétera) e sua extensão. O quarto, de índole “interna”, é o método de seleção de unidades léxicas segundo princípios linguísticos, mas sempre de acordo com outros três critérios¹³ (tradução nossa)

Convém ressaltar que nosso objetivo foi a montagem de um glossário em que fossem catalogadas grandes números de lexias encontradas em nosso *corpus*. Essas lexias foram organizadas de maneiras distintas e complementares: pelo método onomasiológico (do conceito ao nome) e pelo método semasiológico (do nome ao conceito).

Conforme Baldinger (*apud* HAENSCH *et al.*, 1982, p. 344), esse modo de organização se justifica, pois:

Até o momento toda a discussão acerca da ordenação de dicionários só faz com que o nível da forma e do conceito se confundam, sendo que no campo da forma se exige uma resposta para perguntas que só podem ser respondidas pelo campo do conceito, e vice-versa¹⁴.

Nas palavras de Seabra (2004, p. 34), “a Onomasiologia e a Semasiologia, ao mesmo tempo em que se opõem, complementam-se, constituindo uma boa metodologia para o estudo da forma como se estrutura o Léxico.”

¹³ Hay cuatro criterios que determinan de manera decisiva la selección de entradas de un diccionario, glossário, etc. A tres de ellos podríamos llamar “externos”: su finalidad (descriptiva, normativa, etc.), el grupo de usuarios al que va destinado (especialistas, tradutores, alumnos de bachillerato, público culto, etcétera) y su extensión. El cuarto, de índole “interna”, es el método de selección de unidades léxicas según principios lingüísticos, pero siempre de acuerdo con los otros tres criterios.

¹⁴ Hasta ahora toda la discusión acerca de la ordenación del diccionario tiene el efecto de que se confunden constantemente dos niveles, el nivel de la forma y el nivel del concepto, de que a nivel de la forma se exige una respuesta a preguntas que solo pueden responderse a nivel del concepto y viceversa.

3.4.1. A macroestrutura

A constituição do *corpus* desta pesquisa, na qual analisamos o vocabulário rural do município sul-mineiro de Passos, resultou de uma compilação das lexias encontradas nas 15 entrevistas orais realizadas na zona rural dessa região.

Salienta-se que o conjunto de entradas foi organizado em ordem alfabética, preconizando a metodologia adotada durante as transcrições, a fim de facilitar a consulta.

Primeiramente, de acordo com o método onomasiológico, apresentamos as lexias agrupadas em redes semânticas afins.

Segundo Haensch *et al.* (1982, p. 165), a “ideia fundamental da agrupação onomasiológica é a de se levar em conta as associações que existem entre conteúdos, tanto do ponto de vista da língua como o das coisas”.

Levando em consideração os trabalhos lexicográficos, o autor afirma que é preferível apresentar e estudar o vocabulário por meio de divisões, porque assim vocábulos e termos correspondentes aparecem inter-relacionados.

Em um segundo momento, seguindo o método semasiológico, partimos da palavra para sua significação.

3.4.2. A microestrutura

Foi utilizado para a elaboração da microestrutura do nosso glossário o modelo abaixo:

Forma do Verbetes

Lexia - (dicionarizada) • Estrutura Morfológica • Origem • Definição • Abonação.

Nessa disposição, valemo-nos das informações já apresentadas nas fichas lexicográficas nos itens *Lexia*, *Registro em dicionários*, *Estrutura Morfológica*, *Origem e Abonação*. Introduzimos, ainda, a *Definição* para cada termo. Segue um exemplo completo da forma do verbete, retirado de nosso glossário:

ADOBO • (A) • Nm[Ssing] • Ár. • Tijolo de argila misturado com palha e cozido ao sol. • *Adobo* *cê sabe que que é né?[...]* *Pra fazê parede, adobo que chama.[...]* *As casa, a maió parte era feita de pau-a-pique e adobo.* (Ent. 5, linhas 33, 40, 43)

Passemos, no próximo capítulo, à descrição e análise dos dados catalogados em fichas lexicográficas.



FOTO 09 – Maminha-de-cadela (Fruta típica de Passos/MG)
Fonte: Acervo pessoal

CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Baseando-nos no que já foi exposto, procuraremos descrever e analisar os dados retirados do *corpus*, selecionados a partir de entrevistas realizadas na comunidade rural de Passos, região Sul/Sudoeste de Minas Gerais, apresentados em fichas para fins de sistematização. São 337 lexias, apresentadas em ordem alfabética e transcritas conforme mostram as regras já citadas na seção 3.3.1.3. Passemos à apresentação e análise dos dados.

4.1. As fichas lexicográficas

A seguir, apresentamos as 337 fichas, conforme já explicitadas na seção 3.3.2.

<p>1. ACÁ [ADV] _____ 01 OCORRÊNCIA</p> <p><i>Aí ele tro[u]xe pra cá, ficô munto tempo aqui. De vez em quando a menina vinha <u>acá</u> vê o Bob.</i> (Ent. 1, linha 160)</p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none">1. Bluteau: n/e2. Moraes: <p><u>A cá</u>. “v. cá.” “Cá, adv. Neste lugar. Este adv. tem significação semelhante à de aqui; mas não é tão demonstrativo.”</p> <ol style="list-style-type: none">3. Laudelino Freire: <p><u>Aca</u>. “Adv. Ant. 1. Cá, para cá. // 2. Aqui, neste lugar: “Já devia estar bem longe de acá.” (V. de Taunay).”</p> <ol style="list-style-type: none">4. Aurélio: n/e5. Cunha: <p><u>Cá</u>. “adv. ‘neste lugar, aqui’ / XIII, <i>aca</i> XIII, <i>acaa</i> XIV, <i>aqua</i> XIV / Da var. ant. <i>aca</i>, derivado do lat. <i>eccum hac</i> ‘eis aqui’. No port. Med. as vars. <i>aca</i> e <i>aco</i> (< lat. <i>eccum hoc</i>) concorriam com aqui e cá; v. aqui.”</p> <ol style="list-style-type: none">6. Amadeu Amaral: n/e
<p>2. ACUDIR [V] _____ 05 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>E daí quando nós todo mundo () nós envinha embora, os cachorrinho da C., um pititinho latiu cum ela () envinha um grandão, juntô nessa cachorrinha debaixo do pé de café, eu falava: “vai lá L. <u>acuda</u>, vai <u>acuda</u> se não vai matá, o cachorrão é grande”.</i> (Ent. 1, linha 126)</p> <p><i>Óia p cê vê J.: chega perto/chegá pessoa duente/ chega lá ea tá duente precisa oiá, <u>acudi</u>. Gente mijado, cagado ().</i> (Ent. 1, linha 183)</p> <p><i>INF.: Uai, é assim: a pessoa tá morre e não morre igual tá no hospital fica oiano/os infermero fica oiano toda hora. Aí tinha que juntá os vizinho e a famia e ia passá a noite. PESQ.: Pra vigiá? INF.: É. Pa <u>acudi</u>. Pô vela.</i> (Ent. 13, linha 562)</p> <p><i>INF.: É. Rezava terço. Aí é/ aí da moda, a famia num guenta no finzinho da vida aquele sofrimento. Aí o povo juntava pa <u>acudi</u>. Ficava de companhia ali.</i> (Ent. 13, linha 567)</p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none">1. Bluteau: <p><u>Acudir</u>. Ajudar a alguém.</p> <ol style="list-style-type: none">2. Moraes: <p><u>Acudír</u>. v. at. Vir trazer socorro, auxílio ao que o implora.</p> <ol style="list-style-type: none">3. Laudelino Freire: <p><u>Acudir</u>. v.r.v. Ir em socorro ou em auxílio, valer na dificuldade.</p> <ol style="list-style-type: none">4. Aurélio:

Acudir. v.t.i. 1. Ir em socorro, auxílio; socorrer; auxiliar.

5. Cunha:

Acudir. vb. ‘vir em socorro de, acorrer’ XIII. Da antiga forma *recudir* (do lat. *recutere*), frequente no port. med., com troca de prefixo.

6. Amadeu Amaral: n/e

3. ADOBO Nm [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

Adobo *cê sabe que que é né?[...] Pra fazê parede, adobo que chama.[...]As casa, a maió parte era feita de pau-a-pique e adobo.* (Ent. 5, linhas 33, 40, 43)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Adobe. Adobe, Adôbe. Espécie de ladrilho grosso, não cozido ao fogo, mas seco ao sol.

2. Moraes:

Adôbe. s.m. Tijolo de barro quadrado cru. Suas casas são de adobes [...].

3. Laudelino Freire:

Adôbo. s.m. ar. at-tob. Tijolo grande, não queimado, tijolo cru.

4. Aurélio:

Adobo. s.m. 1.V. *adobe*¹: “atravessou correndo o quintal até ao chuveiro —desajeitado chalezinho de adobo sem reboco.” (Mário Palmério, *Vila dos Confins*, p. 22). [Pl. *adobos* (ô). Cf. *adobo*, do v. *adobar*.] Tijolo cru, seco ao sol.

5. Cunha:

Adobe. sm. ‘tijolo de argila misturado com palha e cozido ao sol’ / 1562, adoue XV / Do ar. at – tub.

6. Amadeu Amaral: n/e

4. ADONDE [ADV] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Eu vô vê adonde minhas galinha tá. /Eu vô vê adonde minhas galinha tá. (Ent. 15, linhas 326 e 327)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Adonde. “Adverbio local. Adonde vas? Duo abis? Quo te agis? Terent. Vid. Donde”

2. Moraes:

Adonde. “é erro. Ver aonde; sendo *a*, prep. junto a palavra relat. onde: v.g. o lugar aonde estou, i. e., no qual estou. Em *adonde*, junta-se de *a* perissologicamente: o mesmo é de d’onde.” Tomei adonde saira” é correto, i. e., tomei, ao lugar d’onde saira.”

3. Laudelino Freire:

Adonde. “adv. Ant. O mesmo que aonde: “Irei adonde os fatos ordenaram” (Dic. Acad. Lisb.). // 2. Ant. e Pop. O mesmo que onde: “Uma ilha nas partes do Oriente, adonde o duro inverno os campos reverdece alegremente” (Dic. Acad. Lisb.). “Adonde você já viu falar em paqueiro que não acoe tatu...?” (Valdomiro Silveira)”

4. Aurélio:

Adonde. “Adv. Ant. Pop. 1. Aonde: “esse caminho/ Bem sei adonde vai” (Fr. Agostinho da Cruz, Obras, p. 1918; “--De noite a gente come. / -- Aonde? / -- Não sei.” (Bariani Ortêncio, *Vão dos Angicos*, p.103.” 2. Onde: “Se eu fosse as pedras morenas / Lá da serra adonde estás / As pedras seriam penas, / As penas que tu me dás...” (Augusto Gil, *O craveiro da Janela*, p. 14); “-- Mas o que é que anda fazendo? / -- Procurando serviço. Será que ocê, que conhece tudo aqui pra vila, sabe adonde tem?” (Amadeu de Queirós, João, p. 15). Interj. 3. Bras. Pop. Qual! Não é possível: Pode me emprestar algum dinheiro? / -- Adonde meu amigo!”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Adonde “onde, adv. / Só nas partes mais altas pareciam / Uns vestígios das torres que ficavam, / Adonde a vista o mais que determina / É medir a grandeza co’a ruína. (G. P. de Castro, “Ulisséia”). Também no Norte do Brasil persiste esta forma: Eu ante queria sê / a pedra adonde lavava / sua roupa a lavandera. (Cat., “Meu Sertão”)

5. AFAVACA Nf [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Eu gosto dele bem quente, bem quente memo. Esse chazinho de afavaca, de hortelã, eu só não gosto de funcho. Funcho eu não gosto não. (Ent. 1, linha 274)

PESQ.: O senhor tomava chá de quê? INF.: De afavaca, era de todo jeito. (Ent. 9, linha 277)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Alfavaca. Alfava, Alfavaca. Erva. Vid. Alfabaca.

2. Morais:

Alfaváca. s.f. Herva (*parietaria nurallis*)

3. Laudelino Freire:

Alfavaca. s.f. ar. al-hahaca. Gênero de plantas da família das labiadas, de que muitas espécies são cultivadas nos jardins por causa do aroma e da beleza das fôlhas.

4. Aurélio:

Alfavaca. [Do ár. al-*abaqa(t).] s. f. 1.Bot. Planta hortense, da família das labiadas, do gênero *Ocimum*, cultivada nos jardins pelo seu aroma e pela beleza das folhas utilizada como condimento. [Var.: *alfábega*, *alfádega*, *alfádiga*, *alfavega*, *alfávega*.]

5. Cunha:

Alfava. sf. 'planta hortense da fam. das labiadas' / XVIII, alfauega XIV, alfauava XVI / Do ár. hisp. Al – habaqâ.

6. Amadeu Amaral: n/e

6. AGORO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

PESQ.: Por que se escutasse o gavião cantando era ruim? *INF.*: Era agoro. (Ent. 13, linha 322)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Agouro. Agouro, na sua mais ampla significação, he o final, ou presságio de qualquer cousa futura, de qualquer bom, ou não sucesso. Augurium ij. Neut. Cic. Vid. Presságio.

2. Morais:

Agòuro. s.m. Predicção do successo futuro, fundada na observação do canto, e vôo das aves; e fig. De quaesquer sinaes tão insignificantes como o vôo das aves, em que muitos cuidão, que há connexão com successos incertos.

3. Laudelino Freire:

Agouro. s.m. Lat. augurium. Augúrio, pressagio ou vaticínio fundado na observação do voo ou canto das aves. // 2. predição, profecia, prognóstico. // 3. Qualquer sinal em que muitos acreditam haver conexão com sucesso incertos.

4. Aurélio:

Agouro .[Do lat. *auguriu*.] Substantivo masculino. 1.Predicção baseada no vôo ou no canto das aves; augúrio. 2.Profecia, prognóstico, vaticínio, predição, augúrio. 3.Presságio, pressentimento, previsão, augúrio: “A visita pareceu de mau agouro ao médico.” (Machado de Assis, *Contos Fluminenses*, p. 38.) 4.Sinal que pressagia; augúrio. 5.Presságio de coisa má; mau agouro. [Var.: *agoiro*.]

5. Cunha:

Agouro. sm. 'predição do futuro, (mau) presságio' / XVI, agoiro XIII, agoyro XIII / Do lat. vulg. *augurium (cláss. augurium)

6. Amadeu Amaral: n/e

7. AJITÓRIO Nm [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

PESQ.: Mutirão? Mutirão é quando juntava um monte de gente? *INF.*: Isso. Uns falava mutirão, otos falava ajitório. *PESQ.*: Como? *INF.*: Ajitório. (Ent. 14, linhas 494 e 496)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha:

Adjutório. Do lat. Adjutor –oris // XV.

6. Amadeu Amaral: n/e

8. ALEMBRAR[V] _____ 06 OCORRÊNCIAS

Já pensô setenta e sete. Eu alembro dereitinho. Aí eu ganhei a foinha e puis no quadro. (Ent. 4, linha 197)
Ah, não. Aquela lá eu não alembro. (Ent. 10, linha 168)
Não, dos Medero. Não alembro. (Ent. 10, linha 170)
Cê num alembra dela não. Ele era muito chique. (Ent. 10, linha 332)
Ninguém / quem alembra quando tinha quato ano minina? (Ent. 10, linha 587)
Eu alembrei dele, aí eu falei trem bobo po J. (Ent. 13, linha 191)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Alembra. “Vid. Lembrar”

2. Moraes:

Alembrado, alembração. “&c. v. lembrado, lembrança, lembrar.”

3. Laudelino Freire:

Alembra. V.r.v. O mesmo que lembrar: “Mais estancas cantara esta sirena em louvor do ilustríssimo Albuquerque, mas alembrou-lhe u’a ira que o condena, posto que a fama sua o mundo cerque” (Camões). “Alembra-me que outrora... conheci um corício em anos já maduros, dono duma chãzinha ali desamparada” (Castilho).”

4. Aurélio:

Alembra. “[De a-4 + lembrar.] V.t.d. / V.t. d. e i. / V. p. Ant. Pop. 1. Lembrar: “encanecidos / Pescadores de outrora alembam com saudade / As pescarias” (Vicente de Carvalho, Versos da Mocidade, p.124); “Algumas vezes eu me alembro duma / tarde na roça” (Gilberto Mendonça Teles, Sociologia Goiana, p. 34).”

5. Cunha:

Lembrar. vb. ‘trazer à memória, fazer recordar, notar, advertir’/XV, membrar XIII, nembrar XIII etc./Do lat. *memorare*.

6. Amadeu Amaral:

Alembra: “lembrar, v. // Esta prótese vem de muito longe na história da língua, e ainda é pop. Alembra-vo eu lá? (Gil V., “Auto da Índia”)”

9. AMARELÃO Nm [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

INF. 2: *Ês fala até hoje, é mas () amarelão dá/a pessoa dá amarelão.* INF. 1: *Hoje ês fala hipatite.* (Ent. 1, linha 518)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Amarelão. s.m. De amarelo + ao. O mesmo que ancilostomose.

4. Aurélio:

Amarelão. [De *amarelo* + *-ão*¹.] Bras. Substantivo masculino. 2.Bras. V. *ancilostomíase*

5. Cunha:

Amarelão. Do lat. hisp. **amarellus*, do lat. *amarus*. Século XX.

6. Amadeu Amaral:

Amarelão, marelão. s.m. - ancilostomose.

10. ANGU Nm [Ssing] _____ 06 OCORRÊNCIAS

INF. 2: *Almuçava né e depois levava merenda, né?* INF. 1: *Levava angu doce, né?* INF. 2: *Angu doce. Eu lembro, minha mãe fazia. ... Mamãe fazia muito angu doce.* (Ent. 9, linhas 190, 191 e 194)

Levava uma lata de mio po munho e fazia fubá, do fubá fazia o angu, fazia o bolo, fazia o mingau, fazia tudo do fubá. (Ent. 11, linha 121)

INF.: *Aí mandô pô aquê angu de fubá de munho nas costa. Eu tenho o sinale até hoje, quemado, a mancha.* PESQ.: *Mandô pô o quê?* INF.: *Angu de fubá de munho nas costa.*” (Ent. 2, linhas 72 e 77)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Angu. s.m. Papa espessa de farinha de mandioca feita com caldo de carne; pirão, pirão de angu.

4. Aurélio:

Angu. [De or. afr.] Substantivo masculino. 1. Bras. Massa consistente de farinha de milho (fubá), de mandioca, ou de arroz, com água e sal, esaldada ao fogo. [Cf. *polenta*.] 2. Santom. Cul. Massa de banana cozida com que, depois de fria, se fazem bolas que acompanham a maior parte das iguarias em que há molho: “Na hora do ‘angu’ / Do clássico calulu de peixe / Todos se juntam” (Alda Espírito Santo, *É Nosso o Solo Sagrado da Terra*, p. 71).

5. Cunha:

Angu. sm. ‘papa espessa de farinha de milho, de mandioca ou de arroz, cozida com pouca água’ 1844. Do ioruba a’nu.

6. Amadeu Amaral: n/e

11. ANTÃO [ADV] _____ 05 OCORRÊNCIAS

Aí, antão eu acho que o meu pai/ a minha mãe é que tava certa e meu pai tava errado. Porque meu pai achô que eu ia ficá feinho. (Ent. 2, linha 13)

Antão, na nossa terra, quando nós morava... (Ent. 2, linha 23)

Antão lá vai, vô chutá. (Ent. 2, linha 127)

Antão ela é minha subrinha. (Ent. 2, linha 139)

Antão. () (Ent. 3, linha 121)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Antão. adv. Lat. *intunc*. Pop. O mesmo que então.

4. Aurélio:

Antão. Advérbio. 1. Ant. Pop. Então: “já voltava para o Zeca Estevo, num passo ondulado e mole, quando este quis saber o nome da doença: “— Antão, meu patrão velho, o que é que eu tenho?” (Valdomiro Silveira, *Os Caboclos*, p. 71.)

5. Cunha:

Então. adv. ‘nesse ou naquele tempo, momento ou ocasião/*entō* XIII, *enton* XIII etc./Do lat. *in tunc*.

6. Amadeu Amaral:

Antão. *então*, ad.: - “*Antão* ela reparou bem em mim, não disse mais nada, e saiu adiante”. (V. S.) |Filhos forão, parece, ou companheiros, E nella **antão** os incolas primeiros. (Camões, “Lus.”).

12. APERTO Nm [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

E criava aquê tanto de fio e aquea pobreza, aquele aperto. Oh, criô todo mundo. Todo mundo cresceu, cumeu, bebeu, prendeu trabaiá. Tá tudo véio, graças a Deus. (Ent. 1, linha 584)

Num dá assintença, num dá nada, né? Intão é (). Troxe mais aperto pa vida, né? De primero trabaiava, tinha mais jeito de passia, tinha tempo. (Ent. 3, linha 32)

Porque o povo fala que todo véio foi pião. Mais é porque o povo de antigamente tinha aperto. (Ent. 11, linha 260)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Apérto. s.m. Pobreza. Falta do necessário. Res anguste. Horat. Rei familiaris angustia. Estar em grande aperto. *Cogi in angustian. Terent.*

2. Moraes:

Apérto. s.m. Pobreza, falta do necessário.

3. Laudelino Freire:

Apérto. s.m. 9. Desgraça, dificuldades, embaraço grave. //10. Penúria, pobreza, indigência.

4. Aurélio:

Aperto. (ê) [Dev. de *apertar*.] Substantivo masculino. 5. Situação difícil, aflitiva, embaraçosa, perigosa, etc.; apertada, apertadela, apertado, apertão, abertura, apuro.

5. Cunha:

Aperto. Do lat. *apertorare*. Século XV.

6. Amadeu Amaral: n/e

13. APIAR [V] _____ 03 OCORRÊNCIAS

A hora que ocê apiô do carro, que eu peguei na sua mão e fui cunversa cocê, cê lembra que que o J. falô? (Ent. 2, linha 132)
Ja um tocano os animale, a tropa assim arriada e apiava pa ajudá carregá. (Ent. 4, linha 43)
O carro impurrô ela. Mais' ela que foi curpada. Que ela apiô do carro do pai dela e foi correno. (Ent. 13, linha 145)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Apear. Tirar a alguém o cavallo.

2. Morais:

Apear. v. at. Fazer pór a pé.

3. Laudelino Freire:

Apear. v.r.v. De a + pé + ar. Fazer descer de cavalo, carro, trem, etc.; desmontar.

4. Aurélio:

Apear. v.t.d. 3. Descer de montaria ou viatura.

5. Cunha:

Apear. Do lat. *pes pedis*. XVI.

6. Amadeu Amaral:

Apeá(R). v. i. - voc. port., que no dial. apresenta a particularidade de envolver, correntemente, a idéia de "hospedar-se": "Quando chegô? Adonde apeô? - *Apeei* na casa do Chico, perto de onde tenho meus que-fazê".

14. ARADO Nm [Ssing] _____ 09 OCORRÊNCIAS

() Trabaivava era cum boi, cum arado. Boi, essas coisa, né? Carro de boi, num tinha carro num tinha nada. (Ent. 3, linha 18)

E a roça de arado. Marrava o arado atrás dos boi. Cê num sabe que que é arado. Cê ainda num viu não. (Ent. 4, linha 151)

Riscão. É ó, rapidinho. Que mais que usava, era arado. (Ent. 4, linha 161)

Lugá/ naquê tempo quais que nem arado num tinha. Arado era de boi. Arado de boi ficava muito male arado. Num ficava bão, né? (Ent. 14, linha 507)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Arado. Derivase do Grego *Aroein* que quer dizer *Arar*. He um instrumento, que serve de romper a terra, e de desarraigá a má erva, e dispor o terreno para receber as ferramneteiras. Lavra com dois Boys no que se differença da charrua, que lavra com seis, ou oito. Consta de dois páos, hum pegado no fim do outro, & no primeyro vay a sega no meyo que corta a terra por cima, no mesmo vão duas Aivecas, & no fim deste páo vai o ferro do arado, que tem bico, & rompe a terra por baixo. Os nomes dos páos, de que He composto, são Temão, Ouca, Chavilhão, Rabiça, Relhas, Meixilho, Teiró, Tempera Rabello, soles &c.

2. Morais:

Arado. s.m. Instrumento de abrir os regos na terra, para se semeyar; consta de peças cujos nomes são sega, aivecas, temão, ouça, tempera, Rabello, solles, dental do arado.

3. Laudelino Freire:

Arado. s.m. lat. aratrum. Maquina agrícola usada para lavras a terra. //3. lavoura, vida agrícola.

4. Aurélio:

Arado. [Do lat. *aratru*, com dissimilação.] Substantivo masculino. 1. Instrumento para lavrar a terra.

5. Cunha:

Arado. Do latim aratio -onis// sm. 'instrumento agrícola para lavrar a terra' XVII.

6. Amadeu Amaral: n/e

15. ARGODÃO GANGA NCm [Ssing + ADJsing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

PESQ.: Algodão o quê? INF.: Argodão ganga. PESQ.: Ganga? Não! Que que é o algodã ganga? INF.: Eu tinha aqui um punhado de semente de argodão ganga. Que ele é um remédio munto bão./ Eu tinha/ o argudão é ganguinha. (Ent. 10, linhas 380, 382 e 383)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

<p>4. Aurélio: <u>Algodão ganga</u>. sf. Tecido forte, azul ou amarelo.</p> <p>5. Cunha: <u>Algodão</u>. sm. ‘conjunto de fios alvos, macios e compridos, que envolvem as sementes do algodoeiro’/algodõ XIII, -dom XIII –dam XV etc. / Do ár. Hisp. al-qutun. <u>Ganga</u>¹. sf. Espécie de tecido originário da Índia’ /canga XVI/Do chinês káng.</p> <p>6. Amadeu Amaral: n/e</p>
--

<p>16. AROERA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA</p> <p><i>Cortava um gaio de aroera. E punha fogo nele.</i> (Ent. 5, linha 174)</p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1. Bluteau: <u>Aroeira</u>. V. Lénstisco. Léntisco he a nossa aroeira. Grisl. Desenganada. Medicina. pag. 7.</p> <p>2. Morais: <u>Aroèira</u>. s.f. V. Lentisco. Aroeira, no Brasil, arbusto de folhas aromáticas, que dá umas camarinhas vermelhas. & it. Uma arvore que dá madeira para obras, cujo miollo é mui rijo, e atura muito em esteyos enterrados no chão.</p> <p>3. Laudelino Freire: <u>Aroeira</u>: s.f. Tupi ara + uera. Arvore da família das anacardeáceas, cuja madeira é própria para construções externas e cujas fôlhas, flores, frutos, casca e suco tem valor medicinal (Schinus molle, Lin.): “Há a crença de que quem dorme à sombra desta ou das demais espécies e variedades de aroeira, contrai tumores nas articulações e erupção da pele semelhante à escarlatina e ao sarampão” (Pio Correia). //Sinôn.: aroeira fôlha de salso, aroeira-salso, corneíba, pimenteira do Perú, pimenteira bastarda.</p> <p>4. Aurélio: <u>Aroeira</u> .[Do ár. ‘earE, ‘lentisco’, + -eira, com aférese do <i>d</i> (que se teria confundido com o da prep. <i>da</i>).] Substantivo feminino. Bot. 1.Árvore ornamental, da família das anacardiáceas (<i>Schinus molle</i>), de madeira útil, cuja casca possui várias propriedades medicinais e cujos frutos, drupáceos, contêm matéria tintorial rosa; abaraíba, aguaraiá-guaçu, aroeira-do-amazonas, aroeira-folha-de-salso, corneíba, pimenteira-do-peru. 2.V. <i>urundeúva</i>.</p> <p>5. Cunha: <u>Aroeira</u> . sf. ‘planta ornamental da fam. Das anacardiáceas’ / daaroeyra XV, adaaroeyra XV/ Do ár. daru ‘lentisco’ +eira; na forma atual houve aférese do da-, confundido com a preposição: daaroeyra – da aroeira.</p> <p>6. Amadeu Amaral: n/e</p>
--

<p>17. ARRAIÁ Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA</p> <p><i>Conta o negócio lá do arraiá do Gancho.</i> (Ent. 2, linha 202)</p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1. Bluteau: n/e</p> <p>2. Morais: n/e</p> <p>3. Laudelino Freire: <u>Arraiál</u>. s.m. 6. Pequena aldeia.</p> <p>4. Aurélio: <u>Arraiál</u>. [De <i>ar</i>-² + ant. <i>reial</i>, hoje <i>real</i>, ‘do rei’.] Substantivo masculino. 1. 5.Bras. Aldeola, lugarejo.</p> <p>5. Cunha: <u>Arraiál</u>. ‘lugarejo’/aroyal XIV, arreal XIV, reaall XIV, rroyal XIV etc./ Provavelmente do adj. Real, no seu sentido específico de ‘acampamento do rei’.</p> <p>6. Amadeu Amaral: n/e</p>

<p>18. ÁRVE DE ÓLEO NCF [Ssing + prep + Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>Essa qualidade () aquea árve de óleo devia dá um tanto de madeira. ... Árve de óleo, árve de óleo.</i> (Ent. 1, linhas 407 e 415)</p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1. Bluteau: n/e</p> <p>2. Morais: n/e</p>
--

3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Árvore. sf. ‘vegetal lenhoso cujo caule, chamado tronco, só se ramifica bem acima do solo’ XIII. Do lat. *arbor – oris*.

Óleo. sm. ‘nome comum a substâncias gordurosas, inflamáveis, de origem animal, vegetal ou mineral’/oyo XIII, *olio* XIV/ Do lat. *oleum*.

6. Amadeu Amaral: n/e

19. ASSISTENTE DE CRIANÇA Ncf [Ssing + prep + Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Ah, era difíci. Era difíci e/ lá.../ Pa cumeçá quando nascia uma criança nem no hospital num vinha, né? Era tudo.../ inclusive minha avó era/ era assistente de criança. Quando ia nascê criança piquena, ela é/ meu avô até falava ‘ah, essas pessoa assim...’ (Ent. 14, linha 11)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Assistente. XV, do lat. *ad-systemere*.

Criança. sf. ‘ser humano de puca idade, menino ou menina’ XIII, do lat. *creatura*.

6. Amadeu Amaral: n/e

20. ATIVO Nm [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Não, ês é ativo. Essa raça de cachorro, ês é isperto. (Ent. 1, linha 154)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:
4. Aurélio:

Ativo ou activo: adj. Lat. *activus*. 4. Diligente, laborioso, expedito.

Ativo. [Do lat. *activu*.] Adjetivo 3. Que se caracteriza principalmente pela ação, pelo movimento, pela diligência; vivo, ágil, enérgico, rápido (em oposição a lento, lerdo): *Insistiu para que no futuro fosse mais ativo, mais interessado nas tarefas a seu cargo.*

5. Cunha:

Ativo. adj. ‘vivo, ágil’ II activo XVI, autiuo XV I Do lat. *Activus*.

6. Amadeu Amaral: n/e

21. ATRELADO Nm [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

É. A junta de guia são dois boi. Que ês é atrelado dois, né? (Ent. 14, linha 338)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Atréllado. p. pass. De *atrellar*. Palm. P. 4. F. 28. “as feras atrelladas”.

3. Laudelino Freire:

Atrelado. adj. P. p. de *atrelar*. 2. Metido no varais do carro (falando-se de animais)

4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Atrelado. Do lat. **tragella*, dim. de *tragula*./-lla XVI.

6. Amadeu Amaral: n/e

22. AZEITE DE MAMONA NCm [Ssing + prep + Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

PESQ.: Ahn? E aí fazia o que com a candeia? INF. 1: Punha azeite/ azeite de mamona. ... Azeite de mamona...(Ent. 9, linhas 205 e 209)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Azeite. sm. 'óleo de azeitona' XIII. Do ár. *azáit*.

Mamona². sf. 'planta planta da fam. Das euforbiáceas, o fruto dessa planta' 1813. Do quimbundo *mu'mono*, com interferência de *mamão*, provavelmente.

6. Amadeu Amaral: n/e

23. BACADA Nf [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Vinha sentado dento do carro. () dava muita bacada. (Ent. 5, linha 245)

Parece que de carro é perto, mas pa i rodano de carro de boi, dano bacada porque num tinha istrada. (Ent. 11, linha 48)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Bacada .[De *baque* + *-ada*¹.] Substantivo feminino. 1.Bras. S. Baque produzido em veículo por acidente de terreno.

5. Cunha:

Bacada. De baque. De origem onomatopaica.

6. Amadeu Amaral: n/e

24. BACIADA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Levava aquelas baciada de cumida, levava os prato... (Ent. 5, linha 67)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Baciáda. s.f. O liquido, que se contém n'uma bacia.

3. Laudelino Freire:

Baciada. s.f. De *bacia* + *ada*. Porção de liquido que enche ou quasi enche uma bacia; conteúdo de uma bacia.

4. Aurélio:

Baciada .[De *bacio* ou *bacia* + *-ada*¹.] Substantivo feminino. 1.O conteúdo que enche ou quase enche um bacio ou bacia.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

25. BADULAQUERA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

PESQ.: Ela faz biscoito de pau-a-pique? INF. 2: É, bolo. Essa badulaquera... (Ent. 1, linha 104)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

26. BAGAÇO Nm [Ssing]

02 OCORRÊNCIAS

O açuca faiz do ponto do melado. Dexa posa no cocho. Dexa ele () lá. Dipois tem uma forma assim ó. Que aqui no fundo da forma tem uns buraco. Aí forra de bagaçõ e põe melado ali. Aquê melado espaiado e põe mais bagaçõ em cima e põe um barro bem limpinho por cima. Aí aquele barro vai passano e vai lavano aquê melado e o melado preto sai tudo embaxo. E fica aquele açúca crarinho. (Ent. 11, linha 236)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Bagaçõ. Bagâçõ. As pelles, cascas, folhelhos, & bagulho, que ficaõ no lagar despois das uvas espremidas.

2. Moraes:

Bagaçõ. s.m. A pelle, cascas, folhelhos e outros sobejos de frutas, e canas de assucar, azeitona, cujo succo se extrahio.

3. Laudelino Freire:

Bagaçõ. s.m. *De бага + açõ*. Parte fibrosa da cana de açúcar depois de prensada.// 2. Resíduo de frutos, de ervas ou de qualquer outra substância que foi espremida para lhe tirar o suco.

4. Aurélio:

Bagaçõ. [De бага + -açõ.] Substantivo masculino. 1. Resíduo de frutos ou de outras substâncias depois de extraído o suco; engaço.

5. Cunha:

Bagaçõ. Do lat. *bāca* // Século XIV.

6. Amadeu Amaral: n/e

27. BAIETA Nf [Ssing]

07 OCORRÊNCIAS

Tava lá na rede. A gente foi criado na rede cum baieta. A gente foi imbruiado cum baieta. (Ent. 10, linha 191)

Baieta é uma coisa que vem da Bahia. Um tecido que vem... que vem da Bahia. (Ent. 10, linha 193)

É que nem assim/ esse tecido aqui... vermeinho/ a baieta. (Ent. 10, linha 197)

Baieta/ a palavra é vermeia. (Ent. 10, linha 199)

É a palavra é vermeio/ baieta. (Ent. 10, linha 201)

Se ocê ficá neivosa, ficá vermeia... Cê tá feito uma baieta. (Ent. 10, linha 203)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Baeta. Baêta. Pano de laã, a que ou com o uso, ou com instrumentos se levanta o pelo. Há de muitas castas. Baeta, a que chamaõ Castelete, que he de cincoenta, & quatro fios.

2. Moraes:

Baêta. s.f. (ou antes bayèta) Tecido de lã, grosseiro, felpudo. (*Ital. baietta*; a frisa, ou avesso dos panos de lã)

3. Laudelino Freire:

Baeta. s.f. *Lat. Baetica*, n. p. Tecido felpudo e grosseiro de lã.

4. Aurélio:

Baeta. (ê) [Do ant. picardo *bayette*.] Substantivo feminino. 1. Tecido felpudo de lã.

5. Cunha:

Baeta. sf. 'tecido felpudo de lã' XVI Do ant. picardo bayette, deriv. Do lat. *badius* 'baio' (primitivamente, este pano era da cor castanha).

6. Amadeu Amaral: n/e

28. BALAIÓ Nm [Ssing]

06 OCORRÊNCIAS

INF.: Carguero é/ ês arruma dois jacá assim feito de taquara. PESQ.: O quê? INF.: Jacá, balaio." (Ent. 14, linha 171)

É esses balaio de taquara. Cê cunhece esses balaio, né? (Ent. 14, linha 173)

Intão, uns fala balaio e otos fala jacá. Intão ê punha duas arça neles e tinha aquês arreio/ duas arça em cada um e cada um, um gancho assim. Intão punha ês assim ó... (Ent. 14, linha 175)

Usava tocinho e punha ali. Quando num era no balaio, ota hora no caxote. (Ent. 14, linha 240)

E nós tinha que cortá, abri, ficava no balaio certinho assim. Aí cardava, a mamãe cardava/ as muié fiava. Eas fazia murirão de fiado, eu lembro. Cada uma lá vai ca sua rodinha na cacunda. Aí fazia esse fiado, ticia e fazia gasaio de frio. (Ent. 13, linha 540)

Registro em dicionários:

<p>1. Bluteau: <u>Balayo</u>. He a modo de cestinho de vimes pintados, mas tem tapador.</p> <p>2. Morais: <u>Balaio</u>. s.m. Espécie de cesta de palhinha, de que usão as saloyas; outros há que vem do Brasil, matizados de cores, de palha, mais Gross, para vários usos. Leão, Orig. 6.5.”alquicé, filele, balaio.”</p> <p>3. Laudelino Freire: <u>Balaio</u>. s.m. Cêsto de palha, taquara, cipó ou bambu, com tampa e semelhante na forma a um alguidar, para transportar ou guardar objetos miúdos.</p> <p>4. Aurélio: <u>Balaio</u>¹. [Do fr. <i>balai</i>, poss.] Substantivo masculino. 1.Cesto de palha, de talas de palmeira, ou de cipó, com tampa ou sem ela, geralmente com o formato de alguidar; patuá</p> <p>5. Cunha: <u>Balaio</u>. sm. ‘tipo de cesto de palha’/ -layo XVI/ Do fr. Balai, de origem gaulesa.</p> <p>6. Amadeu Amaral: <u>Balaio</u>¹ s. m. - espécie de cesto de taquara, sem tampo, destinado a depósito ou condução de variadíssimos objetos, mas principalmente usado pelas mulheres para guardar apetrechos da costura.</p>
--

<p>29. BAMBU ~ BAMBULE Nm [Ssing] _____ 05 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>...Ela pode sê feita cum <u>bambu</u> tamém () o <u>bambu</u> faiz a istera tamém mais naquele tempo ês fazia mais só de taquara porque taquara era o que tinha muito. Agora hoje ês faiz só de <u>bambu</u> porque memo taquara quase não existe mais. (Ent. 14, linhas 434, 436 e 437)</i></p> <p><i>Os pau-a-pique é uns <u>bambule</u> assim. ... Aí punha () embaxo, punha os caibro em cima e trançava de <u>bambu</u>. E aí, massava barro e jogava e ia jogano () fazia parede de casa de pau-a-pique. (Ent. 5, linhas 45 e 51)</i></p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1. Bluteau: <u>Bambu</u>. Vergel. de Plantas, & c. pag. 202.</p> <p>2. Morais: <u>Bambu</u>. s.m. Espécie de cana mui alta, e grossa, a que no Brasil chamaõ taquaruçu; os gomos desta cana servem para vasos d’água, e existem assás ao fogo, para nelles se guizar a comida: há machos, e fêmeas. Cron. J. III. P. 4. c. 84. Luc. 888. “A poder d’açoures dos Bambús.</p> <p>3. Laudelino Freire: <u>Bambú</u>. s.m. Planta da família das gramináceas, cujos colmos e folhas tem numerosas aplicações na indústria.</p> <p>4. Aurélio: <u>Bambu</u>. [Do malaio.] Substantivo masculino. 1.Bot. Gramínea bambusácea que se caracteriza pela altura excepcional do colmo, em algumas espécies; é vastamente distribuída pelas zonas tropicais e subtropicais de ambos os hemisférios [v. <i>bambusa</i> (2)]. 2.Bot. Qualquer espécime do gênero bambusa (q. v.). [Sin. (bras.), nesta acepç.: <i>bambueira</i>.]</p> <p>5. Cunha: <u>Bambu</u>. sm. ‘graminea caracterizada pelo colmo que atinge muitos metros de altura’ / XVII, mambu XVI/ De origem malaia, mas de étimo mal determinado, talvez oriundo de um idioma neo-árico; cf. marata bambu.</p> <p>6. Amadeu Amaral: n/e</p>
--

<p>30. BANDA Nf [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>Cinco de cada <u>banda</u>, né? (Ent. 4, linha 217)</i></p> <p><i>A pessoa chega na porta e oia aquilo lá já é uma sombração. Porque o pé do difunto fica anssim pa <u>banda</u> da porta ó. O nariz fica anssim debaxo do lençole. Ah, gente mais é feio difunto lá na roça. Mais é muito feio. Só de chegá na porta representa que é uma sombração. (Ent. 4, linha 22)</i></p> <p><i>É. Diz que é tava trabaiano, decerto é num guentô ficá dento de casa. Aí diz que pegô ê pa <u>banda</u> do Itaú. Na MG memo aqui. Em Itaú. (Ent. 13, linha 210)</i></p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1. Bluteau: <u>Banda</u>. Parte, ou lugar. De huma, & outra banda. <i>Utrinque</i>. Ex. <i>utraque</i> parte. Da outra banda, defronte. Ex adversa parte. A prya da banda de alem. Ulterior ripa. A prai da bãda de aque. Ripa citerior. Vid. Parte. Vindo á banda, diz Francisco de Sá de aquelle, que claramente se mostra inclinado para alguma coisa.</p> <p>2. Morais: <u>Bánda</u>. s.f. Lado: v.g. desta banda, d’aquela. (<i>Ital. banda</i>)</p>

<p>3. Laudelino Freire: <u>Banda</u>. s.f. B. lat. <i>Banda</i>, do gót. Parte lateral; lado. 4. Aurélio: <u>Banda</u>. [Poss. do provenç. <i>banda</i>, ‘lado’, < gót. <i>bandwa</i>, ‘estandarte’.] Substantivo feminino. 1. Parte lateral; lado: <i>Caminhava pela <u>banda</u> da estrada</i>. 2.V. lado (7): <i>Foi excluído da chapa do partido porque passou para a <u>banda</u> dos dissidentes</i>. 5. Cunha: <u>Banda</u>¹. sf. ‘lado (de navio), parte, margem’/ <i>bamda</i> XV. Origem controvertida. 6. Amadeu Amaral: n/e</p>

<p>31. BANGUÊ Nm [Ssing] _____ 09 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>INF. 2: Mais tinha lá fazia muito isso. Marrava o pau em cima do difunto. PESQ.: Tadinho do difunto. E como chamava esse pau? Tinha um nome? INF. 2: <u>Banguê</u>. PESQ.: Ah, falava banguê. INF. 2: Marrava num <u>banguê</u>. Aqui era o difunto, punha o pau em cima. (Ent. 4, linhas 54 e 56)</i> <i>PESQ.: Trazia no quê? Cavallo. INF. 2: No <u>banguê</u>. (Ent. 5, linha 104)</i> <i>Agora, quando é morto ês fala no <u>banguê</u>, né?... <u>Banguê</u>. Era uma vara cumprida assim que trançava de corda e punha a pessoa assim. (Ent. 5, linhas 111 e 113)</i> <i>INF. 1: Uai, trazia na cacunda, no <u>banguê</u>. PESQ.: Ê, o famoso banguê, né? INF. 1: <u>Banguê</u>. (Ent. 9, linhas 150 e 152)</i> <i>Intão tinha uns que era muito pobre/ intão pegava e arrumava <u>banguê</u>, né? <u>Banguê</u>/ ês arrumava um negócio assim de tábuia cum quatro/ tipo de uma prancheta dessa aqui. Tipo de maca dessa de hoje. (Ent. 14, linha 114)</i></p> <hr/> <p>Registro em dicionários: 1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Laudelino Freire: <u>Banguê</u>. s.m. 4. Padiola de conduzir cadáveres; esquife. 4. Aurélio: <u>Banguê</u>. [De or. afr.] Substantivo masculino. 1. Bras. Padiola em que se conduziam cadáveres de pretos escravos. 5. Cunha: <u>Banguê</u>. sm. ‘padiola’ XX. De origem africana, mas de étimo indeterminado; talvez do quimb. ma’ne. 6. Amadeu Amaral: <u>Bangur</u>, <u>Banguê</u> s. m. - liteira com teto e cortinados, levada por muares, que antigamente se usava. Este t. tem muitas significações pelo resto do Brasil, como se pode ver em Macedo Soares e outros vocabularistas. Origem controvertida.</p>
--

<p>32. BARRER [V] _____ 03 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>Ontem, ele teve aqui parguntano se nós queria <u>barrê</u>. (Ent. 1, linha 36)</i> <i>Aí se o T. foi lá pedi pa panhá/ pa <u>barrê</u> é, aí tem os dono da ferramenta, é o dono da terra que tem que dá. (Ent. 1, linha 47)</i> <i>Uai, quando a N. tá trabaiano, eu faço/ <u>barro</u> casa/ arranjo... (Ent. 12, linha 87)</i></p> <hr/> <p>Registro em dicionários: 1. Bluteau: <u>Barrer</u>. “(Com os mais.)Vid. Varrer. O author da Orthographia Portugueza, nas suas advertencias, impressas no fim do seu livro, dez, que se há de escrever Varrer & não Barrer.” 2. Moraes: n/e 3. Laudelino Freire: <u>Barrer</u>. “v. r. v. Ant. e pop. O mesmo que varrer.” 4. Aurélio: <u>Barrer</u>. “V. t. d. V. t. d. e i. V. int. Ant. Pop. 1. Varrer.” 5. Cunha: <u>Varrer</u>. vb. ‘limpar (com vassoura) XIII. Do lat. <i>verrere</i>. 6. Amadeu Amaral: n/e</p>

<p>33. BASSORA Nf [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>INF.1: Eu ando cum cabo de <u>bassora</u> eu vô lá (). PESQ.: Aí a sinhora apóia no cabo? INF. 1: Eu firmo no cabo</i></p>

da bassora e venho pra riba. (Ent. 15, linhas 363 e 365)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Bassoura. Vid. Vassoura.

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Bassoura. Substantivo feminino. 1.Ant. Pop. V. *vassoura*.

5. Cunha:

Vassoura. sf. 'objeto feito de ramos de giestaq, piaçaba etc., usado principalmente para varrer' 1813. Do lat. **versoria*, de *versus*, part. de *verrere*.

6. Amadeu Amaral: n/e

34. BAXOTINHO Nm [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

A. era o marido da I. minha cunhada. Ela era artona, gorda. E acontece que ês é memo lugá de gente baxotinho. (Ent. 13, linha 255)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Baixote. adj. De *baixo* + *ote*. Algum tanto baixo (diz-se dum homem baixo e reforçado de estatura).

4. Aurélio:

Baixote .[De *baixo* + *-ote*¹.] Adjetivo.Substantivo masculino. 1.Diz-se de, ou indivíduo um tanto baixo: "Era um negro baixote e ventruado" (Silva Guimarães, *Os Borrachos*, p. 5).[Fem.: *baixota*.]

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

35. BERADERA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Tem dia que eu bebo mais, principalmente quando o tempo tá frio, aí eu sou mais beradera de garrafa de café. Aí eu bebo aquea garrafinha. (Ent. 1, linha 269)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

36. BERNO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Esses dia eu falei po L.: "essa cachorrinha tá com berno, carrapato aí." Ê falô: 'mãe, isso não é carrapato não, isso é berruga'. (Ent.1, linha 113)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Berne. s.m. Larva do inseto chamado berro, que se introduz sob o pêlo do gado e das gentes, produzindo bicheira. (*Dermatobia cyaneiventris*)

4. Aurélio:

Berne .Substantivo masculino. 1.Zool. Larva de mosca díptera estrídea, a qual põe ovos em pleno vôo, em dípteros hematófagos. [Os ovos, depois de maduros, transformam-se em larvas, que abandonam os dípteros e penetram na pele de outros animais, onde permanecem até 45 dias; penetram, depois, no solo, onde permanecem em estado de pupa até 70 dias, após os quais nasce a mosca. Var.: *berno*; sin.: *ura*, *torcel*.]

5. Cunha:

Berne. sm. 'larva de inseto díptero, da fam. Dos oestrídeos' 1899. De origem incerta, talvez corruptela de verme II **berniCIDA XX**.

6. Amadeu Amaral:

Bérne. s.m. – larva de mosca “*Dermatobia cyanciventris*”, “Oestrídae”, que se desenvolve na pele dos animais e às vezes mesmo na do homem, principalmente na cabeça.

37. BERRUGA Nf [Ssing] _____ 04 OCORRÊNCIAS

INF. 1: Óia aqui onde saiu uma berruga no cachorro. Óia lá! INF. 2: Esses dia eu falei pro L.: “essa cachorrinha tá com berno, carrapato aí.” Ê falô: “Mãe, isso não é carrapato não, isso é berruga. INF. 1: É berruga. INF. 2: É berruga.” (Ent. 1, linha 112, 114, 115 e 116)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Berruga. Substantivo feminino. 1.Bras. Pop. V. *verruca*.

5. Cunha:

Verruga. sf. ‘pequena saliência consistente, na pele’/XV, be- XIV. Do lat. *verruca*.

6. Amadeu Amaral: n/e

38. BERTUEJA ~ BERTOEJA Nf [Ssing] _____ 04 OCORRÊNCIAS

INF. 1: Também tinha bertoeja. INF. 2: Isso memo. PESQ.: Bertueja? INF. 1: Ah, agora é bertueja. Eu não sei o que é bertueja. PESQ.: Bertueja, eu acho que é o que eles chamam de brotoeja. Eu acho. INF. 1: () PESQ.: Brotoeja é tipo uma coceira né? INF. 1: É uma coceira, mas dá em neném tamém. PESQ.: É? INF. 1: E ês fala que num pode batizá a criança caquilo, né? INF. 2: É. INF. 1: Bertueja batizada nunca sara. (Ent. 1, linhas 528, 531 e 539)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Bertoeja. Bortoeja. Efervescencia do sangue na superfície da carne, com comichão.

2. Moraes:

Bertoéja. V. Brotoeja.

3. Laudelino Freire:

Bertoeja. s.f. O mesmo que brotoeja: “avermelhavam como irrupção de bertoeja” (Camilo)

4. Aurélio: n/e

5. Cunha:

Brotoeja. Do prov. *brotar*, provavelmente deriv. do gót. **bruton*. 1813.

6. Amadeu Amaral: n/e

39. BIATA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Aí as lavaderas de ropa por causa de lá corrê o ar, mais gostoso, ia e ficava lá. Aí peguei e fui sabê das lavadera de ropa tudo, “tim tim por tim tim” da vida da muié, se ela era biata, se ela era largada do marido, que que era isso. (Ent. 2, linha 100)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Beata, & Beato. Molher, & homem, que vivem com recolhimento, & servem a Deos, com demonstraçoens de singular virtude. *Mulier pia, ou religiosa, ou pietati advesus Deum. & calites dedita. Var, qui summa religione Deum colit.*

2. Moraes:

Beáta. s.f. Mulher que faz vida espiritual, com grandes mostras de devoção; de ordinário toma-se a maior parte, por pessoa de piedade de mais ostentação, que sincera religião. S.B.P. intepreeta freira.

3. Laudelino Freire:

Beata. s.f. Lat. *Beata*. Mulher que se entrega, quase que exclusivamente, à oração e outras práticas religiosas.

4. Aurélio:

Beata. [Do lat. *beata*, f. de *beatus*.] Substantivo feminino. 2. Mulher muito devota; beguina.

5. Cunha:

Beato. sm. 'excessivamente devoto' XVI. do lat. *beatus*.

6. Amadeu Amaral: n/e

40. BICA Nf [Ssing] _____ 05 OCORRÊNCIAS

Não, e outa. Tomava água da bica memo, a gente nunca sabia que que vinha naquela água. (Ent. 1, linha 486)
Era aquela coisa custosa. Ota coisa menina/que eu lembro () da minha vó daná cum nóis, no tempo do frio. A gente era munto desmanzelado. Por isso que eu falo lugar atrasado (). Nosso pé ficava carranhento. Minha vó chegava lá (). Ela chegou "nossa seu pé tá muito carranhento" cêis vai embora lá pa aquea bica d'água po esses pé de moio, cum/ e esfregá farelo/ paia de arroz, farelo de arroz. (Ent. 1, linha 589)

Só num fui lá na bica. (Ent. 2, linha 198)

Era/era/ quando morava no () inchia os balde de prato, de talheres, de tudo e ia lá pra bica. Levava lá pra lavá. (Ent. 5, linha 261)

Ia tudo na bica. (Ent. 9, linha 219)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Bica. Canudo, por onde sahe a agoa da fonte.

2. Moraes:

Bica. s.f. Cano por onde desemboca água de fonte, chafariz, tanques, &c. fig. As bicas dos olhos.

3. Laudelino Freire:

Bica. s.f. Tubo, pequeno canal, meia cana ou telha, por onde corre água, caindo dela de certa altura.

4. Aurélio:

Bica. [De *bico*¹.] Substantivo feminino. 1. Tubo, meia-cana, pequeno canal ou telha por onde corre e cai água.

2. Fonte ou chafariz de água potável: A bica da Rainha, na cidade do Rio de Janeiro, data do séc. XIX.

5. Cunha:

Bica. sf. 'torneira' XIV, do lat. *beccus*.

6. Amadeu Amaral: n/e

41. BICHAREDA Nf [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Forte dimais. Vixe a sinhora tá bichareda. (Ent. 15, linha 893)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

42. BIRUTA Nf [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Era aquês remédio iguale uma águinha na cuié. E minha avó era meia biruta. Era pa bebê poquinho e ela já punha na xícara. (Ent. 1, linha 296)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Biruta. Substantivo feminino. Substantivo de dois gêneros. 2. Bras. Gír. Pessoa irrequieta, amalucada. Adjetivo de dois gêneros. 3. Bras. Gír. V. *amalucado* (1).

5. Cunha:

Biruta¹. adj. sm. 'gír. diz-se de, ou pessoa irrequieta, amalucada' XX. Voc. De origem expressiva.

6. Amadeu Amaral: n/e

43. BITELO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Fazia uma grade e punha o bitelo em cima da grade, punha no ombro assim... (Ent. 4, linha 28)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

44. BOIADA Nf [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

...Quantas boiada nós vendemo, mansa de carro. (Ent. 4, linha 129)

É. Tocano boiada. Comprava boi aqui pa levá pa fora. Pro Estado de São Paulo. Pra/ dexa eu vê se eu lembro/ pra... acho que é Gaspar Lopes. (Ent. 14, linha 275)

Ês falava/ uns tocava a boiada, era boiadero. Os que tocava mula a gente falava era/ é os mulero. Tocava/ é/ ês ia comprá lá em Três Lagoas. (Ent. 14, linha 312)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Boyada. Muitos boys juntos. *Armentum boartum ou bubulum.* Boyadas de dez, & vinte mil cabeças. Godinho, Viagem a Índia, pag. 10.

2. Moraes:

Boiáda. s.f. Manada de bois.

3. Laudelino Freire:

Boiada. s.f. De boi + ada. Manada de bois.

4. Aurélio:

Boiada. [De *boi*¹ + *-ada*¹.] Substantivo feminino. 1. Manada de bois; boiama.

5. Cunha:

Boiada. do lat. *bovem*. Boy- XVI.

6. Amadeu Amaral: n/e

45. BOIADERO Nm [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

Ah, tinha aques boiadero que passava lá. ... Mais é o que eu tô falano. Quando os boiadero que tocava os boi pa levá pa/ pa Gaspá Lopes... Ês falava/ uns tocava a boiada, era boiadero. Os que tocava mula a gente falava era/ é os mulero. Tocava/ é/ ês ia comprá lá em Três Lagoas... (Ent. 14, linhas 273, 310 e 312)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Boiadeiro. “sm. Pastor de manada de bois. V. vaqueiro.”

3. Laudelino Freire:

Boiadeiro. “s.m. Condutor de boiada; capataz de gado. // 2. Comprador de gado para revender.”

4. Aurélio:

Boiadeiro. [De *boiada* + *-eiro*.] Substantivo masculino. 1. Tocador de boiada. 2. Capataz de gado. 3. Bras.

Comprador de gado para revenda.

5. Cunha:

Boiadeiro. do lat. *bovem*. “1899”

6. Amadeu Amaral: n/e

46. BOTE Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Naquela época num vindia café de bote. (Ent. 15, linha 473)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e
 3. Laudelino Freire:
Bote. s.m. 5. Pop. Pequeno pacote.
 4. Aurélio: n/e
 5. Cunha: n/e
 6. Amadeu Amaral: n/e

47. BRABA Nf [ADJsing] _____ 05 OCORRÊNCIAS

... *passô sujinha de terra memo e latino braba...* (Ent.1, linha 129)
Ê pegô deu/ "se esse povo vim eu vô pegá essa vaca das mais braba que tivé aqui pa matá essa Compania de Reis. (Ent. 2, linha 212)
As vaca lá de casa era braba e num era uma só não. Tinha vaca lá que invistia até na sombra. ... Jogava nós nos chifre da vaca braba. (Ent. 11, linhas 221 e 259)
Fico braba cum todas duas cum a neta e cum a fia. (Ent. 15, linha 248)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
 2. Morais:
Braba. s.f. Mulher de condição áspera.
 3. Laudelino Freire:
Braba. adj. De bravo. O mesmo que bravo. II 2. Denso, selvagem (falando do mato). II 3. Que causa dano; nocivo, prejudicial. II 4. Irado, sanhudo. II 5. Rixoso, brigador. II 6. Recém-vido. II 7. Inexperiente. II 8. Grosseiro. Obs.: "Toma-se bravo por corajoso, magnífico, áspero, ferino; bravo só é tomado no mau sentido". (Odorico Mendes)
 4. Aurélio:
Brabo. adj. 1. Bras. V. Bravo (1 e 2). Bravo. adj. 1. Corajoso, intrépido. 2.V. colérico (2)[Var., nessas acepç.: brabo] 3. V. bravio (1 a 3) 4. Muito agitado, tempestuoso. sm. 5. Homem bravo (1)
 5. Cunha:
Bravo. adj. 'feroz, selvagem'Do lat. *barbarus*.
 6. Amadeu Amaral:
Brabo. q. - zangado, zangadiço, colérico; bravio (animal); denso, selvagem (mato). | Mais ou menos corrente no Bras. todo. Diz S. Lopes, no conto "Trezentas onças" (R. G. do S.): "... sujeito de contas mui limpas e *brabo* como uma manga de pedras..." - Esta forma não parece mera variante de "bravo", que é de importação francesa por um lado, e italiana por outro. Tirou-a talvez a língua, diretamente, de **bárbaro**, através da forma bárboro, com dissimilação do segundo *a*, que facilitou o encurtamento do vocáb. **Bárboro** encontra-se nos antigos; por ex., em D. João de Castro: "E así me sertifiquei da longura que ha do brazil ao cabo da boa esperança e nisto estou tão costamte que me atreverei a o fazer confesar a omens **barboros** e a outros de grande enjenho". (Carta ao Rei, em "Dom J. de C." por M. de S. Pinto). A própria forma **brabo**, tal qual, se encontra na Eufros.", p. 147.

48. BRAÇA Nf [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

Quando nós foi passá num certo lugá apareceu dois bode paralelo de nós e nós foi veno aquilo. Lá vai, lá vai impariado numa certa distância. Trinta braça paralelo cum nós na istrada. ... Braça corresponde a dois metro. ... Cada dois metro tinha uma braça. Intão é uns sessenta metro. (Ent. 8, linhas 76, 80 e 81)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:
Braça. Medida, que contem o comprimento dos dous braços abertos, & estendidos, juntamente com a parte do corpo, que está no meyo delles, até a extremidade dos dedos do meyo de cada mão. Se esta medida he de sette pés geométricos, como se vê na taboada de combinação de varias medidas, composta por Luis Serrão Pimentel, poderemos chamar huma braça.
 2. Morais:
Braça. s.f. Medida longa de 7 pés geométricos, e 10 palmos de craveira.
 3. Laudelino Freire:
Braça. s.f. De *braço*. Medida antiga de extensão correspondente a 2m,2.
 4. Aurélio:
Braça. [Do lat. *brachia*, pl. de *brachiu*, 'braço'.] Substantivo feminino. Metrol. 1. Antiga unidade de medida de comprimento equivalente a dez palmos [v. *palmo* (2)], ou seja, 2,2m. 2. Unidade de comprimento do sistema inglês, equivalente a cerca de 1,8m.

<p>5. Cunha: <u>Braça</u>. Do lat. <i>brac(c)hium</i>. “Século XIII”. 6. Amadeu Amaral: n/e</p>

<p>49. BREJO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA</p> <p><i>Mai' tinha aquês trem po meio do mato, pos brejo.</i> (Ent. 13, linha 445)</p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1. Bluteau: <u>Brejo</u>. Terra baixa, e humida, ou cavidade, donde não dá sol. Lugar baixo muito humido, onde nace agoa, ou que de Verão, & Inverno, tem quase sempre, ou pouca, ou muita.</p> <p>2. Moraes: <u>Brejo</u>. s.m. Terra humida, lodosa, alagadiça, que serve para arrozaes.</p> <p>3. Laudelino Freire: <u>Brejo</u>. s.m. B. lat. <i>braium</i>. 3. Terreno alagadiço ou pantanoso; paul.</p> <p>4. Aurélio: <u>Brejo</u>. [De or. controvertida.] Substantivo masculino. 1.V. <i>pântano</i>. 2. Terreno sáfaro, agreste, que só dá urzes; urzal. 3.P. ext. Lugar úmido, frio e ventoso. 4. Bras. N.E. Terreno onde os rios se conservam mais ou menos permanentes, e em geral fértil em virtude dos transbordamentos anuais, por ocasião das chuvas. 5. Bras. MA Qualquer lugar baixo onde há nascentes, olhos-d'água, cacimbas.</p> <p>5. Cunha: <u>Brejo</u>. sm. 'pântano' XVI. De origem controvertida.</p> <p>6. Amadeu Amaral: n/e</p>
--

<p>50. BROCHA Nf [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>INF.: Chamava brocha. É uma pecinha piquena assim. PESQ.: Brocha? INF.: É brocha. É feita de coro tamém.</i>” (Ent. 14, linhas 359 e 361) <i>É. A (jojo) que ês fala. Intão toca ê lá e ê já tem o lugázinho dele de chegá lá no canto. Põe a soga. Aí põe a canga, aí abutoa a brocha aqui, na guela dele aqui.</i> (Ent. 4, linha 211)</p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1. Bluteau: <u>Brocha</u>. Brochas de boys, atados ao carro, são humas correas de couro de boy, trocidas, com azelha nas pontas, que se predem nos dentes dos cangalhos, & cingem o boy pella garganta.</p> <p>2. Moraes: <u>Brocha</u>. s.f. Corroya de coiro, com que se abraça a garganta do boi cangado; prende nos canzís.</p> <p>3. Laudelino Freire: <u>Brocha</u>. s.f. Fr. <i>broche</i>. 3. Corroya que abraça o pesçoço do boi, pela parte inferior da canga, predendo nos canzís.</p> <p>4. Aurélio: <u>Brocha</u>. [Do fr. <i>broche</i>.] Substantivo feminino. 3. Corroya de couro que cinge o pesçoço do boi pela parte inferior da canga. 4. Corda que liga os fueiros do carro para segurar a carga.</p> <p>5. Cunha: <u>Brocha</u>. sf. 'ant. fecho de metal' XIV. Do fr. <i>broche</i>, deriv. do lat. pop. <i>Brocca</i>, feminino substantivado de <i>brocchus</i> 'saliente, pontudo'.</p> <p>6. Amadeu Amaral: n/e</p>

<p>51. BRUACA Nf [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>INF.: Comprava/ ês usava/ deles é a bruaca que era pra guardá as comida (). PESQ.: Bruaca? INF.: É um caxote quadrado cuberto cum coro de boi. ... Intão usava essas bruaca. Eu cheguei a cunhecê bruaca. Cheguei a vê. Num sei/ hoje/ num sei mais aonde tem mais”</i> (Ent. 14, linhas 315 e 321)</p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Laudelino Freire:</p>

Bruaca. s.f. Saco de couro cru, para condução de mercadorias e outros objetos sobre bêstas.

4. Aurélio:

Bruaca. [De *burjaca*, com metátese (**brujaca*) e síncope.] Substantivo feminino. Bras. 1.Saco ou mala de couro cru, para transporte de objetos e mercadorias sobre bestas. [Var., MG: *buraca*².] 2.Bolsa de couro. [Cf. (nessas acepç.) *priaca*.]

5. Cunha:

Bruaca. sf. 'saco ou mala para transporte de objetos e mercadorias sobre bestas' 1844. Do cast. *burjaca*.

6. Amadeu Amaral:

Bruaca. s. f. - surrão, saco de couro trazido por viajantes a cavalo. Também se aplica, insultuosamente, a mulheres. | Rub. dá "buraca", "pequeno saco de coiro que usam os tropeiros de Minas". Lass. colheu no R. G. do S. forma idêntica à paulista, definindo-a "alforge de couro para condução de diversos objetos em cavalgadas". - O "Novo Dic." regista o port. **burjaca**, saco de couro de caldeireiros ambulantes, t. de origem cast. É claro que a forma brasil. se relaciona com essa; mas como explicar o desaparecimento de *j*?

52. BURUTEIA Nf [Ssing]

05 OCORRÊNCIAS

Aí ê pegô e falô assim: "é, o J., a hora que saiu as buruteia lá..." As buruteia que falava era... quitanda. Buruteia. PESQ.: Buruteia? Nossa que engraçado. INF.: Era as quitanda. E ês repartia era na pinera. ... o J. quando saiu as buruteia lá, ê tava pensano que a M. tava oiano nele, ela tava oiano era na pinera de buruteia." (Ent. 14, linhas 553, 554, 558 e 559)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

53. BUTINA Nf [Ssing]

02 OCORRÊNCIAS

Não. Eu carcei a primera butina sabe quantos ano eu tava?... Umas bota assim. Tinha as butina e tinha a polônia. Usava aquilo pa num moiá muito de urvaio. (Ent. 5, linhas 188 e 212)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Botinas. Derivouse do francês Bottine, diminutivo de Botte, que val o mesmo, que bota. Botinas antigamente eraõ hum calçado de carneira, sem sola, nem salto, a modo de meyas de pé, que chegava meya perna, ou mais; usavaõ dellas as molheres, com cahpins, ou pantufos. Hoje botinas são humas botas leves com sua juelheira, salto, & sapato; os homens trazem a cavallo.

2. Moraes:

Botinas. s.f. pl. Botas ligeiras de mulher.

3. Laudelino Freire:

Botina. s.f. Bota de cano curto.

4. Aurélio:

Botina. [Do fr. *bottine*.] Substantivo feminino. 1.Bota¹ (1) de cano curto.

5. Cunha:

Botina. sf. 'bota de cano curto, geralmente para homens' XVI. Do fr. Bottine, de botte.

6. Amadeu Amaral:

Botina s. f. - calçado fechado até à extremidade do cano, com elásticos neste.

54. CABAÇA Nf [Ssing]

05 OCORRÊNCIAS

INF. 1: Cuié de pau e a foia de cabaça né? PESQ.: Cabaça é aquele?... INF. 1: Cabaça é aquela abroba que a gente num come. PESQ.: Aquela dura? INF. 1: É. PESQ.: Que serve de enfeite? INF. 2: Não, a foia da cabaça eu num lembro não. Eu lembro é da (). (Ent. 1, linhas 452, 454 e 458)

Isso eu não esqueço. Porque a gente trabaiava na roça, o sol quente, a gente tomava aquela água morna na cabaça. (Ent. 11, linha 489)

A cuiá é feita de cabaça. (Ent. 1, linha 708)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Cabaça. Especie de abobara de carneyro; para a parte do pé, tem figura de pêra, & fazendo huma como garganta, se alarga em hum bojo.

2. Moraes:

Cabaça. s.f. Espécie de abobora, que tem a figura de pera.

3. Laudelino Freire:

Cabaça. s.f. Fruto de uma planta da família das cucurbitáceas, em forma de pêra ou de um 8, cujos dois bojos desiguais são separados por um colo mais ou menos estreito.//2. Vasilha formada pela casca inteira e seca desse fruto.//3. Qualquer vaso do feitio daquele fruto.

4. Aurélio:

Cabaça. [De or. pré-romana, poss.] Substantivo feminino. 1.Bot. V. *cabaceiro-amargoso*. 2.V. *porongo*¹ (1 e 2): “Uma cabaça foi posta contra os seus lábios, e bebeu dela, avidamente.” (Eça de Queirós, *Últimas Páginas*, p. 317.)

5. Cunha:

Cabaça¹. sf. ‘vasilha’/ XV, cabaacha XIII, baaça XV/ De origem desconhecida, certamente pré-romana.

6. Amadeu Amaral: n/e

55. CABEÇAIO Nm [Ssing] _____ 07 OCORRÊNCIAS

Uai, esse aqui é o derradero, do cabeçaio, chaveia, do meio, pé-da-guia. Essa aqui é junta de guia. Nós tinha um boi que parecia cum esse aqui, chamado pexão. (Ent. 4, linha 223)

() Tinha junta de guia e dipois tinha as de cabeçaio, a de cabeçaio era a que ficava no cabeçaio do carro aqui (). PESQ.: Como que chamava? INF.: Cabeçaio. Cabeçaio. Junta de cabeçaio. PESQ.: Ah! INF.: E a da frente depois da do cabeçaio chamava era chaveia. (Ent. 14, linhas 366, 367, 369 e 371)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Cabeçalho. s.m. Vara do carro, que nasce do leito do carro, pelo meyo do leito, a cuja extremidade anda pendendo o jugo.

3. Laudelino Freire:

Cabeçalho. s.m. De *cabeça* + *alho*. 2. Vara do carro que se prende à canga, passando entre as mesas; lança de uma carroça ou carrêta.

4. Aurélio:

Cabeçalho. [De *cabeça* + *-alho*.] Substantivo masculino. 1.Timão do carro, do qual pende a canga.

5. Cunha:

Cabeçalho. Do lat. vulg. *capitia* (cláss. *caput*) “1813”

6. Amadeu Amaral: n/e

56. CAÇAROLA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

(Ô fio dento da caçarola tem comida, tem misturado feijão. Pega lá, quenta po cê.) (Ent. 10, linha 321)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Caçarola. s.f. De *caço*. Panela de barro, ferro ou alumínio, de forma cilíndrica, com bordas altas, cabo e tampa.

4. Aurélio:

Caçarola. [Do fr. *casserole*.] Substantivo feminino. 1.Panela de metal com bordas altas, cabo e tampa: “Põe feijão na caçarola / Para o almoço do marido.” (Ricardo Gonçalves, *Ipês*, p. 11.).

5. Cunha:

Caçarola. sf. ‘panela de metal com bordas altas, cabo e tampa’/ cassa- XVIII/ Do fr. *Casserole*, de *casse* ‘caçarola’, deriv. do prov. *Cassa* e, este, do lat. pop. *cattia*.

6. Amadeu Amaral: n/e

57. CACUNDA Nf [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

PESQ.: E a água? Tinha água encanada ou não? INF. 1: Não. Era do corgo mia fia. PESQ.: Mas como fazia pa buscá? Ia no corgo? INF. 1: Era na cacunda mia fia. (Ent. 9, linha 214)
PESQ.: E se murria velava onde, lá na roça? INF. 1: É na roça. PESQ.: E fazia como? INF. 1: Uai, trazia na cacunda, no banguê. (Ent. 9, linha 150)
Cada uma lá vai ca sua rodinha na cacunda. Aí fazia esse fiado, ticia e fazia gasaio de frio. (Ent. 13, linha 541)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Cacunda. “s.f. Corr. de *carcunda*. Costas, dorso.”

4. Aurélio:

Cacunda. [Do quimb. *kakunda*.] Substantivo feminino. Bras. 1.Dorso, costas. [Sin. (bras.): *canastra*.]

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Cacunda. “s.f. – costas: “... e ela se pnhou outra vez de cacunda, que é como dormia quase que a noite inteirinha”. (V. S.). – “Para dor de peito que responde na cacunda, cataplasma de jasmim de cachorro é porrete. (M. L.). // Orig. afric., como querem alguns, ou simples corrupt. de *corcunda*, passando por *carcunda*, como querem outros.”

58. CADÊ [Pron] _____ **04 OCORRÊNCIAS**

Eu cheguei, pelejei pá tirá esse gado. Cadê se dá jeito deu tirá. Aí chegô um cumpade meu e ajudô a tirá o gado da horta. (Ent. 15, linha 629)

Aí ê falô: “não, eu vô vê cadê ele aqui intão.” E vim imhora pra dentro. Quando cheguei ali na porta e falei “vó, eu já liguei pra ele”, cadê a vô em cima da cama? (Ent. 15, linhas 914 e 915)

É, uai. Ahã. Nóis/ cadê?/ Tá só ocêis aqui na roça agora? (Ent. 12, linha 37)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Cadê. “Bras. Fam. Pop. 1. V. quede²: “Ó Fulô? Ó Fulô? / Cadê meu lenço de rendas, / Cadê meu cinto, meu broche, / Cadê meu terço de ouro / Que teu Sinhô me mandou?” (Jorge de Lima, *Obra Completa*, 1, p.293).”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

59. CADIÃO Nm [Ssing] _____ **01 OCORRÊNCIA**

É. E a mesa é composta também por cadião, é uma parte de fora. (Ent. 14, linha 410)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

60. CAMARADA ~ COMARADA ~ CUMARADA Nm [Ssing] _____ **05 OCORRÊNCIAS**

Quando o comarada tá aqui num picisa preocupá porque o cumarada liga a bomba, tampa ali, segue pra cima. (Ent. 13, linha 54)

E aí a gente ia rezá. Às vez a gente ia rezá na fazenda. Ês punha leite./ que meu irmão era retirero. Aquês comarada que era retirero. Aí nós ia rezá na fazenda. Tinha uma taba grande assim. Tipo um vão pa rezá, né? (Ent. 10, linha 318)

Cada uma fazia nas suas casa. Agora quando tinha muito camarada no serviço, ia ajudá fazê. Fazia/ o feijão já posava cuzinhano. INF.: Num panelão. Posava cuzinhano o feijão né? Pro ot dia vermeinho. Aí cedo já cumeçava. Uma ia ranjá verdura, ota ia lavá o arroz, otas ia arranjanho. Fazia aquês panelão quando tinha mais camarada na roça. Ficava boa a comida, fazia aquê tantão, né? (Ent. 11, linhas 179 e 183)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Camarada. “Camarada. Derivase de camara, ou de cama; & valo mesmo que companheiro de casa, & mesa, & he particularmente usado entre gente de guerra, & soldados, alistados na mesma compahia, ou que vivem no campo, ou arrayal de baixo da mesma tenda.”

2. Moraes:

Camarada. “sf. Vivenda, e conversação de pessoas no mesmo rancho, ou câmara, nos navios e quartéis.”

3. Laudelino Freire:

Camarada. “s.m. 8. Indivíduo empregado nos serviços de campo ou das fazendas.”

4. Aurélio:

Camarada. [Do fr. *camarade*.] Substantivo masculino. 8.Bras. Indivíduo empregado em serviços avulsos, nas fazendas.

5. Cunha:

Camarada. “camarada s2g. ‘companheiro’ XVI. Do fr. *camarade*, deriv. do cast. *camarada*.”

6. Amadeu Amaral:

Camarada. “s.m. – indivíduo que, nas fazendas, está encarregado de vários serviços; trabalhador de roça.”

61. CAMBÃO Nm [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

E dipois tinha os cambão. Aí tinha as tiradera. Tiradera era uma... espécie de coro mais grossona pa aguentá, né? (Ent. 14, linha 363)

Aquí tem um cambão que infia aquí nesse tamoero. (Ent. 4, linha 213)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Cambão. s.m. Aparelho com que se ligam duas juntas de bois ao mesmo carro ou instrumento agrário.

4. Aurélio:

Cambão. [De *cambo*¹ + *-ão*¹.] Substantivo masculino. 1.Peça de pau que se junta ao cabeçalho do carro puxado por mais de uma junta de bois.

5. Cunha:

Cambão. sm. ‘pau que se junta ao cabeçalho do carro puxado por mais de uma junta’ 1844, do lat. *cambiare*.

6. Amadeu Amaral: n/e

62. CAMBOTA Nf [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

INF.: Intão, tinha três peça. PESQ.: Hã? INF.: Duas cambota, um mião. Mião ia no meio. (Ent. 14, linha 384)

Mião. É. Cambota era feita de três peça. (Ent. 14, linha 388)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Cambota. He um dos paos com meya volta, de que se armaõ os tectos especialmente os estuques.

2. Moraes:

Cambota. s.f. Páo com meya volta, com que se armaõ os tectos.

3. Laudelino Freire:

Cambota. s.f. 4. Lus. Parte curva da roda, onde se prendem os raios e sobre a qual é fixado o aro; camba.

4. Aurélio:

Cambota. [Da raiz de *camba*¹.] Substantivo feminino. 2.Parte circular da roda de carro (1), na qual se fixam os raios e o aro externo.

5. Cunha:

Cambota. Do lat. *cambiare*, “1813”.

6. Amadeu Amaral: n/e

63. CANDEIRO Nm [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

E o oto é candeero. O candeero é esse/ é acendia/ chamava candeia. Uma peça de ferro assim feita de/ feita na ferraria. Intão punha um pavio grande nela e enchia de azeite. ... E ali aquela/ a luz que usava () candeero. (Ent. 14, linhas 212 e 215)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Candeiro. s.m. De *candeia* + *eiro*. Vaso de várias formas, em que se coloca azeite, querosene ou gás inflamável para iluminação.

4. Aurélio:

Candeiro. [De *candeia*¹ + *-eiro*.] Substantivo masculino. 1. Aparelho de iluminação, alimentado por óleo ou gás inflamável, com mecha ou camisa incandescente; lampião, leocádio: “Acendia, tão logo anoitecia, um candeiro de querosene” (Povina Cavalcanti, *Volta à Infância*, p. 18).

5. Cunha:

Candeiro. Do lat. *candela*. “Século XIV”.

6. Amadeu Amaral:

Candiêro¹ s. m. - lamparina de lata, com torcida, e que se alimenta com azeite ou querosene.

64. CANDEIA Nf [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

E o oto é candeero. O candeero é esse/ é acendia/ chamava candeia. Uma peça de ferro assim feita de/ feita na ferraria. Intão punha um pavio grande nela e enchia de azeite. ... Candeia... (Ent. 14, linhas 212 e 217)

“PESQ.: Como que tirava a água? INF. 1: Candeia. PESQ.: O que que era candeia? INF. 1: Candeia é um/ uma caxopinha assim. PESQ.: Ahn? E aí fazia o que com a candeia? INF. 1: Punha azeite/ azeite de mamona.” (Ent. 9, linhas 201 e 203)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Candea. “Candea de garavato. He uma candea pequena sem pe, & que tem hum ganchosinho, donde se pendura.”

2. Moraes:

Candeia. “sf. Ant. vela. vaso de metal para luz; e a luz: v.g. “apagar a candeia”.”

3. Laudelino Freire:

Candeia. “s.f. Lat. *candela*. Vaso de barro ou de folha que se usa suspenso da parede ou do velador e em que se coloca azeite ou querosene para alimentar a luz na torcida que sai por um bico do mesmo vaso: “Pelas frestas das casas contíguas às de Álvaro Pires bruxuleava o clarão das candeias e tochas” (Herculano).”

4. Aurélio:

Candeia. [Do lat. *candela*, ‘vela de sebo ou de cera’.] Substantivo feminino. 1. Pequeno aparelho de iluminação, que se suspende por um prego, com recipiente de folha-de-flandres, barro ou outro material, abastecido com óleo, no qual se embebe uma torcida, e de uso em casas pobres; candela, candil: “Leva a candeia e vê se os alumia.” (Domingos Carvalho da Silva, *Liberdade embora tarde*, p. 34.) [Cf. *lamparina* (2).]

5. Cunha:

Candeia. “sf. ‘pequeno aparelho de iluminação, abastecido com óleo’ ‘vela de cera’ / XVI, candea XIII / Do lat. *candela*.”

6. Amadeu Amaral:

Candeia s. f. - árvore da fam. das Linantéias. Há *grande* e *mirim*, / O nome provém de que o pau é facilmente combustível, dando uma luz viva.

65. CANDIÊRO Nm [Ssing] _____ 04 OCORRÊNCIAS

Eu cheguei a arcançá um poco do tale candiero ... Candiero tem dois nome pra candiero. Tem o candiero é/ carrero de boi que chama os boi na frente (). (Ent. 14, linhas 207 e 209)

PESQ.: O senhor fazia o quê? INF. 1: Mixia cum carro de boi, candiero. (Ent. 9, linha 11)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e

<p>3. Laudelino Freire: <u>Candeeiro</u>. “s.m. De <i>candeia</i> + <i>eiro</i>. 3.Homem que, armado de aguilhada, vai na frente dos bois, guiando-os.</p> <p>4. Aurélio: <u>Candeeiro</u>. [De <i>candeia</i>¹ + <i>-eiro</i>.] Substantivo masculino. 4.Bras. S. ES MG Carreiro (1): “Era o caso que faltava um <u>candeeiro</u> para guia dos seus bois.” (Nélson de Faria, <i>Tiziu e Outras Estórias</i>, p. 102.)</p> <p>5. Cunha: n/e</p> <p>6. Amadeu Amaral: <u>Candiêro</u>², s. m. - indivíduo, geralmente menino, que vai adiante do carro, com uma aguilhada, a servir de guia, e que também lida com os bois: “Enquanto o <i>candieiro</i> ajouja os bois, o carreiro verifica as arreiatas a ver se não falta alguma peça . (A. S.) Talvez altr. de “cangueiro”. Ou simples metáfora?</p>

<p>66. CANGA Nf [Ssing] _____ 06 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>Laçava, marrava, punha uma cangaia no pescoço dele assim. Ele ficava dereiano caquela cangaia até tirá corda do pescoço pa depois po a canga.</i> (Ent. 4, linha 141) <i>É essa aqui ó. Agora essa aqui é a canga. ... Ai põe a canga</i> (Ent. 4, linhas 208 e 211) <i>No máximo é vinte boi. É/normalmente é... Intão tinha as canga que cangava () que/ as canga que ia pa imendá aquilo lá tudo...</i> (Ent. 14, linhas 345 e 346) <i>Intão tinha as canga e os tamoero.</i> (Ent. 14, linha 350)</p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1. Bluteau: <u>Canga</u>. “He hum pao grosso com faces, o qual puxão os boys, para levare o carro, com os pescoços numas travessas, a que chamão <i>cangalhos</i>. Jug. i. Neut. Cic.”</p> <p>2. Moraes: <u>Cánga</u>. “sf. O jugo, com que se jungem os bois para a lavoira.”</p> <p>3. Laudelino Freire: <u>Canga</u>. “s.f. Jugo de madeira, com que se prendem os bois para o trabalho.”</p> <p>4. Aurélio: <u>Canga</u>. [Do celta <i>*cambica</i>, ‘madeira curva’, poss.] Substantivo feminino. 1.Peça de madeira que prende os bois pelo pescoço e os liga ao carro, ou ao arado; jugo: “um boi magro esticava o pescoço esfolado pela <u>canga</u> e mugia” (Coelho Neto, <i>Sertão</i>, p. 79).</p> <p>5. Cunha: <u>Canga</u>!. “ ‘peça de madeira que prende os bois pelo pescoço e os liga ao carro ou ao arado’ 1813. Provavelmente do célt. <i>*cambica</i> ‘madeira curva’, de <i>campus</i> ‘curvo’”</p> <p>6. Amadeu Amaral: n/e</p>

<p>67. CANGAIA Nf [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>Laçava, marrava, punha uma cangaia no pescoço dele assim. Ele ficava dereiano caquela cangaia até tirá corda do pescoço pa depois po a canga.</i> (Ent. 4, linhas 140 e 141)</p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1. Bluteau: <u>Cangalhas</u>. Armadilha de paos, q fromaõ como huma grade larga, para sustentar as quartas, que os Aguadeiros carregaõ nas bestas.</p> <p>2. Moraes: <u>Cangalhas</u>. s.f. pl. Duas como canastras de grades de páo, que se accomodaõ no seladouro das bestas, pendendo de cada ladoduas, para estas cargas.</p> <p>3. Laudelino Freire: <u>Cangalhas</u>. s.f. pl. Armação que se coloca sobre o dorso das bêstas e em que se sustenta e equilibra a carga de um e outro lado.</p> <p>4. Aurélio: <u>Cangalhas</u>. [Pl. de <i>cangalha</i>.] Substantivo feminino plural. 1.Armação de madeira ou de ferro em que se sustenta e equilibra a carga das bestas, metade para um lado delas, metade para o outro; cangalha.</p> <p>5. Cunha: <u>Cangalhas</u>. “1813”, provavelmente do célt. <i>*cambica</i> ‘madeira curva’, de <i>campus</i> ‘curvo’”</p> <p>6. Amadeu Amaral: n/e</p>

68. CANIÇO Nm [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

INF.: Mais ês fazia só de taquara, né? Intão, tinha a istera dipois a parte de tráis pa fechá a istera, ela era vortiada assim. PESQ.: Hã? INF.: Era caniço. PESQ.: Caniço? INF.: Chamava caniço. Era uma peça.... PESQ.: Caniço eu já ouvi falar nessa peça, mais eu não sei como é que é que é não. INF.: Intão, era de po atrás pa num/ pa fechá, né? (Ent. 14, linhas 444 e 446)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Canico. São humas armaçoens de verga, que assentaõ nas ilhargas, & cabeceiras dos carros, & os fechaõ, para nelles levarem carga de cousas miúdas como palhas, &c.

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Canico. s.m. De *cana* + *iço*. 8. Traçado que se coloca nos carros, quando conduzem carga leve ou miúda.

4. Aurélio:

Canico. [Do lat. vulg. **canniciu*, ou de *can(i)-2* + *-iço*.] Substantivo masculino. 5. Bras. Traçado de caniços ou canas delgadas com que se fecha a parte traseira dos carros de boi, com que se fixam nos carros a carga leve e miúda, etc.

5. Cunha:

Canico. XVI. Do lat. vulg. **cannicum*.

6. Amadeu Amaral:

Canico s. m. - cobertura de taquaras sobre a mesa do carro de bois.

69. CANTADÔ Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

A Compania é sete ou oito cantadô. Mais sempre ia mais porque uns cansava, né? (Ent. 14, linha 476)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Cantador. adj. Que canta.

4. Aurélio:

Cantador .(ô) [Do lat. *cantatore*.] Adjetivo. 1. Que canta.

5. Cunha:

Cantador. Do lat. *cantare*, “XIV”.

6. Amadeu Amaral: n/e

70. CANTIGA DE GAVIÃO Ncf [Ssing + prep + Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

PESQ.: Hã? Oi? Passô. O povo antigamente tinha muita história, muita crença? INF.: Nó, tinha munta dessas bobera. PESQ.: É? INF.: () passarinho, cantiga de gavião, curuja... PESQ.: Cantiga de gavião? INF.: É. PESQ.: Por que se escutasse o gavião cantando era ruim? INF.: Era agoro. (Ent. 13, linha 318)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha:

Cantiga. sf. ‘poesia cantada’ ‘quadra(s) para cantar’ XIII. Voc. aparentado com *canto*, de *cantar*, mas sua formação não é muito clara; talvez proceda de um célt. * *cantica*, deriv. da raiz célt. Can-, de mesmo significado e da mesma raiz indo-européia que a raiz latina.

Gavião. sm. ‘designaçõa de grande número de aves falconiformes’ / gaviã XIII/ provavelmente do germânico **gavilane*.

6. Amadeu Amaral: n/e

71. CANTURIA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Aí era aquea canturia. Era bunito.. Eu lembro poco. Hoje em dia num tem nada mais disso. (Ent. 13, linha 420)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Cantoria. s.f. De cantor + -ia. 1. Ação de cantar.

4. Aurélio:

Cantoria. [De *cantor* + -ia¹; esp. *cantoría*.] Substantivo feminino. 1. Ação de cantar; canto, cantarola.

5. Cunha:

Cantoria. Do lat. *cantorem* // XVII.

6. Amadeu Amaral: n/e

72. CANZIL Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Tinha os tamoero, dipois tinha os canzil que era os buraco que ia imboxo pa botuá no pescoço do boi. (Ent. 14, linha 356)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Canzil. (Termo de Atafona) Os canzis são dous paos, com suas brochas, que puxão pelos tirantes à Mula, que faz andar a pedra.

2. Moraes:

Canzil. s.m. us. no plur. Canzis. Páos da atafona, que puxaõ pelos tirantes das bestas.

3. Laudelino Freire:

Canzil. s.m. O mesmo que cangalho.//2. Cada um dos dois paus presos aos tirantes ou por baixo da canga, entre os quais se põe o pescoço do boi ou cavalo.

4. Aurélio:

Canzil. [Do port. **cangil* < *cangal* (q. v.).] Substantivo masculino. 1. Cada um dos dois paus da canga, entre os quais o boi mete o pescoço: cangalho, canil: “ninguém boi tem culpa de tanta má-sorte, e lá vai ele pesando de quina contra as mossas e os dentes dos canzis biselados” (João Guimarães Rosa, *Sagarana*, p. 296).

5. Cunha:

Canzil. sm. ‘cada um dos paus da canga’ 1813, provavelmente do célt. **cambica* ‘madeira curva’, de *cambus* ‘curvo’”

6. Amadeu Amaral: n/e

73. CAPADO Nm [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

Ingordava o capado. Matava o capado tinha a carne e tinha a gurdura. E o mantimento todo tanto que cuía num vindia não. Punha na tuiá lá no canto. (Ent. 11, linha 113)

INF.: Intão, ê trazia farinha, trazia capado... PESQ.: Capado é o porco? INF.: É o porco gordo. Trazia pinhão. (Ent. 14, linha 186)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Capado. “Filho da cabra, já mayor, passando de anno, ordinariamente são capados.”

2. Moraes:

Capado. “Substantivamente se entende do porco, e talvez do bode, castrados, e dos homens capados.”

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Capado. [Part. de *capar*.] Adjetivo. Substantivo masculino. 3. Bras. Porco castrado que se destina a engorda.

5. Cunha:

Capado. “v. capão¹” “capão¹ sm. ‘galo castrado’ XIII. Do lat. **cappō* –*ōnis* (class. *Cāpō* –*ōnis*)

6. Amadeu Amaral:

Capado. “s.m. – porco castrado.”

74. CAPÃOZINHO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

E ê foi correno lá po capãozinho e meu pai chego lá pois ele/ () ele entro dento da canoa e saiu po meio do rio. "Cê tá é doido D. num tem jeito de mexê cocê não." Meu pai quiria cortá ele. (Ent. 7, linha 59)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Capão. Vid. Tom. 2. Do Vocabulário.

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire:

Capão. s.m. Tupí-guar. *caá-paun*. Bosque insulado em meio de um descampado.

4. Aurélio:

Capão. [Var. de *caapuã*.] Substantivo masculino. 1. Bras. Porção de mato isolado no meio do campo; capuão de mato, caapuã, capuão, ilha de mato: "Tinham chegado à beira do capão de mato." (Franklin Távora, *O Cabeleira*, p. 104.) [Dim. irreg.: *caponete*. Cf. *rebolada* (2).]

5. Cunha:

Capão². sm. 'pequeno bosque insulado num descampado' 1624 Do tupi *kaa'pau*.

6. Amadeu Amaral:

Capão s. m. - mato pequeno e isolado. | Tupi "caapuan".

75. CARABINA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

O animarzinho chegava na porta do curral e vortava pra trás. () o véio catava a carabina. "Cê num presta pra nada!" Pá! Matava o neguinho e interrava lá nesse buraco. (Ent. 2, linha 223)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Carabina. Derivase do Francez Carabins, ou Caraniniers, que são huns Arcabuzeiros a Cavallo. Vid. *Clavina*.

2. Morais:

Carabina. s.f. Arma de fogo, mais curta que a espingarda. V. *caravina*.

3. Laudelino Freire:

Carabina. s.f. Cast. *carabina*. Espingarda curta e estriada.

4. Aurélio:

Carabina. [Do fr. *carabine*.] Substantivo feminino. 1. Espingarda estriada; fuzil. [Var.: *clavina*, *cravina*. Cf. *carambina*.]

5. Cunha:

Carabina. sf. 'tipo de espingarda' 1813 Do fr. *carabine*, de *carabin* 'antigo soldado de cavalaria ligeira armado de carabina', de origem incerta.

6. Amadeu Amaral: n/e

76. CARDERÃO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

INF. 1: Era/Era/Eles fazia da semente da mustarda. Oh, mas aquilo lá queimava. Nossa Senhora! INF. 2: O carderão ficava na perna. (Ent. 1, linha 315)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais:

Caldeirão. s.m. augment. de caldeira.

3. Laudelino Freire:

Caldeirão. s.m. *De caldeira + ão*. Caldeira grande, de bordas altas, que serve para cozinhar.

4. Aurélio:

Caldeirão. [De *caldeira* + *-ão*¹.] Substantivo masculino. 1. Espécie de panela (1) grande, mais alta que larga, comumente dotada de alças.

5. Cunha:

Caldeirão. Do lat. *caldaria* // -rõ XIV.

6. Amadeu Amaral: n/e

77. CARDERO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Aí cortava/ajudava a cortá a lâ. () Nós tinha que lavá o cardero cedo. (Ent. 13, linha 516)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

78. CARGUERO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Meu pai tinha uma () tinha um carro de boi. Lá na roça num havia condução. Num tinha caminhão, num tinha/ pra transportá as coisa tinha era carguero. (Ent. 14, linha 165)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Cargueiro. s.m. Animal que transporta carga sôbre o dorso.

4. Aurélio:

Cargueiro. [De *carga* + *-eiro*.] Substantivo masculino. 4. Que transporta carga.

5. Cunha:

Cargueiro. Do cast. *cargoso* 1873.

6. Amadeu Amaral: n/e

79. CARRANHENTO Nm [ADJsing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Por isso que eu falo lugar atrasado (). Nosso pé ficava carranhento. Minha vó chegava lá (). Ela chegou “nossa seu pé tá muito carranhento” cêis vai embora lá pa aquea bica d’água po esses pé de moio, cum/ e esfregá farelo/ paia de arroiz, farelo de arroiz. (Ent. 1, linha 588)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

80. CARRERÃO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

E nós jogano pedra, nós jogano pedra nês. Dipois que nós viu que aquilo lá era uma coisa diferente, nós largô mão de jogá pedra e fincô num carrerão só e cada/ aí já tava perto de casa. Aí cada um foi pa sua casa e ... (Ent. 8, linha 85)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Carreira. “O movimento de quem corre certo espaço de lugar.[?] Nent. Cic. Dar uma carreira.”

2. Moraes:

Carréria. “O movimento do que corre, ou móvel.”

3. Laudelino Freire:

Carreira. “s.f. Corrida veloz.”

4. Aurélio:

Carreira. [Do lat. vulg. *carraria*, i. e., *via carraria*, ‘caminho de carro’.] Substantivo feminino. 1. Corrida veloz; correria: *Veio numa carreira para chegar a tempo.*

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Carrêra². “s.f. – ato de correr. De -; a correr.”

81. CARRERO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIAS

Era. Candiero tem dois nome pra candiero. Tem o candiero é/ carrero de boi que chama os boi na frente (). (Ent. 14, linha 209)

Pa i até que dava porque aí o carro ia mais manero. Levava poca coisa e andava depressa, né? E boi tem uma coisa, o carrero, pa vim pra cá era uma tuada diferente pa i pra casa / ês/ ês memo procura i mais dipressa. (Ent. 14, linha 265)

O Zé Coração é carrero. (Ent. 4, linha 169)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Carreiro. “[De *carro* + *-eiro*.] Substantivo masculino 1. Guia de carro de bois; guieiro.

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

82. CARRIAR [V] _____ 04 OCORRÊNCIAS

Uai, é. Ia carriano cum ele. Aqui o carrinho ó. (Ent. 4, linha 145)

Ia carriano cum ês, ês crescono, mansano vendia aquele e comprava oto. (Ent. 4, linha 147)

Põe mais poco. Fica mió de carriá. (Ent. 4, linha 204)

Uh! Quantas vez ajudei carriá. (Ent. 11, linha 30)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Carrear. v.r.v. de carro + *ear*. Conduzir em carro, acarretar.

4. Aurélio:

Carrear. v.t.d. 1. Conduzir em carro.

5. Cunha:

Carrear. vb. ‘conduzir em carro’ 1813. Do cast. *carroso*.

6. Amadeu Amaral: n/e

83. CARROÇA Nf [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Aí tinha de pegá/ num tinha uma carroça, carro de boi que tinha era longe. (Ent. 5, linha 28)

() Esses tempo veio um ou dois, o Z.L. tava coieno feirão, aí veio. Quando eu vejo ês/ de vez em quando ês aparece aqui, o mais novo. O L. fala assim: “ o M. é assim, se ele tivé tonto, ê vem cá.” Aí acho que ê dá na cabeça de vim cá pidi uma carroça, um trem de mio, ele dá na idéia. (Ent. 13, linha 269)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Carroça. Tomase muitas vezes por coche, & tambem se diz a Carroça do Sol, &c. Vid. Coche.

2. Moraes:

Carroça. s.f. Coche, fig. e poet. a carroça do Sol.

3. Laudelino Freire:

Carroça. s.f. B. lat. *carrocia*. Carro grosseiro, com resguardo de grades ou taipas, puxado por cavalo, burro ou boi, para transporte de cargas.

4. Aurélio:

Carroça. [Do it. *carrozza*.] Substantivo feminino. 2. Carro grosseiro, ordinariamente de tração animal, para transportar cargas; carreta. [Dim., nessas acepç.: *carrocim*.].

5. Cunha:

Carroça. Do it. *carriòla* sf. ‘ant. coche’ XVII; ‘carro grosseiro para transporte de cargas’ 1813.

6. Amadeu Amaral: n/e

84. CARRO DE BOI NCm [Ssing + prep + Ssing] _____ 34 OCORRÊNCIAS

() *Trabaiava era cum boi, cum arado. Boi, essas coisa, né? Carro de boi, num tinha carro num tinha nada.* (Ent. 3, linha 18)

O carro, o carro de boi que tinha que apertá ele no exo prele cantá, né? (Ent. 4, linha 163)

É uai. Aquela ali. Cê nunca viu carro de boi cantá? Já uai. Aí na exposição tinha... Um tanto de carro de boi. (Ent. 4, linhas 167 e 184)

Aí tinha de pegá/ num tinha uma carroça, carro de boi que tinha era longe. Os minino foi carregano o adobo que tinha feito lá em casa e foi carregano de/ cumé que fala/ num tinha carrinho. Ês ranjava uma tábu/ cê lembra cumu é que era? (Ent.5, linha 28)

Mais aí tinha de vim de carro de boi... Vinha de carro de boi... Sentava lá no chão do carro de boi memo... Uai, chegava aqui de carro de boi (Ent. 5, linhas 237, 239, 241 e 243)

Muita gente vinha pa interná na Santa Casa e vinha de carro de boi até na porta da Santa Casa. (Ent. 5, linha 250)

PESQ.: O senhor fazia o quê? INF. 1: Mixia cum carro de boi, candiero. (Ent. 9, linha 11)

É, era o carro de boi. A pé ou a cavalo. Pa vim aqui. (Ent. 9, linha 21)

Uai, eu mixia só cum carro de boi. (Ent. 9, linha 54)

De carro de boi. (Ent. 9, linha 144)

Quando o senhor era novo que que foi que aconteceu. Igual meu pai contava que vinha na cidade e tomava chuva, e os carro de boi, os boi/ via cobra no caminho, via bicho. (Ent. 9, linha 253)

Só. Só tinha cavalo e carro de boi. (Ent. 11, linha 28)

Aí quando foi de madrugada peg ô o carro de boi e pois um cochão no carro de boi, pois uns trabissero e umas cocha. (Ent. 11, linha 37)

E nessa tuada de carro de boi era longe. (Ent. 11, linha 45)

Parece que de carro é perto, mas pa i rodano de carro de boi, dano bacada porque num tinha istrada. (Ent.11, linha 49)

A moça/ uma moça vizinha lá ficô duente foi no carro de boi e troxe pra cá. (Ent. 11, linha 57)

Meu pai tinha uma () tinha um carro de boi. Lá na roça num havia condução.. (Ent. 14, linha 164)

Esses que tinha carro de boi trazia de carro. Meu pai tinha uns boizinho lá. (Ent.14, linha 182)

No carro de boi. Intão lá vinha o carro dele/ vinha... Tinha muitos que vinha de lá tamém. Mais num vinha tudo de uma veiz. Mais lá tinha umas deiz pessoa que vinha trazê trem no carro de boi. Intão, nós posava no caminho..” (Ent. 14, linhas 233 e 234)

Ês ia de carro de boi em Casa Branca. Que () Casa Branca. (Ent. 14, linha 281)

PESQ.: E como é chamado o conjunto do carro de boi? Tem nome? Ou é só carro de boi? INF.: Não, tem o carro de boi, tem os bois, tem a junta de guia aqu é os dois que vai na frente. (Ent. 14, linha 336)

E dipois tem o/ o carro de boi... Pa fazê o carro de boi tem/ tem/ é tudo feito de madeira nobre. Madeira de () por exemplo. (Ent. 14, linha 377)

Oca. E dipois tem o exo tamém. Aí no exo vai o chumaço, que é o que faiz cantá o carro de boi. (Ent. 14, linha 405)

Não. Lá/ eu fui lá em Jacuí e tinha acho que cem ou cento e dois carro de boi. Bom Jesus tem, São Pedro da União tem. (Ent. 14, linha 456)

O prefeito de São Pedro da União gosta tanto de carro de boi que ele quando/ ele vai/ ele vai só ele/ ele tem oito carro de boi. (Ent. 14, linhas 459 e 460)

Eu fui mais o E. foi junto, as minina, a minina do E. mais piquena “nó, meu pai eu quero”./ Porque viu um rapaiz lá/ um carro de boi: “Eu quero montá no boi, eu quero muntá.” (Ent. 14, linha 467)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Carro. Carruagem de carga tirada por boys. Consta de leito, chaveiros, fueiros, chamaceiras, mesas, cadeas, cavalares, gatos, burros, xalmas, pernas, rodas, rodeiras, cainbas, eixo, tamoeiros, relhos, brochas, canga, cangalhos, &c.

2. Moraes:

Carro. s.m. Instrumento de carregar; consta de rodas, leito, apeio, &c. é tirado por bois, ou cavallos.

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Carro de boi. Substantivo Masculino 1. Carro (1) movimentado ou puxado, em geral, por uma ou mais parelhas de bois, e guiado por carreiro (1).

5. Cunha:

Carro. sm. ‘veículo de transporte terrestre’ XIII. Do lat. *carrus*.

Boi¹. sm. ‘mamífero artiodáctilo, ruminante, da fam. Dos bóvidos’ XIII. Do lat. *bovem*.

6. Amadeu Amaral: n/e

85. CASA DE MORADA Ncf [Ssing + prep + Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Sem casa de morada, sem nada, sem nada. Aí meu pai deu de cima, meu pai duente ia po Guapé, vai daqui, vai dali. Teve mió foi pra nós num foi preles. (Ent. 7, linha 89)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Casa. sf. 'morada, vivenda, residência, habitação' XIII. Do lat. *casa*.

Morada. XIII, do lat. *morare*.

6. Amadeu Amaral: n/e

86. CATINGA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Decerto os vizinho viu a catinga, né? (Ent. 13, linha 202)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Catinga. Palavra de Angola, fedor de Negros.

2. Morais:

Catinga. s.f. Transpiração fetida dos sovacos, & c.

3. Laudelino Freire:

Catinga. s.f. Cheiro desagradável da pele dos negros; murrinha.

4. Aurélio:

Catinga¹. [Do guar. *kati*, 'cheiro forte'.] Substantivo feminino. Bras. 1. Cheiro forte e desagradável que se exala do corpo humano suado ou pouco limpo; bodum; murrinha.

5. Cunha:

Catinga. sf. 'cheiro forte e desagradável que exala do corpo humano suado ou pouco limpo' 1813. De origem incerta; talvez se relacione com CAATINGA.

6. Amadeu Amaral:

Catinga. s.f. mau cheiro de gente, roupa suja, etc.

87. CATINGUDO Nm [ADJsing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Lá em casa tinha um que morava perto do currale, entrava nos buraco. Acho que até o gato pegou/sumiu faz tempo. Es fala que isso é ruim (). É bão tê aquele ramo catíngudo ()... Aquê ramo catíngudo. Uns fala gambá e out[ro]o num sei que/ chama. (Ent. 1, linhas 623 e 625)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Laudelino Freire:

Catingudo. adj. De *catíngua*² + *udo*. O mesmo que *catíngoso*.

4. Aurélio:

Catingudo. [De *catíngua*¹ + *-udo*.] Adjetivo. 1. Bras. V. *catíngoso*.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Catingudo q. - que tem *catíngua*, que cheira mal.

88. CAUSO Nm [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

Vai mudano, mudô tudo (). Tem que mudá na moda do causo. Eu lembro quando a mamãe/A G. tá cum apareinho ligado/(). (Ent. 1, linha 548)

Agora conta causo de fazê açuca, fazê melado é mais doce. (Ent. 5, linha 315)

PESQ.: Conta um caso ingraçado de quando o senhor era piqueno pra mim. Pode ser um engraçado ou um triste, tanto faz. Mas eu prefiro os engraçados. INF. 1: Mais causo eu num sei né, fia? (Ent. 9, linha 247)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Causo. “s.m. Pop. História, lenda, conto, ocorrência: “e conta cada causo de deixar a gente pasma” (Valdomiro Silveira).”

4. Aurélio:

Causo. [Var. pop. de *caso*.] Substantivo masculino. 1.Bras. Pop. Conto, história, caso: “— Joanhina Vintém conte um causo” (Raul Bopp, *Putirum*, p. 73).

5. Cunha:

Caso. ‘acontecimento, fato, sucesso, ocorrência’ XV. Do lat. *casus*.

6. Amadeu Amaral:

Causo. “caso, s.m. – fato, ocorrência, anedota: “Vô lê contá um causo”. // Encontra-se em Gil Vicente., muitas vezes, *caiso*, como se encontra *aito* por *auto*. Terá a nossa forma dialetal relação com a Vicentina, ou tratar-se-á de mera influência de causa? Cp. A loc. Por causo de = por causa de.”

89. CAVAQUINHO DE PEROBA NCm [Ssing + prep + Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

E quando a pessoa tava na roça e tava cum muita febre, muita febre e dor de cabeça. (). Ele cortava peroba, rancava aquê cavaquinho de peroba e punha pa fervê. A gente tomava aquilo (). (Ent. 1, linha 472)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Cavaco¹. sm. ‘estilha ou lasca de madeira’ XVI. Do lat. *cavator –oris*.

Peroba. sf. ‘nome de diversas plantas das famílias das apocináceas e das bignoniáceas, que fornecem madeira de boa qualidade’/peroua 1624, peroba 1663, parôba 1711, eperoba 1789 etc./Do tupi *ipe’roua* <*i’pe* ‘casca’ + ‘roua’ ‘amargo’.

6. Amadeu Amaral: n/e

90. CAXOPINHA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Candeia é um/ uma caxopinha assim. (Ent. 9, linha 203)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

91. CHANFRADO Nm [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Não, é assim ó: a árvore é reta né? Corta reto assim depois corta assim chanfrado assim? Aí, que fica tipo dum cocho aí a resina vem e para aqui onde cortô reto. (Ent. 1, linha 425)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Chanfrado. p. pass. De Chanfrar. E. Mendes, c. 159 f.196 col. 2. Oiteiro chanfrado a picão em altura de 15 braças.

3. Laudelino Freire:

Chanfrado. adj. P. p. de chanfrar. Que tem chanfradura.

4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

92. CHAVEIA Nf [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

Uai, esse aqui é o derradero, do cabeçaio, chaveia, do meio, pé da guia. Essa aqui é junta de guia. Nós tinha um boi que parecia cum esse aqui, chamado pexão. (Ent. 4, linha 223)

INF.: E a da frente depois da do cabeçaio chamava era chaveia. PESQ.: Chaveia? INF.: Era junta de chaveia. Era a segunda (). (Ent. 14, linhas 371 e 373)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Chavelha. (Termo de Carro) He huma espiga de pão, que se mete por hum buraco, no fim da cabeçalha, que prende os tamoyros, por onde puxão os Boys.

2. Morais:

Chavêlha. s.f. Espiga de pão, que se enfia nas extremidades dos cabeçalhos dos carros.

3. Laudelino Freire:

Chavelha. s.f. Lat. *clavícula*. Peça de pau, que se mete no cabeçalho do carro, junto à canga, e é também conhecida por mata-boi.

4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

93. CHIQUERO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Era. Mais o chiquero tava cheio de porco. (Ent. 10, linha 604)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Chiqueiro. De porcos.

2. Morais:

Chiqueiro. s.m. vulg. V. *Possilga*.

3. Laudelino Freire:

Chiqueiro. s.m. Lugar onde se criam ou recolhem porcos; pocilga; curral de porcos.

4. Aurélio:

Chiqueiro. [De *chico*³ + *-eiro*.] Substantivo masculino. 1. Pocilga ou curral de porcos; enxurdeiro.

5. Cunha:

Chiqueiro. sm. 'curral de porcos' XVII. Do cast. *chiquero*, deriv. do moçárabe *sirkair* 'cabana', de origem certa.

6. Amadeu Amaral:

Chiquêro s. m. - um dos compartimentos do curral de peixe.

94. CHUMAÇO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Oca. E dipois tem o exo tamém. Aí no exo vai o chumaço, que é o que faiz cantá o carro de boi. ... Chama/ é o chumaço. (Ent. 14, linhas 405 e 408)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire:

Chumaço. s.m. 5. Peça do carro de bois colocada sôbre os cocões para impedir que o eixo se desloque sôbre a cheda.

4. Aurélio:

Chumaço. [Do lat. tard. *plumacium*., 'cama de penas'.] Substantivo masculino. 5. Bras. Peça de madeira sobre a qual gira o eixo do carro de bois, e que produz o chio característico desses carros. [Dim. irreg.: *chumacete*.]

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral:

Chumaço s. m. - pedaço de madeira mole metido entre os cocões do carro de bois.

95. CHUMISCADA Nf [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Tenho. Inté ea tá pa cabá de arranjá. Num acabô de arranjá ea não. Tá chumiscada por dentro tudo. (Ent. 12, linha 215)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

96. COCÃO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

PESQ.: No exo, era o exo que fazia ele cantá? INF. 1: É, uai. Aí rodava no cocão assim e cantava. (Ent. 4, linha 165)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Cocão. s.m. Cocões, pl. São duas peças de páo, embebidas nas chedas do carro e entre elles anda o eixo, que elles sogigão ao leito do carro.

3. Laudelino Freire:

Cocão. s.m. Cada um dos paus ou pregos fixos na cantadeira do carro, entre os quais gira o eixo e cujo vão forma a empolgueira.

4. Aurélio:

Cocão. Substantivo masculino. 3.Bras. Peça (espécie de mancal rústico) sobre a qual gira o eixo do carro de bois: “O gemido agudo dos cocões de aroeira do carro de bois já pode ser ouvido no centro da cidade.” (Antônio Celso, *A Porta de Jerusalém*, p. 19.).

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

97. COCHO Nm [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Não, é assim ó: a árvore é reta né? Corta reto assim depois corta assim chanfrado assim? Aí, que fica tipo dum cocho aí a resina vem e para aqui onde cortô reto. (Ent. 1, linha 426)

Açuca fazia só pra nós, num fazia pa vendê não. O açuca faiz do ponto do melado. Dixa posá no cocho (Ent. 11, linha 235)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Cocho. s.m. 4. Espécie de vasilha oblonga, onde se põe água ou comida para o gado, e que serve também para a lavagem da mandioca ou fabrico da farinha.

4. Aurélio:

Cocho. (ô) Substantivo masculino. 3.Bras. Cabo-verd. Espécie de vasilha, em geral feita com um tronco de madeira escavada, para a água ou a comida do gado, para se lavar mandioca, etc.: “Come a ração no cocho da mangueira / Um velho pangaré.” (Ricardo Gonçalves, *Ipês*, p. 44.)

5. Cunha:

Cocho. sm. ‘tipo de vasilha para uso do gado’ XVI. De origem controvertida.

6. Amadeu Amaral: n/e

98. COICE Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Aí ês fica meio brabo. Se bestá cum ês, ês dá coice, ês dá chifrada. Num pode bestá não. (Ent. 4, linha 231)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Coice. V. Couce.

3. Laudelino Freire:

Coice. s.m. Lat. *calx*; *clacem*. Defesa ou ataque próprio dos quadrúpedes, que consiste em firmar as patas dianteiras e sacudir para trás as traseiras.

4. Aurélio:

Coice. [Var. de *couce*.] Substantivo masculino. 1. Pancada que certos quadrúpedes, esp. os equinos, desferem com os cascos traseiros, firmando as patas dianteiras no chão.

5. Cunha:

Coice. sm. 'pancada que certos quadrúpedes desferem com os cascos traseiros, firmando as patas dianteiras no chão' / *couce XIII*/ Do lat. tard. *calce* 'calcanhar'.

6. Amadeu Amaral: n/e

99. COISERA ~ COISERADA Nf [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Caso essas coisa, tem gente que tem dom pra isso. Piada, essas coisera, (). Nessa parte eu num sô... (Ent. 3, linha 50)

A quitanda/ ah tale dia nós vai fazê quitanda. Aí já privinia os ovo, o leite e a mantega. Aquela coiserada (Ent. 11, linha 151)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

100. COLERINA Nf [Ssing] _____ 04 OCORRÊNCIAS

PESQ.: Tomava cavaquinho de peroba pra quê? INF. 1: Pa colerina. Senhora lembra quando ês falava que dava colerina? PESQ.: Que que é colerina? INF. 1: Colerina hoje é o que? É...diarréia. ... Uma tal de colerina." (Ent. 1, linhas 474, 476 e 504)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Colerina. Cholerina. s.f. De *cólera* + *ina*. Espécie de cólera-morbo, mas mais benigna ou atenuada.

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

101. COLONHA Nf [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Tinha muita gente. Tinha colonha nessa fazenda aí. O A. tinha colonha. (Ent. 3, linha 117)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Colônia. s.f. 4. Grupo de trabalhadores que, saindo da sua província, vão estabelecer-se e trabalhar noutra, dentro do seu país.

4. Aurélio:

Colônia. [Do lat. *colonia*.] Substantivo feminino. 11.Bras. S. Nas fazendas, grupo de casas de colonos [v. *colono* (4)]. [Posposto a outro substantivo, este voc. tem valor adjetivo.] [Cf. *colonia*.] Colônia agrícola. 1. Povoação campestre de colonos lavradores.

5. Cunha:

Colônia. Do lat. *colonus* sf. 'grupo de migrantes' XVII.

6. Amadeu Amaral: n/e

102. COLONHO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

INF.: *Intão a/ eu num ia na iscola porque eu já tava mais maiozinha, mais a minha irmão mais nova foi munto na iscola. Ele ia pra/ ele gostava da roça. Tinha aquela losa pro fio dos fazendero, né? PESQ.: Aí tinha? INF.: Pos colonho, né?* (Ent. 10, linha 544)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Colôno. s.m. Agricultor, cultivador.

3. Laudelino Freire:

Colono. s.m. Lat. *colonus*. 2.Cultivador de uma terra.

4. Aurélio:

Colono. [Do lat. *colonu*.] Substantivo masculino. 1.Membro de uma colônia.

5. Cunha:

Colono. sm. 'membro de uma colonia' 'povoador' 'cultivador da terra pertecente a outrem' XVI. Do lat. *colonus*.

6. Amadeu Amaral: n/e

103. COMPANIA DE REIS NCf [Ssing + prep + Spl] _____ 15 OCORRÊNCIAS

Da Compania de Reis era assim. O N. J. Que era dono da fazenda (). Aí ê pegô/ era daquês que num querditava em nada. Ê pegô deu/ "se esse povo vim eu vô pegá essa vaca das mais braba que tivê aqui pa matá essa Compania de Reis." Ê pegô a vaca e fechô dento do currale. Quondo a Compania de Reis chegô cantô, o véio ficô dimirado. Aí ê falô "nem assim eu tô sastifeito. Esse povo, a vaca num pegô ês/ mas eu pego." Ranjô dois jagunço pegô e matô essa Compania de Reis tudo. Todo mundo que tava na Compania de Reis. (Ent. 2, linhas 211, 213 e 215)

Aí mataro essa Compania tudo. Aí pego, ê num ixemprava não. Acontecia essa coisa cum ele, ê passava duma pra ota, dota passava pra ota. Ele num ligava caquilo. Aí ê pegô e matô essa Compania de Reis. Todo dia 25 de dezembro vesprona da Compania de Reis saí, cê iscuta cá da fazenda aquê povo afiano o instrumento no buraco. O buraco é poco pa diante da fazenda, num desbarrancado. E aquê povo vem de lá. Aquea Compania de Reis cantá lá dento da fazenda. E lá é assombrado de verdade. (Ent. 2, linhas 224, 226, 228)

Ê num ixemprava. A Compania de Reis chego lá, cantano, afino os instrumento, cantô lá na fazenda. (Ent. 2, linha 237)

Chegô a Compania de Reis cantano, a Compania de Reis pobre, cantano. Tudo pobezinho. Aí, ê pegô, fechô um pordo dos mió da tropa dele lá no curral. Pô esse aqui pa dá po Santo Reis. Ês faiz leilão, ês faiz o que ês quisé. () Foi, a Compania de Reis cantô munto male. (Ent. 2, linhas 243 e 245)

Lá, uai () naquê tempo ês fazia festa, andava oito dia/ a Compania andava oito dia, né? A Compania é sete ou oito cantadô. Mais sempre ia mais porque uns cansava, né? (Ent.14, linhas 475 e 476)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha:

Companhia. sf. 'aquilo ou aquele que acompanha' 'comitiva, séquito etc.' Do lat, vulg. * *compania*.

Rei. sm. 'soberano que rege ou governa um estado monárquico' / XIV, rey XII, rrex XIV/ Do lat. *rex regis*.

6. Amadeu Amaral: n/e

104. CORGO Nm [Ssing] _____ 04 OCORRÊNCIAS

Teve uma vez que nós tinha/ os terreno nosso era assim tudo passava no corgo. E era de cá e de lá. Um tar G. C., vendeu po L.A. que era subrinho dele, aí pegô e passô o nosso de cá pra ele, pro G. C. isso po L.A. e ficou cum oto pra lá po G.. Nós ficamo sem nenhum/ nenhum petisquinho de chão. (Ent. 7, linha 84)
PESQ.: E a água? Tinha água encanada ou não? INF. 1: Não. Era do corgo mia fia. (Ent. 9, linha 212)
Passava no corgo assim, inchia o lito d'água (risos) punha na cabeça e ia rezá. Ia lá no cruzero/ era pa cima da fazenda. A gente ia rezá, jogá água no pé do cruzero. Pa chuvê, né? (Ent. 10, linha 298)
É. Aí ês rezava, cantava, pidia um pai-nosso e umas três ave-maria pas arma. E tale coisa. E diz que num podia incontrá. Aí se tivesse ota turma rezano de lá do corgo... (Ent. 13, linha 437)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Corgo. s.m. Pop. O mesmo que córrego.

4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Córrego. sm. 'riacho' XVI. Do lat. **corrugus*.

6. Amadeu Amaral:

Córgo córrego s. m. - riacho. | F. J. Freire dá o t. como antiq. e equivalente 'a "regueiro". Ad. Coelho, na "Ling.", dá esta palavra entre as que "estão realmente caídas em desuso ou vivem só como termos provinciais".

105. CRAMAR [V] _____ 02 OCORRÊNCIAS

É, o povo tá cramando demais. (Ent. 1, linha 89)
Agora hoje tem as coisa tudo fáci e o povo crama. (Ent. 11, linha 65)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Cramar. v.r.v. O mesmo que clamar.

4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Clamar. XIV. Do lat. clamare.

6. Amadeu Amaral: n/e

106. CRIAÇÃO Nf [Ssing] _____ 07 OCORRÊNCIAS

O L. foi ajudá o T.o tocá criação e eu fui a pé e ês me acompanhano. (Ent. 1, linha 119)
Hum! Mas é engraçado! Cachorro/ quarqué criação que é mais de estima eles é pirseguido pa sumi(r). Quando é umas criação() lá uma vaca (). (Ent. 1, linha s 217 e 218)
Quondo foi pra ele morrê. Este homi morreu que nem uma criação, morreu no meio do pasto. (Ent. 7, linha 13)
Uai, intão. Até a criação tem vontade de vortá pra casa. (Ent. 14, linha 270)
Aí mamãe falô que ia lá. () tava aqui veio cá e comprô umas criação. ... E ê foi ajudá a levá as criação pa podê chegá lá em casa. (Ent. 15, linhas 486 e 488)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Criação. s.f. Lat. creatio. 10. Animais domésticos que se criam para alimento do homem, como coelhos, galinhas, etc.

4. Aurélio:

Criação. [Do lat. *creatione*.] Substantivo feminino. 10.O conjunto dos animais domésticos que se criam, principalmente para fins lucrativos: A peste dizimou a criação da fazenda.

5. Cunha:

Criação. Do lat. creare./ -çon XIII, -ço XIV etc.

6. Amadeu Amaral: n/e

107. CRIOLO Nm [Ssing]

06 OCORRÊNCIAS

Aqueas criola que trabaiava na fazenda arranjava aquês negrinho. Aí quondo aquês negrinho ia criano dento da fazenda, quondo tava num tamanho assim. Reunia aquês quarenta, cinquenta animal. (Ent. 2, linha 219)

Ele matô um cara, um criolo de famia, gente boa. Matô o criolo e corda marrada no pescoço do criolo e espingarda de tiracosta no peito. Lá ia arrastano o nego pa in/jogá n'água. (Ent. 7, linhas 23 e 24)

Nunca achava. E ele lá ia arrastano este criolo da casa dele, qué vê a distância. Cumu daqui no posto Martin do rio. (Ent. 7, linha 29)

Vamo levá exe criolo pra trás e vamo sipurtá ele. A muié dele fica sabeno, os fio fica sabeno. (Ent. 7, linha 34)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Crioulo. Escravo, que nasceo na casa do seo senhor.

2. Moraes:

Crioulo. s.m. O escravo que nasce em casa do senhor.

3. Laudelino Freire:

Crioulo. s.m. Cast. criollo. 3. Negro nascido na América por oposição ao originário da África.

4. Aurélio:

Crioulo . [De *cria* (*criar*) + el. incerto (poss. *-oulo, *-oilo [do lat. -olu, pelo moçárabe]), poss.] Adjetivo. 1. Diz-se de qualquer indivíduo negro.

5. Cunha:

Crioulo. adj. sm. 'cria, escravo' 'ext. negro nascido na América' XVII.

6. Amadeu Amaral:

Criô[u]llo s. m. designava os pretos criados em determinada fazenda, localidade, etc.

108. CRUZERO Nm [Ssing]

08 OCORRÊNCIAS

A rezá, né? O sole tava quente, eu me lembro. Eu era piquena, a gente ia/ quando o sole tava quente na roça. A gente inchia o lito d'água, punha na cabeça e lá ia aguá o cruzero, né? (Ent. 10, linha 290)

Passava no corgo assim, inchia o lito d'água (risos) punha na cabeça e ia rezá. Ia lá no cruzero/ era pa cima da fazenda. A gente ia rezá, jogá água no pé do cruzero. Pa chuvê, né? (Ent. 10, linha 299)

Cruzero. Lá na roça tinha cruzero de São Sebastião. (Ent. 10, linha 305)

É que nós ia aguá o cruzero, né? Rezava no cruzero. Tempo da quaresma a gente rezava.... (Ent. 10, linha 310)

Tinha. Tinha que rezá/ e a gente ia longe. No cruzero mais longe. Pa tirá as arma, né? A gente rezava munto pas arma... (Ent. 10, linha 314)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Cruzeiro. Huma grande cruz de pedra, como as que se poem nas estradas, ou em praças públicas.

2. Moraes:

Cruzêiro. s.m. Grande cruz, que se arvora nos adros das Igrejas, &c.

3. Laudelino Freire:

Cruzeiro. S.m. Grande cruz de pedra que se arvora nos adros de algumas igrejas, em praças, estradas, cemitérios, etc.

4. Aurélio:

Cruzeiro. [De *cruz* + *-eiro*.] 2. Grande cruz, erguida nos adros, cemitérios, largos, praças, etc.

5. Cunha:

Cruzeiro. do lat. *crux crucis*.

6. Amadeu Amaral: n/e

109. CUIA Nf [Ssing]

04 OCORRÊNCIAS

...Aí eu catava a cuíña de cumida e se mandava. PESQ.: Catava o quê? INF. 2: Cuia. Levava cumida era na cuia. INF. 1: A cuia é feita de cabaça. (Ent. 1, linhas 707 e 708)

É desajeitado/tinha que carregá assim ó. Aí ê tinha um biquinho tarrancava naquilo ali./Pirigo cai c'aquilo/quebrá a cuia e ainda perdê o cumê. (Ent. 1, linha 711)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Cuya. Vaso de barro, em que bebe o Gentio do Brasil. Rede, cabaço, & cuya.

<p>2. Morais: <u>Cuia</u>. V. <i>Cuya</i>.</p> <p>3. Laudelino Freire: <u>Cuia</u>. s.f. 2. Casca do fruto da cuieira, que depois de seca é empregada na fabricação de pratos, púcaros e outros utensílios.</p> <p>4. Aurélio: <u>Cuia</u>. [Do tupi.] Substantivo feminino. 2.Vaso feito desse fruto maduro depois de esvaziado do miolo. [Sin. (nessas acepç.): <i>cabaça</i> ou <i>cabaço</i>, <i>coité</i>, <i>cuietê</i> ou <i>cuietê</i>, <i>cuité</i> ou <i>cuitê</i>.]</p> <p>5. Cunha: <u>Cuia</u>. sf. ‘vasilha feita com a casca da cuieira.’/1587, <i>cuya</i> c1584 etc. /Do tupi ’<i>kui</i>a.</p> <p>6. Amadeu Amaral: <u>Cuí</u>a s. f. - metade de um fruto de cabaceira, ou cuietê, limpo, usado como vasilha, principalmente como farinha. T. corrente em todo o Brasil com ligeiras variações de sentido. - Dão-lhe orig. tupi-guar.: “iacui”, - o que faz pensar no celebre epigrama: “<i>Il a bien changé sur la route</i>”...</p>

<p>110. CUMADE Nf [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>Mandô! Ea muntuô na hora. Dormiu doi’ dia. Aí papai falou: “que que deu na ideia da <u>cumade</u> M. (Ent. 1, linha 301)</i> <i>Aí eu mudei pra cá. A <u>cumade</u> R. C... (Ent. 15, linha 659)</i></p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1. Bluteau: <u>Comãdre</u>. A companheira do padrinho de hum menino na pia de baptismo.</p> <p>2. Morais: <u>Comãdre</u>. s.f. A mulher que serve, de madrinha a respeito da mai, ou pai do afilhado.</p> <p>3. Laudelino Freire: <u>Comadre</u>. s.f. De com + adre. Madrinha de uma pessoa, em relação aos pais desta.</p> <p>4. Aurélio: <u>Comadre</u>. [Do lat. tard. <i>commatre</i>.] Substantivo feminino. 1.Madrinha, em relação aos pais do neófito.</p> <p>5. Cunha: <u>Comadre</u>. sf. ‘madrinha, em relação aos pais do neófito’ XVI. Do lat. tard. <i>commater – atris</i>.</p> <p>6. Amadeu Amaral: n/e</p>

<p>111. CUMÊ Nm [Ssing] _____ 08 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>Eu lembro é/eu ia levá <u>cumê</u> po papai/mais o véio chamava C. A.. Infiava po mato adento e num tinha medo. (Ent. 1, linha 694)</i> <i>É desajeitado/tinha que carregá assim ó. Aí ê tinha um biquinho tarrancava naquilo ali./Pirigo cai c’aquilo/quebrá a cuia e ainda perdê o <u>cumê</u>. (Ent. 1, linha 737)</i> <i>PESQ.: Mais trabalhava mais era cum plantação? INF. 1: É, plantação. Aí () que tratá dos pião tinha que levá <u>cumê</u> pra eles. (Ent. 5, linha 63)</i> <i>Veio fora da hora, né? Quenta o <u>cumê</u> lá e come. (Ent. 10, linha 128)</i> <i>Quando eu vô lavá aquê tanto de trem cum coisa que feiz <u>cumê</u> prum povão. Agora é bão. Nós vai pus café. Só faço arroz, feijão e carne. (Ent. 12, linha 30)</i> <i>Agora eu tô tomamo remédio pra o estamo. Mas o <u>cumê</u>/ o <u>cumê</u> me imbucha. (Ent. 15, linha 277)</i> <i>Eu falei “vô levá um <u>cumê</u> po Guido/ tava cuns pintinho assim ó./ Vô levá <u>cumê</u> po Guido, ê <u>cumê</u>. (Ent. 15, linhas 336 e 337)</i></p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1. Bluteau: <u>Comer</u>. O que se come.</p> <p>2. Morais: n/e</p> <p>3. Laudelino Freire: <u>Comer</u>. S.m. Comida, alimento.//2. Refeição usual.</p> <p>4. Aurélio: <u>Comer</u>. [Do lat. <i>comedere</i>, pela var. vulg. *<i>comere</i>.] Substantivo masculino. 20.Comida (1 e 3).</p> <p>5. Cunha: n/e</p> <p>6. Amadeu Amaral: n/e</p>

112. CUMPADE Nm [Ssing] _____ **11 OCORRÊNCIAS**

*E minha avó era meia biruta. Era pa bebê poquinho e ela já punha na xícara. Falava po papai: “Ah cumpade G. vamo pô uma medida maió porque isso num vai valê de nada memo. Tá muito fraquinho”. (Ent. 1, linha 297)
Ah, isso aí é o cumpade do meu pai, o/ ê morava aqui/ lá em Passos. () mai’ ê tinha terra lá perto de onde ê morava. (Ent. 8, linha 2)*

A minha mãe pois água quente prele lavá os pé e ê tava lavano os pé e falo po meu pai assim ó: “ô cumpade J.”. “O que que é cumpade S.” “Eu vô te falá uma coisa.” “Que que foi?” “Ocê num sabe onde tá a mãe dessa égua que ocê me imprestô?” (Ent. 8, linha 18)

Intão ela casô a premera vez cum o irmão do Onofre cum o cumpade do J.. ... () Aí a M. casô cum o cumpade J. e ficô viúva. / Foi na cidade, o caminha pegô ele matô ele. ... Quatro () namorô nove ano cum o cumpade J. (Ent. 15, linhas 162,171 e 175)

Largô mão. Encontô cum cumpade J., casô. E eu, cum meu marido (eu vim aqui) “é eu vô pidi casamento, pode?” () mas num gostava dele não. Parece que oiva e num achava graça () ... Morreu o cumpade M. Morreu () M., J., cumpade C. (Ent. 15, linhas 447 e 582)

Eu cheguei, pejei pa tirá esse gado. Cadê se dá jeito d’eu tirá. Aí chegô um cumpade meu e ajudô a tirá o gado da horta. (Ent. 15, linha 630)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Compadre. O companheiro da madrinha de hum menino na pia de bautismo.

2. Moraes:

Compadre. s.m. O que serve de padrinho a hum menino, se diz compadre de seu pai.

3. Laudelino Freire:

Compadre. s.m. Lat. *compater*. Padrinho de uma pessoa, em relação aos pais desta.

4. Aurélio:

Compadre. [Do lat. *compatre*.] Substantivo masculino. 1. Padrinho de um neófito em relação aos pais dele.

5. Cunha:

Compadre. sm. ‘padrinho de um neófito em relação aos pais dele’ XIII. Do lat. *compatrem*.

6. Amadeu Amaral: n/e

113. CUNDUÇÃO Nf [Ssing] _____ **02 OCORRÊNCIAS**

Só tinha cavalo. Cundução num tinha. (Ent. 11, linha 26)

Lá na roça num havia cundução. Num tinha caminhão, num tinha/ pra transportá as coisa tinha era carguero. (Ent. 14, linha 164)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Condução. Condução. s.m. Lat. *conductio*; *conductionem*. Transporte.

4. Aurélio:

Condução. [Do lat. *conductione*.] Substantivo feminino. 2. Pop. Meio de transporte; veículo, transporte: *Fiquei sem condução: tive de vir a pé.*

5. Cunha:

Condução. Do lat. *conducere*. XVII.

6. Amadeu Amaral: n/e

114. CURRALE ~ CURRAL Nm [Ssing] _____ **07 OCORRÊNCIAS**

Lá em casa tinha um que morava perto do currale, entrava nos buraco. (Ent. 1, linha 622)

Ê pegô a vaca e fechô dento do currale. (Ent. 2, linha 214)

Aí, ê pegô, fechô um pordo dos mió da tropa dele lá no curral (Ent. 2, linha 244)

Vai lá e toca aquês animal pro curral.” Nequinho tocava aquês animal até parecia, que Deus me perdoe, tentação. O animarzinho chegava na porta do curral e vortava pra trás. () o véio catava a carabina. (Ent. 2, linhas 221 e 222)

Aí o cara falô: “ranja uma cordinha patrão, que nós leva.” Pegô o podrinho e foi arrastano. Petitinho. E o grande que era de Santo Reis ficô lá no currale. (Ent. 2, linha 250)

INF.: *Tinha que sabê fazê tudo. Lá em casa ês apertava nós no sirviço. Mais apertava memo. PESQ.: Uai, mais a mãe da sinhora gritando moleza. Deus me livre! INF.: Mais ela num ia lá no currále ajudá.*” (Ent. 11, linha 257)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Curral. Currál. Receptaculo de qualquer gênero de gado, com cancellas ao redor, sem telhado, no que se differença de corte, que he casa com telhado.

2. Moraes:

Currál. s.m. Cercado de páos para recolher gado, e apanhar peixe.

3. Laudelino Freire:

Curral. s.m. De curro. Casa, pátio, lugar, em que se junta e recolhe o gado.

4. Aurélio:

Curral. [De or. controversa; poss. do lat. vulg. **currále* < lat. *curru*, ‘carro’.] Substantivo masculino. 1. Lugar onde se junta e recolhe o gado; arribana, corte, malhada.

5. Cunha:

Curral. sm. ‘lugar onde se junta e recolhe o gado’ XIII. De origem controvertida.

6. Amadeu Amaral: n/e

115. CURRUPIÃO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

INF. 2: *Uma vez eu fui lá na Tonha minha irmã. Passei. Aí, jantô. Não, fiz janta pro cêis. Aí eu falei: “não num vô jantá não”. Nós lá ia daqui da roça e passô la. Ela ligô se tivesse galinha levá... /pro Luís comprá duas pra sortá na casa da fia dela que tava aparecendo currupião e que acaba com aquê é galinha. PESQ.: O que que é currupião? INF. 1: É um bichinho assim que tem um ferrão maió que esse e ele tem veneno quase iguale cobra... PESQ.: Mas ele é parente do escorpião? INF. 1: É o escorpião. INF. 2: É o escorpião. PESQ.: Ah! INF. 1: Ele dá onde tem muita casca, muita maderá. PESQ.: Mas ele é chamado de currupião também? INF. 2: É chamado de escorpião a vida inteira, é, até na televisão eis fala escorpião. Não, na cidade tem demais dele,(). É o povo tá cramando demais. ().* (Ent. 1, linha 79)

Registro em dicionários

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

116. CUSTAR [V] _____ 04 OCORRÊNCIAS

...eu até custei pra jantá... (Ent. 1, linha 106)

Cê custava a tomá um golo de urina. (Ent. 1, linha 467)

Aí custô demais memo, arranjô até advogado, uma bobera pur causa dum sino. (Ent. 13, linha 369)

Custô a escutá/veio. (Ent. 15, linha 370)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Custar. Causar moléstia, trabalho & c.

2. Moraes:

Custar. Causar moléstia, trabalho.

3. Laudelino Freire:

Custar. v.r.v. Lat. *constare*. 3. Ser difícil, penoso ou trabalhoso.

4. Aurélio:

Custar. v. *int.* 2. Bras. Custar (5). T.i. 3. Ser difícil, penoso. 4. Bras. Ter dificuldade. 5. Bras. Tardar, demorar.

5. Cunha:

Custar. vb. ‘orig. ser difícil ou doloroso.’. Do lat. *constare*.

6. Amadeu Amaral: n/e

117. CUTELO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Ê vem cá e fica fuçano cum essa horta aí, mexe cum cutelo, mexe cum inxada. (Ent. 15, linha 91)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Cutelo. Chamaõ os cortidores a certo ferro largo, & semicircular, com que cortaõ os couros.

2. Moraes:

Cutelo. S.m. Alfange. Ferro largo, e semicircular, com que os curtidores cortão os coiros.

3. Laudelino Freire:

Cutelo. Cutello. s.m. Lat. *cultellus*. Instrumento cortante composto de um ferro semicircular, com o gume na parte convexa e um cabo de madeira, o qual antigamente tinha aplicação nas execuções por decapitação, e hoje serve principalmente aos cortadores para talharem a carne e aos correiros para cortarem o cabedal.

4. Aurélio:

Cutelo. [Do lat. *cultellu*, 'faquinha'.] Substantivo masculino. 1. Instrumento cortante, semicircular, de ferro. 2. Utensílio semelhante ao cutelo (1), especial para cortadores e correiros. [Aum.: *cutelão*, *cutilão*.]

5. Cunha:

Cutelo. sm. 'faca' / coitello XIII, coyelo XIII/Do lat. *cultellus*.

6. Amadeu Amaral:

Cuitélo s. m. - beija-flor. | É forma antiga de **cutelo** do lat. **cultellu(m)**: "Oo piedade do muy alto Deos, se emtom fora tua merce de botares aquell cruel **cuytello** que nom dampnara o seu alvo corpo, inocente de tam torpe culpa". (Fem. Lop., episódio de D. Maria e do inf. D. João).

118. DANAR [V] _____ 03 OCORRÊNCIAS

Era aquela coisa custosa. Ota coisa menina/que eu lembro () da minha vó daná cum nós, no tempo do frio.
(Ent. 1, linha 583)

Cê ia prcurá a pessoa por uma coisa, num arrumava, danava ca gente, batia. Punha os cachorro por riba da gente. (Ent. 2, linha 30)

É/ o genro do homi, da moda do oto do homi que eu num sei quem é... / danô cum ela, cum a mãe da minina.
(Ent. 13, linha 147)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Danar ou Damnar. v.r.v. Lat. *damnare*. 3. Bramar de raiva; desesperar-se.

4. Aurélio:

Danar. v.t.d. 3. Encolerizar-se.

5. Cunha:

Danar. vb. 'encolerizar' XIII. do lat. *damnare*.

6. Amadeu Amaral: n/e

119. DAR CRIA [V] _____ 02 OCORRÊNCIAS

...e ela deu cria/ela arrumou cachorrinho de um cachorro preto e ela deu cria de uns cachorrinho tudo preto.
(Ent. 1, linha 192)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha:

Dar. vb. 'produzir, soar, noticiar, abranger' XIII. Do lat. *dare*.

Cria. sf. 'animal que ainda mama' XVI. Do lat. *creare*.

6. Amadeu Amaral: n/e

120. DEMANDA Nf [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

É. É antigo. Eu lembro que meu/ eu tinha uma avó que comprô umas terra. Essas terra tava meio inrolada e deu uma demanda. Intão, eu tinha um tio... PESQ.: Hum? INF.: É.../ E nessa demanda ele ia arrumá as papelada ou tinha que i em Jacuí ou Cabo Verde que é.../ que as iscritura, dos papel antigo... (Ent. 14, linhas 299 e 301)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Demanda. Aução, ou acção que se intenta sobre alguma cousa, em que se tem direito.

2. Moraes:

Demànda. s.f. Acção proposta, e disputada comenciosamente em Juízo.

3. Laudelino Freire:

Demanda. s.f. De *demandar*. 2. Ação judicial proposta e disputada contenciosamente; litígio; pleito.

4. Aurélio:

Demanda. [Dev. de *demandar*.] Substantivo feminino. 1.Ação de demandar. 2.Ação judicial; processo, litígio. 3.Contestação; discussão, disputa. 4.Combate, peleja, pugna.

5. Cunha:

Demanda. Do lat. *demandare*, XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

121. DE PRIMERO [Loc Adv] _____ 11 OCORRÊNCIAS

Mais ela qué sabê da sinhora cumé que era de primero. Que que era custoso? Se era fácil. Se hoje tá mió, né? (Ent. 12, linha 45)

É. Não, o fio ainda passa. () coisa da sorte. De primero, antigamente ês falava que esse beja-flore era munto ruim. (Ent. 13, linha 311)

Candeia. Narguns/ eu cunheço/ num sei se é na casa da minha tia tem uma peça dessa. É uma pecinha piquena/ mas e a querosene de primero vinha na lata de 20 litro. (Ent. 14, linha 218)

Agora, hoje/ num tem ferrero mais que faiz isso. Porque de primero ês fazia/ ferrava animal, cavalo. (Ent. 14, linha 396)

De primero trabaiava, tinha mais jeito de passíá, tinha tempo. (Ent. 3, linha 32)

De primero num tinha negócio de ladrão, hoje já tem. (Ent. 3, linha 42)

E de primero num tinha essa mordomia de querê cumê carne todo dia, né? (Ent. 5, linha 74)

De primero tinha que i isfregano o carcanhá assim até sai fogo. (Ent. 5, linha 167)

De primero era difícil memo. (Ent. 5, linha 171)

Ah, de primero era assim: a gente quiria vim pa assisiti festa. Era Natal, era Semana Santa, a gente quiria vim. (Ent. 5, linha 234)

Dispois furô, né? () Mais de primero não. (Ent. 9, linha 216)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

De primeiro. “loc. adv. Primeiramente, antes de tudo ou de todos: “de primeiro, Vasco Fernandes a puras bombardas impedia que o abordassem” (Aulete) // 2. Antigamente.”

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

122. DEREIAR [V] _____ 01 OCORRÊNCIA

Ele ficava dereiario caquela cangaia até tirá corda do pescoço pa depois pô a canga. (Ent. 4, linha 140)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

123. DERRADERO Nm [ADJsing] _____ 04 OCORRÊNCIAS

Mais o derradero, acabô ()limpinho. Um bunito terrero, assim limpinho. O o[u]to café mais véio e sujo é o povo do C. que ia panhá. (Ent. 1, linha 22)

E nós tava no terceiro andar, no derradero andar lá em cima, quinze andar. (Ent. 2, linha 96)

Uai, esse aqui é o derradero, do cabeçaio, chaveia, do meio, pé da guia. Essa aqui é junta de guia. Nós tinha um boi que parecia cum esse aqui, chamado pexão. (Ent. 4, linha 223)

No derradero dia. (Ent. 10, linha 335)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Derradeiro. “ultimo. *Extremus, a,um*. Cic. Vid. Ultimo.”

2. Moraes:

Derradêiro. “adj. Ultimo, final.”

3. Laudelino Freire:

Derradeiro. “adj. Que fica ou vem atrás ou depois; o último, o restante. // 2. Final, extremo.”

4. Aurélio:

Derradeiro. [Do lat. vulg. **derretrariu*, *derratrariu* < lat. *retro*, ‘para trás’.] Adjetivo. 1. Que vem atrás; que está depois; último. 2. Extremo, final; último: *Aplicaram tal medida como derradeiro recurso*.

5. Cunha:

Derradeiro. “adj. ‘último, extremo’ XIV. Do lat. **derrat(r)arius*, de **derretrarius*, de *retro* ‘para trás’.”

6. Amadeu Amaral: n/e

124. DESBANDONADA Nf [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Minha casa cabô tudo. Tá tudo desbandonada. Até porta tá destrangolada. (Ent. 2, linha 190)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

125. DESBARRANCADO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

O buraco é poco pa diante da fazenda, num desbarrancado. (Ent. 2, linha 228)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Desbarrancado. S.m. Erosão, corte, escavação num terreno. // 2. Precipício, abismo, despenhadeiro.

4. Aurélio:

Desbarrancado. [De *des-* + *barranco* + *-ado*¹.] Substantivo masculino. 1. Bras. SP Despenhadeiro, precipício.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

126. DESTRANGOLADA Nf [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Minha casa cabô tudo. Tá tudo desbandonada. Até porta tá destrangolada. (Ent. 2, linha 190)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

127. DESVANECER [V] _____ 01 OCORRÊNCIA

Dava uma cagança na criança, mas aí a barriga desvanecia. (Ent. 1, linha 447)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Desvanecer. Passar, acabar.

2. Moraes:

Desvanécer. Passar, acabar.

3. Laudelino Freire:

Desvanecer. v.r.v. De *des* + *vão* + *ecer*. Passar, desaparecer, apagar-se, sumir-se.

4. Aurélio:

Desvanecer. v.t.d. Dissipar, extinguir.

5. Cunha:

Desvanecer. vb. ‘fazer passar ou desaparecer, extinguir’ XIII. Do cast. *desvanecer*, de *vano* ‘vão’, deriv. do lat. *vanus*.

6. Amadeu Amaral: n/e

128. DISPOIS [ADV] _____ 14 OCORRÊNCIAS

Aí dispois disso, eu e um irmão meu viremo trabaiá dimais. Trabaiá dimais. (Ent. 2, linha 36)

Dispois, cê num tava nessa turma. (Ent. 2, linha 149)

E dispois nessa fazenda memo. (Ent. 2, linha 232)

Dispois fazia de teia comum. (Ent. 5, linha 56)

Agora, dispois que nós tirava pra diente. (Ent. 5, linha 59)

Primero, dispois usô a (). (Ent. 5, linha 194)

Passa uns dez dia, uns quinze dispois cê tem que pagá. (Ent. 7, linha 11)

E dispois vê que ê morreu no meio do pasto urrano que nem jumento. (Ent. 7, linha 41)

Dispois/ dispois que eu casei que eu larguei mão. (Ent. 9, linha 56)

Dispois furô, né? (Ent. 9, linha 216)

E num sei se punha ropa dispois que/ tava na hora de interrá. (Ent. 13, linha 574)

Dispois eu vim na/assisti uma peça na Ventania. (Ent. 15, linha 464)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Despois. “ou depois. Vid. No seu lugar.”

2. Moraes:

Despòis. “v. depois. Como preposição, depois certo tempo. Ord. Af. 5. f. 380. ao modo castelhano.”

3. Laudelino Freire:

Despois. “adv. O mesmo que *depois*.”

4. Aurélio:

Despois. “Adv. Ant. Pop. 1. Depois: “Primeiro tratarei da larga terra, / Depois direi da sanguinosa guerra.” (Luís de Camões, Os Lusíadas, III, 5)”

5. Cunha:

Depois. adv. ‘em seguida, posteriormente’ XIII. Do lat. *depost*.

6. Amadeu Amaral:

Despois. “adv. // Frequentemente se apocopa: *despoi*; também não é raro aferesar-se: *espois*; e às vezes dão-se os dois fatos conjuntamente: *espois*; tudo depende, como em tantos outros casos, da pressa com que se fala, e da posição do voc. na frase: “Inté depois” – “Espoi mais vô lá”. // *Despois* é forma arcaica, que se encontra em Camões, entre outros clássicos, já em concorrência com a que veio prevalecer.”

129. DISQUILIBRAR [V] _____ 01 OCORRÊNCIA

O O. toda vida duente, mais agora de certo tempo pra cá, coitado. Ê disquibrô memo. (Ent. 15, linha 871)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Desequilibrar. vb. Do fr. *desequilibre*, 1881.

6. Amadeu Amaral: n/e

130. DORAIADA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Tô cuma doraiada. (Ent. 15, linha 2)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

131. DRUMIR [V] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Que não drumia de noite por causa do medo do bicho. (Ent. 1, linha 93)

Invadiu o rancho que num tinha lugá nenhum pra drumí. (Ent. 2, linha 150)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Dormir. vb. ‘deixar de estar acordado, descansar no sono’ XIII. Do lat. *dormire*.

6. Amadeu Amaral: n/e

132. EM ANTES [Loc Adv] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Eu vô fazê só mais uma verdura e o arroz. É iguale ieu. Se eu fô fazê, tem o arroz pronto, se o L. num fô sai trabuçano em antes do armoço, ieu isquento aquele ali que eu fiço ontí. (Ent. 13, linha 10)

Dipois, em antes desse povo casá... (Ent. 15, linha 785)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral:

In antes. em antes, loc., usada as vezes pela forma simples “antes”: “Estive lá ainda *em antes* que ele chegasse”.

133. EMBORNAZADA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

É... eucalipero. Oto dia até peguei uma embornazada. Veio num sábado aqui. Falei “oh, vô pegá aí, o que as arve tivé.” Parece que tá semo bão a (). (Ent. 13, linha 107)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

134. EMBULIA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

INF.: Pa fazê a festa do casamento. Munta muié qu tinha lá em casa pa ajudá no casamento. Ieu num gostei de vê matá porco. PESQ.: Ah! INF.: Quando nós ingordava porco, aquilo, no dia de matá, eu sufria/ eu curria lá pra baxão. PESQ.: A sinhora num via mesmo? INF.: Dava uma embulia. (Ent. 10, linha 617)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

135. EMPACHADA Nf [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Tia G., qué vê uma coisa que o papai fazia pa nós e era um santo remédio. Quando/hoje eu falo criança não acontece isso mais, né? Por que que as criança ficava empachada. (Ent. 1, linha 436)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Empachado. adj. P. p. de *empachar*. Obstruído, sobrecarregado, repleto, cheio.

4. Aurélio:

Empachado. [Part. de *empachar*.] Adjetivo. 2.P. ext. Que tem o estômago empachado. 3.Bras. S. Diz-se de pessoa de ventre volumoso, rotundo.

5. Cunha:

Empachado. Do ant. fr. *empeechier*. XIV.

6. Amadeu Amaral: n/e

136. EMPRASTO Nm [Ssing] _____ 05 OCORRÊNCIAS

E o outo era/Ai como que era/falava emprasto/ assim. ... Emprasto, mas o emprasto era mais fraco (Ent. 1, linhas 350 e 351)

Emprasto era quando fazia assim/era/era mato, era pranta. Então pegava a pranta colocava numa “vazi[lh]a” ou pano. A mamãe massava num pano. Massava, massava, mas o que que colocava eu num sei. Depois vinha caquele punhado de coisa e batia no lugar da gente assim ó. ... O emprasto esfregava, esfregava, esfregava ali ó. (Ent. 1, linhas 377 e 381)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Emplasto. Emprasto. Emplastro. Derivase do grego *En*, & *Platein*, *Fazer*, *Formar*, ou *Pegar Fazendo*. He pois Emplasto, Medicamento exterior de substância solida, & glutinosa, composto de vários simples, ou drogas, amassadas num corpo.

2. Moraes:

Emplásto. s.m. Medicamento de varias drogas amassadas, e encorpadas de ordinário com óleo, applica-se externamente para tapar os poros, e mollificar algum tumor; ou para se introduzir por elles alguma parte, de que é composto, como mercúriás, confortativos, &c.

3. Laudelino Freire:

Emplastro. s.m. Lat. *emplastrum*. Farm. Medicamento sólido e consistente que amolece com o calor, o que facilita a sua aderência aos corpos ou parte dos corpos com que está em contato.

4. Aurélio:

Emplastro. [Do gr. *émplastron*, pelo lat. *emplastru*.] Substantivo masculino. 1.Medicamento que amolece ao calor e adere ao corpo.

5. Cunha:

Emplastro. sm. ‘medicamento que amolece ao calor e adere ao corpo’/XV, -prasto XIV/Do ant. fr. emplastre (hoje emplâtre), deriv. do lat. *emplastrum* -i.
6. Amadeu Amaral: n/e

137. EM RODA [Loc Adv] _____ 05 OCORRÊNCIAS

...e vai lá no *quartinho* e chora em roda de mim. (Ent. 1, linha 152)
Agora as *peessoa populares*, a *gente da vorta* em roda ali *cos namorado*. Em roda do *jardim* ficava ASSIM. (Ent. 10, linha 216)
De *abri* em roda *assim da mesa*. (Ent. 10, linha 439)
Ê *criô um povão* e *comprava um pedacinho de terra* em roda dali. (Ent. 13, linha 257)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

138. ENCARRIAR [V] _____ 01 OCORRÊNCIA

Intão põe ela incarriada *assim e...* (Ent. 14, linha 427)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Encarrilhar. v.r.v. Corr. de *encarrilar*. Meter ou por nos carris, trilhos ou calhas.

4. Aurélio:

Encarrilhar. v.t.d. 2. *encarreirar*.

5. Cunha:

Encarrilhar. Do lat. vulg. *discarricare*, XVIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

139. ENDEREITAR [V] _____ 01 OCORRÊNCIA

Endereitava. *Trox*e a *cama*, *desmanchô* a *cama dele*. *Tox*e *áqüea* ali ó. (Ent. 15, linha 877)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Endereitar. Vid. *Endireitar*.

2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Endereitar. Do lat. *dirigere*. XVI, *endereitar* XV.

6. Amadeu Amaral: n/e

140. ENVIR [V] _____ 02 OCORRÊNCIAS

E daí quando nós *todo mundo* () *nóis* envinha *embora*, *os cachorrinho da C...* envinha *um grandão* (Ent. 1, linhas 124 e 125)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

141. ERVA SANTA-MARIA Ncf [Ssing + Ssing + Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Aí, é pega e colocava aquela prasta/ colocava aquela erva Santa Maria também, ês gostava de colocá ela. (Ent. 1, linha 327)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Erva-santa-maria. V.Ortelã Francesa.

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Erva-santa-maria. Substantivo feminino. 1.Bras. Bot. V. *erva-de-santa-maria*. [Pl.: *ervas-santa-maria*.]

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

142. ESBAGAÇADO Nm [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Aí ê perguntô meu pai se ele num sabia onde tava a mãe da égua que ele tinha emprestado. Meu pai falô: “ah, eu num sei. Mais pra que que cê quiria?” Não, é porque se eu subesse aonde ela tá, eu ia comprá ela pa num pari uma égua tão ruim iguale essa que eu tô esbagaçado. (Ent. 8, linha 25)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

143. ESCADERA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

A escadera dueu e eu falei: “num é nada e cuntinuei a trabaiá.” Somei cum nada não. A coluna virô. (Ent. 15, linha 799)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

144. ESTOPORAR [V] _____ 02 OCORRÊNCIAS

PESQ.: Mas o que que eles falam mesmo, por exemplo, a pessoa que ta torrando café aí ta naquele calor e sai no frio? INF.: Estopora. PESQ.: É isso mesmo. Eu já ouvi muito essa expressão da minha avó. INF.: Estopora. PESQ.: Ela entorta a boca. (Ent. 11, linhas 139 e 141)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

145. FEJÃO PAGÃO Ncm [Ssing + ADJsing] _____ 04 OCORRÊNCIAS

Fejão, feijão cozido. A mamãe falava fejão pagão. Pegava aquele fejão pagão e massava na mão assim... (Ent. 1, linha 592)

Aí cê pegava aquê fejão pagão/ É pagão porque não tem nada. Num tem sal, num tem gurdura, num tem nada. (Ent. 1, linha 599)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Feijão. sm. 'fruto do feijoeiro, nome comum a várias plantas da fam. Das leguminosas'/*feijoes* pl. XIII/ Do lat. *faseolus -i*.

Pagão. adj. sm. 'relativo ou pertencente ao, ou próprio do individuo que não foi batizado' XIII. Do lat. *paganus*.

6. Amadeu Amaral: n/e

146. FIADO Nm [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

E nós tinha que cortá, abri ficava no balaio certinho assim. Aí cardava, a mamãe cardava/ as muié fiava. Eas fazia murtirão de fiado, eu lembro. Cada uma lá vai ca sua rodinha na cacunda. Aí fazia esse fiado, ticia e fazia gasaio de frio. (Ent. 13, linhas 541 e 542)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Fiado. Part. Pass. De Fiar. V. o verbo

3. Laudelino Freire:

Fiado. s.m. *De fiar*¹. Substância filamentososa, reduzida a fio.

4. Aurélio:

Fiado. [Part. de *fiar*¹.] Substantivo masculino. 3.Substância filamentososa reduzida a fio.

5. Cunha:

Fiado. Do lat. *filum -i*, XIV.

6. Amadeu Amaral: n/e

147. FOICE Nf [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

PESQ.: Usava o que pra trabalhá? INF. 1: Era inxada, inxada, machado, foice." (Ent. 5, linha 148)

Naquela época usava/ as pessoa/ os homi ia roçá pasto, usava foice. Ia capiná, usava inxada. Ia torá mato, usava serrote. Serra, né? (Ent. 10, linha 354)

PESQ.: O que que é cutelo? Mexe que que é isso? TERC.: Foicinha. INF. 2: Foice" (Ent. 15, linha 94)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Fouce. Instrumento de ferro, de folha delgada, & quase circular, com dentes miúdos, & ponta no cabo. Serve de segar os paens, cortar erva, feno, &c.

2. Moraes:

Fouce. s.f. Instrumento curvo de ferro com córte, ou com córte de serra; a primeira se diz fouce roçadoura, tem alvado que se embebe em seu cabo; a segunda é de segar pães, tem espiga que se enxere no cabo.

3. Laudelino Freire:

Foice. s.f. Lat. *falx; flacem*. Instrumento curvo para cortar erva nos prados, pastagens, cereais, etc.

4. Aurélio:

Foice. [Var. de *fouce* < lat. *falce*.] Substantivo feminino. 1.Instrumento curvo para ceifar.

5. Cunha:

Foice. Sm. 'instrumento curvo para ceifar'/fouce XIII, ffoiçe XIV/Do lat. *falx -cis*.

6. Amadeu Amaral: n/e

148. FORNADA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

E depois tira aquela fornada de forno que tava muito quente e aí pode po o bolo, o pão-de-quejo, o biscoito pa ficá bem sequinho põe no forno mais fresco num é muito quente não. (Ent. 11, linha 164)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Fornada. Fornada de pão. O pão que se coze no forno.

2. Moraes:

Fornada. s.f. O pão que se coze no forno cheyo, de uma vez.

3. Laudelino Freire:

Fornada. s.f. De *forno* + *ada*. Quantidade de pão, de louça ou de outra qualquer cousa que se coze ou assa de uma vez no forno.

4. Aurélio:

Fornada. [De *forno* + *-ada*¹.] Substantivo feminino. 1. Conjunto dos pães que se cozem de cada vez no mesmo forno; amassadura. 3. O que um forno coze duma vez.

5. Cunha:

Fornada. Do lat. *furnus*, XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

149. FORNO DE CUPIM NCm [Ssing + prep + Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

INF.: É. Era biscoito. Só que era um biscoito munto bem feito no fugão de lenha. Forno de lenha que ês falava.

PESQ.: Como? INF.: Forno de lenha. Forno de cupim. (Ent. 13, linha 476)

O forno de cupim, num sei se era na porta da cozinha. Sei que arrumô uma boca pertinho da porta. Aí de vez em quando as galinha bota lá dento, lá por cima. Dento não! Dento a mamãe tampava. (Ent. 13, linha 489)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha:

Forno. sm. 'recipiente para cozer alimentos' XIII. Do lat. *furnus*.

Cupim. sm. 'montículo de terra'/1734, *copi* 1587, *copij* 1627 etc./ Do tupi **kupi* 'iua'.

6. Amadeu Amaral: n/e

150. FORRÓ Nm [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Ê levava aquê tanto de rosca, pão... E ieu mais os meus irmão que era piqueno pra nós num tinha nada mió do que cumê rosca, pão, forró. Ês falava forró, né? (Ent. 14, linha 223)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

151. FOSSA Nf [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

Tem até computador, tem tudo. Ele fez eu ranjá pa fazê uma fossa lá pertinho de onde era a iscola. (Ent. 5, linha 23)

E carregava aquês coisa de barro. Pa fazê essa fossa. ... Pra fazê parede. As parede da/ da fossa lá (Ent. 5, linhas 32 e 41)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Fossa. s.f. Cova.

3. Laudelino Freire:

Fossa. s.f. Lat. *fossa*. 2. Cavidade subterrânea, em que se recolhem imundícies.

4. Aurélio:

Fossa. [Do lat. *fossa*.] Substantivo feminino. 2. Cavidade subterrânea para o despejo de matérias fecais, de imundícies.

5. Cunha:

Fossa. sf. 'fosso' XIV, do lat. *fóssa*.

6. Amadeu Amaral: n/e

152. FRANGAIADA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIAS

Uma frangaiada lá, as galinha, franga, mais duma setenta, galinha lá no terrero. (Ent. 2, linha 161)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

153. FRARDA DA CAMISA NCf [Ssing + prep + Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

INF. 2: A mamãe fazia dos trapinho, de ro[u]pa véia na mão, na máquina. Fazia na mão. /É. E tamém/tinha um negócio/Ês falava a frarda da camisa. INF. 1: A mamãe também fazia. INF. 2: Que era o primeiro pano que tinha que po. PESQ.: O que? Como chamava? INF. 2: A frarda da camisa pa po nas criança. INF. 1: Que nem nós/ês fala assim a barra da camisa, a parte de baixo da camisa, falava a frarda de camisa. (Ent. 1, linhas 564, 568 e 571 e 572)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha:

Fralda. sf. 'parte inferior da camisa, cueiro' Do gót. **falda*.

6. Amadeu Amaral: n/e

154. FROXAR [V] _____ 03 OCORRÊNCIAS

Prática é costume. Aí num tinha prática aí/ quando foi de duas hora pa tarde esse homi sacudido foi froxano, froxano, froxano. Cansano. (Ent. 8, linha 44)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

155. FUBÁ Nm [Ssing] _____ 09 OCORRÊNCIAS

Aí mandô pô aquê angu de fubá de munho nas costa. Eu tenho o sinale até hoje, quemado, a mancha. ... Angu de fubá de munho nas costa. (Ent. 2, linhas 74 e 77)

PESQ.: E o que que o povo fazia pra comê? INF. 1: Uai, era biscoito, pipoca, essas coisa. INF. 2: Bolo de fubá. INF. 1: Bolo de fubá tamém tinha. (Ent. 9, linhas 169 e 170)

Levava uma lata de mio po munho e fazia fubá, do fubá fazia o angu, fazia o bolo, fazia o mingau, fazia tudo do fubá. ... E a farinha punha lá no munjolo. O munjolo massetava o mio até virá fubá. (Ent. 11, linhas 121, 122 e 124)

E as quitanda de fubá põe no forno mais quente. Porque eas é mais dura de assá. (Ent. 11, linha 165)

Era dança. É, mais tamém era assim, café, chá, quitanda feita no forno, fugão de lenha. Aí dava/ era onze hora, era hora do café. E o povo jantava e dipois num cumia (). Aí tamém largava lá na mesa intera o resto da noite. Ota hora ês sirvia no cumeço da noite, ficava a noite intera po povo cumê. Mais era só isso, era quitanda de fubá, bolo de farinha de trigo, biscoito, pão-de-quejo nem usava. (Ent. 13, linha 471)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Fubá. s.m. Farinha para papas, de milho ou de arroz.

4. Aurélio:

Fubá. [Do quimb. *fuba*, com hiperbibasmo.] Substantivo masculino. 1.Bras. Farinha de milho ou de arroz. [Há o fubá grosso e o fino, a que chamam *mimoso*. No N.E. do Brasil pronuncia-se também (com rigor etimológico) *fuba* (parox.), pronúncia esta que parece ser a única nas antigas províncias ultramarinas portuguesas.]

5. Cunha:

Fubá. sm. 'farinha de milho'/fubá 1681/Do quimb. *fu'ba*.

6. Amadeu Amaral:

Fubá s. m. - farinha de arroz ou de milho cru, com que se fazem várias papas, bolos e outras confecções culinárias. | É t. afric. (B.-R.).

156. FUERO Nm [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

INF.: Era duas peça vortiada. As cheda é onde vai o fuero pa po aquela... PESQ.: Vai o suero? INF.: Elas vem cum doze fuero. PESQ.: Ah! Fuero! INF.: Os fuero é mai' o[u] meno de metro. Inião põe ela incariada assim e... (Ent. 14, linhas 423, 425 e 427)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Fueiros. São huns páos empinados para riba, nas bordas do leito do carro, para terem maõ na carga.

2. Moraes:

Fuèiro. s.m. Um dos páos fincados ao longo da borda do leito do carro, para empararem a carga, que vai dentro.

3. Laudelino Freire:

Fueiro. s.m. Lat. *funarius*. Cada uma das estacas que, tendo a extremidade inferior segura no chadeiro do carro, servem para amparar a carga.

4. Aurélio:

Fueiro. [Do lat. *funariu*.] Substantivo masculino. 1.Estaca destinada a amparar a carga do carro de bois: "O carreiro pulou na roda do carro para receber e arrumar entre os fueiros a cana tombada..." (Alberto Deodato, *Canaviais*, p. 81.)

5. Cunha:

Fueiro. sm. 'estaca para amparar a carga do carro' 1844. Do lat. tardio *funarius* 'relativo a corda' e, este, deriv. de *funis* 'corda'.

6. Amadeu Amaral: n/e

157. FUGÃO DE LENHA Ncm [Ssing + prep + Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Era dança. É, mais tamém era assim, café, chá, quitanda feita no forno, fugão de lenha. (Ent. 13, linha 468)

É. Era biscoito. Só que era um biscoito munto bem feito no fugão de lenha. Forno de lenha que ês falava. (Ent. 13, linha 473)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Fogão. [De *fogo* + *-ão*¹.] Substantivo masculino. 1.Caixa de ferro ou de alvenaria, com fornalha e chaminé, para cozinhar.

<p>5. Cunha: <u>Fogão</u>. XVI. Do lat. <i>focus</i>. <u>Lenha</u>. sf. ‘porção de madeira para queimar’ 1813. Do lat. <i>ligna</i>. 6. Amadeu Amaral: n/e</p>

158. FUMENTAÇÃO Nf [Ssing] _____ 07 OCORRÊNCIAS

INF. 2: *Mandô! Ea muntuô na hora. Dormiu doi’ dia. Aí papai falou: “que que deu na idéia da cumade Maria. Ela disse que era fraquinho, era poquinho, só tinha um gostinho ()”. Mas o povo curava era com isso e chá. Fumentação tamém. PESQ.: O quê? INF. 1: Fumentação. INF. 2: Fumentação. PESQ.: O que é isso ? O que era fumentação INF. 1: Fumentação é assim: quando cê tava com uma dor/tipo assim/ ocê tinha muita dor eles fazia aquele () como que é sinapismo? INF.: Sanapismo. Eu tinha um medo daquilo pega fogo ni mim. INF. 1: E eu intão. Morria de medo PESQ.: Fumentação e fazia san/sanapismo? O que que era, botava fogo?” (Ent. 1, linhas 302, 304, 305 e 307)*

PESQ.: Não, como que chama o que cêis falaram primeiro? Fumentação? INF. 1: Ah, fumentação? INF. 2: Fumentação. PESQ.: Era diferente de sanapismo? INF. 1: É. INF. 2: É. PESQ.: Não era mesma coisa. INF. 1: Não, a fumentação era assim ó... INF. 2: O papai punha assim, arrumava um algodão dento do copo, punha arco, pegava um palito de fosfo, jogava e jogava na perna da gente. (Ent. 1, linhas 354, 355 e 360)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Fumentação. Termo de Medico. Derivase do Latim Fovere, que val Hir tendo maõ na qentura, fazer por conservar o calor. A acção de fomentar, o o remédio humido, que exteriormente se applica, com espoja, ou outra materia molle, & fofa, molhado no cozimento quente de algum licor, para aguentar, abrandar, resolver, restringir, ou fortificar, chapinhado na parte, que doe, repetida, & interpoladamente. Tambem há fomentaçoes seccas; estas se fazem com folhas desecadas no forno, ou sobre o lume, cobertas com cinzas quentes, & com saquinhos de milho, Avea, &c.

2. Moraes:

Fumentação. s.f. Remedio para fomentar.

3. Laudelino Freire:

Fumentação. s.f. Lat. *fomentatio*; *fomentationem*. 2. Aplicação feita ao corpo com substâncias previamente aquecidas, com o intuito de aliviar dôres.

4. Aurélio:

Fumentação. [Do lat. tard. *fomentatione*.] Substantivo feminino. 2. Fricção medicamentosa na epiderme.

5. Cunha:

Fumentação. Do lat. *fomentare*, XVIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

159. FUNDAR [V] _____ 02 OCORRÊNCIAS

De zangá a minha vista. Aí eu num vê nada e meus óio fundá. (Ent. 15, linha 230)

De óco. De óco. Acho que o óco fundô pa cima e taiô aqui ó. (Ent. 15, linha 339)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha:

Afundar. Séc. XIII. Do lat. *fundus*.

6. Amadeu Amaral: n/e

160. FURQUIA Nf [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

É, estaleiro. Acho que era num barranco. E punha umas furquia, sei lá. Duas furquia. Fazia aquê estalero e jogava aqueas tora desse tamanho assim em riba. És tocava aquilo de pau. (Ent. 1, linha 643)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Forquilha. He hum páo de três pontas, que serve de tirar a palha mais miúda do trigo, depois de tirada a grossa, lançando na Eira a palha no ar.

2. Morais:

Forquilha. s.f. Páo com três pontas de apartar herva miúda na eira, e lançá-la ao vento, para a separa do trigo.

3. Laudelino Freire:

Forquilha. s.f. Lat. *furcilla*. Forcado com três hastes agudas, com que se remexe a palha e o matto nos estabelecimentos agrícolas; garfo.

4. Aurélio:

Forquilha.[Do esp. *horquilla*.] Substantivo feminino. 1. Pequeno forcado de três pontas.

2. Vara bifurcada na qual descansa o braço do andor; descanso. 3. Pau ou tronco bifurcado; forqueta.

5. Cunha:

Forquilha. “1813”, Esp.

6. Amadeu Amaral: n/e

161. GABIROBA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

PESQ.: Não, mas que que eram as frutas que tinham no pasto pa comê? INF. 1: Uai, era gabiropa, essas coisa. Gaitera. (Ent. 9, linha 106)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire:

Gabiropa. s.f. O mesmo que guabiropa.

4. Aurélio:

Gabiropa. Substantivo feminino. 1. Bras. Bot. V. *guabiropa*

5. Cunha:

Guabiropa. sf. ‘nome comum a diversas plantas da fam. das mirtáceas’/1817, *gabiraba* 1618, *guavirova* 1873, *gabiropa* 1946/ Do tupi *iuaué’raua*.

6. Amadeu Amaral:

Guabiropa. s. f. - fruto de uma Mirtácea muito comum; a arvoreta que o produz. | Tupi.

162. GAITADA Nf [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Uma hora ea vai () o Dércio pega esse danado desse frango e mata. Matô o frango. () Nós tudo armuçano lá, ea dá aquea gaitada e () Fernando, eu gosto dimais do Fernando, da Maria. Dá aquea gaitada “eh Z., cê caiu no bico da/ bico meu hein?, num tô grávida coisa nenhuma, Z.! Eu cumi seu frango de graça.” () mais pra que que quiria matá aquele né? Ô bicho custoso! (Ent. 2, linhas 166 e 167)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire:

Gaitada. s.f. Gargalhada.

4. Aurélio:

Gaitada. [De *gaita* + *-ada*¹.] Substantivo feminino. 4. Bras. N. N.E. RS GO Açor. V. *gargalhada*: “Teve vontade de dar uma gaitada mangando dos perseguidores.” (Fran Martins, *Dois de Ouros*, p. 12.).

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

163. GAITERA Nf [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

PESQ.: O que que era as frutas que tinha lá na roça pro cêis comerem? INF. 1: Só laranja e manga. PESQ.: Só? Mas a N. falo que comia ota coisa. INF. 1: O quê? INF. 2: Gaitera. INF. 1: Ah, gaitera era no pasto. PESQ.: Não, mas que que eram as frutas que tinham no pasto pa comê? INF. 1: Uai, era gabiropa, essas coisa. Gaitera. (Ent. 9, linhas 103, 104 e 106)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Laudelino Freire:

Gaiteiro. S.m. Espécie de mangue, cujas raízes tem o nome de *gaitas*, e que é empregado nas esfregas das linhas e tintura das rês de pescar.

4. Aurélio:

Gaiteiro. [De *gaita* + *-eiro*.] Substantivo masculino. 3.Bras. Espécie de mangue cujas raízes-escoras são ditas *gaitas* [v. *gaita* (4)].

5. Cunha:

Gaiteira. De origem obscura, XVI.

6. Amadeu Amaral: n/e

164. GAMBILERO Nm [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

E ê era assim gambilero. Gambilero é gente que comprava garrote, boi, porco, breganhava, vindia, comprava. (Ent. 8, linha 5)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

165. GAMELA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

PESQ.: Cortava a árvore? INF. 2: Fazia uma gamela lá. (Ent. 1, linha 419)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Gamella. “Vaso de pao concavo, ou tronco vasado, comprido em que comem os porcos. // gamella também he outro vaso de pao cavado em redondo, largo, & pouco fundo, em que as mulheres costumaõ trazer maõs de carneiro.”

2. Morais:

Gamella. “s.f. Vaso de páo como alguidar, ou côncavo por igual em redondo para banhos, ou lavar o corpo; para dar de beber as bestas, &c.”

3. Laudelino Freire:

Gamella. “s.f. Lat. *camella*. Vasilha em forma de tigela muito grande ou alguidar, ordinariamente de madeira, em que se dá a comer aos porcos e outros animais, e serve também para banhos, lavagens e outros fins.”

4. Aurélio:

Gamela². “gamela2 [Do lat. vulg. **gamella*, cláss. *camella*, 'certo vaso de madeira'.]

Substantivo feminino 1. Vasilha de madeira ou de barro, com a forma de alguidar ou de escudela grande, us. para lavagem (4) e/ou para dar comida aos animais domésticos.”

5. Cunha:

Gamela. “sf. ‘espécie de alguidar feito de madeira’ XIII. Do lat. *camella*, dimin. de *camēra* ‘vaso para beber’.”

6. Amadeu Amaral: n/e

166. GARAPA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Chegava de madrugada () ficava pono o cavalo no ingenho, um punha a cana e o oto tocava o cavalo. Chegava manhecia o dia aquela caxa grande cheia de garapa. Punha nas caxa e ia apurá” (Ent. 5, linha 320)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais:

Garapa. s.f. Bebida feita de calda, ou melaço com água, e limão no Brasil.

3. Laudelino Freire:

Garapa. s.f. Bebida refrigerante que se extrai da cana de açúcar.

4. Aurélio:

Garapa. [Der. regress. do esp. *garapiña* < esp. *garapiñar*, ‘solidificar um líquido, de modo a formar grumos’.] Substantivo feminino. Bras. 1. Bebida refrigerante, de mel ou de açúcar com água, a que algumas vezes se adicionam gotas de limão; jacuba.

5. Cunha:

Garapa. sf. ‘Bebida formada pela mistura de mel ou açúcar com água’ ‘o caldo de cana’ XVI. De origem controversa. Em 1638, em carta escrita da Bahia, lê-se: “Vinho de assucar[=aguardente de cana-de-açúcar] a q cá chamão garapa[...]”.

6. Amadeu Amaral:

Garapa, Guarapa. s. f. - caldo de cana de açúcar. | É t. também corrente no Norte do Br., com ligeiras variantes. Parece que a idéia central é a de bebida melosa. Em Angola, seg. Capelo e Ivens, citados por B. - R., designa uma espécie de cerveja de milho e outras gramíneas. O fato de ser o t. conhecido há séculos no Br., e também na África, parece indicar que é de importação lusitana. Talvez originado do fr. **grappe**, ou do it. **grappa**. Garcia, seguindo a B. Caetano, dá-lhe étimo tupi-guarani.

167. GARRAR [V]

03 OCORRÊNCIAS

O tale garrô a lati com gente na rua. (Ent. 1, linha 157)

...ái ê disispera e garra a bebê. (Ent. 13, linha 95)

Garrá diante da inxada, hein? (Ent. 15, linha 786)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha:

Agarrar. De um célt. **garra*, XVI.

6. Amadeu Amaral:

Garrá(R), agarrar. v. t. - principiar;- tomar (uma direção, um caminho); entrar, enveredar: “... garrei o mato porque num gosto munto de guerreá...” (C. P.) - “I nós ia rezano, e Sinhá, no meio da reza, garrava chingá nós...” (C. P.) “I tudo in roda daquêlê garrava gritá...” (C. P.) - “Garrei magrecê de fome, mais a minha pió agonia era a sodade”. (C. P.) - “Se o negro garrá cum choradêra, botem pauzinho no uvido pra não uvi, u tampem a boca dêle...” (C. P.) - “Num garrecum molação cumigo!” (C. P.).

168. GARROTE Nm [Ssing]

02 OCORRÊNCIAS

Bizerrão, garrotinho. Aí amansava e vindia. Quando colonizava mais vindia e comprava oto e ia amansá de novo. (Ent. 4, linha 149)

E ê era assim gambilero. Gambilero é gente que comprava garrote, boi, porco, breganhava, vindia, comprava. (Ent. 8, linha 5)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Garrote. s.m. De *garrão*. Diz-se do bezerro que completou um ano de idade.

4. Aurélio:

Garrote. [Do fr. *garrot* (< provenç. *garrot*), poss.] Substantivo masculino. 1. Bezerro de dois a quatro anos de idade. [Fem. (bras.): *garrota* (q. v.).]

5. Cunha:

Garrote². sm. ‘novilho’ XX. Do fr. *garrot*.

6. Amadeu Amaral:

Garrote. s. m. - bezerro novo.

169. GERATAÇÃO Nf [Ssing]

01 OCORRÊNCIA

INF. 1: Colerina hoje é o que? É...diarréia INF. 2: Geratacão. Da barriga pra baixo. (Ent. 1, linha 477)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

170. GOLO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Intão, Nossa Senhora da Parecida. Cê custava a tomá um golo de urina. Era um santo remédio. (Ent. 1, linha 468)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Golo. s.m. Pop. O mesmo que gole.

4. Aurélio:

Golo .[De *gole*.] Substantivo masculino. 1.Pop. V. *gole*: “— Quincas Borba está muito impaciente? perguntou Rubião bebendo o último golo de café” (Machado de Assis, *Quincas Borba*, p. 3). [Pl.: *golos*. Cf. *golo* (ô) e pl. *golos* (ô).]

5. Cunha:

Gole. 1813. De origem controversa.

6. Amadeu Amaral: n/e

171. GRAÚDO Nm [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Mais um arroiz graúdo. Papai chegô lé e falô: “o J. vai prantá áqueas terra de arroiz?” Eu falei: “ah, num sei, papai.” Male. (Ent. 15, linha 645)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Graúdo. Crescido. Já grande.

2. Moraes:

Graúdo. Crescido. Grande.

3. Laudelino Freire:

Graúdo. adj. De *grão*. Grande, crescido.

4. Aurélio:

Graúdo. [Do lat. **granutu*, poss.] Adjetivo. 1.Grande, grado: *milho graúdo*. 2.Grande, crescido; desenvolvido: *menino já graúdo*.

5. Cunha:

Graúdo. XVI. Do lat. **granatus*.

6. Amadeu Amaral: n/e

172. GUELA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

É. A (jojo) que ês fala. Intão toca ê lá e ê já tem o lugázinho dele de chegá lá no canto. Põe a soga. Aí põe a canga, aí abutoa a brocha aqui, na guela dele aqui. (Ent. 4, linha 211)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Goela. s.f. Cast. *goliella*. Entrada dos canais que poem em comunicação a bôca com o estômago e os pulmões.

4. Aurélio:

Goela .[Do lat. **gulella*, dim. de *gula*, ‘garganta’, ‘goela’.] Substantivo feminino. 1.V. *garganta* (1).

5. Cunha:

Goela. sf. ‘garganta’/guela XVII/Do lat. **guella*, dimin. de *gula* ‘esôfago’.

6. Amadeu Amaral: n/e

173. GUINÉ Nm [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

INF. 2: Aquê ramo catigudo. Uns fala gambá e out[ro]o num sei que/ chama. INF. 1: Guiné. Ês chama ele de guiné.” (Ent. 1, linha 626)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Guiné. sm. 2.Planta da família das fitolacáceas, também chamada erva-pipi e mucura-caá.

4. Aurélio:

Guiné .[Do top. *Guiné*.] Substantivo feminino. 1.Bras. Bot. Planta da família das fitoláceas (*Petiveria tetrandra*); erva-pipi, tipi, tipu, tipuana.

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

174. IMBIGO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Aí fazia tamém um de pô no imbigu/redondinho/vai as tirinha por riba/sabe como a mãe fazia aquilo/fazia pos quarto iscondida. Enfiava de baixo da cama. Óia o tanto que nós era bobo. (Ent. 1, linha 575)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Umbigo. “Embigo. Vid no seu lugar. O primeiro parece mais próprio pela analogia, que tem com *umbilicus*, que em latim significa o mesmo. Porém o uso he por embigo.”

2. Moraes:

Umbigo. “V. *Embigo*, como se diz ordinariamente.”

3. Laudelino Freire:

Umbigo. “s.m. Cicatriz no meio do ventre, originada pelo corte do cordão umbilical.”

4. Aurélio:

Umbigo. “[Do lat. *umbilicu*, pela f. **umbiigo*.] Substantivo Masculino 1. Anat. Cicatriz no meio do ventre, originada pelo corte do cordão umbilical. 2. Bot. Formação mais ou menos desenvolvida que se nota no centro e na base de certos frutos, como, p. ex., a laranja-da-baía.”

5. Cunha:

Umbigo. “sm. ‘cicatriz no meio do ventre, originada pelo corte do cordão umbilical’ / XVI, *embiigo* XIII, *ynbiigo* XIV, *embijgo* XIV etc. / Do lat. *umbilicus* –i.”

6. Amadeu Amaral:

Imbigo. “s.m. //”Embigo é forma popular

175. IMPARIADO Nm [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Lá vai, lá vai impariado numa certa distância. Trinta braça paralelo cum nós na estrada. (Ent. 8, linha 76)

Tua avó quando morreu. / Seu avô morava impariado lá em casa. Morava na horta () (Ent. 15, linha 255)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Emparelhado. Como quando se diz, Dous cavallos *emparlhados* em tiro.

2. Moraes:

Emparelhado. p. pass. de *Emparelhar*. Junto a par de outro, hombro com hombro: v.g. podem ir pelo caminho dois homens emparelhados; dois cavallos emparelhados em tiro. Como se c’o sangue andara emparelhado entendimento, e virtude; acompanhado igualmente. V. do Arc. I. 9.

3. Laudelino Freire:

Emparelhado. adj. P. p. de *emparlhhar*. Que forma parilha com outra cousa ou pessoa.

4. Aurélio:

Emparelhado. [Part. de *emparlhhar*.] Adjetivo. 1.Que forma parilha com outra coisa, animal ou pessoa; jungido, igualado, irmanado. ~ V. *rimas* —as.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

176. IMPREITA Nf [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

INF.: *É.../ o meu pai/ ês trabaiava/ o meu pai gostava é de tocá a meia. PESQ.: Tocá ? () INF.: É impreita nas fazenda, né? PESQ.: Ah, sei. INF.: Impreita, pegava assim impreita. Prantava arroi/ feijão/ mantimentos, né?* (Ent. 10, linhas 243 e 245)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Impreita. s.f. O mesmo que *empreitada*.

4. Aurélio:

Impreita. [Dev. de *empreitar*.] Substantivo feminino. 1.V. *empreitada*²

5. Cunha:

Impreita. Do a. fr. *plaid*, deriv. do lat. *placitum* –i, XV.

6. Amadeu Amaral: n/e

177. INELACÃO Nf [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

INF.: *E um minininho. Um casalinho. É. Agora ês taí. Eu num tava nem sabeno que ês tinha vindo. Mais agora ela tá tomano inelação. Agora, eu tava falano... PESQ.: Tomando o quê? INF.: Inelação. Mais diz que dá uma suadera nela. Ela dá de sinti mal. PESQ.: Que que é isso? () INF.: *Aquele que tampa o vapor.*” (Ent. 13, linhas 98 e 100)*

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

178. INFRUEZA Nf [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

A gente chegava lá e ele tava cum pano marrado na cabeça, sentado no rabo do fogão. E lá/ ê chamava M. e tinha apelido de N. Tratava ele de N. “Ô tio N., o senhor tá bão?” “Ah, meu fio num tô bão não. Eu/ me deu uma infrueza danada”. E eu ficava pensano que infrueza é essa? Aí dipois eu lembro num livro é o nome científico da gripe é infrueza. (Ent. 14, linha 45)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Influenza. XIX. Do ing. *influenza*, e este, do it. *influenza*.

6. Amadeu Amaral: n/e

179. INGASTAIO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Aí dipois arranjô um ingastaio aí/ uma cerca ao redó da casa. Passei pa casa, fugão num tinha. (Ent. 15, linha 668)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

180. INGENHO Nm [Ssing] _____ 07 OCORRÊNCIAS

INF. 2: Lá em casa tinha ingenho. ((vozes)) Tinha ingenho, muía cana. PESQ.: Ahn. INF. 2: Chegava de madrugada () ficava pono o cavalo no ingenho, um punha a cana e o oto tocava o cavalo. Chegava manhecia o dia aquela caxa grande cheia de garapa. Punha nas caxa e ia apurá. (Ent. 5, linhas 317 e 319)

Nóis tinha ingenho de cana. (Ent. 11, linha 227)

Quando era lá meia-noite meu pai já levantava. Já tá amanheceno, já tá amanheceno. Ô, vamo po ingenho. Ia po ingenho e nóis rodava nesse ingenho até de noite. (Ent. 11, linha 230)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Engenho. Engenho de açúcar.

2. Moraes:

Engenho. Máquina.

3. Laudelino Freire:

Engenho. s.m. Lat. *ingenium*. 10. Estabelecimento agrícola, destinado à cultura da cana e fabricação do açúcar.

4. Aurélio:

Engenho. [Do lat. *ingeniu*.] Substantivo masculino. 7.Bras. Moenda (1) de cana-de-açúcar. 8.Bras. Estabelecimento agrícola destinado à cultura da cana e à fabricação do açúcar.

5. Cunha:

Engenho. Sm. ‘maquina’ ‘oficina’/XIV, engeo XIII, *engeyo* XIII, *engeno* XIV/Do lat. *ingenium*.

6. Amadeu Amaral: n/e

181. INTÉ [ADV] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Ah! Cidade é uma baruieira danada, né? Às veiz a gente ta durmino, acorda inté assustada, né? (Ent. 12, linha 206)

Inté ea tá pa cabá de arranjá. (Ent. 12, linha 215)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Inté. “prep. Ant. e pleb. O mesmo que até.”

4. Aurélio:

Inté. “Prep. Ant. Pop. 1. Até: “Inté veludos e crinolinas, sutaches e aljofres eram encontradiços nas vendas.” (Nélson de Faria, Cabeça Torta, p .8).”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Inté. “até, prep. e adv.”

182. INTENDIDO Nm [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Nossa uma duença lá/ o meu pai era muito intendido da medicina. (Ent. 11, linha 68)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Entendido. Participio. Douto, discreto, &c. Entendido em alguma coisa.

2. Moraes:

Entendido. p. pass. de *Entender*. O homem que tem inteligência, que não é lerdo; o discreto; que sabe alguma coisa.

3. Laudelino Freire:

Entendido. adj. P. p. de *entender*. Entendedor, conhecedor, perito, sabedor, douto, inteligente.

4. Aurélio:

Entendido . [Part. de *entender*.] Substantivo masculino. 4. Aquele que é sabedor, douto: *Os entendidos aprovaram sua exposição*. 5. Bras. Gír. Indivíduo entendido (3).
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

183. INVOCADO Nm [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

E engraçado ele sempre foi invocado a sê padre. Ê teve no convento. (Ent. 15, linha 724)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Invocado. part. pass. de Invocar.

3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Invocado. [Part. de *invocar*.] Adjetivo. 2. Bras. Gír. V. *cismado*.

5. Cunha:

Invocado. Do lat. *invocare*, “1572”.

6. Amadeu Amaral: n/e

184. ISPICULAR [V] _____ 01 OCORRÊNCIA

Aí ia lá e ispiculava porque tava duente, porque que tava porque que num tava. Fazia receita e ia um de a cavalo lá na Ventania fazê a forma do remédio. (Ent. 11, linha 85)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Especular². v.t.i. 3. Informar-se minuciosamente.

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral:

Espiculá(R), espicular. v. t. e i. - Comerciar: “Ando *espiculando* com fumo na praça, pra vê se ganho uns cobres”; indagar, perguntar insistentemente: “*Espiculei*, mais não pude sabê de nada”; fazer perguntas indiscretas: “Não me *espicule*. Não *espicule* êsse negócio” (i. é, esse assunto). | Esta forma é antiga e ainda hoje pop. no Sul de Port. (L. de Vasc., “Emblemas”, introd.) A forma culta é *especular*.

185. ISPIGÃO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Oiei pra trás, o caminhão tava lá no oto ispigão, crariô lá adiente. Aquela lanterna num era assombração, era o caminhão que envem. (Ent. 4, linha 81)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Espigão. s.m. De *espiga* + *ão*. 4. Parte mais elevada do muro ou da serra, em forma de aresta.

4. Aurélio:

Espigão. [De *espiga* + *-ão*¹.] Substantivo masculino. 3. Pico de serra, de monte ou de rochedo.

5. Cunha:

Espigão. Do lat. *spicatus* -a, -um, XVI.

6. Amadeu Amaral: n/e

186. ISPINHO DE BENZINHO NCm [Ssing + prep + Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

INF.: O passarinho hoje ta incucado. Aí, nós já abria lã/catá ispinho de benzinho. Aquê ispinho brabo. PESQ.: Benzinho? INF.: Ê. () Ispinho de benzinho, otos fala ispinho de gancho. Aí tirava... PESQ.: Ispinho de quê? INF.: Ispinho de gancho. Porque ele tem um ganchinho. (Ent. 13, linhas 533 e 536)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Espinho. XV. Do lat. *spinus*.

Bem. Do lat. *bene*.

6. Amadeu Amaral: n/e

187. ISPOLETA Nf [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Eu vinha ca minha mãe, né? Porque eu era ispoleta. Assim ela gostava de me trazê, né. (Ent. 10, linha 58)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

188. ISTEIO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

PESQ.: O pau-a-pique é o que? INF. 1: Os pau-a-pique é uns bambule assim. INF. 2: Não, fazia a maió parte da casa de madeira. Faiz uns isteio. PESQ.: Ahn? INF. 2: Cum certeza a do seu pai () era desse jeito.” (Ent. 5, linha 46)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Estéio. Pao, que se sustenta, & em que descança alguma coisa para mayor firmeza.

2. Moraes:

Estéio. s.m. (esteyo, melhor ortografia) Páo que sostem, e sobre que descança alguma coisa: também há esteyos de pedra.

3. Laudelino Freire:

Esteio. s.m. Ingl. stay. 1. Peça de madeira, ferro, pedra, etc., que serve para segurar ou escorar alguma coisa.

4. Aurélio:

Esteio. [De or. obscura.] Substantivo masculino. 1.V. *escora* (1). 2.Fig. Amparo, apoio, arrimo, auxílio, proteção. ~ V. *esteios*

5. Cunha:

Esteio. sm. ‘peça de madeira, metal, pedra etc., com a qual se sustém alguma coisa’/esteo XIII/De etimologia obscura.

6. Amadeu Amaral: n/e

189. ISTUNDÁ [V] _____ 01 OCORRÊNCIA

...o sole tava reganhano, tava de istundá. (Ent. 15, linha 530)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

190. ISTURDIA [ADV] _____ 07 OCORRÊNCIAS

Isturdia eu cortei um tanto. (Ent. 1, linha 626)
Nóis saiu daqui isturdia. (Ent. 2, linha 120)
Isturdia pra trais/ é/ tinha um bizerro que ficava/ ê entrô lá na cana. (Ent. 13, linha 37)
A fia dele levô ela na iscola isturdia e falô pra professora dela que num tava podeno i ainda não. (Ent. 13, linha 116)
Isturdia ainda falei no café a sariema tá advinhano chuva. Aí ês falaro “vai chovê não” (). (Ent. 13, linha 328)
Fala pra ês/ isturdia o I. brincô aqui, tá trabaiano na osina à custa de mim ca mãe dele. Coitadinho, né? (Ent. 15, linha 830)
Uai, ela deitô ali isturdia. (Ent. 15, linha 903)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

191. IXCUMUNGADO Nm [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Jeriza do J. H. Aí ê oiô na janela/ nós passava assim na istrada () na casa da (). Ê falô aasim: “pode i ixcumungado, cê vai de sole, mais cê vorta debaxo de chuva.” Ah, rapaiz mais põe chuva nisso. (Ent. 15, linha 535)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:
Excommungado. Vid. Excommugar.
2. Moraes:
Excomungádo. p. pass. de Excomungar.
3. Laudelino Freire:
Excomungado. Excommungado. adj. P. p. de *escomungar*. 2. *Fam.* Maldito, amaldiçoado.
4. Aurélio:
Excomungado. [Part. de *excomungar*.] Adjetivo. 2. Péssimo; detestável; amaldiçoado: *indivíduo excomungado*; *Que máquina excomungada, que não funciona!* Substantivo masculino. 3. Indivíduo que sofreu excomunhão (2). 4. Indivíduo excomungado (2). 5. V. *diabo* (2).
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral:
Escomungado. q. - muito usado como insulto. | Encontra-se com c mesmo sentido em Gil V., “Auto da Índia”: Má nova venha por ti Perra, **escomungada**, torta.

192. IXEMPRAR [V] _____ 01 OCORRÊNCIA

Aí pegô, ê num ixemprava não. (Ent. 2, linha 225)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:
Exemplar. Exemplar XVI / exemprar XV/ Do lat. *exemplare*.
6. Amadeu Amaral: n/e

193. JACÁ Nm [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

INF.: *Carguero é/ ês arruma dois jacá assim feito de taquara. PESQ.: O quê? INF.: Jacá, balaio. ... Intão, uns fala balaio e otos fala jacá.* (Ent. 14, linhas 169, 171 e 175)

Registro em dicionários:

<p>1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Laudelino Freire:</p> <p><u>Jacá</u>. s.m. Tupi <i>aiacá</i>. Espécie de cesto de forma variável, feito de taquara ou cipó, em que os animais transportam carne, peixe, milho, queijo, etc.</p> <p>4. Aurélio:</p> <p><u>Jacá</u>. [Do tupi.] Substantivo masculino. 1.Bras. Espécie de cesto feito de taquara ou de cipó, e de forma variável, para conduzir carga, em geral de comestíveis, às costas de animais: “berços de cipó e balaios de taquara; <u>jacás</u> sem fundo” (Euclides da Cunha, <i>Os Sertões</i>, p. 581)</p> <p>5. Cunha:</p> <p><u>Jacá</u>. sm. ‘cesto feito de taquara’/jacazes pl. c1698 etc./Do tupi <i>aia’ka</i>.</p> <p>6. Amadeu Amaral:</p> <p><u>Jacá</u>. s. m. - cesto de taquara. - Há-os de diferentes dimensões e formas, para vários usos. Dá-se, notadamente, esse nome a um cesto estreito e comprido de metro e meio a dois metros, usado para o transporte de galinhas e frangos. Do tupi “aijacá”</p>
--

<p>194. JAGUNÇO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA</p> <p><i>Aí ê falô: “nem assim eu tô sastifeito. Esse povo, a vaca num pegô ês/ mas eu pego.” Ranjô dois <u>jagunço</u> pegô e matô essa Companhia de Reis tudo. Todo mundo que tava na Companhia de Reis. (Ent. 2, linha 215)</i></p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Laudelino Freire:</p> <p><u>Jagunço</u>. s.m. 3.Valentão, guarda-costas, capanga.</p> <p>4. Aurélio:</p> <p><u>Jagunço</u>. [De <i>zaguncho</i> (q. v.), poss.] Substantivo masculino. 1.Bras. V. <i>capanga</i> (4).</p> <p>5. Cunha:</p> <p><u>Jagunço</u>. sm. ‘orig. arma de defesa’ ‘ext. o indivíduo que a manipula, cangaceiro, valentão assalariado’ XIX. Talvez de <i>zaguncho</i> ‘arma (do séc. XVI)’, também de origem incerta, com troca da posição da alveolar e da palatal.</p> <p>6. Amadeu Amaral: n/e</p>
--

<p>195. JERIZA Nf [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>INF. 1: Era. Era o J.H. Dipois no oto dia quando maicô o casamento, o sole tava reganhano, tava de istundá. O rapaiz () o casamento cumigo/ ê neim l’em casa num vortô mais. E eu tamém num vi cara dele. Tomô <u>jeriza</u> do J. PESQ.: Tomo o quê? INF. 1: <u>Jeriza</u> do J. H. (Ent. 15, linhas 532 e 534)</i></p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1. Bluteau: n/e 2. Morais:</p> <p><u>Ojeriza</u>. s.f. Antipathia; v.g. ter ogeriza com alguém. <i>P. Per. P. us. O vulgo diz geriza .</i></p> <p>3. Laudelino Freire:</p> <p><u>Ojeriza</u>. s.f. Cast. <i>ojeriza</i>. Aversão a uma pessoa ou cousa.</p> <p>4. Aurélio:</p> <p><u>Ojeriza</u>. [Do esp. <i>ojeriza</i>.] Substantivo feminino. 1.Má vontade, aversão, antipatia a pessoa ou coisa: “Sempre tive <u>ojeriza</u> a quem não encara de frente.” (Afrânio Peixoto, <i>Fruta do Mato</i>, p. 151.).</p> <p>5. Cunha:</p> <p><u>Ojeriza</u>. sf. ‘aversao, antipatia, repugnância’/XVII, <i>ogjeriza</i> 1813/Do cast. <i>ojeriza</i>, deriv. de <i>ojo</i> ‘olho’.</p> <p>6. Amadeu Amaral: n/e</p>
--

<p>196. JINELA Nf [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>INF.: Minha casa cabô tudo. Tá tudo desbandonada. Até porta tá destrangolada. Tava só a lancha do pade Vicente lá de Paraíso. O que foi que sirviu lá. É só a rampa que ês feiz. Ficô bunito. Ficô uma água mais ou meno dessa fundura assim ó. Ficô no jeito de tomá banho. Enta dento da água. Ficô uma água bunita. Da <u>janela</u></i></p>

da minha casa cê pesca assim na represa. PESQ.: Nossa que beleza! INF.: Ficô cheinho, beraninha a janela.” (Ent. 2, linhas 193 e 195)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Janela. sf. ‘abertura na parede de um edifício’ XIII. Do lat. vulg. **januella*, dimin. de *janua*.

6. Amadeu Amaral:

Jinéla, janela. s. f. | Esta forma veio por “jenela”, antiga em Port., já registada por F. J. Freire.

197. LADERADA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Andava de noite, no iscuero, naqueas laderada. Todo mundo acostumado, né? (Ent. 14, linha 478)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

198. LAMPARINA Nf [Ssing] _____ 04 OCORRÊNCIAS

É porque lá num ixtistia/ num ixtistia energia elétrica. Intão a querosene era usada pra lamparina, né? Mais antes disso... (Ent. 14, linha 205)

E num sei se punha ropa dispois que/ tava na hora de interrã. Porque ês fazia de noite cum lamparina, né? (Ent. 13, linha 574)

PESQ.: *E tinha energia elétrica?* INF. 1: *Ah, tinha.* PESQ.: *Na roça?* INF. 1: Lamparina. (Ent. 9, linha 197)

O que eu sei contã é no começo da vida da gente na roça, era muita dificuldade. Lá num tinha nada, num tinha luz num tinha nada. E era tudo cum lamparina de querosene. (Ent. 5, linha 6)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Lamparina. s.f. De *lâmpada*. Aparelho composto principalmente de um reservatório onde se contém azeite ou outro líquido apropriado, e munido de torcida que se acende para alumiar.

4. Aurélio:

Lamparina .[Do esp. *lamparilla*.] Substantivo feminino. 1. Pequena lâmpada. 2. Pequeno recipiente com um líquido iluminante (óleo, querosene, etc.) no qual se mergulha um pequeno disco de madeira, de cortiça ou de metal traspassado por um pavio que, aceso, fornece luz atenuada; luminária: “no pequenino oratório florido, a lamparina de azeite coava a sua luz longínqua para um crucifixo doloroso” (Enéias Ferraz, *Adolescência Tropical*, p. 15). [Cf. *candeia*¹ (1).]

5. Cunha:

Lamparina. 1858. Do cast. *lamparilla*.

6. Amadeu Amaral: n/e

199. LARANJA IOA Ncf [Ssing + ADJsing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

A sinhora qué ioa? Laranja ioa? (Ent. 15, linha 768)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

<p>5. Cunha: <u>Laranja</u>. sf. ‘fruto da laranjeira’ Do ár. <i>naranga</i>. 6. Amadeu Amaral: n/e</p>

<p>200. LAVRAR [V] _____ 07 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>Aí papai trabaiava embaxo. Daí eles () aço que <u>lavrava</u> aquês pau primeiro.</i> (Ent. 1, linha 643) <i>INF. 2: () Acho que és <u>lavrava</u> maderá. INF. 1: <u>Lavrava</u>.</i> (ent. 1, linha 665 e 666) <i>Aí, és <u>lavrava</u> assim...</i> (Ent. linha 669) <i>Aí ês riscava assim/vamo supô que a /ês <u>lavrava</u> o pau que é redondo, né?</i> (Ent. 1, linha 672) <u>Lavrava</u> de lá, depois <u>lavrava</u> de cá, depois de cá. (Ent. 1, linha 673)</p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1. Bluteau: <u>Lavrar</u>. Lavrar madeira. Vid. aprainar. 2. Moraes: <u>Lavrár</u>. v. at. Fazer qualquer obra de mãos, v.g. obra de marceneiro. 3. Laudelino Freire: n/e 4. Aurélio: <u>Lavrar</u>. v.t.d. 3. Lapidar. 5. Cunha: <u>Lavrar</u>. Do lat. laborare. XIII. 6. Amadeu Amaral: n/e</p>

<p>201. LÉGUA Nf [Ssing] _____ 11 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>INF.: Pudia saí/ nós saía cedinho, sete hora, seis e meia, mais memo assim a distância era grande. Naquê tempo ês falava era <u>légua</u>. Era seis <u>légua</u>. E seis <u>légua</u> hoje é trinta e seis quilômetro. PESQ.: Trinta e seis quilômetros? INF.: E cada <u>légua</u> corresponde a...</i> (Ent. 14, linhas 259 e 261) <i>A distância de duas <u>léguas</u>, três <u>léguas</u>. Tinha que levá um cavalo arriado pa ela i de a cavalo. No iscuero, né? Ia às vez longe, intão eas passava dificurdade, né? Essas/ as partera passava dificurdade, né?</i> (Ent. 14, linha 59) <i>Piquinininha. Eu lembro... Na roça lá na... Estiva daqui a sete <u>légua</u>, oito <u>légua</u>, né? Lá onde eu nasci e criei, né?</i> (Ent. 10, linha 17) <i>Era umas duas <u>légua</u> e meia. Era longe né. ... Nossa Senhora! Daqui lá onde eu moro é/ acho que é trinta <u>légua</u>. É mais de trinta quilômetro.</i> (Ent. 11, linhas 43 e 55) <i>E ele num foi nada. Aí nós pegô e foi imhora da iscola já tinha quase uma <u>légua</u> pa andá pa chegá em casa.</i> (Ent. 8, linha 74)</p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1. Bluteau: <u>Lêgoa</u>. Espaço de caminho, que tem diferente comprimento, conforme as diferentes medidas itinerárias das nações. 2. Moraes: <u>Légoa</u>. s.f. Medida itinerária, que se contém 3,755. 3. Laudelino Freire: <u>Léguá</u>. s.f. Lat. <i>Leuca</i>. Medida itinerária cuja extensão varia de povo para povo. 4. Aurélio: <u>Léguá</u>. [Do lat. tard. <i>leuca</i> ou <i>leuga</i>, poss. de or. gaulesa.] Substantivo feminino. 1. Antiga unidade brasileira de medida itinerária, equivalente a 3.000 braças, ou seja, 6.600m; léguá brasileira. 5. Cunha: <u>Léguá</u>. Sf. ‘medida itinerária’/XIII, <i>legoa</i> XIII/Do lat. tardio <i>leuga</i> (<i>leuca</i>), de origem céltica. 6. Amadeu Amaral: n/e</p>

<p>202. LEITERO Nm [Ssing] _____ 04 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>Ah, era muito custoso, né? Num tinha caminhão <u>leitero</u>, era muito custoso. Onde eu fui criado lá memo num tinha caminhão, num vindia leite lá não.</i> (Ent. 3, linha 20)</p>
--

Não mandava o creme. A manteiga, né? Aí ia pro Glória, pra Passos memo. E vinha de véspera. De oito em oito dia ês trazia. Leiteiro num tinha não. Num usava tamém. Quaise num usava esse leite tratado, num usava nada, né? (Ent. 3, linha 70)

Uai. Ia no leiteiro. O leiteiro tinha toda vida. (Ent. 12, linha 630)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais:

Leitêiro. s.m. O homem que vende leite.

3. Laudelino Freire:

Leiteiro. s.m. De *leite* + *eiro*. Aquele que vende ou entrega leite.

4. Aurélio:

Leiteiro. [De *leite* + *-eiro*.] Adjetivo. 2. Que conduz leite: “— Chico, a que horas passa o trem leiteiro?” (Ézio Pinto Monteiro, *Chico*, p. 13.)

5. Cunha:

Leiteiro. Do fr. *laiterie*, XVIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

203. LEVADÔ Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Era essa da capelinha de São Miguel. São Miguel protetor das arma acumpanha nós até o final da vida. É o levadô das nossa arma (). É, e lá Nossa Senhora da Parcida. É. Nós fazia de São Sebastião. Três. Com a de São Sebastião. (Ent. 13, linha 459)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais:

Levâdor. s.m. Aquele que leva.

3. Laudelino Freire:

Levador. s.m. Aquele que conduz ou transporta.

4. Aurélio:

Levador. (ô) [De *levar* + *-dor*.] Adjetivo. 1. Que leva ou conduz. Substantivo masculino.

2. Aquele que conduz ou transporta

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

204. LINHA Nf [Ssing] _____ 04 OCORRÊNCIAS

Um dia eu saí la na linha da/ da serra do Veado que ia lá pa Ventania. Crariô adiente. Eu suzinho, de noite. Eu já tinha visto falá isso mais/ a mula/ eu tinha uma mula boa/ mula ativa. A oreia da/ se a mula rifugá alguma coisa tem mais se ela num rifugô num tem nada. (Ent.4, linha 75)

Mais hoje tá fácil de linha. Até lá no arto da serra, das montanha tem linha de automove. (Ent. 11, linha 106)

Mais lá ês é cinco. Os oto dois tava levano leite. Ês tem um retiro. Leva leite lá pa linha das Água lá. Tem o B., o V. (Ent. 13, linha 232)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire:

Linha. s.f. 37. Ferrovia, estrada, via.

4. Aurélio:

Linha. [Do lat. *linea*, ‘fio’, ‘corda’; ‘limite’.] Substantivo feminino. 29. Bras. V. *trilho*² (5): *O bonde saiu da linha.*

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

205. MACUQUENTA Nf [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Eu falo, hoje num tem criança macuquenta mais. (Ent. 1, linha 604)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

206. MAIS [Prep]

01 OCORRÊNCIA

E ieu mais os meus irmão que era piqueno pra nós num tinha nada mió do que cumê rosca, pão, forró. (Ent. 14, linha 222)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Mais. “[Do lat. *magis*] Prep. 10. Pop. Em companhia de; com: “E jornadeio em fantasia / Essas jornadas que eu fazia / Ao velho Douro, mais meu pai.” (Antônio Nobre, *Só*, p.38)”

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

207. MALE-OIADO NCm [Ssing + V P.pass.]

01 OCORRÊNCIA

INF. 1: E ês fala que num pode batizá a criança caquilo, né? INF. 2: É. INF. 1: Bertueja batizada nunca sara. INF. 2: É. Aqui, male-oiado tamém num pode. (Ent.1, linha 540)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Mal-Olhado. adj. Odiado, aborrecido.

4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Mal². sm. O que não é bom. Do lat. *malum -i*.

Olhado. XVI. Do lat. *adocularé*.

6. Amadeu Amaral: n/e

208. MAMINHA DE CADELA NCf [Ssing + prep + Ssing]

02 OCORRÊNCIAS

PESQ.: Não, mas que que eram as frutas que tinham no pasto pa comê? INF. 1: Uai, era gabiropa, essas coisa. Gaitera. PESQ.: Que mais? Só? INF. 2: Maminha de cadela. INF. 1: Ah, maminha de cadela. PESQ.: O que que era maminha de cadela? INF. 1: Era uma arvinha que dava uma frutinha. (Ent. 9, linhas 108 e 109)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Maminha-de-cadela. Substantivo feminino. 1.Bras. Bot. V. *espinho-de-vintém*. [Pl.: *maminhas-de-cadela*.]

5. Cunha:

Mama. sf. XVI. Do lat. *mamma*.

Cadela. sf. ‘‘a fêmea do cão’ Do lat. *catella*.

6. Amadeu Amaral: n/e

209. MANDIOCÁRIO Nm [Ssing]

01 OCORRÊNCIA

O mandiocário que tava trançando assim a rama da mandioca. () cana, cada purrete de cana que ia imhora. (Ent. 15, linha 624)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

210. MANERO Nm [ADJsing] _____01 OCORRÊNCIA

Seis quilômetro. Intão era trinta e seis quilômetro. Intão num dava pa fazê pa fazê essa viagem duma veiz. Pa i até que dava porque aí o carro ia mais manero. Levava poca coisa e andava depressa, né? E boi tem uma coisa, o carrero. Pa vim pra cá era uma tuada diferente pa i pra casa / ês/ ês memo procura i mais dipressa. (Ent. 14, linha 264)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Manêiro. adj. Pequeno, leve, manual que se traz na mão, ou maneja facilmente, que se usa sem incommodo.

3. Laudelino Freire:

Maneiro. adj. Do lat. *manus*. 3. Leve, grácil; que se move airoosamente.

4. Aurélio:

Maneiro. [Do lat. tard. *manuariu*, ‘maneável’, por via popular.] Adjetivo. 3. Que exige pouco esforço; leve: *trabalho maneiro*.

5. Cunha:

Maneiro. Do lat. *manus*, XIX.

6. Amadeu Amaral: n/e

211. MANSÁ DE CARRO Ncf [ADJsing + prep + Ssing] _____01 OCORRÊNCIA

PESQ.: Que que o sinhor fazia mais? E a dona C. ajudano. INF. 2: Ajudano. Quantas boiada nós vendemo, mansá de carro. (Ent. 4, linha 129)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Manso. adj. ‘de gênio brando ou índole pacífica, sereno, sossegado’ XIII. Do lat. vulg. *mansus*.

Carro. sm. ‘veículo de transporte terrestre’ XIII. Do lat. *carrus*.

6. Amadeu Amaral: n/e

212. MARCELA Nf [Ssing] _____02 OCORRÊNCIAS

PESQ.: O sinhor tomava chá de quê? INF. 1: De a favaca, era de todo jeito. PESQ.: É? Era bom pra quê esses chás? INF. 2: Gripe, né? INF. 1: Ah, pra gripe memo e pa tudo quanto há. PESQ.: É? INF. 2: Quando soltava o intestino: a marcela. INF. 1: É. INF. 2: Dava diarréia. PESQ.: Que que é marcela? INF. 1: Marcela é uma raminho que dá na horta. Margosa! (Ent. 9, linhas 282 e 286)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Marcela. Substantivo feminino. 1. Bot. V. *macela*.

<p>5. Cunha: <u>Macela</u>. sf. Camomila. De origem obscura. 6. Amadeu Amaral: n/e</p>
--

<p>213. MARCHADÔ Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA</p> <p><i>INF.: A minha mãe pois água quente prele lavá os pé e ê tava lavano os pé e falô po meu pai assim ó: “ô cumpade J.” “O que que é cumpade S.” “Eu vô te falá uma coisa.” “Que que foi?” “Ocê num sabe onde tá a mãe dessa égua que ocê me imprestô?” Aí meu pai: “num sei.” Ela era muito trotona e animale trotão é/ faz a gente cansá, né? PESQ.: Trotão é que/ que que ele faz? INF.: Trotão é/ no modo dele andá, chacoaia dimais. <u>Marchadô</u> é/ ê num cansa né?... (Ent. 8, linha 22)</i></p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Laudelino Freire: <p><u>Marchador</u>. adj. De <i>marchar</i> + <i>dor</i>. Diz-se do cavalo que anda bem.</p> <ol style="list-style-type: none"> 4. Aurélio: <p><u>Marchador</u> .(ô) [De <i>marchar</i> + <i>-dor</i>.] Adjetivo. 1.Diz-se de cavalo de passo largo e compassado. Substantivo masculino. 2.Cavalo marchador.</p> <ol style="list-style-type: none"> 5. Cunha: n/e 6. Amadeu Amaral: <p><u>Marchadô(r)</u>. q. - diz-se do cavalo que <i>marcha</i> bem.</p>
--

<p>214. MARCHA PICADA Ncf [Ssing + ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA</p> <p><i>Tic, tic, tic. Aí tinha um homi que comprô ela. Ele era/eu num sei que que ele arranjô. A mula pegô uma <u>marcha picada</u>, né. Pocotó, pocotó. (Ent. 4, linha 249)</i></p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Laudelino Freire: n/e 4. Aurélio: n/e 5. Cunha: <p><u>Marcha</u>. sf. XVII. Do fr. <i>marcher</i>.</p> <p><u>Picado</u>. XIV. Do lat vulg. <i>*piccare</i>.</p> <ol style="list-style-type: none"> 6. Amadeu Amaral: n/e
--

<p>215. MARGOSA Nf [ADJsing] _____ 03 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>PESQ.: Que que é marcela? INF. 1: Marcela é uma raminho que dá na horta. <u>Margosa!</u> INF. 2: <u>Margosa!</u> PESQ.: É? INF. 2: <u>Margosa</u> por tripa. (Ent. 9, linhas 286, 287 e 289)</i></p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Laudelino Freire: <p><u>Margoso</u>. Adj. De <i>marga</i> + <i>oso</i>. Semelhante à <i>marga</i>//2. Que contem <i>marga</i>.</p> <ol style="list-style-type: none"> 4. Aurélio: <p><u>Margoso</u>. (ô) [De <i>marga</i> + <i>-oso</i>.] Adjetivo. 1.Semelhante a, ou que contém <i>marga</i>.</p> <ol style="list-style-type: none"> 5. Cunha: <p><u>Amargoso</u>. XIII. De um lat. <i>*amaricosu</i>, de <i>amarus</i>.</p> <ol style="list-style-type: none"> 6. Amadeu Amaral: n/e
--

<p>216. MARIQUINHA Nf [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>INF.: Intão, tinha a <u>mariquinha</u> que é juntado três pau e fura por exemplo nos pé dele e dipois põe um gancho de arame e dipois lá onde vai fazê a cumida faz a tremepe de pedra como se fosse um buraco cavado. Abre</i></p>

aqueas três perna assim e um gancho lá e a panela põe na artura que qué. PESQ.: Hã?INF.: Põe ela berano o chão, põe se quisé po mais alto põe () aquilo era/ é/ era a chapa bem dizê. PESQ.: Hã? Chama como? INF.: É mariquinha. PESQ.: Mariquinha. E alguém conhece por outro nome? INF.: Que eu saiba é só por mariquinha. É um nome só. Num tinha o to não. (Ent. 14, linhas 245, 252 e 254)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Mariquinha. s.f. Tripeça volante, para serviço de cozinha.

4. Aurélio:

Mariquinha. [Do hipocorístico *Mariquinha Maricas*.] Substantivo feminino. 1.Bras. SP Tripeça volante para serviço de cozinha. [Cf. *mariquita* (5).]

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

217. MARQUESIM Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Punha numa marquesim, numa caminha. (Ent. 11, linha 4)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

218. MASCATE Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Gente lá da roça vinha aqui na cidade? Não vinha. Num vinha não. O mascate ia lá levava umas peça de pano e ia vendeno. (Ent 11, linha 59)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Mascate. s.m. De *Mascate*, n.p. Mercador ambulante que percorre as ruas e estradas a vender objetos manufaturados, panos, jóias, etc.

4. Aurélio:

Mascate. [Do top. *Mascate*, porto da Península Arábica (Ásia).] Substantivo masculino. Bras. 1.Mercador ambulante que percorre as ruas e estradas a vender objetos manufaturados, panos, jóias, etc.: “Apenas de mês em mês aparecia uma carreta de mascate puxada por 4 juntas de bois no fim daquele lugar.” (Manuel de Barros, *Livro sobre Nada*, p. 17.)

5. Cunha:

Mascate. sm. ‘mercador ambulante, que percorre as cidades, povoados, estradas e lugares do interior a vender fazendas, miudezas, jóias e outors objetos’ 1873. Ár.

6. Amadeu Amaral:

Mascate. s. m. - vendedor ambulante de fazendas ou quinquilharias.

219. MATA-BICHERA NCm [V + Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Mais aí ela ficou com o corpo duro, um machucadinho na perna poco e suja de terra, aquele ovão feio, de tipo tava doente memo, tava com febre, aí depois foi agradano ela e a febre passô. Aí o Luís jogô aquê () não aquê mata-bichera () aquê roxo, pa mode não sentá musquito. Apricô () num instantinho sarô. (Ent. 1, linha 139)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

220. MATRACA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

INF.: É. É. Agora/ e também num podia abri a porta e janela que eas tava atrais dos rezadô. Num sei (). Mais era bunito, chegava batia a matraca. A gente até acordava cum ela. PESQ.: Matraca era um tipo de sino, um treco de fazê barulho, né? INF.: É. Uma tabuinha assim, batia. PESQ.: Batia e fazia barulho. INF.: É. Tem aquea do meio, três. (Ent. 13, linha 428)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Matrâca. Instrumento de pedaços de pão, que meneados fazem ruído. Nos conventos servem de despertar matinas, & na Semana Santa serve em lugar de sino desde Quinta feira de Endoenças até a manhaã do Sabado Santo.

2. Moraes:

Matrâca. s.f. Instrumento de páo om argolas de ferro, ou sem ellas; serve de fazer som, para convocar Comunidades em certos casos, ou dias.

3. Laudelino Freire:

Matraca. s.f. Ár. Mitraca. Instrumento de madeira, formado de tabuinhas moveiças, que se agitam para fazer barulho e que substituem a campainha nas festas da Semana Santa.

4. Aurélio:

Matraca .[Do ár. *mi+raqa(t)*, ‘martelo.’] Substantivo feminino. 1.Instrumento de percussão, formado por tabuinhas moveiças, ou argolas de ferro, que, ao serem agitadas, percutem a prancheta em que se acham presas e produzem uma série rápida de estalos secos; malho.

5. Cunha:

Matraca. sf. ‘instrumento de madeira formado por tabuinhas moveiças que se agitam para fazer barulho’, XVI. Do ar. *mitraqa*.

6. Amadeu Amaral: n/e

221. MENTRUSTE Nm [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

INF. 2: Aquê ramo que dá () mentruste. INF. 1: É mentruste. INF. 2: É, hortelã. PESQ.: Hortelã, mentruste. (Ent. 1, linhas 384 e 385)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Mentrusto. s.m. Planta medicinal.

4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Mentrastó. sm. ‘planta medicinal da fam. das labiadas’/XVIII, mentrastó XVI/ Do lat. *mentrastum*.

6. Amadeu Amaral: n/e

222. MIÃO Nm [Ssing] _____ 04 OCORRÊNCIAS

INF.: Duas cambota, um mião. Mião ia no meio. PESQ.: Como que chamava? INF.: Mião. PESQ.: Mião? INF.: Mião. É. Cambota era feita de três peça. (Ent. 14, linhas 384, 386 e 388)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

223. MISSÃO Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

INF.: Aí teve umas missão aqui. PESQ.: Ahn? INF.: A Sueli era piquena. PESQ.: Ahn? INF.: Mais cê precisava vê o tanto de gente que ajuntava. Rodava isso tudo aí de tratore, de carreta. Aquê povão memo. (Ent. 3, linha 95)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Missão. Missão de homens apostólicos, & Pregadores Evangelicos, que o Papa, os Bispos, & os Géraes das Religiões mndaõ para a conversão dos Hereges, e dos Gentios, ou para instrução dos povos.

2. Moraes:

Missão. S.f. O ser mandado annunciar o Evangelho: v.g. “*Christo confirmou com milagres sua Divina Missão.*”

3. Laudelino Freire:

Missão. s.f. Lat. *missio*; *missionem*. 6. Coletivamente, os padres enviados para conversão dos infiéis ou instrução dos católicos; missionários.

4. Aurélio:

Missão .[Do lat. *missione*.] Substantivo feminino. 6.Prédica ou sermão doutrinal.

5. Cunha:

Missão. XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

224. MODE [ADV] _____ 01 OCORRÊNCIA

...aquê roxo, pa mode não sentá musquito... (Ent. 1, linha 140)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

225. MOIRÃO Nm [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Toca esse pordo, esse pordo chegava na portera e pulava pum lado e pulava po oto. Quondo vê pulô no moirão da cerca. Morreu ispetado no moirão da cerca porque ele num era dele. Era de Santo Reis. Num dianta! (Ent. 2, linha 253)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Moirão. Vid Mourão.

2. Moraes:

Moirão. s.m. V. Mourão.

3. Laudelino Freire:

Moirão. s.m. O mesmo que mourão.

4. Aurélio:

Moirão .Substantivo masculino. 1.Mourão¹ (q. v.).

5. Cunha:

Mourão. sm. ‘estaca na qual se sustenta a videira’ ‘esteio grosso ao qual se amarram rese’ 1813. De origem incerta.

6. Amadeu Amaral:

Mo(i)rão. s. m. - cada um dos postes laterais da porteira; poste a que também se chama *palanque*.

226. MOITONA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Lá em casa teve uma veiz/ ((d_{exa} eu vê))/ O Teca já morava na cidade/era da Juliana. Gerardinho achava graça do tanto que ele era esperto. Aqueas moitona arta assim/ era da Juliana o tale Bob... (Ent. 1, linha 157)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Moita. s.f. Corr. de *mata*. Mata de plantas arborescentes, rasteiras e densas.

4. Aurélio:

Moita. [De or. obscura.] Substantivo feminino. 1. Grupo espesso de plantas; touça: “E das moitas cheirosas / O aroma dos mirtais sobe nos céus escampados.” (Manuel Bandeira, *Estrela da Vida Inteira*, p. 22.)

5. Cunha:

Moita. sf. ‘grupo espesso de plantas’/ *mouta* XIII / De origem obscura.

6. Amadeu Amaral: n/e

227. MUCADO [Pron] _____ 01 OCORRÊNCIA

Eu lavei um mucado cedo das panela. (Ent. 13, linha 74)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

228. MULA Nf [Ssing] _____ 08 OCORRÊNCIAS

Um dia eu saí la na linha da/ da serra do Veado que ia lá pa Ventania. Crariô adiente. Eu suzinho, de noite. Eu já tinha visto falá isso mais/ a mula/ eu tinha uma mula boa/ mula ativa. A oreia da/ se a mula rifugá alguma coisa tem mais se ela num rifugô num tem nada. (Ent. 4, linha 76 e 77)

É uma mula preta. (Ent. 4, linha 234)

A mula pegô uma marcha picada, né? (Ent. 4, linha 249)

Comprava uma mula, vindia comprava ota. (Ent. 4, linha 310)

Ês falava/ uns tocava a boiada, era boiadero. Os que tocava mula a gente falava era/ é os mulero. Tocava/ é/ ês ia comprá lá em Três Lagoas. (Ent. 14, linha 312)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Mula. A fêmea do mû. Não gera, porque he gèrada de animaes de diferente espécie.

2. Moraes:

Mula. s.f. Fêmea das bestas muàres.

3. Laudelino Freire:

Mula. s.f. a fêmea do um.

4. Aurélio:

Mula. [Do lat. *mula*.] Substantivo feminino. 1. A fêmea do mulo (q. v.).

5. Cunha:

Mula. sf. ‘fêmea do mulo, animal mamífero resultante do cruzamneto de jumento com égua, ou de cavalo com jumenta’/XIV, *mua* XIII etc./Do lat. *mula*.

6. Amadeu Amaral: n/e

229. MULERO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Ês falava/ uns tocava a boiada, era boiadero. Os que tocava mula a gente falava era/ é os mulero. Tocava/ é/ ês ia comprá lá em Três Lagoas. (Ent. 14, linha 313)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

230. MUNHO Nm [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

*INF.: Aí mandô pô aquê angu de fubá de munho nas costa. Eu tenho o sinale até hoje, quemado, a mancha. PESQ.: Mandô pô o quê? INF.: Angu de fubá de munho nas costa. (Ent. 2, linhas 74 e 77)
Levava uma lata de mio po munho e fazia fubá, do fubá fazia o angu, fazia o bolo, fazia o mingau, fazia tudo do fubá. (Ent. 11, linha 121)*

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Moinho. Engenho que serve de moer trigo, cevada, &c. Consta de roda, rodízio, pennas, pouso, corredoura, aguilhão, segurelha, lobeto, rela, vielas, veyo, quelha, ou calha, &c.

2. Morais:

Moínho. s.m. Máquina de moer o grão em farinha dando-lhe movimento o peso, ou força de água corrente, ou vento.

3. Laudelino Freire:

Moinho. s.m. Lat. *molinus*. Engenho composto de duas pedras ou mós colocadas uma sôbre a outra.

4. Aurélio:

Moinho .(o-í) [Do lat. *molinu*.] Substantivo masculino. 1.Engenho composto de duas mós sobrepostas e giratórias, movidas pelo vento, por queda-d'água, animais ou motor, e destinado a moer cereais. 2.Lugar onde se acha instalado esse engenho. 3.Máquina que serve para triturar qualquer coisa; moenda: moinho de café.

5. Cunha:

Moinho. Do lat. *molinus*, XIII, *moyo* XIII, *moyno* XIII etc.

6. Amadeu Amaral: n/e

231. MUNJOLO Nm [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

E a farinha punha lá no munjolo. O munjolo massetava o mio até virá fubá. (Ent. 11, linha 124)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire:

Munjolo. s.m. Máquina agrícola, com que se limpa o milho, tornando-o próprio para a fabricação da farinha; máquina de pilar milho.

4. Aurélio:

Monjolo .(ô) [Do quimb.] Substantivo masculino. 3.Bras. MG S. Engenho tosco, movido a água, usado para pilar milho e, primitivamente, para descascar café. [Pl.: *monjolos* (ô). Em MG (pelo menos) a pronúncia comum é com a vogal tônica aberta.].

5. Cunha:

Monjolo. sm. 'engenho tosco movido à água, empregado para pilar milho e, a principio, no descascamento do café' XX. De provável origem africana.

6. Amadeu Amaral:

Munjólo. s. m. - engenho rústico, movido por água e destinado a pilar milho. | A forma corrente entre a gente culta é "monjôlo". - Dava-se outrora este nome aos pretos de certa nação, importados no Br. ao tempo do tráfico dos africanos. - O sr. Sílvio de Almeida aventou, há tempos, o étimo **mulineolum**. Foneticamente. nada se lhe opõe; resta verificar se há traços reais dessa evolução.

232. MUTIRÃO ~ MURTIRÃO Nm [Ssing] _____ 04 OCORRÊNCIAS

Eas fazia murtirão de fiado, eu lembro. Cada uma lá vai ca sua rodinha na cacunda. Aí fazia esse fiado, ticia e fazia gasaio de frio. (Ent. 13, linha 541)

INF.: Intão e tinha tamém/ tinha muito mutirão pa capiná roça. De mio, de arroiz, de café... PESQ.: Mutirão? Mutirão é quando juntava um monte de gente? INF.: Isso. Uns falava mutirão, otos falava ajitório. (Ent. 14, linhas 492 e 494)

Intão, um certo mutirão que teve lá... (Ent. 14, linha 532)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Mutirão. s.m. O mesmo que muxirão.

4. Aurélio:

Mutirão .[Do tupi.] Substantivo masculino. 1.Bras. Auxílio gratuito que prestam uns aos outros os lavradores, reunindo-se todos os da redondeza e realizando o trabalho em proveito de um só, que é o beneficiado, mas que nesse dia faz as despesas de uma festa ou função. Esse trabalho pode ser a colheita, ou queima ou roçado, ou plantio, ou taipamento ou construção de uma casa. [Var. e sin., em lugares diversos do Brasil: *mutirom*, *mutirum*, *muxirão*, *muxirã*, *muxirom*, *muquirão*, *putirão*, *putirom*, *putirum*, *pixurum*, *ponxirão*, *punxirão*, *puxirum*; *ademão*, *adjunto*, *adjutório*, *ajuri*, *arrelia*, *bandeira*, *batalhão*, *boi-de-cova*, *corte* (ô), *junta*. Cf. *suta* (3), *traição* (5) e *estalada* (5).]

5. Cunha:

Mutirão. sm. ‘ajuda mútua, gratuita, que se prestam os trabalhadores rurais, reunindo-se para execução de uma tarefa’/moquirão 1872, motirão 1872 etc./De origem tupi, mas de étimo indeterminado.

6. Amadeu Amaral:

Muchirão, mutirão. s. m. - reunião de roceiros para auxiliar um vizinho nalgum trabalho agrícola - roçada, plantio, colheita terminando sempre em festa, com grande jantar ou ceia, danças e descantes. | No R. G. do S., “pichurum”, “puchirão” e “ajutório”; em parte de Minas, “mutirão”, e em parte, “bandeira”; na Bahia e Sergipe, “batalhão”; em Pernamb., “adjunto”; na Par. do N., “bandeira”; no Pará, “potirom”, “potirum”, “puxirum”, “mutirum”. - Do guar. “potyrom” = pôr mãos a obra? (Mont.) Ligar-se-á a multidão, ou, como lembrou C. da F., a “muchedumbre”? Ou terá relação com **botirão** = nassa de pesca, de certo feito, usada em parte de Port.?

233. NÓ CEGO NCm [Ssing + ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

INF.: O povo lá era munto nó cego. PESQ.: Por que? INF.: Assim ruim, mal. A gente criô lá naquela enfermidade, daquê jeito. Ninguém dava valor em ninguém. (Ent. 2, linha 25)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Nó. sm. ‘laço’ Do lat. *nodus* –i.

Cego. sm. ‘privado da vista’ XIII. Do lat. *caecus*.

6. Amadeu Amaral: n/e

234. OCA Nf [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

INF.: Intão a roda ela contém três buraco, onde vai o exo. PESQ.: Hã? INF.: E tem dois () buraco redondo... PESQ.: Hã? INF.: Que chama oca. PESQ.: Oca? INF.: Oca. E dipois tem o exo tamém. Aí no exo vai o chumaço, que é o que faiz cantá o carro de boi. (Ent. 14, linhas 403 e 405)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Oca. s.f. De *ôco*. Perfuração redonda nas rodas dos carros de bois.

4. Aurélio:

Oca⁴. Substantivo feminino. 1.Bras. S. Perfuração redonda nas rodas do carro de boi. [Pl.: *ocas*. Cf. *oca* (ô) e *ocas* (ô), flex. de *oco* (ô).]

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

235. ÓLEO DE CAPAÚVA NCm [Ssing + prep + Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

INF. 2: () *Aqueas árvona do campo do Zé Dação, ali tem. Inda tava comentano cum Toninho: “uai Toninho cê alugo pa Osina e inda num cortô aquea árvona?”. Mas num pode cortá essa árve. Essa qualidade() aquea árve de óleo devia dá um tanto de madera. Ah. Esse povo da Osina caba cum ea. Um lá nos Pinheiro tinha dessa arve. No caminho que nós ia pa escola e o papai taiava, taiava a (), tirava por riba e fazia aquê coro da árve, pingava aquilo ali ó, a resina dela, aí caía umas fumiguinha, uma foinha, um cisquinho num sei se cê chegou a vê esse remédio D./ chamava de Óleo de Capaúva. INF. 1: Óleo de Capaúva, eu já vi. PESQ.: Óleo de Capaúva? INF. 2: É () tanto que aquea árve ali chama Óleo. PESQ.: Óleo? INF. 2: Árve de óleo, árve de óleo. (). INF. 1: Óleo de Capaúva é bõ pra reumatismo. (Ent. 1, linhas 410, 411 e 416)*

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Óleo. sm. ‘nome comum a substâncias gordurosas inflamáveis, de origem animal ou vegetal, ou mineral’ Do lat. *oleum*.

6. Amadeu Amaral: n/e

236. OREIA DA ÀRVORE Ncf [Ssing + prep + Ssing] _____ 01
OCORRÊNCIA

PESQ.: *Eu ouvi falar esses dias que aquele negócio que dá na carne/ na carne não, na árvore também cura ferida, quando cê risca a árvore. INF. 2: Oreia da árvore? Não? (Ent. 1, linha 399)*

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Orelha. sf. XIII. Do lat. *aurícula* –ae.

Árvore. sf. ‘vegetal lenhoso cujo caule, chamado tronco, só se ramifica bem acima do solo’ XIII. Do lat. *arbor* –oris.

6. Amadeu Amaral: n/e

237. PAIA Nf [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Ela chegou “nossa seu pé tá muito carranhento” cêis vai embora lá pa aquea bica d’água po esses pé de moio, cum/ e esfregá farelo/ paia de arroiz, farelo de arroiz”. (Ent. 1, linha 589)

Meu pai tinha um companhero () ieu intão ieu/ minha mãe arrumava aquê caxote que justamente esse caxote que usava levá querosene. Punha paia rasgada nele e usava tocinho. (Ent. 14, linha 238)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Palha. A cana do trigo, milho, cevada, & outros paens, depois de cortada e separada da espiga. Derivase do Latim *Palea*, & este do latim *Pala*.

2. Moraes:

Pálha. s.f. A cana do trigo, milho, cevada, e outros pães, que se seca para sustento do gado grosso, e cavalgadura.

3. Laudelino Freire:

Palha. S.f. Lat. *palea*. A haste do trigo, do centeio, do arroz e de outras gramíneas semelhantes depois de despojadas dos grãos.

4. Aurélio:

Palha .[Do lat. *palea*.] Substantivo feminino. 1.Haste seca das gramíneas (esp. cereais), despojada dos grãos, utilizada na indústria ou para forragem de animais domésticos.

5. Cunha:

Palha. sf. Do lat. *palea*. ‘haste seca das gramíneas, despojada dos grãos e utilizada na indústria ou para forragem de animais domésticos’/XIII *palla* XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

238. PAIADA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Tá nada. Num tem trato. Trato da mão de Deus. Esses brotinho que tá saino da berada. Essas paiada de cima abriu era mais poco pra trais () mais agora, mais pra trais. A ota aqui abriu primero. Aí eas foi andano aí pa berada. Mais tapeia, cê picisa de vê. () Aí dá gosto de vê. () (Ent. 13, linha 69)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Palhada. [De *palha* + *-ada*¹.] Substantivo feminino.. 3.Bras. SP Capoeira fina; mato ralo.

5. Cunha:

Palhada. Do lat. *palea*, XVI.

6. Amadeu Amaral: n/e

239. PAIÓ Nm [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

É dexe jeito. Leva po paió, vai aquê desajeito, iguale a gata tá munto grande, gorda. Ela vai pelejano. Se fosse cachorrinho (). (Ent. 1, linha 179)

Mas eu sempre fui: Eu agora saio aí e ês fica ()”Eh dona Ervira, donde tá “Eu tô aqui no paió dibuiano mio pas galinha” fica lá: “vem pra dento”. (Ent. 15, linha 378)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Paiol de polvora. “He no mais bayxo do navio hum lugar separado, & fechado, onde se guarda a polvora em barris, ou guarda cartuchos, & donde não se entra sem ordem do capitão.”

2. Moraes:

Paiól. “sm. Nos navios é como caixão, ou divisão, onde vem mantimentos, carga de pimenta, a pólvora, &c.”

3. Laudelino Freire:

Paiol. “s.m. 4. Casa para arrecadação dos gêneros da grande lavoura. // 5. Tulha de milho.”

4. Aurélio:

Paiol. “[De *paiol*, f. dialetal do cat., em lugar de *pallol*.] Substantivo Masculino 3. Bras. Armazém para depósito de gêneros da lavoura. 4. Bras. MG SP Depósito ou tulha de milho ou de outros cereais.” [Pl.: paióis.]

5. Cunha:

Paiol. “sm. ‘depósito de pólvora e de outros petrechos de guerra’ / *payoll* XV / Do cast. *pallol*.”

6. Amadeu Amaral:

Paiol. “s.m. – tulha de milho. // É t. port., com outras signifs.”

240. PANHAR [V] _____ 02 OCORRÊNCIAS

A gente num panha muto custume muta intimidade. (Ent. 1, linha 42)

Carrega. Esses dia, o L. falô que achava que a gata tava panhando cria. Ent. 1, linha 168)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Apanhar. 11. Adquirir, pegar. *Int*.

5. Cunha:

Apanhar. vb. XIV. Do cast. *apañar*.

6. Amadeu Amaral: n/e

241. PANINHO DE BUNDA Ncm [Ssing + prep + Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Aí tinha que tirá/ês falava paninho de bunda, hoje é fraldinha. (Ent.1, linha 573)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Pano. sm. 'qualquer tecido, fazenda' XIII. Do lat. *pannus*.

Bunda. sf. 'as nádegas e o ânus' 1871. Do quimb. 'muna.

6. Amadeu Amaral: n/e

242. PASSAGEM Nf [Ssing]

01 OCORRÊNCIA

Ela tava fazeno passagem, que ela casô nova, né? Criô as fiarada tudo. Morreu munto nova. (Ent. 10, linha 478)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Passagem. XIII. Do fr. *passage*.

6. Amadeu Amaral: n/e

243. PASTO Nm [Ssing]

15 OCORRÊNCIAS

Tabaiá de trator, roçá pasto, cortá lenha, trabaiá de motosseco. (Ent.1, linha 15)

E o gado nosso tamém num come não, porque aqui tem fartura de pasto. (Ent. 4, linha 277)

Aí ês come. Mais aqui não. Aqui tem fartura de pasto. Graças a Deus. (Ent. 4, linha 281)

INF. 2: Aí tinha de pegá/ num tinha uma carroça, carro de boi que tinha era longe. Os minino foi carregano o adobo que tinha feito lá em casa e foi carregano de/ cumé que fala/ num tinha carrinho. Ês ranjava uma tábu/ cê lembra cumu é que era? INF. 1: () pasto. (Ent. 5, linha 31)

Quondo foi pra ele morrê. Este homi morreu que nem uma criação, morreu no meio do pasto. (Ent. 7, linha 13)

Morreu no meio do pasto. (Ent. 7, linha 15)

E depois vê que ê morreu no meio do pasto urrano que nem jumento. (Ent. 7, linha 41)

Pra trabaiá na/ roçano pasto, capinano. (Ent. 8, linha 34)

INF. 1: Era duro, só inxada. PESQ.: Era? INF. 2: Roçá pasto. INF. 1: Roçá pasto, cortá de machado. (Ent. 9, linhas 69 e 70)

Ah, gaitera era no pasto. (Ent. 9, linha 104)

...trabalhava lá na roça, roçano pasto, cortano lenha. (Ent. 9, linha 296)

...os homi ia roçá pasto, usava foice. Ia capiná, usava inxada. Ia torá mato, usava serrote. Serra, né? (Ent. 10, linha 354)

Ê. Aí vamo supô se ia roçá pasto () aí falava que ês ia é/ juntava aquê povão. Eu lembro. (Ent. 13, linha 412)

Ficava bão terra cortada. Agora terra bruta que era a primera vez que era pasto, com o tempo falava terra bruta. (Ent. 14, linha 509)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pasto. O campo onde pasta o gado.

2. Morais:

Pásto. s.m. O campo onde o gado pasta.

3. Laudelino Freire:

Pasto. s. m. Lat. *pastus*. Alimento, pascigo, comida.

4. Aurélio:

Pasto .[Do lat. *pastu*.] Substantivo masculino. 1.Erva para alimento do gado; pastagem. 2.Terreno em que há pasto (1), onde se pastoreiam os animais. [Sin.: *pastio*, *pascigo*, *pastagem* e (bras.) *pastaria*, *pastorador*, *pastoreio*, *pastoreiro*, *comedia*.] 3.Alimento, comida.

5. Cunha:

Pasto. sm. 'erva para alimento do gado' 'terreno próprio para gado pastar' XIII. Do lat. *pastus* –us.

6. Amadeu Amaral: n/e

244. PAU-A-PIQUE NCm [Ssing + prep + V] _____ 06 OCORRÊNCIAS

De repente, ela veio com um tantão de quitanda () ela ia fazê assim de tarde currido e () não sei que que ela arranjô que o biscoito tava duro memo. É de pau-a-pique, mais tudo duro. (Ent. 1, linha 101)

Até que ela tava falando que o pau-a-pique tava duro, mas tava não, era amolação dela. (Ent. 1, linha 104)

Mais até tava bão o pau-a-pique, eu até custei pra jantá, eu jantei cedo e desci comeno pau-a-pique. (Ent. 1, linha 106)

PESQ.: Tinha bolo de fubá? ((vozes)) Ahn? INF. 1: Num tinha mais nada não. PESQ.: Não? ((vozes)) INF. 1: Bolo, pau-a-pique. (Ent. 9, linha 174)

Aí fazia biscoito, fazia pão-de-queijo, fazia bolo, fazia pau-a-pique. PESQ.: Pau-a-pique era aquele que fazia na folha de bananeira? INF.: Era. Pau-a-pique inrola na foia. E enforma primero quando o forno tá bem quente. (Ent. 11, linhas 159 e 161)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

245. PAU-A-PIQUE NCm [Ssing + prep + V] _____ 01 OCORRÊNCIA

As casa, a maió parte era feita de pau-a-pique e adobo. (Ent. 5, linha 43)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Pau-a-pique. sm Construção feita de ripas ou varas entrecruzadas e barro.

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

246. PÉ-DA-GUIA NCm [Ssing + prep + Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Uai, esse aqui é o derradero, do cabeçaio, chaveia, do meio, pé-da-guia. Essa aqui é junta de guia. Nós tinha um boi que parecia cum esse aqui, chamado pexão. (Ent.4, linha 223)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Pé. sm. XIII. Do lat. *pés pedis*.

Guia. sm. XV. Do lat. *guidare*.

6. Amadeu Amaral: n/e

247. PEGAR [V] _____ 14 OCORRÊNCIAS

Aí eu peguei e falei pro E.: “a Pitty eu não quero aqui”. (Ent. 1, linha 186)

... peguei e falei pra ele... (Ent. 1, linha 292)

...o copo pega estalá/quebra. (Ent. 1, linha, 371)

Aí peguei e fui sabê das lavadera de ropa tudo... (Ent. 2, linha 99)

Aí pegô, ê num ixemprava não. Acontecia essa coisa cum ele, ê passava duma pra ota, dota passava pra ota. Ele num ligava caquilo. Aí ê pegô e matô essa Compania de Reis. (Ent. 2, linhas 224 e 226)

Ê pegô e falô: “esse podrinho é pro cêis levá pra Santo Reis. (Ent. 2, linha 248)

...aí pegô e passô o nosso de cá pra ele... (Ent. 7, linha 85)

Aí meu pai pegô e imprestô a égua pra ele pa comprá um gado lá no tale de Poso Alegre memo. (Ent. 8, linha 10)

Aí nós pegô e foi imhora da iscola... (Ent. 8, linha 74)

...intão pegava e arrumava banguê, né? (Ent. 4, linha 114)

Aí pegô a berá e o povo/pegô os passarinho a cantá... (Ent. 15, linha 187)

Eu tô cum medo quando pegá a chovê. (Ent. 15, linha 842)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Pegar. “v. r. v. Lat. *picare*. 27. Começar, principiar (tr. ind., com prep. *de, a*): “Pegaram logo de estar tristes e a sentirem saudades.” (Camilo).”

4. Aurélio:

Pegar. “[Do lat. *picare*, ‘untar de pez’.] V. t. i. 33. Começar, principiar, entrar: “Persignou-se, levantou-se e pegou a vestir a roupa.” (Bernardo Elis, Veranico de Janeiro, p.34).”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

248. PELEJAR [V]

08 OCORRÊNCIAS

INF. 2: é dexe jeito. Leva po paió, vai aquê desajeito, iguale a gata tá munto grande, gorda. Ela vai pelejano. (Ent. 1, linha 180)

Num era nada. Oh, ficava o dia intero lá na roça pelejano. Parava de noite, né? (Ent. 9, linha 129)

Eu pelejano bateno lá. Que que vale? Aí que meu irmão pegô um porrete foi lá e tirô ela de cima de mim. E a minha mãe gritava sua moleza. (Ent. 11, linha 216)

É. Só pelejano, né? (Ent. 12, linha 47)

((Risos)) Pelejava ca vida, né? (Ent. 12, linha 105)

Pelejano ca vida. Daqui e dali, né? (Ent. 12, linha 121)

E o J. que tá pelejano, pagano caro. (Ent. 13, linha 174)

INF. 1: Eu cheguei, pelejei pa tirá esse gado. Cadê se dá jeito d’eu tirá. Aí chegô um cumpade meu e ajudô a tirá o gado da horta. (Ent. 15, linha 629)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pelejar. Lutar, vid. combater.

2. Moraes:

Pelejár. v. at. Batalhar, lutar.

3. Laudelino Freire:

Pelejar. v.r.v. Corr. de *palejar*, do lat. *palus*. Batalhar, brigar, lutar, pugnar, combater.

4. Aurélio:

Pelejar. v. int. Batalhar, combater.

5. Cunha:

Pelejar. Do lat. *pillus* -i, XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

249. PEROBA Nf [Ssing]

02 OCORRÊNCIAS

Ele cortava peroba, rancava aquês cavaquinho de peroba e punha pa fervê. A gente tomava aquilo (). (Ent. 1, linha 472)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Peroba. s.f. Nome comum de várias árvores de construção.

4. Aurélio:

Peroba. [Do tupi = ‘casca amargosa’.] Substantivo feminino. Bras. Bot. 1. Designação comum a muitas árvores das famílias das apocináceas e das bignoniáceas que têm madeiras de boa qualidade, sobretudo a peroba-de-campos e a peroba-rosa (q. v.); perobeira.

5. Cunha:

Peroba. Sf. 'nome de diversas plantas das famílias das apocináceas e das bignoniáceas, que fornecem madeira de boa qualidade' / *peroua* 1624, *peroba* 1663, *parôba* 1711, *eperoba* 1789 etc. / Do tupi *ipe'roua* < *i'pe* 'casca' + *'roua* 'amargo'.

6. Amadeu Amaral:

Peróva, peróba. s. f. - madeira da perobeira; a própria perobeira; fig., importuno, maçador.

250. PIÃO Nm [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

PESQ.: Mais trabalhava mais era cum plantação? INF. 1: É, plantação. Aí () que tratá dos pião tinha que levá cumê pra eles. (Ent. 5, linha 63)

Porque o povo fala que todo véio foi pião. (Ent. 11, linha 260)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pião. Homem do povo. Homem plebeo, que não tem officio algum militar, nem civil, nem chegou a ser (se quer) Vereador da Camara da Cidade, ou Villa.

2. Moraes:

Pião. s.m. (melhor ortografia é peão) Homem de pé na tropa.

3. Laudelino Freire:

Peão. s.m. 3. Homem que se ajusta para o serviço do campo.

4. Aurélio:

Peão². [Do esp. plat. *peón*.] Substantivo masculino. 1.Bras. Amansador de cavalos, burros e bestas. 2.Bras. Condutor de tropa: "E repercutiam sonoros nas quebradas os gritos dos peões tangendo a tropa" (Alcides Maia, *Tapera*, p. 58). 3.Bras. Ajudante de boiadeiro. 4.Bras. Trabalhador rural.

5. Cunha:

Peão. Sm. Do lat. tardio *pedaneus*. 'trabalhador rural' XV.

6. Amadeu Amaral:

Pião. s. m. - domador: quebra o chapéu na testa o tal Faé. que é o *pião* mais cuéra e mais desempenado. (C. P.) | Alter. de **peão**, com uma curiosa evolução de sentido, que vem a dizer justamente o contrário do que outrora se entendia, isto é, "homem que anda a pé". - É monossílabo.

251. PIAU Nf [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Num murria. Aí eu e meus irmão, mais véio levantaro tudo pa vê matá o porca. Uma porcona que tava gorda. Porca piau. (Ent. 10, linha 624)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha:

Piau. Do tupi **pi'au*.

6. Amadeu Amaral: n/e

252. PICÃO Nm [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

INF. 1: Hipatite? INF. 2: E só dava nas criança e curava cum picão né? INF. 1: Picão. Mas hoje hipatite é curada cum picão. (Ent. 1, linhas 523 e 524)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Picão. S.m. 7.O mesmo que dois-amôres.

4. Aurélio:

Picão¹. [De *picar* + *-ão*².] Substantivo masculino. 5.Bras. Bot. Designação comum a várias ervas da família das compostas, como, p. ex., a *Cosmos sulphurens*, de folhas opostas, caule piloso, flores amarelas dispostas em

capítulos e frutos aquênicos (vulgarmente conhecida como *picão-açu*, *picão-uçu*, *picão-de-flor-grande* e *picão-do-grande*), e a *Bidens graveolens*, de caule lenhoso e glabro, folhas sésseis, oblongas, flores amarelas dispostas em capítulos paniculados, e que tem o nome vulgar *amor-de-negro*.

5. Cunha:

Picão. XIV. Do lat. vulg. **piccare*.

6. Amadeu Amaral: n/e

253. PICAÇO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Levava um buneco de pano, falava picaço. (Ent. 13, linha 410)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

254. PILÃO Nm [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

PESQ.: Era foice. Tem alguma coisa que usava antigamente que não usa mais no campo? INF. 2: Socá arroiz no pilão. PESQ.: Ah, socá arroiz no pilão. INF. 2: Socá arroiz no pilão.. (Ent. 5, linhas 150 e 152)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pilão. “Instrumento com que se pila. *Pilum*, i. Neut. Plin. Na sua Hist. Das Plantas do Brasil, liv. I. cap.II, diz que os portugueses chamaõ pilaõ ao vaso de pao, a modo de graõ, o almofariz em que pilaõ gergelim.”

2. Moraes:

Pilão. “sm. Mão do gral. No Brasil, o gral de páo rijo, onde se pila, e descasca o arroz, milho, &c.”

3. Laudelino Freire:

Pilão. “s.m. De *pilar*. Mão do gral. // 5. Gral de madeira rija, onde se descasca e tritura café, milho, etc.”

4. Aurélio:

Pilão. “[De *pilar*2 + -ão2.] Substantivo Masculino 2. Maço dos moinhos onde se pisa o papel, a casca de carvalho, a massa da pólvora, etc. 3. Designação comum a diversos instrumentos que servem para bater, triturar, calcar. 7. Afric. Bras. Gral de pau rijo, us. para descascar e triturar arroz, café, milho, etc.”

5. Cunha:

Pilão. “v.pilar” “pilão / pilões pl. XVI / do fr. *pilon*.”

6. Amadeu Amaral:

Pilão. “s.m. – gral de madeira, em que se pila a canjica, a paçoca, etc. // Pilão, t. port., que passou aqui a designar o gral, é propriamente o pau com que se pila. A este chamam aqui *mão de pilão*.”

255. PINERA Nf [Ssing] _____ 06 OCORRÊNCIAS

Mais, nós não têm nem rapé nem pinera, pinera de taquara assim de baná feijão, de() feijão. Nós tem aquela fininha de cuá trem de mio verde. Aí, né, às veiz arranja lá com o Carlão lá tem munta pinera à toa e (). (Ent. 1, linhas 37 e 38)

INF.: Era as quitanda. E ês repartia era na pinera. PESQ.: Hã? INF.: Intão, ia na turma tudo assim as pinera. Aí ê falô assim: “o J. quando saiu as buruteia lá, ê tava pensano que a M. tava oiano nele, ela tava oiano era na pinera de buruteia. (Ent. 14, linhas 556, 558 e 559)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Peneira ou Pinera. “He hua sasquia circular, com hu tecido delgado de seda crua no fundo, por onde passa a farinha separada dos farelos. As peneiras ralas são de seda de cavallo. Peneira alvarral, he por onde passa rolão. Vncerniculum, i. Neut. Plin. His. Cibrum farinarium. Cie.”

2. Moraes:

Peneira. “sf. Peça feita de cabellos de cavallo, ou fio de seda, e tesa, na qual se põe alguma coisa moída, para separar as partes mais miúdas, e finas; também há de palhinha, e de arame,

3. Laudelino Freire:

Peneira. s.f. Lat. Panaria. Caixa circular de madeira com fundo de crina ou de sêda, cujos fios são entrançados mais ou menos estreitamente, e que serve para passar as substâncias reduzidas a pequenos fragmentos e principalmente a farinha dos cereais. II 2. Joeira, crivo. II 3. Lus. Borboleta. II 4. Pesc. Aparelho próprio para pescar camarão. II 5. Lus. Mil. Gír. Rancho aguado. II 6. Gír. Fome ou sêde. II 7. Chuva miúda.

4. Aurélio:

Peneira. Substantivo Feminino Objeto formado de fios entrançados de tela, etc., e us. Para separar substâncias reduzidas a fragmentos, retendo as mais grossas.

5. Cunha:

Peneira. sf. 'objeto geralmente circular, com caixilho de madeira ou de metal, com o fundo formado de fios entrelaçados' /peneira XIII/ Do lat. *panaria (cláss. Panarium –i 'cesta de pão') II **peneirAR** XIV.

6. Amadeu Amaral: n/e

256. PINGA Nf [Ssing] _____ 07 OCORRÊNCIAS

É. Intão. Bãozinho memo. Tamém gosta dumas pinga ... Agora, o T.P. gostava de falá que a veinha tamém gostava duma pinga. ... Pede. Pede cinco, pede deiz. Pedi um rear pra comprá pinga. ... Aí vai bebê mais pinga pa ficá tonto. ... Cê vai bebê mais pinga. (Ent. 13, linhas 241, 246, 274, 275 e 278)

A pinga incareceu bem, né? PESQ.: Incareceu? Num sei. INF. 1: O litro de pinga tá custano quanto? (Ent.12, linhas 728 e 730)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pinga. "Gota que cahe de hum lambique, ou de outra cousa."

2. Moraes:

Pinga. "s.f. Gota que cai. // fig. Uma porção mínima. // boa pinga; de vinho bom."

3. Laudelino Freire:

Pinga. "s.f. De pingar. 4. Bebida alcoólica, especialmente aguardente."

4. Aurélio:

Pinga. "[De pingo I.] Substantivo feminino 4. Bras. Pop. Bebida alcoólica, sobretudo aguardente [v. cachaça (1)]"

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

257. PITITINHO Nm [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

E daí quando nós todo mundo () nós envinha embora os cachorrinho da C., um pititinho latiu cum ela () envinha um grandão, juntô nessa cachorrinha dibaxo do pé de café... (Ent.1, linha 125)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

258. PITISQUINHO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Cada um tinha seu pitisquinho lá, pedacinho de vivê. (Ent.7, linha 67)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

259. PORDO ~ PODRINHO Nm [Ssing] _____ 08 OCORRÊNCIAS

Aí, ê pegô, fechô um por-do dos mió da tropa dele lá no curral. Pô esse aqui pa dá po Santo Reis. Ês faiz leilão, ês faiz o que ês quisé. () Foi, a Compania de Reis cantô munto male. Mais ou meno. Que nem num gostô. Falô: “ah, aquele por-do bão num dô ele pa Santo Reis não. Vô pegá aquê ruinzinho lá e vô dá. Aí foi lá e fechô oto podrinho mai’ ruim e () o bão que ele tinha dado pa Santo Reis. Ele num quis dá porque achô que ês num valia. E pegô e falô: “esse podrinho é pro cêis levá pra Santo Reis.” Aí o cara falô: “ranja uma cordinha patrão, que nós leva.” Pegô o podrinho e foi arrastano. Petitinho. E o grande que era de Santo Reis fico lá no currale. A hora que ês saiu ê falô pa muié: “muié”/lá po lado da Capoeirinha perto do Guapé. “Muié, vamo lá sortá o por-do que era de Santo Reis, meu/ o ruim foi p Santo Reis. Dexa aqui que agora fica pra nós.” Toca esse por-do, esse por-do chegava na portera e pulava pum lado e pulava po oto. Quondo vê pulô no moirão da cerca. Morreu ispetado no moirão da cerca porque ele num era dele. Era de Santo Reis. Num dianta! (Ent. 2, linhas 244, 246, 251 e 252)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

260. POSAR [V] _____ 15 OCORRÊNCIAS

E aí depois o marido dela /o genro dela trabaia fora e ela fica só ela com os menino sem pará e a T. tem dia que posá lá com ela. . Tem que a T. i lá posá com ela por causa do medo do bicho. (Ent. 1, linha 92)

...o feirão já posava cuzinhano. (Ent. 11, linha 178)

Posava cuzinhano o feirão, né? (Ent. 11, linha 180)

Dexa posá no cocho. (Ent. 11, linha 234)

Num posa nenhum minino cum ea? (Ent. 12, linha 157)

Mais ea podia pagá uma pa todo dia posá cum ea, né? (Ent. 12, linha 161)

De noite i lá um e posá cum ela. (Ent. 12, linha 166)

Ea num posa aí? (Ent. 12, linha 188)

Intão. Aí podia um neto posá cum ela todo dia, né? (Ent. 12, linha 197)

...se quisé posá. (Ent. 13, linha 61)

Intão, nós posava no caminho... (Ent. 14, linha 235)

...posei na cidade. (Ent. 15, linha 190)

A M. posá aqui cumigo () esses dia tudo posá aqui cumigo. (Ent. 15, linha 395)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pousar. Pousar em alguma parte, ter a sua pousada em alguma casa. Ir pousar em alguma estalagem ou casa de alguém.

2. Moraes:

Póusar. v.n. Recolher-se em pousada, casa onde há-de ficar à noite, e morar.

3. Laudelino Freire:

Pousar. v.r.v. Lat. *pausare*. 4. Recolher-se em pousada; hospedar-se, acoitar-se, pernoitar.

4. Aurélio:

Pousar. 7. Passar a noite; pernoitar.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Poisá(R). v. i. - passar a noite: “Ontem não poisei em casa”. | É port., mas com ligeira especialização de sentido, pois na língua tem também a signif. de hospedar-se, assistir.

261. PRECATA Nf [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

INF. 1: As precata. Sabe que que é precata? PESQ.: Não que que é precata? INF. 1: Precata é aqueas arça de arreio. (Ent. 5, linhas 197 e 199)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

262. PROSÊ Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

PESQ.: E que horas que ês tira o leite? Cedinho? INF. 1: Fica num prozê danado. (Ent. 12, linha 523)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

263. QUITANDA Nf [Ssing] _____ 14 OCORRÊNCIAS

Aí deu um prazo, eu comi um cadinho. Daí ela tá falando de quitanda dura. De repente, ela veio com um tantão de quitanda () ela ia fazê assim de tarde currido e () não sei que que ela arranjô que o biscoito tava duro memo. É de pau-a-pique, mais tudo duro. (Ent. 1, linha 100)

A quitanda/ ah tale dia nós vai fazê quitanda. Aí já privinia os ovo, o leite e a mantega. Aquela coiserada. Aí uma incendia o forno. Cê por certo nunca viu um forno. ... Aí é aquea farra o dia intero de fazê quitanda. ... E as quitanda de fubá põe no forno mais quente. (Ent. 11, linhas 150, 157 e 164)

Trabaiava o dia intero e aí ia uma turma de muié e fazia quitanda, ota turma ia fazê armoço. (Ent. 13, linha 418)

É, mais tamém era assim, café, chá, quitanda feita no forno, fugão de lenha. Aí dava/ era onze hora, era hora do café. Aí dava/ era onze hora, era hora do café. E o povo jantava e dipois num cumia (). Aí tamém largava lá na mesa intera o resto da noite. Ota hora ês sirvia no cumeço da noite, ficava a noite intera po povo cumê. Mais era só isso, era quitanda de fubá, bolo de farinha de trigo, biscoito, pão-de-quejo nem usava. É... (Ent. 13, linhas 468 e 471)

O cupim quemava assim e ficava certinho. Eu lembro do cupim e lembro das quitanda que ês fazia (). (Ent. 13, linha 487)

Intão nós cuía lá e batia esse feirão, vindia e dava o dinheiro pro meu pai comprá quitanda pra nós. (Ent. 14, linha 229)

Uma... quitanda. Ês fazia biscoito, pão-de-quejo, bolo, broinha de canjica, broa de mio... (Ent. 14, linha 520)

INF.: Aí ê pegô e falô assim: “é,o J., a hora que saiu as buruteia lá...” As buruteia que falava era... quitanda. Buruteia. PESQ.: Buruteia? Nossa que engraçado. INF.: Era as quitanda. E ês repartia era na pinera. (Ent. 14, linhas 554 e 556)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Laudelino Freire:

Quitanda. s.f. Quimbundo *kitanda*. 12. Biscoitos, bolo ou qualquer doce de forno.

4. Aurélio:

Quitanda .[Do quimb. *kitanda*, ‘feira’, ‘venda’.] Substantivo feminino. 7.Bras. MG S. C.O. Biscoitos, bolos e doces expostos em tabuleiro.

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral:

Quitanda. s. f. - designa coletivamente os doces, broas, biscoitos, ou frutas e legumes expostos à venda, geralmente em tabuleiros, pelas ruas. | Modernamente, nas cidades, designa também pequenas casas de comercio de frutas e verduras; mas isto já não é dialeto caipira. - O voc. é bundo, seg. G. Viana, e veio-nos de Port., onde também é corrente com acepção ligeiramente diversa. - É curioso observar que há em port. o t. **quintalada**, que, em Gil V., parece ter a mesma signif. brasileira de “quitanda”:Vendo dessa marmelada, E ás vezes grãos torrados, Isto não releva nada: E em todolos mercados, Entra a minha **quintalada**. (“Auto da Feira”).

264. QUORESMA Nf [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

INF.: *Hãhã. Ah! Nossa Senhora! Se tivesse de fazê um casamento, antes da quoresma, se tinha que fazê uma festa de dança, é / tamém/ a festa lá da igreja. PESQ.: Hã? INF.: És fazia na quoresma. Mais festa de dança, essas coisa. És fazia treição de capiná. ... É. Agora hoje em dia quoresma é festa, é baile todo dia.* (Ent. 13, linhas 403, 406 e 450)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

265. RABICHO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

O rabicho dele cum a mãe é grande. Falei gente do céu cum esse rapaiz. (Ent. 15, linha 861)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Rabicho. s.f. De *рабо* + *icho*. 6. Paixão, amor, namôro.

4. Aurélio:

Rabicho. [De *рабо* + *-icho*.] Substantivo masculino. 5. Bras. Pop. Amor, paixão.

5. Cunha:

Rabicho. Do cast. *rabadilla*, XV.

6. Amadeu Amaral: n/e

266. RABO DO FOGÃO NCm [Ssing + prep + Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

A gente chegava lá e ele tava cum pano marrado na cabeça, sentado no rabo do fogão. (Ent. 14, linha 43)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Rabo. sm. 'cauda' Do lat. *rapum* -i.

Fogão. XVI. Do lat. *focus*.

6. Amadeu Amaral: n/e

267. RAJADA Nf [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

PESQ.: Essa aí que carrega o gato na boca? INF. 2: Não, é aquela rajada. (Ent. 1, linha 165)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Rajado. adj. De *rajar*. Raiado, estriado.

4. Aurélio: n/e

5. Cunha:

Rajado. Do cast. *raya*, 'Listrado, estriado, raiado', 1844.

6. Amadeu Amaral: n/e

268. RAMA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

O mandiocário que tava trançando assim a rama da mandioca. () cana, cada purrete de cana que ia imbora. (Ent. 15, linha 623)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Rama. Os Ramos da arvore.

2. Moraes:

Rama. s.f. Os ramos da arvore.

3. Laudelino Freire:

Rama. s.f. Lat. *ramus*. Os ramos e folhagens das árvores ou de outro qualquer vegetal.

4. Aurélio:

Rama¹. [De *ramo*.] Substantivo feminino. 1.O conjunto dos ramos de uma planta; ramada, ramagem, ramalheira, ramaria.

5. Cunha:

Rama. sf. Do lat. *rama*, XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

269. RANCHO Nm [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

Aí desceu ieu e ocê até na porta do rancho pegado na mão. Foi ou não foi? (Ent. 2, linha 140)

P cê vê eu lembro docê. Dispois, cê num tava nessa turma. Aí tinha uma turma lá um dia e invadiu o rancho. Invadiu. Invadiu o rancho que num tinha lugá ninhum pra drumí. (Ent. 2, linha 150)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Rancho. “Rancho he palavra castelhana mas quer dizer pousada.”

2. Moraes:

Rancho. “sm. Casa ou tenda movível que se faz pelos caminhos.”

3. Laudelino Freire:

Rancho. “s.m. Esp. *rancho*. 14. Habitação tosca, de palhas. // 15. Habitação rústica do pessoal de campo e do seringal.”

4. Aurélio:

Rancho. “[Do esp. *rancho*.] Substantivo masculino 2. Acampamento ou barraca para abrigar rancho (1); ranchada. 8. Bras. Casa ou cabana no campo, nas roças, em canteiro de obras, etc., para abrigo provisório ou descanso dos trabalhadores. 9. Bras. Casa pobre, da roça; choça, ranchinho. [Dim. irreg.: ranchel.]”

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Rancho. “s.m. – cabana, geralmente de sapé, que se faz nas roças para abrigo de trabalhadores; casa rústica sem compartimentos; telheiro ou cabana para abrigo de viajantes, à beira das estradas; por ext., casa pobre. // T. geral no Br. Usa-se no R. G. do Sul: “... dos fogões a que se aqueceu; dos ranchos em que cantou, dos povoados que atravessou...” (S.L.). Usa-se no Nordeste: Na barranca do caminho / abandonado, um ranchinho / entre o mato entonce viu. (Cat.)

270. RANJAR [V] _____ 12 OCORRÊNCIAS

Isso é bobeira () ranja uma correria. (Ent. 1, linha 07)

Aí, né, às vez ranja lá com o C. lá tem munta pinera à toa... (Ent. 1, linha 38)

“Não coitadinho, ê já tá sofreno, ranjá jeito dê sofrê mais.” (Ent. 2, linha 64)

Ranjô dois jagunço pegô e matô essa Compania de Reis tudo. (Ent. 2, linha 215)

Aí o cara falô: “ranja uma cordinha patrão, que nós leva.” (Ent. 2, linha 248)

PESQ.: ((Risos)) Como é que era as festas antigamente na roça? Tinha muita festa ou não? INF 1: Ah, ranjava, né? (Ent. 4, linha 88)

Ele era/eu num sei que que ele ranjô. A mula pegô uma marcha picada, né. Pocotó, pocotó. (Ent. 4, linha 248)

Tem até computador, tem tudo. Ele feiz eu ranjá pa fazê uma fossa lá pertinho de onde era a iscola. (Ent. 5, linha 23)

Ês ranjava uma tábua/ cê lembra cumu é que era? (Ent. 5, linha 29)

“vai lá no fulano ranjá tempero dum trem.” (Ent. 7, linha 69)

Uma ia ranjá verdura, ota ia lavá o arroiz... (Ent. 11, linha 182)

Que ê foi e perdeu a viagem depois tornô a ranjá o lugá. (Ent. 15, linha)

Aí dipois ranjô um ingastaio aí/ uma cerca ao redô da casa. Passei pa casa, fugão num tinha. (Ent. 15, linha 667)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

271. RAPADURA Nf [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

A rapadura, o açúcar mascavo. (Ent. 5, linha 322)

Uai, fazia rapadura, fazia açuca. (Ent. 11, linha 232)

Intão/ é/ intão trazia/ trazia é / ah/ era rapadura/ é/ oto açuca. Ês trazia isso e levava/ levava querosene, sal, uns pano. (Ent. 14, linha 201)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Rapadura. S.f. Massa dura de assucar ainda não purgado, ou de mascavado coagulado, na qual se lanção amendoins, usada no Brasil, talvez sem os amendoins: são crostas grossas do assucar pegado aos tijoulos das tachas, que se raspão para se guardar, ou misturar, e desfazer em mel mascavado.

3. Laudelino Freire:

Rapadura. s.f. De *rapa* + *dura*. 3. Torrao de açúcar mascavado, solidificado em forma de tijolo.

4. Aurélio:

Rapadura. [De *rapar* + *-dura*.] Substantivo feminino. 1.Rapadela. 2.Bras. Açúcar mascavo, em forma de pequenos tijolos.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

272. RASTÉ Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Mais, nós não têm nem rasté nem pinera, pinera de taquara assim de baná feijão, de() feijão. (Ent.1, linha 37)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Rastelo. sm. ‘instrumento formado por uma fileira de dentes de ferro por onde se passa o linho a fim de se tirar a estopa’/ rastrelo XVI/ Do lat. *Rastellus* –í.

6. Amadeu Amaral: n/e

273. RASTERINHO Nm [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Mentraste é aquê de florzinha branca. Mestruste dá é rasterinho assim. Aqui nessa horta eu já vi munto. (Ent. 1, linha 391)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Rasteiro. Cousa baixa, & chegada ao chão, rente da terra.

2. Moraes:

Rastêiro. Adj. Baixo, não erguido do chão; v.g. *arbusto, ou planta, rasteiros*.

3. Laudelino Freire:

Rasteiro. adj. De *rasta* + *eiro*. 3. Que é baixo, que nem depois de se ter desenvolvido se ergue muito acima do chão.

4. Aurélio:

Rasteiro .[De *rasto* + *-eiro*.] Adjetivo. 3. Que se eleva a pouca altura; raso: *vegetação rasteira*

5. Cunha:

Rasteiro, adj. Do lat. *rastrum* -i. 'que se arrasta' XVI.

6. Amadeu Amaral: n/e

274. REBARBA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Desses quinze fico só ieu lá na rebarba. Os oto tudo/ os oto catorze morreu. Mais ês já tava tudo sequinho, cum bronquite brabo. (Ent. 2, linha 60)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha:

Rebarba. Do fr. *rébarbatif*, 1813.

6. Amadeu Amaral: n/e

275. REBENTADA Nf [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

INF. 1: Mais ea podia pagá uma pa todo dia posá cum ea, né? PESQ.: Pudia, né? INF. 1: Pur caus[a] que ea num é rebentada, né? Ela pode. (Ent. 12, linha 165)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Arrebtado .[Part. de *arrebtar*.] Adjetivo. 2. Sem dinheiro ou recursos; quebrado, falido.

5. Cunha:

Arrebtado. De etimologia obscura, 1813.

6. Amadeu Amaral: n/e

276. RECOMPERÁ [V] _____ 01 OCORRÊNCIA

Aí meu pai acho que eu num ia recomperá, né? Fica mai' bunitinho, expriente, assim mai', hum, hum ... (Ent. 2, linha 16)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

277. REGANHAR [V] _____ 01 OCORRÊNCIA

...o sole tava reganhano, tava de istundá. (Ent. 15, linha 530)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

278. RÉIS Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Uai, aí ele viu que num diante nada minha fia. Ocê fazê uma massage cum oto, fazê um truque cum oto. Se ocê faiz um truque numa pessoa cum deiz mi réis cê toma um prijuízo de 40. (Ent. 2, linha 257)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Réis. “Moeda bayxa de Portugal. He abreviatura de reaes, (como advertio o commentador de Camoes sobre o cant. 3. oyt. 46.)...”

2. Moraes:

Réis. “sm. pl. reaes. A ultima espécie de moeda, e ideal, em que se resolve o dinheiro, e de que usamos no nosso modo de contar: vinte réis.”

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Réis. “Substantivo masculino pl. 1. Pl. de real² (3).”

5. Cunha:

Réis. Do lat. *rex regis*. “v.rei” “réis sm. pl. ‘real’ XVIII”

6. Amadeu Amaral: n/e

279. REMOSA Nf [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

INF. 2: És fala que a mustarda é quente, é remosa. E é memo? INF. 1: E colocava no pano. PESQ.: Remosa? O que é remosa? INF. 2: É trem quente (). INF. 1: É da natureza dela, trem forte. (Ent. 1, linha 321)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

280. RETIRERO Nm [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

E aí a gente ia rezá. Às vez a gente ia rezá na fazenda. És punha leite./ que meu irmão era retirero. Aquês camarada que era retirero. Aí nós ia rezá na fazenda. Tinha uma taba grande assim. Tipo um vão pa rezá, né? (Ent. 10, linha 318)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Retireiro. S.m. Individuo que num retiro tem sob sua guarda certo número de cabeças de gado.

4. Aurélio:

Retireiro .[De *retiro* (5) + *-eiro*.] Substantivo masculino. 1.Bras. Aquele que, numa fazenda, ordenha o gado.

2.Bras. SP Individuo que, num retiro, guarda certo número de cabeças de gado.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

281. RETIRO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Mais lá és é cinco. Os oto dois tava levano leite. És tem um retiro. Leva leite lá pa linha das Água lá. Tem o B., o V.... (Ent. 13, linha 232)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Retiro. s.m. De *retirar*. 6. Fazenda onde há gado só numa parte do ano.

4. Aurélio:

Retiro .[Dev. de *retirar*.] Substantivo masculino. 8.Bras. MG Local um tanto retirado da sede da fazenda pastoril, onde se solta o gado para engorda.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

282. REZADÔ Nm [ADJsing] _____ 01 OCORRÊNCIAS

É. É. Agora/ e também num podia abri a porta e janela que eas tava atrais dos rezadô. Num sei (). Mais era bunito, chegava batia a matraca. A gente até acordava cum ela. (Ent. 13, linha 427)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Rezadôr. Aquelle que reza muito, ou cujo officio he rezar.

2. Moraes:

Rezadôr. S.m. O que reza muito.

3. Laudelino Freire:

Rezador. s.m. De *rezar* + *dor*. O que reza.

4. Aurélio:

Rezador .(ô) [De *rezar* + *-dor*.] Adjetivo. 1. Que reza. Substantivo masculino. 2. Aquele que reza. 3. Bras. Curandeiro, benzedeiro, que faz rezas [v. *reza* (4)].

5. Cunha:

Rezador. Do lat. *recitare*, XVII.

6. Amadeu Amaral: n/e

283. RIBA [ADV] _____ 09 OCORRÊNCIAS

No caminho que nós ia pa escola e o papai taiava, taiava a (), tirava por riba e fazia aquê coro da árve, pingava aquilo ali ó... (Ent. 1, linha 407)

Cadeia em riba na hora. (Ent. 1, linha 433)

É. Aí fazia também um de po no imbigio/redondinho/vai as tirinha por riba/sabe como a mãe fazia aquilo/fazia pos quarto escondida. (Ent. 1, linha 572)

Fazia aquê estalero e jogava aqueas tora desse tamanho assim em riba. (Ent. 1, linha 641)

Cê ia prcurá a pessoa por uma coisa, num arrumava, danava ca gente, batia. Punha os cachorro por riba da gente. (Ent. 2, linha 31)

Jogava um poquinho de pó de café em riba/pa avivá as brasa um poquinho. (Ent. 5, linha 272)

Minina mais eu infrentava vaca chifruda em riba de mim. (Ent. 11, linha 208)

Aí pois ele lá em riba. (Ent. 13, linha 372)

Eu firmo no cabo da bassora e venho pra riba. (Ent. 15, linha 365)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

De riba. “De lugar alto. Cousa de riba. *Supernus, a, um*. Plin. Algua vezes se diz, *Superus, a, um*.”

2. Moraes:

De riba. “i. e., do alto para baixo, de cima. A riba, a cima; v.g., ir a riba, ir a cima.”

3. Laudelino Freire:

Riba. “s.f. Lat. *ripa*. Margem elevada de rio. // 2. Arriba, ribanceira.” “riba, adv. Em cima.”

4. Aurélio:

Riba. “[Do lat. *ripa*.] S. f. 1. Margem alta de rio; ribanceira; ribeira, arriba. 2. Pop. A parte mais elevada; cima: “Tiravam as colchas de seda de riba dos cestos” (Vitorino Nemésio, O Mistério do Paço do Milhafre, p.45).

5. Cunha:

Riba. “sf. ‘ribeira, margem’ XIII. Do lat. *rīpa -ae*.”

6. Amadeu Amaral: n/e

284. RODA Nf [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

Eu era piquininha e sabia fiá na roda. Oh! Eu já sabia fiá na roda. (Ent. 10, linha 375)

E nós tinha que cortá, abri ficava no balaio certinho assim. Aí cardava, a mamãe cardava/ as muié fiava. Eas fazia murtirão de fiado, eu lembro. Cada uma lá vai ca sua rodinha na cacunda. Aí fazia esse fiado, ticia e fazia gasaio de frio. (Ent. 13, linha 541)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Roda. sf. 'peça ou máquina simples, de formato circular, que se movimentam ao redor de um eixo ou de seu centro, e que serve para inúmeros fins mecânicos' XIV. Do lat. rota –ae.

6. Amadeu Amaral: n/e

285. RODERO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

PESQ.: Que que é mesa? É a parte de trás? INF.: A mesa é o que ia em cima dos rodero. (Ent. 14, linha 414)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Rodeiro. Maço Rodeyro. Instrumento de pão, maior que a maça dos calceteyros. Dele usaõ os carpinteyros de coches, & carros, para ajustarem as rodas.

2. Moraes:

Rodeiro. adj. Masso, malho rodeiro, masso maior que o dos calceiros, de que os sejeiros, e carpinteiros de carro usão para ajustarem as rodas.

3. Laudelino Freire:

Rodeiro. s.m. De *roda* + *eiro*. Diz-se do maço de encaixar, de ajustar e bater rodas de carros.

4. Aurélio:

Rodeiro .[De *roda* + *-eiro*.] Substantivo masculino. 1.Eixo de um carro ou de uma máquina; chaveiro. 2.Conjunto de duas rodas e o eixo no qual elas estão montadas: “os carros, completamente atulhados, rolavam já pela praia acima, os rodeiros enterrados na areia” (Virgílio Várzea, *Mares e Campos*, p. 45).

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

286. RUADA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Agora, no café trabaia suzinho, na rua, ruada suzinho, né? (Ent. 8, linha 35)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

287. RUINDADE Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Num sei / Eu arranjei uma ruindade essa noite sô. (Ent. 15, linha 45)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Ruíndade. s.f. A qualidade de ser ruim física, e moralmente.

3. Laudelino Freire:

Ruíndade. s.f. Qualidade do que é ruim.

4. Aurélio: n/e

5. Cunha:

Ruíndade. Do cast. *ruindad*. Ruyndade XV.

6. Amadeu Amaral: n/e

288. SABÃO DE CUADA NCm [Ssing + prep+ Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

INF. 4: Fritava. Fazia aquela gurdura, dipois fazia a cinza. Pegava a cinza/ a lata inchia de cinza ia pono água e aí pingava/ fala que era sabão de cuada. PESQ.: Por que que falava de cuada? É de cuada? INF. 2: Sabão de cuada é o caldo da cinza. ((vozes)) sabão de cuada é o que saía embaxo. (Ent. 5, linhas 284 e 286)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Sabão. sm. 'produto detergente' Do lat. *sapo* –*onis*.

6. Amadeu Amaral: n/e

289. SABÃO PRETO NCm [Ssing + ADJsing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

INF. 3: Ficava. Agora pa tomá banho, quando murria vaca lá. Fazia o sabão preto, da vaca. () A gente tomava banho caquele sabão. PESQ.: Como é que chamava o sabão? INF. 3: Sabão preto. (Ent. 5, linhas 276 e 279)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Sabão. Maça de cinzas de cinzas de carvalho, cal virgem, ou outros ingredientes, servese de lavar roupa. Ha sabão de pedra, & sabão molle, sabão branco, & sabão preto.

2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Sabão. sm. 'produto detergente' Do lat. *sapo* –*onis*.

Preto. adj. 'negro' Do lat. **prettus*.

6. Amadeu Amaral: n/e

290. SABUGO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

O ferro era de brasa. Quemava cum sabugo, essa coisa. () era pa passá. (Ent. 5, linha 265)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Sabûgo. Sabugueyro. Ora, he arvore, & ora he arbusto, cujos ramos são redondos, & compridos, cheyos de huma medulla branca, & cubertos de huma casaca áspera, & cinzenta, como também no tronco, no qual debaixo desta primeira casac, há outra de muito uso na Medicina.

2. Moraes:

Sabúgo. s.m. O sabugueiro.

3. Laudelino Freire:

Sabugo. s.m. Lat. *sambucus*. Substância esponjosa e leve, que se encontra no interior de certas árvores e em especial no sabugueiro.

4. Aurélio:

Sabugo . [Do lat. *sabucu*, 'sabugueiro'.] Substantivo masculino. 1.Bot. Medula do sabugueiro. 2.Bot. Sabugueiro.

5. Cunha:

Sabugo. sm. Do lat. *sabucus* -i. 'medula do sabugueiro' XIV.

6. Amadeu Amaral: n/e

291. SACUDIDO Nm [ADJsing] _____ 06 OCORRÊNCIAS

Ele era sacudido, mais era véiaco dimais. (Ent. 8, linha 38)

Prática é costume. Aí num tinha prática aí/ quando foi de duas hora pa tarde esse homi sacudido foi froxano, froxano, froxano. Cansano. Ele pegô falô pro (): “ó isso aqui (ele tava no café ruado) isso aqui num foi homi, num foi gente que prantô não, ruado dexe jeito aqui. Isso aqui foi o diabo que prantô.” (Ent. 8, linha 44)
 Mio. Eis tocava roça de mio/ ê gostava (). Porque eu tinha uns irmão, né? Que era sacudido lá nas roça ondé que a gente morava. (Ent. 10, linha 248)
 Seu pai tá sacudido. Num é seu pai? ... Pois é, tá sacudido. (Ent. 15, linhas 313 e 315)
 INF. 2: A sinhora tá sacudida hein? (Ent. 15, linha 121)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Sacudido, adj. P. p. de *sacudir*. 4. Forte, robusto.

4. Aurélio:

Sacudido. [Part. de *sacudir*.] Adjetivo. 4.Bras. Forte, saudável, galhardo, esbelto: *criança sacudida*.

5. Cunha:

Sacudido. Do lat. *succutere*. XIX.

6. Amadeu Amaral:

Sacudido. q. – forte, valente.

292. SANAPISMO ~ SENAPISMO Nm [Ssing] _____ 06 OCORRÊNCIAS

INF. 1: Fumentação é assim: quando cê tava com uma dor/tipo assim/ ocê tinha muita dor eles fazia aquele () como que é senapismo? INF. 2: Sanapismo. Eu tinha um medo daquilo pega fogo ni mim. INF. 1: E eu intão. Morria de medo PESQ.: Fumentação e fazia san/sanapismo? O que que era, botava fogo? INF. 1: Não! (Ent. 1, linhas 308 e 309)

INF. 2: Mas agora, o sanapismo, papai fazia munto aqui na gente. Quando era uma dor de dente, uma dor de cabeça.(). Papai fazia ni nós. Quando ele vinha a gente até inculá de medo. Não tem pirigo não. Uai, vai pô fogo nas perna da gente. PESQ.: (RS) INF. 2: Punha fogo. Dexa eu vê, cumé que era. INF. 1: Eu num sei como que fazia . INF. 2: Dexa ô vê. Agora que eu tô cum copo na mão (). INF. 1: Ah, eu lembro (). PESQ.: O sanapismo não é a mesma coisa do/como que chama o outro? INF. 2: O sanapismo é isso de queimá. INF. 1: É, é esse. (Ent. 1, linhas 339 e 348)

INF. 1: O sanapismo era que colocava. INF. 2: Aquê ramo que dá () mentruste. (Ent. 1, linha 383)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Sinapismo. sm. ‘cataplasma de mostarda’ 1844. Do fr. *sinapisme*, deriv. do lat. med. *sinapimus*.

6. Amadeu Amaral: n/e

293. SANFONA Nf [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

PESQ.: Qual/ que festa mais que tinha? INF. 1: Tinha uma sanfoninha. (Ent. 9, linha 162)

Os vizinho podia/ ia munto lá em casa. Era divirtido. Chegava no dumingo tocava viola, sanfona. (Ent. 10, linha 456)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Sanfõna. s.f. Instrumento músico de cordas, vulgar, que se toca fazendo mover humas como teclas, trazem-no os cegos, e cantão a elle, e também he usado de pastores.

3. Laudelino Freire:

Sanfona. s.f. De *sinfõnia*, por *sinfonia*. Instrumento músico, com cordas de tripa muito tensas, que são friccionadas por uma roda, posta em movimento por uma manivela.

4. Aurélio:

Sanfona. [Do gr. *symphonía*, pelo lat. *symphonia*, no lat. vulg. **sumphonia*.] Substantivo feminino. 5.Bras. Pop. V. *acordeão*.

5. Cunha:
Sanfona. sf. '(Mús.) ant. *viela*¹, 'acordeão' XVI. Do lat. *symphonia*. Der. Regressivo de *sanfonina*.
6. Amadeu Amaral: n/e

294. SANGRA D'ÁGUA NcF [Ssing + prep + Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

INF. 1: Então, sangra d'água, sangra d'água é uma beleza pra esse negócio aqui. PESQ.: O que que é sangra d'água, é aquela resina? INF. 1: É uma resina de árvore. (Ent. 1, linha 402)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

295. SANTO REIS Ncm [Ssing + Ssing] _____ 06 OCORRÊNCIAS

Falô: "uai, num tem jeito co poder de Santo Reis de jeito nenhum."(Ent.2, linha 242)

Falô: "ah, aquele pordo bão num dô ele pa Santo Reis não. (Ent. 2, linha 246)

E o grande que era de Santo Reis fico lá no currale. A hora que ês saiu ê falô pa muié: "muié"/lá po lado da Capoeirinha perto do Guapé. "Muié, vamo lá sortá o pordo que era de Santo Reis, meu/ o ruim foi p Santo Reis. Dixa aqui que agora fica pra nós." Toca esse pordo, esse pordo chegava na portera e pulava pum lado e pulava po oto. Quondo vê pulô no moirão da cerca. Morreu ispetado no moirão da cerca porque ele num era dele. Era de Santo Reis. Num dianta! (Ent. 2, linhas 249, 251 e 253)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Santo. sm. 'sagrado' Do lat. *sanctus* –a –um.

Rei. sm. 'soberano que rege ou governa um estado monárquico'/ XIV, *rey* XII, *rrex* XIV/ Do lat. *rex regis*.

6. Amadeu Amaral: n/e

296. SAPÉ Nm [Ssing] _____ 04 OCORRÊNCIAS

INF. 1: Cubria de sapé. PESQ.: E que que era sapé? INF. 1: Antigo. Sapé é um ramo. Dispois fazia de teia comum. Mais dipois mais premero era de sapé. (Ent. 5, linhas 54 e 56)

Pensa que eu dexei ês pó teia na minha casa? Pois sapé. (Ent. 15, linha 653)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Sapé. S.m. Uma herva, que no Brasil nasce nas terras cançadas, de folhas compridas estreitas, dá um pendão branco, serve de cobrir palhoças: casa de sapé.

3. Laudelino Freire:

Sapé. s.m. *Bot.* 1. O mesmo que capim-sapé.//2. O mesmo que capim-macho.//3. O mesmo que capim peba.

4. Aurélio:

Sapé¹. [Do tupi = 'o que alumia'.] Substantivo masculino. 1. Bras. Bot. Capim da família das gramíneas (*Imperata brasiliensis*), muito us. para cobrir choças, de folhas duras, e cujo rizoma tem uma ponta perfurante. Coloniza terrenos pobres, esgotados, e é mal aceito pelo gado como forragem. [Var.: *juçapé*.]

5. Cunha:

Sapé. sm. 'planta da fam. Das gramíneas, cujas folhas são muito utilizadas para cobertura de habitações rústicas'/sapee 1575, sape 1575, saper 1579 etc./Do tupi *iasa'pe*.

6. Amadeu Amaral:

Sapé. s.m., - gramínea do gên. "Saccharum". | Tupi

297. SARIEMA Nf [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

Uai. Passarinho. Mas o povo antigo tinha essas histórias mesmo. INF.: O T. falava que aquê que cantava “vai chovê”, “vai chovê” () mais a sariema. Agora eu falo a sariema tá cantano “vai chovê”. Isturdia ainda falei no café a sariema tá advinhando chuva. Aí ês falaro “vai chovê não” (). (Ent. 13, linhas 327 e 328)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Sariema. s.f. O mesmo que ciriema.

4. Aurélio:

Sariema. [Do tupi = ‘crista em pé’.] Substantivo feminino. 1.Bras. Zool. V. *seriema*.

5. Cunha:

Sariema. sf. ‘ave gruiforme da fam. Dos cariamídeos./1751, *siriema* 1618 etc./Do tupi *sari’ama*.

6. Amadeu Amaral: n/e

298. SINTIDO Nm [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

INF.: É. Uai, a gente grande memo, o sintido foge. PESQ.: Foge. INF.: Foge o sintido. E a hora que dá o branco da cabeça, todo mundo da pessoa. E num/ acontece. É... (Ent. 13, linhas 151 e 153)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Sentido. [Part. de *sentir*.] Substantivo masculino. 14.Consciência (1): *No acidente perdeu os sentidos.*

5. Cunha:

Sentido. Do lat. *sentiens –entis*. XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

299. SISTEMÁTICO Nm [ADJsing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

Nóis modô pa cá, né? Aí os povo lá/ meu pai quis mudá porque ele era assim um homi sistemático num gostava que/ né? Era sistemático/ daquês véio sistemático, né? (Ent. 10, linha 55)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Sistemático. Systematico. adj. Lat. *Systematicus*. 2. Metódico, ordenado.

4. Aurélio:

Sistemático. [Do gr. *systematikós*, pelo lat. tard. *systematicu*.] Adjetivo. 6.Bras. Diz-se do indivíduo que, por ser metódico ao extremo, se torna ranheta, ranzinza. ~ V. *bloco* —, *botânica*—a, *erro* — e *índice* —.

5. Cunha:

Sistemático. Do fr. *systematique*, 1813.

6. Amadeu Amaral: n/e

300. SOGA Nf [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

INF. 1: É, aí. Toca o boi lá no canto, põe a soga. A soga é essa aqui. PESQ.: Soga é isso aqui. INF. 1: É essa aqui ó. Agora essa aqui é a canga. PESQ.: Ah, tá. É soga isso aqui? INF. 1: É. A (jojo) que ês fala. Intão toca ê lá e ê já tem o lugázinho dele de chegá lá no canto. Põe a soga. Aí põe a canga, aí abutoa a brocha aqui, na guela dele aqui. (Ent. 4, linha 206 e 211)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Soga. He palavra castelhana, usada no Minho, & na Beyra por corda, ou correa.

<p>2. Morais: <u>Sóga</u>. s.f. Corda grossa de esparto curado, ou de outra matéria. 3. Laudelino Freire: <u>Soga</u>. s.f. Tira de couro, cujas extremidades se prendem às pontas do boi, e pela qual êle é puxado ou guiado. 4. Aurélio: <u>Soga</u>. [Do lat. tard. <i>soca, soga</i>.] Substantivo feminino. 1.Corda de esparto. 2.Corda grossa. 5. Cunha: <u>Soga</u>. sf. “corda grossa” XIII. Do lat. tardio <i>sóca</i>. 6. Amadeu Amaral: n/e</p>
--

<p>301. SOMBRAÇÃO Nf [Ssing] _____ 06 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>Porque o difunto da roça munta gente já fica assombrado de medo de vê o difunto lá na sala. Porque num põe na urna. Ranca a porta e faiz uma mesa assim da porta e põe o difunto em cima da mesa sem caxão. Já fica veno aquea <u>sombração</u>, né? E cobre cum lençol. A pessoa chega na porta e oia aquilo lá já é uma <u>sombração</u>. Porque o pé do difunto fica anssim pa banda da porta ó. O nariz fica anssim debaxo do lençole. Ah, gente mais é feio difunto lá na roça. Mais é muito feio. Só de chegá na porta representa que é uma <u>sombração</u>.</i> (Ent. 4, linhas 21, 22 e 24) <i>Às vez o medo faiz a <u>sombração</u>.</i> (Ent 4, linha 117) <i>Uai, é uai. Negócio de <u>sombração</u>, né? Tem gente que fala que <u>sombração</u> num ixiste.</i> (Ent. 8, linha 50)</p> <hr/> <p>Registro em dicionários: 1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Laudelino Freire: <u>Sombração</u>. s.f. Assombração, alma do outro mundo. 4. Aurélio: <u>Sombração</u> .Substantivo feminino. 1.Bras. Pop. V. <i>assombração</i>. 5. Cunha: <u>Assombração</u>. Origem controversa, XX. 6. Amadeu Amaral: <u>Assombração, sombração</u>. s. f. - aparição, fantasma, alma do outro mundo.</p>
--

<p>302. SORTERÃO Nm [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>O J. é <u>sorterão</u> que mora no Geriátrico. Intão, esse J. arrumô uma moça lá, que ele tava/ acho que num sei se tava afim dele ou num tava. ... O J. é <u>sorterão</u> que mora no Geriátrico.</i> (Ent. 14, linhas 525 e 538)) <i>Ela foi namorada desse moço que êa caso cum ê./ Era um <u>sorterão</u> rico.</i> (Ent. 15, linha 174)</p> <hr/> <p>Registro em dicionários: 1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Laudelino Freire: <u>Solteirão</u>. s.m. De <i>solteiro</i>. Diz-se do homem de mais de meia idade que ainda não se casou. 4. Aurélio: <u>Solteirão</u> .[De <i>solteiro</i> + -ão¹.] Adjetivo.Substantivo masculino. 1.Que, ou o homem maduro ou velho que ainda não se casou. [Fem.: <i>solteirona</i>.] 5. Cunha: <u>Solteiro</u>. adj. sm. ‘que ainda não se casou’/XVI, <i>solteyro</i> XIII/Forma divergente popular de solitário, do lat. <i>solitarius</i> –a –um. 6. Amadeu Amaral: n/e</p>

<p>303. SUADERA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA</p> <p><i>Inelação. Mais diz que dá uma <u>suadera</u> nela. Ela dá de sinti mal.</i> (Ent. 13, linha 100)</p> <hr/> <p>Registro em dicionários: 1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e</p>

3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

304. SUJOA Nf [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

INF.: Ah, era difíci. Era difíci e/ lá.../ Pa cumeçá quando nascia uma criança nem no hospital num vinha, né? Era tudo.../ incrusive minha avó era/ era assistente de criança. Quando ia nascê criança piquena, ela é/ meu avô até falava “ah, essas pessoa assim... PESQ.: Hã? INF.: Essas muié, tratava eas de sujoa. PESQ.: Sujoa? INF.: É. Agora o porquê disso eu num sei. PESQ.: Mas sujoa? INF.: Aqueas que acompanhava o nascimento das criança, né? Intão quando... PESQ.: Mas elas acompanhavam ou faziam? INF.: Não, elas fazia o parto. Ela ajudava a fazê o parto. PESQ.: Hã?INF.: Intão quando tinha uma criancinha/ quando ia nascê uma criança ês falava que tinha que i chamá a sujoa. PESQ.: A sujoa. Mas tinha outro nome também, não tinha?INF.: Parteira. PESQ.: Ah! Tá. INF.: Tinha otros que chamava de partera. Incrusive a minha avó tamém foi partera tamém. PESQ.: E eles falavam partera e sujoa? INF.: É. PESQ.: Que engraçado. INF.: Não. Sujoa eu via só meu avô falava isso. Os outro não falava. Falava parteira. (Ent. 14, linhas 14, 23 e 31)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

305. TACHA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

... aquela tacha que tava aquela beleza. (Ent. 5, linha 323)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Tacha. s.f. Tacho grande, usado em engenhos de açúcar.

4. Aurélio:

Tacha³. [De *tacho*.] Substantivo feminino. 1.Bras. Tacho grande, us. nos engenhos de açúcar: “Nas tachas, o mel fervia, engrossava” (Mário Sete, *Senhora de Engenho*, p. 122). [Cf. *taxa*, do v. *taxar*, e s. f.]

5. Cunha:

Tacha¹. sf. Origem obscura. ‘tacho grande, usado em engenhos de açúcar’ 1858.

6. Amadeu Amaral: n/e

306. TAI0 Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Chegô lá já telefonô pa (). Ô () a madrinha machucô. O I. lá pros coqueirinho. E a vai chama o I. () o I. me leva de pressa. A M. chegô: “Mamãe que que isso?” Ele feiz pra e a pa num falá que tava taio gande. (Ent. 15, linha 35)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

307. TAMOERO Nm [Ssing] _____ 04 OCORRÊNCIAS

Aqui tem um cambão que infia aqui nesse tamoero. (Ent. 4, linha 213)

INF.: *Intão tinha as canga e os tamoero. PESQ.: Tamoero? INF.: Tamoero feito de coro de boi, é tudo trançado. PESQ.: Hã?INF.: Era turcido num era trançado. PESQ.: Hã?INF.: Tinha os tamoero, dipois tinha os canzil que era os buraco que ia imbaxo pa botuá no pescoço do boi. (Ent. 14, linhas 350, 352 e 356)*

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Tamoero. (Termo de Carro) São huns pedaços de couro de boy crù, que postos em cima da canga, & prezos na chavelha, levaõ o carro, ou arado.

2. Morais:

Tamoero. s.m. Peça de coiro cru, ou madeira que prende na chavelha da canga, ou canzils, quando os bois puxão o carro, ou arado.

3. Laudelino Freire:

Tamoero. s.m. Peça de couro, na parte superior do jugo de bois, e na qual se prende a cabeçalha do carro.

4. Aurélio:

Tamoero. [De *tamão* + *-eiro*, com desnasalação e síncope.] Substantivo masculino. 1.Peça central do carro de bois. 2.Peça de couro que segura o carro à canga.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

308. TAPO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

De noite ele limpô essa aqui. No oto dia tiro / ferramenta / o tapo. “ Hoje eu já enxerguei falei / Daqui a quinze dia que vem. (Ent. 15, linha 191)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

309. TECEDERA Nf [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Pa levá pas tecedera que tinha tiare, né? (Ent. 10, linha 389)

Aí a minha mãe ticia/ é/ fiava dois quilo de/ de/ levava pa tecedera. Aí ticia um corte. Aí minha mãe fazia/ era aqueas carça assim que marrava aqui sabe? (Ent. 10, linha 399)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Tecedeira. A mulher que faz teas.

2. Morais:

Tecedeira. s.f. Mulher que tece panno.

3. Laudelino Freire:

Tecedeira. s.f. Mulher que tece pano.

4. Aurélio:

Tecedeira .[De *tecer* + *-deira*.] Substantivo feminino. 1.Fem. de *tecedor*.

5. Cunha:

Tecedeira. Do lat. *texere*, XIV.

6. Amadeu Amaral: n/e

310. TERRERO Nm [Ssing] _____ 07 OCORRÊNCIAS

Esse frango eu truxe lá do Santo Antônio, ganhei ele pa cantá no terrero. (Ent. 2, linha 160)

Uma frangaiada lá, as galinha, franga, mais duma setenta, galinha lá no terrero. (Ent. 2, linha 161)

A minha mãe chocô munta galinha no terrero/ era aquê terrero sujo, cheio de porco andano, barro, a gente andava cum pé tudo cheio de bicho. (Ent. 10, linha 601)

O terrero tava que era pura galinha. Intão a minha irmã saiu pa vim casá e aquê povão lá. (Ent. 10, linha 606)

Sai ali de intimão, na hora que eu cheguei ali no pé de caju, uma galinha () iscundida. / Que morreu as minha galinha tudo. Agora que formô terrero de novo traveiz. ... Aqui limpô o terrero. (Ent. 15, linhas 331 e 334)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Terreeiro. Peçaço de chão espaço, com plana superfície.

2. Morais:

Terreiro. s.m. Peçaço de plano espaçoso.

3. Laudelino Freire:

Terreiro. s.m. De *terra* + *eiro*. Espaço de terra, despejado, largo e plano.

4. Aurélio:

Terreiro. [Do lat. *terrariu*, ou de *terra* + *-eiro*.] Substantivo masculino. 3. Espaço de terra plano e largo.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

311. TIARE Nm [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

Fiava, passava no tiare a lâ, e tinha os carnero. E cortava lá. Eu memo ajudava. De noite era sirviço nós ajudá a abri lâ na mão. (Ent. 13, linha 511)

É minha mãe/ meu pai. Minha mãe era assim: trabaiadera. Fiava munto. Meu pai vistia/ tava chique/ cum uma carça ticida no tiare. (Ent. 10, linha 373)

Pa levá pas tecedera que tinha tiare, né? (Ent. 10, linha 389)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Tear. O engenho, com que se faz o Tecelão as suas Teas.

2. Morais:

Teár. s.m. Maquina, ou engenho que serve de tecer pannos.

3. Laudelino Freire:

Tear. s.m. De teia. Aparelhp para tecer pano.

4. Aurélio:

Tear. [De *teia*¹ + *-ar*¹.] Substantivo masculino. 1. Aparelho ou máquina destinada a produzir tecidos [v. *tecido* (4)], tapeçarias, tapetes, etc.: *tear manual*; *tear mecânico*.

5. Cunha:

Tear. sm. Do lat. *tela*. ‘aparelho ou máquina destinada a produzir tecidos, tapeçaria etc.’/XV, *thear* XIV/

6. Amadeu Amaral: n/e

312. TIRADERA Nf [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Aí tinha as tiradera. Tiradera era uma... espécie de coró mais grossona pa aguentá, né? (Ent. 14, linha 363)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire:

Tiradeira. s.f De *tirar* + *eira*. 2. Correia ou corrente que, nas carrêtas puxadas a quatro bois, prende a canga dos da frente à dos coice.

4. Aurélio:

Tiradeira. [De *tirar* + *-deira*.] Substantivo feminino. 2. Bras. Correia ou corrente que, nos carros de bois puxados por quatro animais, prende a canga dos da frente à dos do coice: “Os bois não tiravam mais por igual, apostando forças, mostrando de um para outro quem era mais valente em manter a tiradeira tesa, as cabeças altas” (Nélson de Faria, *Tiziu e Outras Estórias*, p. 110). 3. Bras. Corda de relho que ata os cambões das juntas do carro de bois.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Tiradêra. s. f. - pau que, nos carros de bois, serve de suplemento ao cabeçalho, ao qual se liga com tiras de couro.

313. TIRIÇA Nf [Ssing] _____ 04 OCORRÊNCIAS

INF. 2: *Dor de ouvido forte em criança, dor de barriga. Era tanta coisinha. Tiriça né? INF. 1: Tiriça. PESQ.: Que que era tiriça? INF. 1: Uai, tiriça era/hoje é. INF. 2: Uai, hoje é tiriça memo (). ... Então a gente fala tiriça.* (Ent. 1, linha 510, 511, 513, 514 e 526)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Tiriça. Terícia. Vid. Icterícia.

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Tirícia. s.f. O mesmo que icterícia.

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

314. TOCAR [V] _____ 01 OCORRÊNCIA

O L. foi ajudá o T. tocá criação e eu fui a pé e ês me acompanhamo. (Ent. 1, linha 119)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Tocar. v.r.v. Do germ. *tukkan*. 16. Conduzir (gado) espantando de um lugar para o outro.

4. Aurélio:

Tocar. v.t.d. 7. Bras. Conduzir (gado).

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

315. TOCINHO Nm [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Meu pai tinha um companhero () ieu intão ieu/ minha mãe arrumava aquê caxote que justamente esse caxote que usava levá querosene. Punha paia rasgada nele e usava tocinho. ... Usava tocinho e punha ali. (Ent. 14, linhas 238 e 240)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Toucinho. Gordura de carne de porco, mas dá que está pegada ao couro.

2. Moraes:

Toucínho. S.m. A gordura grossa, que ocupa os lombos do porco, pegada à pele.

3. Laudelino Freire:

Toucinho. s.m. Cast Tocino. Gordura dos porcos, subjacente à pele, com o respectivo couro.

4. Aurélio:

Toicinho. [Var. de *toucinho* < **tuccinu* (subentende-se o lat. *lardu*, 'toicinho'), der. do céltico *tucca*, 'suco manteigoso', e formado no lat. hispânico.] Substantivo masculino.

1. Gordura dos porcos, subjacente à pele, com o respectivo couro. Ter comido toicinho com mais cabelo.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

316. TOPAR [V] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Aí eu vô topá com um estranho... (Ent. 1, linha 61)

De vez em quando eu topo cum ela no Ki-Barato lá. (Ent. 12, linha 179)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Topar. "Deriva-se do grego *Topazein*, que he buscar, & topar, he achar a cousa que andamos buscando, & estendese a qualquer outra cousa, com a qual nos encontramos, ainda que a não busquemos."

2. Moraes:

Topar. "v.n. Encontrar com alguém, ou alguma coisa à caso, e imprevistamente, ou de propósito."

3. Laudelino Freire:

Topar. “v. r. v. De *tope* + *ar*. Encontrar (tr. dir.): “Se eles cá vem, é contar que não deixam nada; diz que metem a saque tudo quanto topam, pois não metem?” (Camilo). // 2. Deparar, encontrar (tr. ind. com prep. *com*): “A curta distância toparam com a cavalgada da rainha” (Rebêlo da Silva).”

4. Aurélio:

Topar. “[De *top*, onom. de um choque brusco, + *-ar2*.] V. t. d. 1. Encontrar, achar. / V. t. i. 5. Encontrar, achar. 6. Encontrar(-se), deparar. 7. Ir de encontro; encontrar-se, chocar-se. / V. p. 12. Encontrar-se, deparar.”

5. Cunha:

Topar. “vb. ‘encontrar(-se) com’ XIII. De origem onomatopaica.”

6. Amadeu Amaral: n/e

317. TORNERO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Chuvia dimais, fazia tornero, né? O povo ia e num achava custoso. É... / era três festa que tinha. Aí quando passava no oto sábado, aí sempre fazia/ ês falava pagode. Aí... (Ent. 13, linha 465)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

318. TRABISSERO Nm [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Um dia o dotor apricô injeção no trabissero do duente. (Ent. 11, linha 11)
Uma vez que a minha mãe ficô muito ruim e num tinha transporte. Aí quando foi de madrugada pegô o carro de boi e pois um cochão no carro de boi, pois uns trabissero e umas cocha. (Ent. 11, linha 37)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Travesseiro. sm. ‘almofada que serve de apoio à cabeça,/traueyseyro XIV. Lat.

6. Amadeu Amaral: n/e

319. TRATO Nm [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Num tem trato. Trato da mão de Deus. Esses brotinho que tá saino da berada. (Ent. 13, linha 68)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Trato. s.m. Alimentação.

4. Aurélio:

Trato². [Dev. de *tratar*.] 6. Alimentação, passadio.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

320. TREIÇÃO Nf [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS

INF.: Ês fazia na quoresma. Mais festa de dança, essas coisa. Ês fazia treição de capiná. PESQ.: Fazia o que? INF.: Treição. A pessoa tava cum uma roça suja aí juntava os vizinho. ... E fazia treição. (Ent. 13, linhas 406 e 408)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Treição. s.f. O mesmo que traição.

4. Aurélio:

Treição. Substantivo feminino. 1. Bras. Pop. Ant. Traição

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

321. TREM Nm [Ssing] _____ 16 OCORRÊNCIAS

Nóis tem aquela fininha de cuá trem de mio verde. (Ent. 1, linha 38)

Aí era ele e o pai dele () /e era bão pra tratá da mepatia que era um trem. (Ent. 1, linha 295)

PESQ.: Remosa? O que é remosa? INF. 2: É trem quente (). ... É da natureza dela, trem forte. (Ent. 1, linhas 324 e 325)

Que mais? Nossa, punha um tanto de trem. (Ent. 1, linha 388)

Disliga esse trem aí agora só pra eu te contá esse caso pra eu i imbora. Não esse (). (Ent. 2, linha 122)

A mãe da gente falava “vai lá no fulano ranjá tempero dum trem.” Chegava lá ês até istumava cachorro na gente. Cê bobo. (Ent. 7, linha 69)

Parece que os trem era mais barato. Que hoje é tudo caro. (Ent. 12, linha 599)

Quando eu vô lavá aquê tanto de trem cum coisa que feiz cumê prum povão. (Ent. 13, linha 30)

Eu asemblei dele, aí eu falei trem bobo po J. (Ent. 13, linha 191)

Aí acho que ê dá na cabeça de vim cá pidi uma carroça, um trem de mio, ele dá na idéia. (Ent. 13, linha 269)

Mai’ tinha aquês trem po meio do mato, pos brejo. Aí otos dava vorta. Num encontrava não. Ês respeitava uns [a]os oto. Agora não! Tinha respeito cas coisa. (Ent. 13, linha 459)

Mais ficava um trem quente, mais quente memo. (Ent. 13, linha 569)

Mai’ tinha aquês trem po meio do mato, pos brejo. Aí otos dava vorta. Num encontrava não. ... Mais ficava um trem quente, mais quente memo. (Ent. 13, linhas 445 e 552)

Mais lá tinha umas deiz pessoa que vinha trazê trem no carro de boi. Intão, nóis posava no caminho... (Ent. 14, linha 234)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Trem. Também ouvi dizer, Trem de cozinha, mas não a pessoa, que se presasse de fallar com propriedade.

2. Moraes:

Trèm.s.m. A gente, a bagage que acompanha alguém de jornada.

3. Laudelino Freire:

Trem. s.m. Fr. *train*. 2. O conjunto dos móveis e arranjos de uma casa; mobília.

4. Aurélio:

Trem. [Do fr. *train*.] Substantivo masculino. 10. Bras. MG C.O. Pop. Qualquer objeto ou coisa; coisa, negócio, treco, troço: “ensopando o arroz e abusando da pimenta, trem especial, apanhado ali mesmo, na horta.” (Humberto Crispim Borges, *Cacho de Tucum*, p. 186).

5. Cunha:

Trem. sm. Do fr. *train*. ‘orig. conjunto de objetos’, XVII.

6. Amadeu Amaral: n/e

322. TRI[LH]O Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Naquê tempo era um tri[lho] pa passá cavalo um atrais do oto anssim ó. (Ent. 11, linha 108)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Trilho. s.m. Lat. *tribulum*. 3. Caminho, direção, via, norma.

4. Aurélio:

Trilho². [Dev. de *trilhar*.] Substantivo masculino. 1. Caminho, vereda, trilha.

5. Cunha:

Trilho². sm. Do lat. *tribulum* -i. 'Caminho, vereda', XVIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

323. TROPA Nf [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

La um tocano os animale, a tropa assim arriada e apiava pa ajudá carregá. (Ent. 4, linha 42)

Aí, ê pegô, fechô um pordo dos mió da tropa dele lá no curral. (Ent. 2, linha 244)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Tropa. "s.f. Lat. *turba*. 5. Grande porção de gado ou de bestas de carga, que segue em jornada."

4. Aurélio:

Tropa. "[Do fr. *troupe*, 'bando de pessoas ou de animais'.] Substantivo feminino 6. Bras. Caravana de animais equídeos, especialmente os de carga."

5. Cunha:

Tropa. "sf. 'conjunto de soldados' 'multidão' 'grande porção de animais' XVII. Do fr. *troupe*, provavelmente deriv. regr. de *troupeau*, a. fr. *tropol* 'rebanho' (logo empregado adverbialmente, com o sentido de 'muito, demasiadamente')."

6. Amadeu Amaral:

Tropa. "s.f. – caravana de bestas de carga, 'comboio'; manada de equídeos, quantidade desses animais; fig., corja, cambada (de marotos, de ladrões, de patifes, de estúpedos).

324. TROTÃO Nm [ADJsing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

INF.: A minha mãe pois água quente prele lavá os pé e ê tava lavano os pé ê falô po meu pai assim ó: "ô cumpade J." "O que que é cumpade S." "Eu vô te falá uma coisa." "Que que foi?" "Ocê num sabe onde tá a mãe dessa égua que ocê me imprestô?" "Aí meu pai: "num sei." Ela era muito trotona e animale trotão é/ faiz a gente cansá, né? PESQ.: Trotão é que/ que que ele faiz? INF.: Trotão é/ no modo dele andá, chacoaia dimais. Marchadô é/ ê num cansa né? Aí ê perguntô meu pai ((vozes)) (Ent. 8, linhas 19 e 22)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Trotaõ. Cavallo trotaõ. O que anda de trote. Vid. *trotar*.

2. Moraes:

Trotão. s.m. Cavallo que anda de trote.

3. Laudelino Freire:

Trotão. s.m. Cavallo que trota.

4. Aurélio:

Trotão. [De *trotar* + *-ão*².] Adjetivo. 1. Diz-se de equídeo que trota; trotador.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Trotão. q. - animal que trota.

325. TROTE Nm [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

PESQ.: Ela num marchava? INF. 1: Era só trote. Cê sabe o que é trote? PESQ.: Não, o que que é trote? INF. 1: É tuada dura. (Ent. 4, linha 244)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Trote. Passo desenvolto do cavallo, entre andadura, & galope.

2. Moraes:

Tróte. s.m. Modo de andar das bestas entre o passo, e o galope incommodo.

3. Laudelino Freire:

Trote. s.m. De *trotar*. Andadura natural de cavalos e de outros quadrúpedes, entre o passo ordinário e o galope, caracterizada por batidas regularmente espaçadas, executadas alternadamente por cada para diagonal das patas.

4. Aurélio:

Trote. 1. Andadura natural das cavalgadas, entre o passo ordinário eo galope, e que se caracteriza pelas batidas regularmente espaçadas das patas.
5. Cunha:
Trote. sm. Do fr. *trotter*. ‘andadura natural das cavalgadas’ 1813. Dev. De *trotar*.
6. Amadeu Amaral:
Tróte. s. m. - andar duro e cadenciado (de animal equídeo). Difere da signif. port. - “andamento natural dos cavalos”.

326. TUIA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Ingordava o capado. Matava o capado, tinha a carne e tinha a gurdura. E o mantimento todo tanto que cúia num vindia não. Punha na tuiá lá no canto. (Ent. 11, linha 114)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:
Tulha. He o nome genérico de vários receptáculos de tijolo, ou de vimes, ou de esparto, em que se recolhe separadamente azeitona, castanha, arroz, ou outros frutos da terra, & como num celeyro há vários montes de trigo, cevada, centeyo, milho, &c.
2. Morais:
Túlha. s.f. O monte de pães, e grãos, castanhas, nozes, arroz, que está no celleiro, em divisões talvez.
3. Laudelino Freire:
Tulha. s.f. Lat. *tudicula*. Cova ou recinto de pedra onde se deita e aperta a azeitona, para mais tarde ser moída.
4. Aurélio:
Tulha. Substantivo feminino. 2. Grande arca usada para guardar cereais.
5. Cunha:
Tulha. sf. ‘celeiro’, XIV. De origem controvertida.
6. Amadeu Amaral: n/e

327. TURAR [V] _____ 03 OCORRÊNCIAS

PESQ.: A Dercy da televisão. INF. 1: Ah! Quantos ano? PESQ.: 101. INF. 1: Ah, não. Aí é turá dimais, né? (Ent. 12, linha 590)

“ Ah, mãe que isso? T. P. disse que a sinhora num passa / num tura um ano, mãe. “Que eu num ture um ano. Eu vô limpá minha vista.” (Ent. 15, linha 189)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Laudelino Freire:
Aturar. v.r.v. Lat. *indurare*. 4. Conservar, fazer que dure.
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

328. TUSTÃO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Essa casa vai desmantelano e o fio manda arrumá ela. Eu num gasto um tustão. (Ent. 15, linha 691)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:
Tostão. “Deriva se do italiano *testa*, ou do francez *teste*, que he toda a cabeça. E como em Italia foi chamada *testone*, & em francez *teston*, a moeda, em que estava representada a cabeça do principe, que a mandara cunhar, assim em Portugal foi chamada *testaõ*, & corruptamente *tostaõ* hua moeda, que el Rey D. Manoel mandou lavar, da qual porem não sabemos de certo que nella estivesse cunhada a cabeça deste príncipe. ... Em Portugal houve tostoens de ouro, & prata. Tostoens, moeda de ouro, lavrou el Rey D. Manoel anno 1517. Tihaõ o preço dos quarto dos portuguezes, segundo parece.”
2. Morais:
Tostão. “sm. Moeda de prata que vale 100 réis. (De *teston* francez, *testom* dicerão os antigos)”
3. Laudelino Freire:

Tostão. “s.m. Ital. *testone*. Moeda portuguesa de prata, do valor de cem réis. // 2. Moeda brasileira do valor de cem réis. // 3. Quantia de cem réis.”

4. Aurélio:

Tostão. “[Do it. *testone*, pelo fr. *teston*, com assimilação.] Substantivo masculino. 1. Antiga moeda de níquel, de Portugal e do Brasil, que valia cem réis. 2. Bras. V. dinheiro (5).”

5. Cunha:

Tostão. “sm. ‘antiga moeda portuguesa’ XVI. Do fr. *teston*, deriv. do it. *testóne*.”

6. Amadeu Amaral: n/e

329. URVAIO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Umás bota assim. Tinha as butina e tinha a polônia. Usava aquilo pa num moiá muito de urvaio. (Ent. 5, linha 213)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

330. VEIÁCO Nm [ADJsing] _____ 04 OCORRÊNCIAS

PESQ.: Tá sim. A sinhora é ágil. Senta/ sentô aqui rapidinho. Levantô. Ela tá ágil, né? INF. 1: Tá veíaco. (Ent. 12, linha 95)

INF.: Lá tinha uma lavora de café e tinha um homi que trabaiava cum ês aí. PESQ.: Ahn? INF.: Diz que era munto veíaco. (Ent. 8, linha 32)

Aí ês falava assim pra ele: “nóis qué pega ocê é no café ainda.” “Não, cêis pode pegá eu onde cêis quisé.” Esse cara é veíaco. Ele era sacudido, mais era veíaco dimais. Aí depois de capiná café, ê num tinha prática e os oto tudo tinha. (Ent. 8, linha 38)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Velháco. O que usa de traças, para enganar.

2. Moraes:

Velháco. s.m. O que engana com dolo não cumprindo a promessa.

3. Laudelino Freire:

Velhaco. adj. Enganador, falaz, fraudulento, traiçoeiro.

4. Aurélio:

Velhaco. [Do esp. *bellaco*.] Adjetivo. 1. Que ludibria de propósito ou por má índole. 2. Que é traiçoeiro ou fraudulento; patife, ordinário.

5. Cunha:

Velhaco. adj. ‘que ludibria propositadamente, ou por má índole’ XIV. Do cast. *bellaco*, de origem incerta.

6. Amadeu Amaral:

Veíaco. *velhaco*, q. - diz-se da cavalgada que tem manchas, habituada a dar corcovos.

331. VENDA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

PESQ.: Aí aparecia lá em casa. Aí meu pai punha um prato de comida pra ele. Aí ele cumia. Aí ele pedia dinheiro pra ir beber. Aí meu pai num dava dinheiro pra ele não beber. INF. 1: Mais ele pedia nas venda, né? (Ent. 12, linha 681)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Venda. Taverna de estrada. Estalagem do campo.

2. Moraes:

Vênda. S.f. Taverna onde se vende.

3. Laudelino Freire:

Venda. s.f. 3. Loja em que se vende.

4. Aurélio:

Venda¹. [Do lat. *vendita*, part. pass. de *vendere*, ‘vender’.] Substantivo feminino. 1. Ato ou efeito de vender; vendagem, vendição. 2. Pequeno estabelecimento comercial onde se vendem artigos variados. 3. Botequim onde se vendem, sobretudo, bebidas a varejo e pequenos artigos, como velas, pilhas, sal, etc.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

332. VESPRONA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Todo dia 25 de dezembro vesprona da Companhia de Reis saí, cê iscuta cá da fazenda aquê povo afiano o instrumento no buraco. (Ent. 2, linha 226)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

333. VESTE Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Eu nasci em 27 e ela casô em 32. E eu lembro direitinho, a veste dela. (Ent. 10, linha 592)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Veste. Vestido, vestidura, veste sacerdotal.

2. Moraes:

Véste. S.f. Vestidura, hábito.

3. Laudelino Freire:

Veste. s.f. Lat. *vestis*. Vestuário, véstia.

4. Aurélio:

Veste. [Do lat. *veste*.] Substantivo feminino. 1. Peça de roupa, em geral aquela que reveste exteriormente o indivíduo e, em grau menor ou maior, o caracteriza; vestido, vestidura, vestimenta: veste eclesiástica; veste nupcial.

5. Cunha:

Veste. sf. Do lat. *vestis -is*. ‘vestimenta’ 1813.

6. Amadeu Amaral: n/e

334. VIOLERO Nm [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Ticia o corte de car/ e o meu pai/ tava chique. Ele era violero, cantava. Era bunito. Era um preto bunito, meu pai. (Ent. 10, linha 391)

Ê gostava. Ê, ê era violero. Ê ia nas festa. Gostava de cantá. Tocá viola, de cantá. Ê era vaidoso, né? (Ent. 10, linha 396)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Violero. Que tange viola, ou outros instrumentos de cordas.

2. Moraes:

Violêiro. s.m. O que faz e vende violas. O que as tange.

3. Laudelino Freire:

Violero. s.m. 2. Tocador de violas.

4. Aurélio:

Violero. [De *viola*¹ + *-eiro*.] Substantivo masculino. 2. Bras. Tocador de viola¹ (1 e 4).

5. Cunha:

Violero. Do prov. *viola*. 1844.

6. Amadeu Amaral: n/e

335. VORTIADA Nf [ADJsing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Era duas peça vortiada. As cheda é onde vai o fuero pa po aquela... Mais ês fazia só de taquara, né? Intão, tinha a istera dipois a parte de tráis pa fechá a istera, ela era vortiada assim. (Ent. 14, linhas 423 e 442)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Volteada .[De *voltear* + *-ada*¹.] Substantivo feminino. 4.Volta (5).

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

336. ZANGAR [V] _____ 04 OCORRÊNCIAS

Num tem () de ficá parado. Aí zanga. (Ent. 15, linha 91)
Antes eu tinha medo de zangá e eu num inxergá nada. (Ent. 15, linha 228)
De zangá a minha vista. (Ent. 15, linha 230)
Eu tomo quando eu zango. (Ent. 15, linha 292)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

337. ZARROIA Nf [ADJsing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

*Ah, o que que é?” “É do J. meu irmão.” “Uai, que que tem o J.?” “Ah, o J...() / e ela era zarroia. A moça, né?...
Pur caus[a] que ela era zarroia. (Ent. 14, linhas 551 e 561)
Intão, ela casô. Ela já morreu, mais ela dexô uma purção, uma purção de fio. Mais ela era zarroia memo. (Ent. 14, linha 564)*

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Zarolho. adj. Pop. Vesgo.

4. Aurélio:

Zarolho .(ô) [F. arbitrária, com base em *olho*.] Adjetivo. 1.Cego de um olho. 2.V. *estrábico* (2).

5. Cunha:

Zarolho. De etimologia obscura, 1813.

6. Amadeu Amaral: n/e

Após apresentar as 337 fichas lexicográficas, elaboradas junto à pesquisa em seis dicionários, acompanhadas de classificações gramaticais, número de ocorrências e abonações, passemos à análise quantitativa de nossos dados.

4.2. Análise quantitativa

Ponderando sobre as metas traçadas para o presente trabalho – levantamento e análise do léxico rural do município mineiro de Passos –, analisaremos esses dados com a

finalidade de melhor operacionalizarmos o processo de sistematização dessas unidades linguísticas.

4.2.1. Quanto ao número de lexias presentes em cada dicionário

Das 337 lexias apresentadas nas fichas lexicográficas, averiguamos que 245 se encontram em pelo menos um dos seis dicionários selecionados. Levantamento esse que é mostrado no gráfico a seguir.

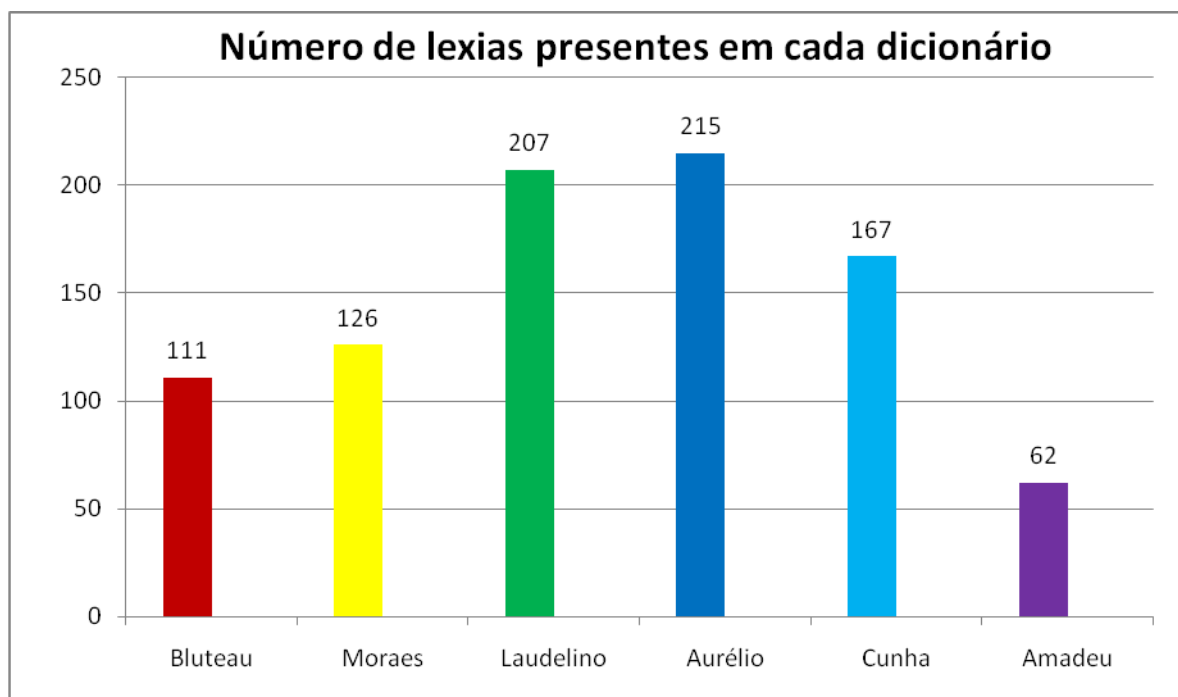


GRÁFICO 1 – Número de lexias encontradas em cada dicionário

O GRAF. 1 exhibe, em números absolutos, quantas lexias entre as 245 dicionarizadas estão presentes em cada dicionário: i) a barra vermelha, correspondente ao dicionário de P. Raphael Bluteau, mostra os 111 vocábulos encontrados nessa obra, o que corresponde a 45,12% dos 245 vocábulos dicionarizados; ii) o dicionário de Antonio de Moraes apresenta 126 lexias entre aquelas dicionarizadas, o que representa 51,21% desse total; iii) os dicionários de Laudelino Freire e de Aurélio Buarque, representados, respectivamente, pelas barras verde e azul, são os que mais apresentam em suas páginas aquelas lexias constantes do grupo das dicionarizadas, com 207 ou 84,14% o primeiro, e 215 ou 87,39% o segundo; iv) o dicionário de Antônio Geraldo da Cunha, representado no gráfico pela barra azul-claro, apresenta 167 lexias entre aquelas dicionarizadas, o que representa um

percentual de 68,17%. Ainda que diversas vezes tenhamos preenchido o campo dedicado ao dicionário de Antônio Geraldo da Cunha apenas para mostrar etimologias, variantes lexicais ou 1ª datação de um vocábulo nos dicionários de língua portuguesa, foram contados aqui somente aqueles que realmente se identificam com as acepções descobertas na fala dos informantes; v) por fim, no dicionário de Amadeu Amaral, verificamos a presença de 62 unidades léxicas, ou seja, 25,30% do total das 245 lexias que se encontram dicionarizadas.

4.2.2. Quanto à classificação gramatical

Ao avaliarmos as fichas, constatamos que os substantivos e os adjetivos reúnem 289 ocorrências, totalizando 85,75% do *corpus*. Os substantivos se destacaram com 252 ocorrências, abarcando 74,75% das lexias selecionadas. Os adjetivos, por sua vez, totalizam 11% dos vocábulos, ou seja, 37 ocorrências. Os verbos apresentam 34 casos, o que representa 10,08% de nossos dados. Com oito ocorrências, os advérbios abarcam 2,37% de todas as lexias presentes nesta pesquisa. As locuções adverbiais, os pronomes e as preposições correspondem a 6 dados, o que aponta para 1,80% do total de vocábulos. Abaixo, apresentamos a distribuição conforme a classificação morfológica dos dados analisados.

TABELA 1
Classificação morfológica dos dados analisados

Função Gramatical	Número de lexias	Percentual
Substantivo	252	74,75
Adjetivo	037	11,00
Verbo	034	10,08
Advérbio	008	02,37
Locução adverbial / Pronome / Preposição	006	01,80
Total	337	100

4.2.3. Quanto às lexias dicionarizadas e não-dicionarizadas

Depois de estudar as 337 fichas, encontramos diversos vocábulos que não foram localizados em nenhum dos dicionários examinados, ao passo que outros foram encontrados em pelo menos um desses dicionários. Cabe ainda salientar: a) aquelas lexias que, no contexto das entrevistas, ofereceram sentido incompatível às acepções dicionarizadas foram contadas como não-dicionarizadas; b) aquelas lexias que não apresentaram alterações significativas na forma foram computadas como dicionarizadas.

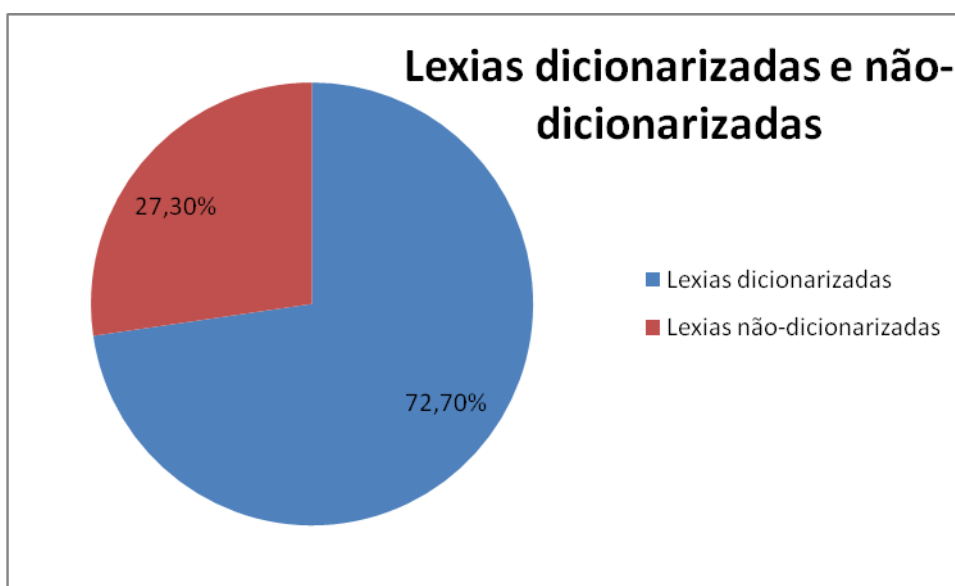


GRÁFICO 2 – Distribuição percentual das lexias dicionarizadas e não-dicionarizadas

As 337 lexias usadas nas fichas lexicográficas foram separadas em dois grupos: lexias dicionarizadas, representadas pela cor azul no gráfico, e as lexias não-dicionarizadas, representadas pela cor vermelha. Entre os dois grupos, predominaram as primeiras com 72,70% ou 245 lexias dicionarizadas, e 27,30% ou 92 lexias não-dicionarizadas.

4.2.3.1. Dicionarização segundo a classificação gramatical

Conforme visto em 4.2.2., as 337 lexias presentes em nosso *corpus* foram lançadas em sete grupos, os quais representavam as classes gramaticais dessas. Para que possamos conhecer o indicador de vocábulos dicionarizados ou não-dicionarizados em cada um desses grupos, fez-se necessária a confecção de outros dois exames quantitativos. O gráfico abaixo ilustra o percentual de unidades léxicas por classes gramaticais entre aquelas dicionarizadas.

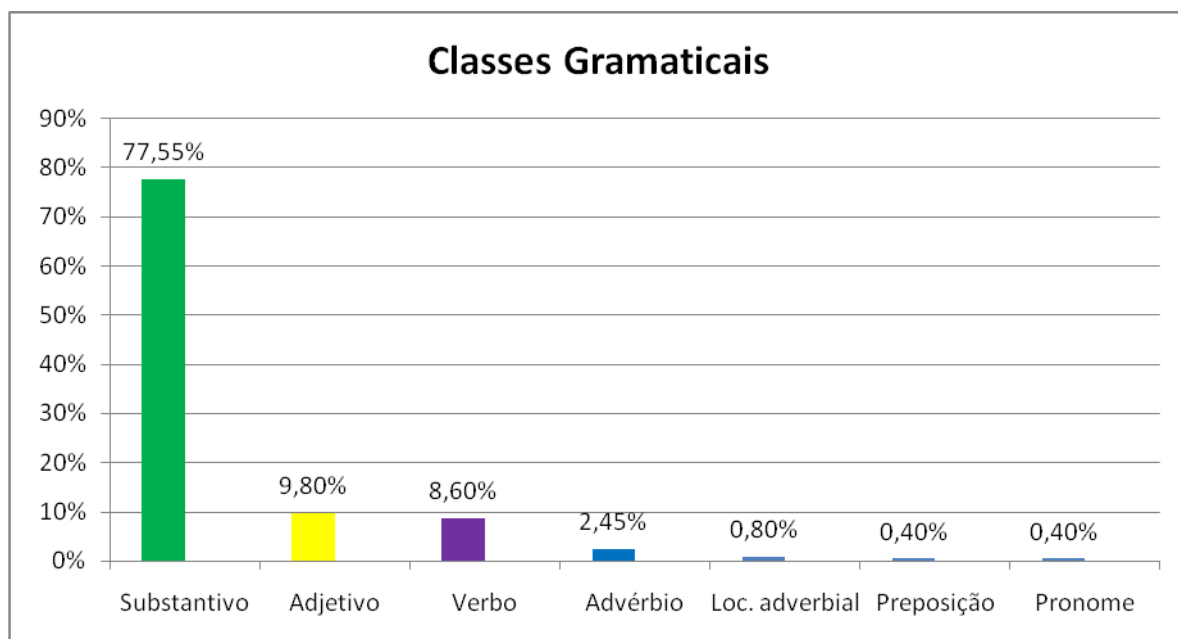


GRÁFICO 3 – Percentual de lexias dicionarizadas por classe gramatical

Após a análise das 245 lexias dicionarizadas, constatamos que 190 delas exerciam, nas frases, a função de substantivos, o que corresponde aos 77,55% indicados no gráfico nº 3. Os adjetivos reuniram 24 lexias, o que representa os 9,80% apontados no gráfico acima. Os verbos somaram 21 unidades lexicais, o que compreende 8,60% dos vocábulos dicionarizados. Os advérbios abarcaram 6 vocábulos, o que aponta para os 2,45% apresentados no gráfico. As locuções adverbiais apresentaram 2 casos, o que corresponde a 0,80% . Por último, as preposições e os pronomes que contabilizaram 1 ocorrência cada um são representados por 0,40% cada um do total dessas lexias.

Discorramos agora sobre a quantificação das lexias não-dicionarizadas por classe gramatical, conforme o GRAF.4.

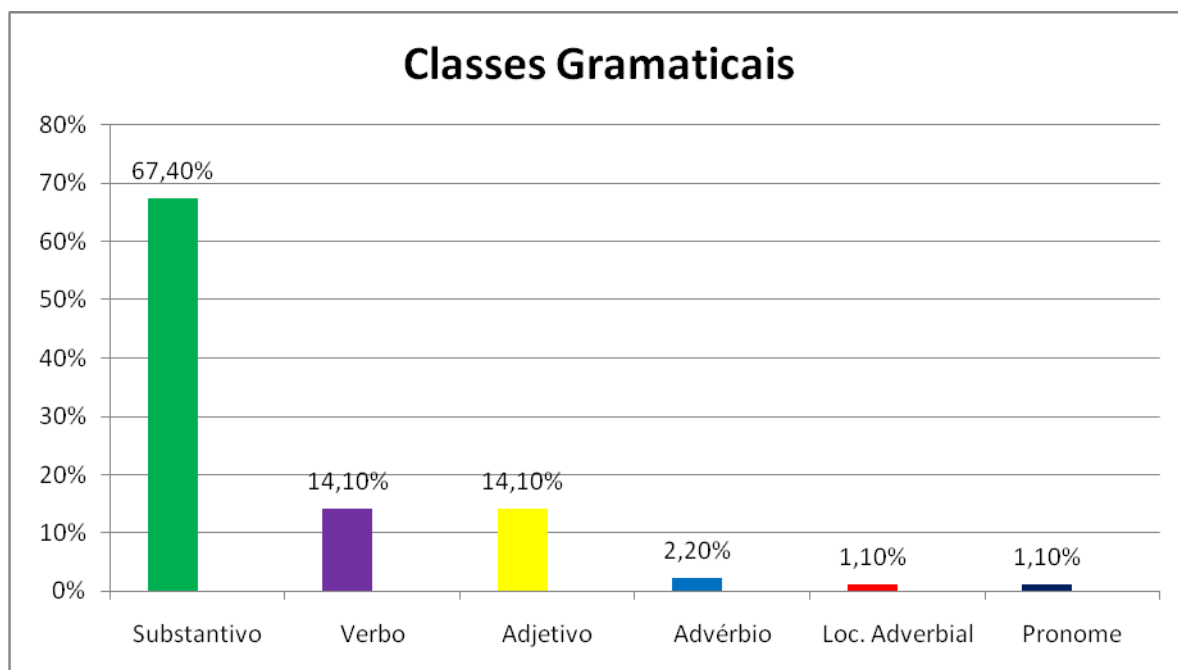


GRÁFICO 4 – Percentual de lexias não-dicionarizadas por classe gramatical

Considerando os 92 vocábulos não-dicionarizados, mais uma vez os substantivos se destacaram com 62 ocorrências ou 67,40%. Logo depois, aparecem, iguais, os adjetivos e os verbos com 13 unidades cada um, o que representa 14,10% desse total para cada um. Os advérbios vêm em seguida com 2 lexias ou 2,20% do total não-dicionarizado. As locuções adverbiais e os pronomes não-dicionarizados aparecem em quarto lugar com 2 ocorrências, sendo 1 de cada tipo, o que abarca, respectivamente, 1,10% do total de lexias não-dicionarizadas.

4.2.4. Quanto à origem

No que se refere à origem das lexias, conforme se pode observar no GRAF. 5 a seguir, a região pesquisada apresenta 134 ocorrências, ou 39,75% de nomes, cujas origens são portuguesas. As lexias que não tiveram sua origem encontrada somaram 103 casos, o que corresponde a 30,55% de nosso *corpus*. As lexias de origem francesa somaram 18 ocorrências, representando 5,35% do total de lexias analisadas. Em seguida, aparecem as lexias de origem castelhana, que somaram 14 casos, o que representa 4,15% do total. Lexias de origem árabe abarcaram 12 ocorrências, ou seja, 3,55%. Em um número bem menor, encontram-se lexias de origem tupi, com 09 ocorrências, correspondendo a 2,65% do total.

Com 8 casos, aparecem as lexias de origem controvertida, o que corresponde a 2,35% do *corpus*. As lexias de origem híbrida somam 07 ocorrências, o que abarca 2,05% das lexias presentes em nosso *corpus*. Os nomes de origem africana e os nomes de origem obscura apresentam 12 ocorrências, ou seja, 1,80% dos dados cada um, pois são 6 unidades léxicas de cada. A origem celta soma 5 casos, ou seja, 1,5%. Com 1,2% ou 4 casos, aparecem as lexias de origem incerta. As lexias de origem italiana aparecem em seguida com 3 casos, o que representa 0,9% do total. Com dois casos cada uma, aparecem as lexias de origem provençal e espanhola, representando 0,6% respectivamente. Por fim, seguem as lexias de origem expressiva, desconhecida, malaia e onomatopaica, cada uma com 1 caso, ou seja, 0,3% do total de nosso *corpus*.

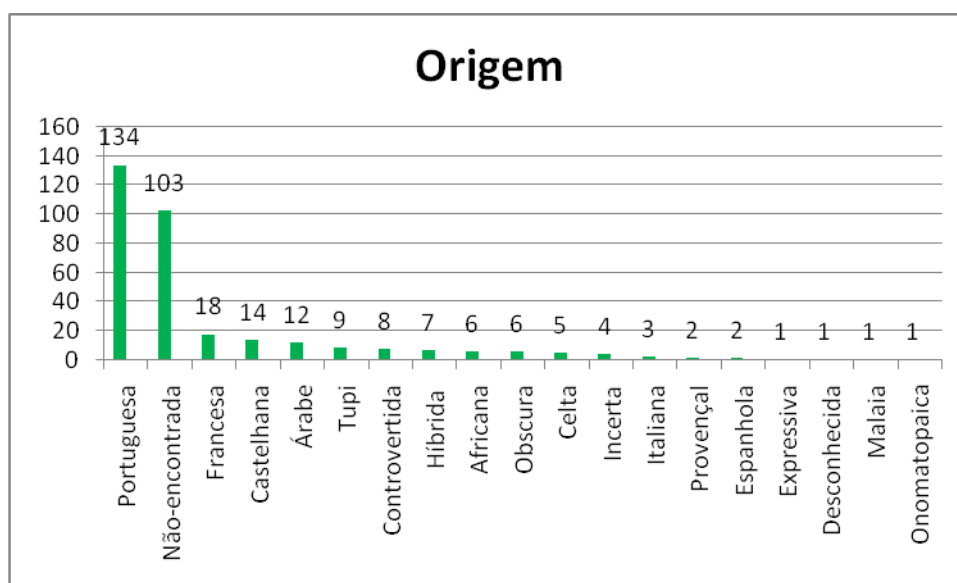


GRÁFICO 5 – Origem das lexias

Convém ressaltar aqui a constatação de que há um número significativo de vocábulos nas fichas que são definidos, no *Aurélio Séc. XXI*, como *brasileirismo*. Conforme Oliveira (1999, p. 96) “o termo *brasileirismo* se refere a ‘todo fato linguístico, de caráter geral ou regional, que caracterize o português em uso no Brasil, em contraste com o usado na Europa’”. Assim, para essa autora, enquadram-se como *brasileirismos* as seguintes categorias: os indigenismos, os africanismos, os *brasileirismos* semânticos, as formações e derivações brasileiras de base vernácula ou de base híbrida e as lexias de origem expressiva próprias dos brasileiros. O termo *indigenismo*, usado por Oliveira, se refere ao repertório lexical originado do conjunto das diversas famílias indígenas brasileiras que contribuíram para o português do

Brasil. De forma semelhante, o termo *africanismo* se refere ao conjunto dos vocábulos oriundos dos diversos falares africanos que também contribuíram para o português do Brasil.

Após a análise das 337 lexias, encontramos 76 lexias classificadas como *brasileirismos* no Aurélio Séc. XXI:

adonde, amarelão, angu, arriá, bacada, bambu, banguê, berruga, biruta, boiadero, braba, brejo, bruaca, cacunda, cadê, camarada, candiero, caniço, capado, capãozinho, catinga, catingudo, causo, cocão, cocho, colonha, custar, desbarrancado, empachada, erva santa-maria, fubá, gabiroba, gaitada, gaitera, garapa, garrote, guiné, ingenho, intencido, invocado, jacá, jagunço, linha, maminha-de-cadela, mariquinha, mascate, munjolo, murtirão, oca, paiada, paio, pasto, pião, picão, pilão, pinga, rabicho, rancho, rapadura, retirero, retiro, rezadô, sacudido, sanfona, sapé, sariema, sistemático, sombração, tacha, tiradera, treição, trem, tocar, tropa, tustão, violero.

O gráfico a seguir mostra o percentual de *brasileirismos* entre as lexias dicionarizadas:

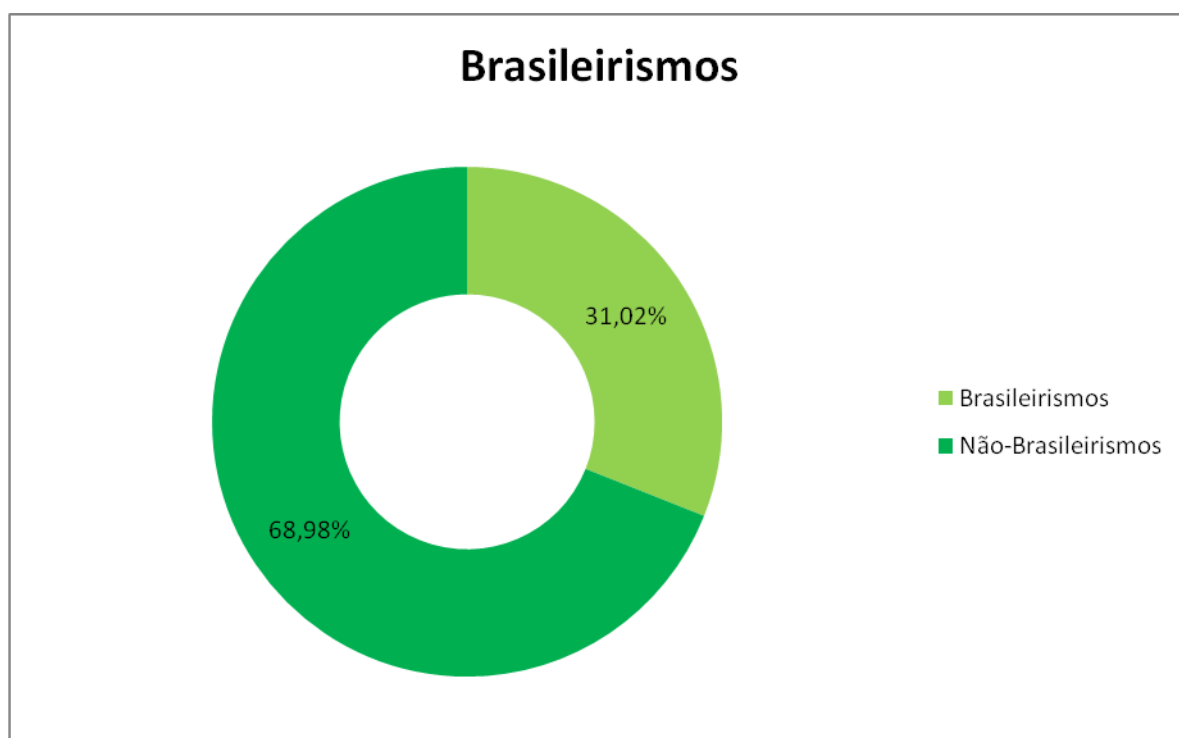


GRÁFICO 6 – Percentual de *brasileirismos* entre as lexias dicionarizadas

O GRAF. 6 mostra que os *brasileirismos*, identificados pela barra verde-claro, representam 31,02% das lexias dicionarizadas, ou 76 vocábulos.

4.2.5. Quanto à forma e ao gênero das lexias

Nas 337 lexias analisadas, o gênero masculino se sobressai com 154 ocorrências, o que corresponde a 45,70% dos dados presentes em nosso *corpus*, que, por sua vez, são distribuídos em nomes masculinos simples, 134 ocorrências, e nomes masculinos compostos, 20 ocorrências. O gênero feminino aparece em 40,05% dos dados, somando 135 ocorrências. Desses, 122 vocábulos são nomes femininos simples e 13 são nomes femininos compostos.

A quantificação total dos dados quanto ao gênero está ilustrada no GRAF. 7 a seguir:

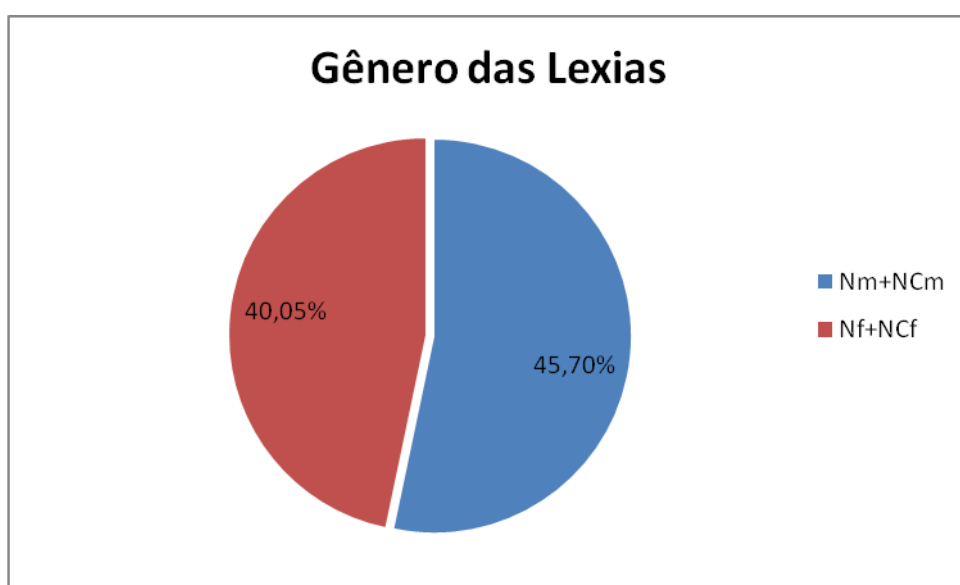


GRÁFICO 7 – Gênero das lexias

Após análise e quantificação dos dados constantes das 337 fichas, discutiremos, na próxima seção, questões que envolvem variação, manutenção e mudança linguísticas.

4.2.6. Quanto ao número de ocorrências das lexias

Nesta seção, apontamos aquelas lexias que tiveram um número de ocorrências expressivo – são 52 lexias que ocorreram entre 05 e 34 vezes:

Carro de boi (34), trem (16), companhia de Reis (15), pasto (15), posar (15), depois (14), pegar (14), quitanda (14), ranjar (12), cumpade (11), de primero (11), légua (11), fubá (09), riba (09), arado (09), banguê (09), cruzero (08), cumê (08), mula (08), pelejar (08), pordo ~ podrinho (08), curral ~ currale (07), fumentação (07), ingenho (07), isturdia (07), lavrar (07), pinga (07), terrero (07), baieta (07), cabeçaio (07), criação (07), lembrar (06), angu (06), canga (06), crioulo (06), pau-a-pique (06), pinera (06), sacudido (06),

sanapismo ~ senapismo (06), Santo Reis (06), sombração (06), acudir (05), antão (05), bambu ~ bambule (05), bica (05), braba (05), buruteia (05), cabaça (05), camarada ~ comarada ~ cumarada (05), emprasto (05), em roda (05).

4.3. Variação, manutenção e mudança dos lexemas ao longo do tempo

Conforme visto anteriormente, a partir do momento em que os estudos linguísticos passaram a admitir que as línguas influenciam e sofrem influências sociais, os linguistas assumiram a ideia de que as mesmas constituem um processo dinâmico, que podem variar de acordo com o contexto social e o momento da interação, já que o locutor costuma usar a língua sempre em adequação com as mudanças sócio- histórico-político-culturais. Isso permite afirmar que, de modo contínuo, as línguas sofrem lentas, graduais e parciais mudanças, sem que, muitas vezes, sejam percebidas pelos usuários, devido a acomodações advindas de fatores intra e extralinguísticos. Ao estudarmos as 245 lexias dicionarizadas, averiguamos que os vocábulos *acá, adonde, alemburar, barrer, candeia, candieiro, causo, depois, inté e riba* passaram por mudanças desde o século XVIII até os dias atuais. Essas mudanças ocorreram na forma ou no sentido, ou então, simplesmente, essas palavras foram substituídas por outros vocábulos no nosso vernáculo. A soma desses casos de mudança corresponde a 4,08% do total de lexias dicionarizadas.

No entanto, constatamos também que diversas lexias conservaram a mesma forma e a mesma acepção desde a sua primeira dicionarização até hoje. Convém observar que muitas delas adquiriram novos significados, contudo o significado original ainda mantém o seu lugar na língua contemporânea. Entre as 245 lexias, verificamos que 221 (90,20%) sustentaram a mesma forma e sentido de antes. Pequenas diferenças ortográficas como gênero, número e outros casos que não apresentam alterações expressivas, ou que constituíam pequenas variações foram contabilizados como *sem mudanças*. Seguem abaixo essas lexias:

Acudir, adobo, afavaca, agora, alemburar, amarelão, angu, aperto, apiar, arado, argodão, ganga, aroera, arraiá, ativo, atrelado, bacada, baciada, bagaço, baieta, balaio, bambu, banda, bangüê, barrer, bassora, baxotinho, berno, berruga, bertoeja, biata, bica, biruta, boiada, boiadero, bote, braba, braça, brejo, brocha, bruaca, butina, cabaça, cabeçaio, caçarola, cacunda, camarada, cambão, cambota, candeiro, candeia, candieiro, canga, cangaia, caniço, cantadô, canturia, canzil, capado, capãozinho, carabina, carderão, carguero, carrerão, carriar, carroça, carro de boi, catinga, catingudo, causo, chanfrado, chaveia, chiquero, chumaço, cocão, cocho, coice, colonha, colonho, corgo, criação, crioulo,

cruzero, cuia, cumade, cumê, cumpade, condução, curral, custar, cutelo, danar, demanda, derradero, desbarrancado, desvanecer, dispois, em antes, empachada, emprasto, encarriar, endereitar, erva santa-maria, foice, fornada, fossa, fubá, fuero, fugão de lenha, fumentação, furquia, gabiroba, gaitada, gaitero, gamela, garapa, garrar, garrote, golo, graúdo, guela, guiné, impariado, impreita, ingenho, inté, intendido, invocado, ispicular, ispigão, isteio, ixcumungado, jacá, jagunço, jeriza, lamparina, lavrar, leitero, levadô, linha, maminha-de-cadela, manero, marcela, marchadô, margosa, mariquinha, mascate, matraca, mentruste, missão, moirão, moitona, mula, munho, munjolo, mutirão, oca, paia, paiada, paio, panhar, pasto, pau-a-pique, pegar, pelejar, peroba, pião, picão, pilão, pinera, pinga, posar, quitanda, rabicho, rajada, rama, rancho, rapadura, rasterinho, rebarba, rebentada, réis, retirero, retiro, rezadô, riba, rodero, ruindade, sabugo, sacudido, sanfona, sapé, sariema, sintido, sistemático, sogá, sombração, sorterão, tacha, tamoero, tecedera, terrero, tiare, tiradera, tiriça, tocinho, tocar, topar, trato, trem, tri[[lh]o, tropa, trotão, trote, tuia, turar, tustão, veíaco, venda, veste, violero, zaroia.

Concomitantemente à manutenção linguística avaliamos, ainda, entre as palavras dicionarizadas, ocorrências de coexistência de duas ou mais variantes lexicais ou formais para uma mesma palavra nas obras lexicográficas atuais. Foram constatados 60 casos, abarcando 24,48% do total. São elas: *adobo, adonde, alembiar, antão, barrer, bassora, berruga, bertoeja, braba, cacunda, cadê, carrerão, carrero, catanga, catangudo, causo, cumê, chiquero, coice, corgo, condução, de primero, derradero, dispois, endereitar, erva santa-maria, fiado, foice, fossa, gabiroba, gaitada, golo, guela, guiné, inté, isteio, jagunço, lamparina, linha, mais, maminha-de-cadela, marcela, mariquinha, mentruste, moirão, pegar, pelejar, pinga, posar, rajada, rezadô, riba, sacudido, sanfona, sariema, sombração, tacha, tiriça.*

Abaixo apresentamos o GRAF. 8 que ilustra os casos de mudança e manutenção linguística. Cabe ressaltar que 14 lexias (5,72%) não adentraram no cômputo, entre casos de mudança ou manutenção linguística, visto que aparecem em apenas um dicionário.

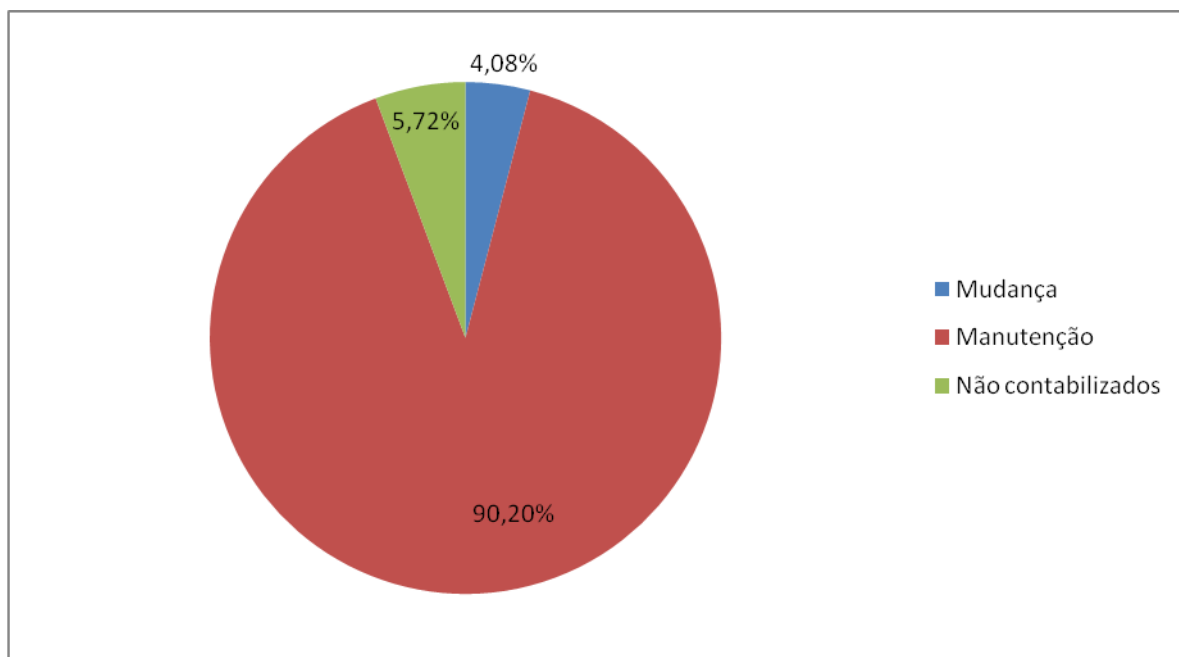


GRÁFICO 8 – Distribuição percentual dos casos de mudança e manutenção linguística

Ao relacionarmos esses casos de mudança e manutenção linguística com a questão do mundo rural, podemos concluir que o modo de vida, bem como a cultura, os hábitos e costumes das pessoas que moram no campo estão menos sujeitas às constantes modificações verificadas nos meios urbanos, sobretudo nos grandes centros, o que leva à manutenção de um vocabulário pouco sujeito às mudanças constatadas na língua. Cabe ressaltar que, no item manutenção linguística estão inseridos os casos de variação fonética.

4.3.1. Quanto aos arcaísmos

Determinar com precisão o período que caracteriza a fase arcaica do português não é tarefa de conformidade entre os diversos estudiosos da história de nossa língua. Conforme Mattos e Silva (2002, p.29), “as principais características linguísticas do período arcaico são encontradas em documentos e obras dos séculos XIII e XIV, sendo que no século XVI algumas dessas características permanecem e outras desaparecem.” Ivo Castro (*Apud* MATTOS e SILVA, 2002, p.29) “determina uma data simbólica para servir de limite entre o período arcaico e o português moderno: 1536.” Essa data foi escolhida por representar o último auto de Gil Vicente – *Floresta de Enganos* – e por ser o ano de publicação da *Gramática da linguagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira, obra essa que contribui para um processo progressivo de normatização da língua portuguesa. Segundo Ivo Castro (2002), o português moderno tem início a partir do século XVI.

Ao trabalhar com exemplos de arcaísmos lexicais em nosso estudo, levamos em consideração essa cronologia proposta por Ivo Castro. Desse modo, consideramos como arcaísmos aqueles vocábulos usuais entre os séculos XIII e XV, os quais, por motivos vários, perderam espaço ao longo do tempo, não sendo mais usuais na língua portuguesa padrão, ficando restritos à linguagem popular e também a do meio rural.

Analisando as fichas lexicográficas, encontramos oito casos de lexias avaliadas como arcaísmos, representando 3,26% das lexias dicionarizadas. São elas: *acá*, *adonde*, *alembrar*, *antão*, *cramar*, *dispois*, *imbigo* e *légua*.

Quanto à lexia *acá*, o dicionário de Antônio de Moraes registra como entrada a forma: *a cá*. Já, no dicionário de Antônio Geraldo da Cunha (de agora em diante DENF), *acá* é variante de *aqui* e *cá* desde o português medieval, sendo grafadas das seguintes formas: *aca*, *acaa* e *aqua*, conforme podemos ver na ficha respectiva. Segundo Huber (1986, p. 255), “o advérbio *acá* consta no *Cancioneiro d’el Rei D. Denis*.”

Adonde, embora não seja dicionarizada no DENF e, portanto, não apresentando datação de seu uso nos dicionários antigos, aparece na literatura em prosa do século XIV – *Milagres de Santo Antonio de Lisboa* – e consta na Revista Lusitana XV, de 1912, conforme cita Huber (1986). É um vocábulo usual na linguagem popular conforme consta no *Aurélio Séc. XXI*, sendo considerado, portanto, um arcaísmo.

O vocábulo *alembrar*, também não dicionarizado no DENF, é antigo na língua portuguesa e aparece nos dicionários atuais como forma popular. Segundo o dicionário de Amadeu Amaral (*O Dialeto Caipira*), esse vocábulo aparece na obra de Gil Vicente (Cf. a respectiva ficha).

Assim como *alembrar*, *antão* é antigo na língua portuguesa, sendo encontrado desde o século XIII conforme consta no DENF. Ele também aparece nos dicionários atuais como forma popular. Conforme *O Dialeto Caipira*, de Amaral, essa lexia aparece na obra de Camões (Cf. a respectiva ficha).

O verbo *cramar* aparece no DENF como uma forma do século XIII e é registrado nos dicionários atuais como “termo em desuso”.

O vocábulo *dispois* é mais um vocábulo analisado como arcaísmo, sendo encontrado na obra de Camões e desde muito só é usado na fala popular, conforme citado no *Aurélio Séc. XXI*. Conforme Huber (1986, p. 256), “esse vocábulo consta no *Cancioneiro da Ajuda* (2069 e 3565).”

Imbigo é dicionarizado dessa forma como entrada apenas no dicionário de Amadeu Amaral. Entretanto, os dicionários pesquisados de P. Bluteau, de Antônio de Moraes

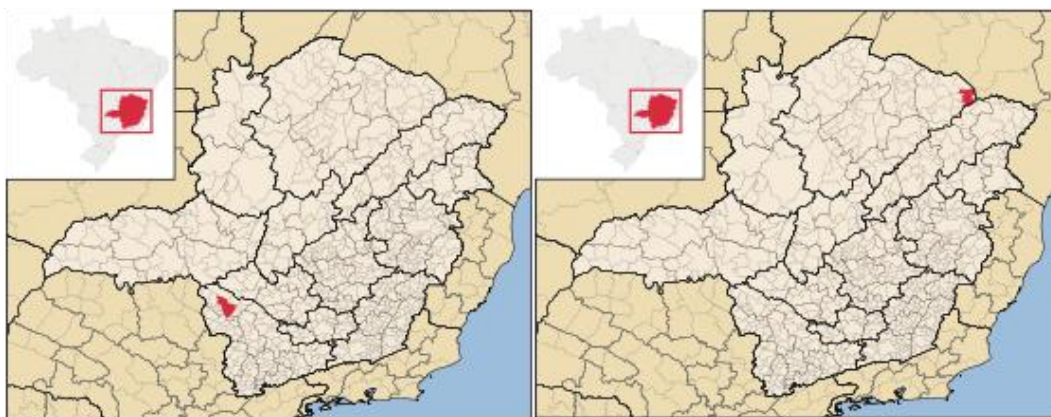
e de Antônio Geraldo da Cunha apresentam variantes ortográficas para o mesmo. Esse vocábulo na forma assimilada é documentado desde o século XIV segundo o DENF e, atualmente, só é encontrado na linguagem popular.

Para finalizar, a lexia *légua* é encontrada desde o século XIII conforme consta no DENF. Ela é considerada como “antiga unidade brasileira de medida itinerária” nos dicionários atuais.

Além das ocorrências de arcaísmos lexicais apresentados, há também ocorrências de retenções lexicais. Em nosso exame, as retenções lexicais seriam compostas por aquelas lexias que existiram na língua em épocas decorridas, mas que por distintos motivos não mais fazem parte da língua portuguesa padrão. Sendo assim, os arcaísmos fazem parte das retenções lexicais, embora as retenções lexicais abarquem também aqueles vocábulos usuais a partir do século XVI, mas que não são mais usuais na língua portuguesa padrão. Desse modo, além dos arcaísmos apresentados, listamos outros casos de retenções lexicais: *barrer, inté, mode, riba*.

4.3.2. O léxico rural comum do Norte e do Sul de Minas

Nesta seção, comparamos o resultado de nossa pesquisa com os dados apresentados por Souza(2008), que, por sua vez, trabalhou com o Norte de Minas, realizando a dissertação de mestrado, intitulada *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*. Apesar da distância que separa esses dois mundos rurais – o de Passos e o de Águas Vermelhas – encontramos um léxico comum que soma 39 lexias, o que representa 11,57% do total de dados coletados. Abaixo, apontamos a localização dos municípios citados:



MAPA 11 – Passos / Águas Vermelhas
Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/>. Acesso em 28 jan. 2010.

Em seguida, apresentamos as lexias comuns entre nosso trabalho, Ribeiro(2010), e o de Souza(2008).

1. Nomes que apresentam a mesma forma e o mesmo significado:

acá, adonde, alestrar, barrer, boiadero, cacunda, cadê, camarada, candeia, candiêro, canga, capado, carrera, caso, de primero, derradero, depois, em antes, fundar, gamela, imbigó, inté, mais, mode, mucado, paió, pegar, pilão, pinga, rancho, réis, riba, roda, topar, tustão, tropa.

2. Nomes que apresentam a mesma forma, porém com significados distintos:

Carrero – caminho (Águas Vermelhas); guia de carro de bois (Passos)

*Catinga*¹⁵ – vegetação (Águas Vermelhas); mau cheiro (Passos)

Paninho de bunda – enxoval de noivas (Águas Vermelhas); fralda (Passos)

Esse exame permite que afirmemos que as palavras migram, sendo algumas alteradas ou substituídas por outras.

4.3.3. Quadro comparativo Sul de Minas x Interior de São Paulo

Comparando as lexias coletadas no Sul/Sudoeste de Minas com o vocabulário de Amadeu Amaral, intitulado *O Dialeto Caipira*, cuja proposta foi retratar o falar do interior paulista no início do século XX, em pesquisa realizada nas regiões abaixo destacadas; podemos contabilizar 62 lexias comuns, o que corresponde a 18,40% do total de dados.

¹⁵ Na língua escrita, esses termos se diferenciam pela inserção de um –a: caatinga = vegetação; catinga = mau cheiro.

QUADRO 2

Mapas da região pesquisada por Amadeu Amaral



Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/>. Acesso em 28 jan. 2010.

Esses termos comuns são apresentados no quadro a seguir.

QUADRO 3

Comparativo de Lexias: Sul de Minas X Interior de São Paulo

Sul de Minas (RIBEIRO, 2010)	Interior de São Paulo (AMARAL, 1920)
Adonde	Adonde
Alembrar	Alembrar
Amarelão	Amarelão/ marelão
Antão	Antão
Apear	Apeá(r)
Balaio	Balaio
Banguê	Bangur, bangúê
Berno	Bérne
Braba	Brabo
Bruaca	Bruaca
Butina	Botina
Cacunda	Cacunda
Camarada	Camarada
Candeero	Candiêro
Candeia	Candeia
Candiêro	Candiêro
Canicho	Canicho
Capado	Capado
Capãozinho	Capão
Carrerão	Carrêra
Catinga	Catinga

Catingudo	Catingudo
Causo	Causo
Chiquero	Chiquêro
Chumaço	Chumaço
Corgo	Córgo, córrego
Criolo	Criô[u]lo
Cuia	Cuía
Cutelo	Cuitélo
Dispois	Despois
Em antes	Im antes
Fubá	Fubá
Gabiroba	Guabiroba
Garapa	Garapa, guarapa
Garrar	Garrá(r), agarrar
Garrote	Garrote
Imbigo	Imbigo
Inté	Inté
Ispicular	Ispiculá(r), especular
Ixcumungado	Escomungado
Jacá	Jacá
Jinela	Jinéla, janela
Marchadô	Marchadô(r)
Mascate	Mascate
Moirão	Mo(i)rão
Munjolo	Munjólo
Murtirão	Muchirão, mutirão
Paió	Paiol
Peroba	Peróva, peróba
Piã	Piã
Pilão	Pilão
Posar	Poisá(r)
Quitanda	Quitanda
Rancho	Rancho
Sacudido	Sacudido
Sapé	Sapé
Sombração	Assombração, sombração
Tiradera	Tiradêra
Tropa	Tropa
Trotão	Trotão
Trote	Tróte
Veiáco	Veiaco

Apesar de nomear um mundo que está em constante evolução, as palavras permitem que sociedades semelhantes, mesmo de períodos distintos, mantenham língua e cultura comuns.

Após descrição, quantificação e análise dos dados, passemos ao capítulo 5, no qual apresentaremos o Glossário.



FOTO 10 – Carro de boi

Fonte: www.vazante.mg.gov.br. Acesso em 29 jan. 2010.

CAPÍTULO 5 – O GLOSSÁRIO

Este glossário é parte do repertório lexical que compõe as 15 entrevistas que constituem o *corpus* desta dissertação, aqui já apresentado e analisado em fichas lexicográficas no capítulo 4. Divide-se em duas partes:

1. Quadro geral de classificação: seção que mostra a estrutura geral das relações existentes entre os grandes grupos de palavras, ou seja, coleta dos termos afins, unidos por rede semântica ou em campos de significados comuns – baseia-se no critério onomasiológico.
2. Glossário: parte que contém as palavras selecionadas e agrupadas no *Quadro geral de classificação* (item 1), acrescentadas de definições, abonações, estrutura gramatical e informações lexicográficas – trata-se da apresentação do vocabulário pelo critério semasiológico.

5.1. QUADRO GERAL DE CLASSIFICAÇÃO

a) Natureza

Vegetal

afavaca, aroera, argodão ganga, árve de óleo, erva Santa-Maria, gabirola, gaitera, guiné, ispinho-de-benzinho, maminha-de-cadela, mandiocário, marcela, mentraste, moitona, paia, paiada, pasto, picão, rama, sabugo, sangra d'água

Animal

berno, boiada, capado, criação, curupião, frangaiada, garrote, marchadô, mula, pordo, sariema

Água

bica, corgo, tornero, urvaio

b) Alimentação

angu, buruteia, cumê, feijão-pagão, forró, fubá, laranja-ioa, pau-a-pique, quitanda, rapadura, tocinho, trato, garapa, golo, pinga

c) Espaço físico/ Relações espaciais

acá, adonde, arraiá, banda, braça, brejo, capãozinho, colonha, desbarrancado, em roda, fossa, ispigão, laderada, légua, linha, rancho, retiro, riba, ruada, terrero, trilho, venda

d) Tempo/ Relações temporais

antão, de primero, derradero, dispois, em antes, inté, isturdia, ranjar, vesprona

e) Ocupações

assistente de criança, boiadero, camarada, candiero, cantadô, carrero, colonho, gambilero, jagunço, leitero, levadô, mascate, mulero, pião, retirero, rezadô, sujoa, tecedera, violero

f) Doenças

amarelão, berruga, bertoeja, colerina, doraiada, embulia, empachada, esbagaçado, estoporar, geratação, infrueza, passagem, taio, tiriça, zangar

g) Tratamentos

cavaquinho de peroba, emprasto, fumentação, inelação, mata-bichera, óleo de capáúva, sanapismo, tapo

h) Produtos

Materiais de construção

adobo, bambu, isteio, moirão, pau-a-pique, peroba, sapé

Objetos, utensílios, coisas

baieta, bassora, bote, butina, cabaça, caçarola, candeia (azeite de mamona), candeero, carabina, carderão, cardero, caxopinha, cocho, cuia, fiado, forno de cupim, frarda da camisa, fugão de lenha, gamela, jinela, lamparina, mariquinha, marquesim, munho, paninho de bunda, picaço, pilão, pinera, precata, rabo do fogão, roda, sabão de cuada, sabão preto, tacha, tiare, trabissero, tuia, veste, baciada, badulaquera, coisera, embornazada, fornada, bagaço, trem

Instrumentos musicais/ música

matraca, sanfona/ canturia

i) Fazenda

Ferramentas

arado, cutelo, foice, furquia, rasté

Transporte de pessoas/ objetos e/ou animais

balaio, banguê, carguero, carroça, carro de boi (atrelado, brocha, bruaca, cabeçaio, cadião, cambão, cambota, canga, cangaia, caniço, canzil, carriar, chaveia, chumaço, cocão, dereiar, encarriar, fuero, mansa de carro, mião, oca, pé-da-guia, rodero, sogá, tamoero, tiradera, vortiada), condução, jacá

Construções

casa de morada, chiquero, curral, ingenho, munjolo, paió

j) Características

ativo, baxotinho, bichareda, biruta, braba, carranhentó, catinga, catingudo, chanfrado, chumiscada, crioulo, desbandonada, destrangolada, graúdo, impariado, intendido, invocado, ispoleta, ixcumungado, macuquenta, manero, marcha picada, margosa, nó cego, piau, pititinho, rajada, rasterinho, rebentada, remosa, sacudido, sistemático, trotão, veíaco, zaroia

k) Crenças e costumes

agoro, ajitório, murtirão, treição

l) Superstições

sombração, cantiga de gavião, male-oiado

m) Religiosidade

cruzeiro, quoesma, Santo Reis, missão

n) Festa Popular

Compania de Reis

o) Morfologia

cacunda, escadera, guela, imbigo

p) Sentimentos e sensações

jeriza, rabicho, ruindade, sintido, suadera

q) Estado

sorterão, biata, aperto

r) Quantidade/ tamanho

bitelo, mucado, pitisquinho, rebarba, réis, tropa, tustão

s) Movimento

apiar, bacada, barrer, carrerão, coice, desvanecer, envir, fundar, tocar, topar, trote

t) Família

cumade, cumpade

u) Conduta

acudir, cramar, custar, dar cria, danar, demanda, ingastaio, disquiliar, drumir, endereitar, froxar, garrar, impreita, ispicular, istundar, ixemprar, lavrar, panhar, pegar, pelejar, posar, turar

v) Conhecimento

alembrar

w) Convivência

gaitada, prosê

5.2. Glossário

Foram adotados os seguintes procedimentos na organização dos verbetes.

- As entradas estão em ordem alfabética e impressas em versalete e em negrito.
- Os substantivos e os adjetivos apresentam-se no masculino e no singular, ao passo que os verbos estão no infinitivo.
- Após a entrada, é indicado, entre parênteses, se o vocábulo é dicionarizado pelo *Aurélio*¹⁶ (A); se não é dicionarizado em nenhum dos seis dicionários consultados (n/d); se não é dicionarizado no *Aurélio*, mas é em algum dos outros dicionários consultados (n/A).
- A categoria gramatical indica se a palavra é um substantivo, um verbo, um adjetivo, etc. Essas indicações vêm abreviadas. Para saber o que as abreviaturas significam, há uma lista no final desta apresentação.
- Após esses procedimentos, apresentamos a definição da palavra construída a partir do significado que apresenta em nosso *corpus*. Em alguns verbetes, fazemos observações que se encontram entre parênteses.
- A frase de abonação (em itálico) mostra como a palavra é usada na região estudada.
- Quando aparece a indicação **Cf.**, sugerimos que se veja a outra palavra indicada.

Abreviaturas e convenções

A – dicionarizado no *Aurélio*

adv. – advérbio

afr. – africanismo

arc. – arcaísmo

ár. – árabe

cast. – castelhana

Cf. - conferir

cont. – controvertida

desc. – desconhecida

esp. – espanhola

espr. – expressiva

fr. - francesa

ind. – indigenismo

inf. – informante

lat. – latim

loc. adv. – locução adverbial

n/A – não-dicionarizado no *Aurélio*

n/d – não-dicionarizado em nenhuma das obras consultadas

n/e – não encontrada

mal. – malaia

NCf – nome composto feminino

NCm – nome composto masculino

Nf – nome feminino

Nm – nome masculino

obs. – obscura

¹⁶ *Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa*

onomat. – onomatopaica
PESQ. – pesquisadora
prep. – preposição
pron. – pronome
Ssing – Substantivo singular
v. – verbo

A

ACÁ • (n/A) • [Adv] • Lat. • Neste lugar. • *Aí ele troxe pra cá, ficô munto tempo aqui. De vez em quando a menina vinha acá vê o Bob.* (Ent. 1, linha 160)

ACUDIR • (A) • [V] • Lat. • Socorrer, auxiliar. • *INF.: É. Rezava terço. Aí é/ aí da moda, a famia num guenta no finzinho da vida aquele sofrimento. Aí o povo juntava pá acudi. Ficava de companhia ali.* (Ent. 13, linha 567)

ADOBO • (A) • Nm [Ssing] • Ár. • Tijolo de argila misturado com palha e cozido ao sol. • *Adobo cê sabe que que é né? [...] Pra fazê parede, adobo que chama. [...] As casa, a maió parte era feita de pau-a-pique e adobo.* (Ent. 5, linhas 33, 40, 43)

ADONDE • (A) • [Adv] • (n/e) • Em que lugar. Variante de aonde. • *Eu vô vê adonde minhas galinha tá. Eu vô vê adonde minhas galinha tá.* (Ent. 15, linhas 326 e 327)

AFAVACA • (A) • Nf [Ssing] • Ár. • Planta hortense muito usada para infusão de chá. • *Eu gosto dele bem quente, bem quente memo. Esse chazinho de afavaca, de hortelã, eu só não gosto de funcho. Funcho eu não gosto não.* (Ent. 1, linha 274)

AGORO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Presságio, pressentimento, previsão, augúrio. • *PESQ.: Por que se escutasse o gavião cantando era ruim? INF.: Era agoro.* (Ent. 13, linha 322)

AJITÓRIO • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Ajuda, auxílio. Variante de ajudatório. • *PESQ.: Mutirão? Mutirão é quando juntava um monte de gente? INF.: Isso. Uns falava mutirão, otos falava ajitório. PESQ.: Como? INF.: Ajitório.* (Ent. 14, linhas 494 e 496)

ALEMBRAR • (A) • [V] • Lat. • Recordar, vir à lembrança. • *Cê num alembra dela não. Ele era muito chique.* (Ent. 10, linha 332)

AMARELÃO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Doença causada por vermes. • *INF. 2: Ês fala até hoje, é mas () amarelão dá/a pessoa dá amarelão. INF. 1: Hoje ês fala hipatite.* (Ent. 1, linha 518)

ANGU • (A) • Nm [Ssing] • Afr. • Papa espessa de farinha de milho, de mandioca ou de arroz, cozida com pouca água. • *INF. 2: Almuçava né e depois levava merenda, né? INF. 1: Levava angu doce, né? INF. 2: Angu doce. Eu lembro, minha mãe fazia. ... Mamãe fazia muito angu doce.* (Ent. 9, linhas 190, 191 e 194)

ANTÃO • (A) • [Adv] • (n/e) • O mesmo que então. • *Aí, antão eu acho que o meu pai/ a minha mãe é que tava certa e meu pai tava errado. Porque meu acho que eu ia ficá feinho.* (Ent. 2, linha 13)

APERTO • (A) • Nm [Ssing] • (n/e) • Pobreza, dificuldade, falta do necessário. • *E criava aquê tanto de fio e aquea pobreza, aquele aperto. Oh, criô todo mundo. Todo mundo cresceu, cumeu, bebeu, prendeu trabaia. Tá tudo veio, graças a Deus. (Ent. 1, linha 584)*

APIAR • (A) • [V] • (n/e) • Descer de animal ou de veículo. • *O carro impurrô ela. Mai' ela que foi curpada. Que ela apiô do carro do pai dela e foi correno. (Ent. 13, linha 145)*

ARADO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Máquina agrícola usada para lavrar a terra. • *E a roça de arado. Marrava o arado atrás dos boi. Cê num sabe que que é arado. Cê ainda num viu não. (Ent. 4, linha 151)*

AROERA • (A) • Nf [Ssing] • Ár. • Árvore ornamental cuja madeira é própria para construções externas e cujas folhas, flores, frutos e casca possuem valor medicinal. • *Cortava um gaio de aroera. E punha fogo nele. (Ent. 5, linha 174)*

ARGODÃO GANGA • (A) • NCm [Ssing + ADJsing] • Lat. • Tecido forte, azul ou amarelo. • *PESQ.: Algodão o quê? INF.: Argodão ganga. PESQ.: Ganga? Não! Que que é o algodã ganga? INF.: Eu tinha aqui um punhado de semente de argodão ganga. Que ele é um remédio munto bão./ Eu tinha/ o argudão é ganguinha. (Ent. 10, linhas 380, 382 e 383)*

ARRAIÁ • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Lugarejo, povoado. • *Conta o negócio lá do arraiá do Gancho. (Ent. 2, linha 202)*

ÁRVE DE ÓLEO • (n/d) • Ncf [Ssing + prep + Ssing] • (n/e) • Árvore típica da região sul de Minas Gerais cuja madeira de qualidade é muito usada para construção. • *Essa qualidade () aquea árve de óleo devia dá um tanto de maderá. ... Árve de óleo, árve de óleo. (Ent. 1, linhas 407 e 415)*

ASSISTENTE DE CRIANÇA • (n/d) • Ncf [Ssing + prep + Ssing] • (n/e) • Parteira. • *Ah, era difíci. Era difíci e/ lá.../ Pa cumeçá quando nascia uma criança nem no hospital num vinha, né? Era tudo.../ incrusive minha avó era/ era assistente de criança. Quando ia nascê criança piquena, ela é/ meu avô até falava 'ah, essas pessoa assim...' (Ent. 14, linha 11)*

ATIVO • (A) • Nm [ADJsing] • Lat. • Vivo, ágil, enérgico, rápido. • *Não, ês é ativo. Essa raça de cachorro, ês é isperto. (Ent. 1, linha 154)*

ATRELADO • (A) • Nm [ADJsing] • Lat. • Amarrado junto a. • *É. A junta de guia são dois boi. Que ês é atrelado dois, né? (Ent. 14, linha 338)*

AZEITE DE MAMONA • (n/d) • NCm [Ssing + prep + Ssing] • (n/e) • Óleo produzido a partir das sementes da planta conhecida como mamona. • *PESQ.: Ahn? E aí fazia o que com a candeia? INF. 1: Punha azeite/ azeite de mamona. ... Azeite de mamona... (Ent. 9, linhas 205 e 209)*

B

BACADA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Baque produzido em veículo por acidente de terreno. • *Parece que de carro é perto, mas pá í rodano de carro de boi, dano bacada porque num tinha istrada. (Ent. 11, linha 48)*

BACIADA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Conteúdo que enche ou quase enche uma bacia. • *Levava aquelas baciada de cumida, levava os prato... (Ent. 5, linha 67)*

BADULAQUERA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Uma porção de objetos ou coisas diversas. • *É, bolo. Essa badulaquera... (Ent. 1, linha 104)*

BAGAÇO • (A) Nm [Ssing] • Lat. • Resíduo de frutos depois de extraído o suco. • *Aí forra de bagaço e põe melado ali. Aquê melado espaiado e põe mais bagaço em cima e põe um barro bem limpinho por cima. (Ent. 11, linha 236)*

BAIETA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Tecido macio de lã. • *A gente foi criado na rede cum baieta. A gente foi imbruiado cum baieta. (Ent. 10, linha 191)*

BALAIIO • (A) • Nm [Ssing] • Fr. • Tipo de cesto de palha. • *É esses balaio de taquara. Cê cunhece esses balaio, né? (Ent. 14, linha 173)*

BAMBU • (A) • Nm [Ssing] • Mal. • Planta da família das gramináceas, cujos colmos e folhas tem numerosas aplicações no dia a dia das pessoas. • *...Ela pode sê feita cum bambu tamém () o bambu faiz a istera tamém mais naquele tempo ês fazia mais só de taquara porque taquara era o que tinha muito. Agora hoje ês faiz só de bambu porque memo taquara quase não existe mais.” (Ent. 14, linhas 434, 436 e 437)*

BANDA • (A) • Nf [Ssing] • Prov. • Lado, parte lateral. • *A pessoa chega na porta e oia aquilo lá já é uma sombração. Porque o pé do difunto fica anssim pa banda da porta ó. O nariz fica anssim debaxo do lençole. Ah, gente mais é feio difunto lá na roça. Mais é muito feio. Só de chegá na porta representa que é uma sombração. (Ent. 4, linha 22)*

BANGUE • (A) • Nm [Ssing] • Afr. • Cama de lona em que se conduziam cadáveres. • *Intão tinha uns que era muito pobre/ intão pegava e arrumava banguê, né? Banguê/ ês arrumava um negócio assim de tábua cum quatro/ tipo de uma prancheta dessa aqui. Tipo de maca dessa de hoje. (Ent. 14, linha 114)*

BARRER • (A) • [V] • Lat. • Ato ou efeito de tirar lixo usando a vassoura. • *Ontem, ele teve aqui pirluntano se nós queria barrê. (Ent. 1, linha 36)*

BASSORA • (A) • Nf [Ssing] • (n/e) • Utensílio feito de ramos de piaçava, pelos, etc., usado, sobretudo, para varrer o lixo do chão. • *INF.1: Eu ando cum cabo de bassora eu vô lá (). PESQ.: Aí a sinhora apóia no cabo? INF. 1: Eu firmo no cabo da bassora e venho pra riba. (Ent. 15, linhas 363 e 365)*

BAXOTINHO • (A) • Nm [ADJsing] • Lat. • Indivíduo um tanto baixo. • *A. era o marido da I. minha cunhada. Ela era artona, gorda. E acontece que ês é memo lugá de gente baxotinho.* (Ent. 13, linha 255)

BERADERA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Aquela que beira algo ou alguém. • *Tem dia que eu bebo mais, principalmente quando o tempo tá frio, aí eu sou mais beradera de garrafa de café. Aí eu bebo aquea garrafinha.* (Ent. 1, linha 269)

BERNO • (A) • Nm [Ssing] • Inc. • Larva da mosca-do-berne. • *Esses dia eu falei po L.: “essa cachorrinha tá com berno, carrapato aí.” Ê falô: ‘mãe, isso não é carrapato não, isso é berruga’.* (Ent.1, linha 113)

BERRUGA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Lesão cutânea devida a vírus. • *INF. 1: Óia aqui onde saiu uma berruga no cachorro. Óia lá! INF. 2: Esses dia eu falei pro L.: “essa cachorrinha tá com berno, carrapato aí.” Ê falô: “Mãe, isso não é carrapato não, isso é berruga.” INF. 1: Ê berruga. INF. 2: Ê berruga.* (Ent. 1, linha 112, 114, 115 e 116)

BERTOEJA • (n/A) • Nf [Ssing] • Prov. • Erupção cutânea, com prurido. • *INF. 1: Também tinha bertoeja. INF. 2: Isso memo. PESQ.: Bertueja? INF. 1: Ah, agora é bertueja. Eu não sei o que é bertueja. PESQ.: Bertueja, eu acho que é o que eles chamam de brotoeja. Eu acho. INF. 1: () PESQ.: Brotoeja é tipo uma coceira né? INF. 1: Ê uma coceira, mas dá em neném tamém. PESQ.: Ê? INF. 1: E ês fala que num pode batizá a criança caquilo, né? INF. 2: Ê. INF. 1: Bertueja batizada nunca sara.* (Ent. 1, linhas 528, 531 e 539)

BIATA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Mulher muito devota. • *Aí as lavaderas de ropa por causa de lá corrê o ar, mais gostoso, ia e ficava lá. Aí peguei e fui sabê das lavadera de ropa tudo, “tim tim por tim tim” da vida da muié, se ela era biata, se ela era largada do marido, que que era isso.* (Ent. 2, linha 100)

BICA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Tubo, meia-cana, pequeno canal ou telha por onde corre e cai água. • *Não, e outa. Tomava água da bica memo, a gente nunca sabia que que vinha naquela água.* (Ent. 1, linha 486)

BICHAREDA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Pessoa saudável. • *Forte dimais. Vixe a sinhora tá bichareda.* (Ent. 15, linha 893)

BIRUTA • (A) • Nf [ADJsing] • Exp. • Pessoa amalucada. • *Era aquês remédio iguale uma águinha na cuié. E minha avó era meia biruta. Era pá bebê poquinho e ela já punha na xicara.* (Ent. 1, linha 296)

BITELO • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Defunto grande. • *Fazia uma grade e punha o bitelo em cima da grade, punha no ombro assim...* (Ent. 4, linha 28)

BOIADA • (A) • Nf [SSing] • Lat. • Manada de bois. • *Ê. Tocano boiada. Comprava boi aqui pa levá pa fora. Pro Estado de São Paulo. Pra/ dexa eu vê se eu lembro/ pra... acho que é Gaspar Lopes.* (Ent. 14, linha 275)

BOIADERO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Indivíduo que guia os bois nas estradas para alcançarem novas pastagens ou serem vendidos nos mercados. • *Ah, tinha aqueles boiadero que passava lá. ... Mais é o que eu tô falano. Quando os boiadero que tocava os boi pá levá pá/ pá Gaspá Lopes... És falava/ uns tocava a boiada, era boiadero. Os que tocava mula a gente falava era/ é os mulero. Tocava/ é/ és ia comprá lá em Três Lagoas...* (Ent. 14, linhas 273, 310 e 312)

BOTE • (n/A) • Nm [Ssing] • (n/e) • O mesmo que pacote. • *Naquela época num vindia café de bote.* (Ent. 15, linha 473)

BRABA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Nervosa, colérica. • *As vaca lá de casa era braba e num era uma só não. Tinha vaca lá que invistia até na sombra. ... Jogava nós nos chifre da vaca braba.* (Ent. 11, linhas 221 e 259)

BRAÇA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Antiga unidade de medida de comprimento equivalente a dez palmos. • *Quando nós foi passá num certo lugá apareceu dois bode paralelo de nós e nós foi veno aquilo. Lá vai, lá vai impariado numa certa distância. Trinta braça paralelo cum nós na istrada. ... Braça corresponde a dois metro. ... Cada dois metro tinha uma braça. Intão é uns sessenta metro.* (Ent. 8, linhas 76, 80 e 81)

BREJO • (A) • Nm [Ssing] • Cont. • Terreno pantanoso. • *Mai' tinha aquês trem po meio do mato, pos brejo.* (Ent. 13, linha 445)

BROCHA • (A) • Nf [Ssing] • Fr. • Correia que abraça o pescoço do boi. • *INF.: Chamava brocha. É uma pecinha piquena assim. PESQ.: Brocha? INF.: É brocha. É feita de coro tamém.* (Ent. 14, linhas 359 e 361)

BRUACA • (A) • Nf [Ssing] • Cast. • Saco de couro cru para transporte de objetos e mercadorias sobre bestas. • *INF.: Comprava/ és usava/ deles é a bruaca que era pra guardá as comida (). PESQ.: Bruaca? INF.: É um caxote quadrado cuberto cum coro de boi. ... Intão usava essas bruaca. Eu cheguei a cunhecê bruaca. Cheguei a vê. Num sei/ hoje/ num sei mais aonde tem mais.* (Ent. 14, linhas 315 e 321)

BURUTEIA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Diversos tipos de quitandas. • *Aí ê pegô e falô assim: “é, o J., a hora que saiu as buruteia lá...” As buruteia que falava era... quitanda. Buruteia. PESQ.: Buruteia? Nossa que engraçado. INF.: Era as quitanda. E és repartia era na pinera. ... o J. quando saiu as buruteia lá, ê tava pensano que a M. tava oiano nele, ela tava oiano era na pinera de buruteia.* (Ent. 14, linhas 553, 554, 558 e 559)

BUTINA • (A) • Nf [Ssing] • Fr. • Bota de cano curto, geralmente usada por homens. • *Não. Eu carcei a primera butina sabe quantos ano eu tava?... Umas bota assim. Tinha as butina e tinha a polônia. Usava aquilo pa num moiá muito de urvaio.* (Ent. 5, linhas 188 e 212)

C

CABAÇA • (A) • Nf [Ssing] • Desc. • Vasilha formada pela casca inteira e seca do fruto de uma planta conhecida como cabaça. • *INF. 1: Cuié de pau e a foia de cabaça né? PESQ.: Cabaça é aquele?... INF. 1: Cabaça é aquela abroba que a gente num come. PESQ.: Aquela dura? INF. 1: É. PESQ.: Que serve de enfeite? INF. 2: Não, a foia da cabaça eu num lembro não. Eu lembro é da ().* (Ent. 1, linhas 452, 454 e 458)

CABEÇAIO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Timão do carro, do qual pende a canga. • *Uai, esse aqui é o derradero, do cabeçai, chaveia, do meio, pé-da-guia. Essa aqui é junta de guia. Nós tinha um boi que parecia cum esse aqui, chamado pexão.* (Ent. 4, linha 223)

CAÇAROLA • (A) • Nf [Ssing] • Fr. • Panela de metal com bordas altas, cabo e tampa. • *(Ó fio dento da caçarola tem comida, tem misturado feijão. Pega lá, quente po cê.)* (Ent. 10, linha 321)

CACUNDA • (A) • Nf [Ssing] • Afr. • Costas, dorso. • *PESQ.: E a água? Tinha água encanada ou não? INF. 1: Não. Era do corgo mia fia. PESQ.: Mas como fazia pá buscá? Ia no corgo? INF. 1: Era na cacunda mia fia.* (Ent. 9, linha 214)

CADÊ • (A) • [Pron] • (n/e) • Onde está; quede. • *Eu cheguei, pelejei pa tirá esse gado. Cadê se dá jeito d'eu tirá. Aí chegô um cumpade meu e ajudô a tirá o gado da horta.* (Ent. 15, linha 629)

CADIÃO • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Peça que compõe a mesa do carro de boi. • *É. E a mesa é composta tamém por cadião, é uma parte de fora.* (Ent. 14, linha 410)

CAMARADA • (A) • Nf [Ssing] • Fr. • Indivíduo empregado em serviços avulsos, nas fazendas. • *Cada uma fazia nas suas casa. Agora quando tinha muito camarada no sirviço, ia ajudá fazê. Fazia/ o feijão já posava cuzinhano. INF.: Num panelão. Posava cuzinhano o feijão né? Pro oto dia vermeinho. Aí cedo já cumeçava. Uma ia ranjá verdura, ota ia lavá o arroz, otas ia arranjano. Fazia aquês panelão quando tinha mais camarada na roça. Ficava boa a comida, fazia aquê tantão, né?* (Ent. 11, linhas 179 e 183)

CAMBÃO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Peça de pau que se junta ao cabeçalho do carro puxado por mais de uma junta de bois. • *E dipois tinha os cambão. Aí tinha as tiradera. Tiradera era uma... espécie de coro mais grossona pá aguentá, né?* (Ent. 14, linha 363)

CAMBOTA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Parte circular da roda do carro de boi. • *INF.: Intão, tinha três peça. PESQ.: Hã? INF.: Duas cambota, um mião. Mião ia no meio.* (Ent. 14, linha 384)

CANDEERO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Objeto usado para iluminação, geralmente feito de metal, e alimentado por óleo ou gás. • *E o oto é candeero. O candeero é esse/ é acendia/ chamava candeia. Uma peça de ferro assim feita de/ feita na ferraria. Intão punha um pavio*

grande nela e enchia de azeite. ... E ali aquela/ a luz que usava () candeero. (Ent. 14, linhas 212 e 215)

CANDEIA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Objeto usado para iluminação, geralmente feito de barro, e alimentado por azeite ou cera do mato. • *E o oto é candeero. O candeero é esse/ é acendia/ chamava candeia. Uma peça de ferro assim feita de/ feita na ferraria. Intão punha um pavio grande nela e enchia de azeite. ... Candeia...* (Ent. 14, linhas 212 e 217)

CANDIERO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Indivíduo que vai a frente do carro de boi. • *Eu cheguei a arcançá um poco do tale candiero ... Candiero tem dois nome pra candiero. Tem o candiero é/ carrero de boi que chama os boi na frente ().* (Ent. 14, linhas 207 e 209)

CANGA • (A) • Nf [Ssing] • Cel. • Peça de madeira que une os bois pelo pescoço e é acoplada ao carro de boi. • *Laçava, marrava, punha uma cangaia no pescoço dele assim. Ele ficava dereiano caquela cangaia até tirá corda do pescoço pá depois pô a canga.* (Ent. 4, linha 141)

CANGAIA • (A) • Nf [Ssing] • Cel. • Armação de madeira ou de ferro e que se sustenta e equilibra a carga das bestas, metade para um lado delas, metade para o outro lado. • *Laçava, marrava, punha uma cangaia no pescoço dele assim. Ele ficava dereiano caquela cangaia até tirá corda do pescoço pa depois pô a canga.* (Ent. 4, linhas 140 e 141)

CANIÇO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Trançado que se coloca nos carros de boi, quando conduzem carga leve ou miúda. • *INF.: Mais ês fazia só de taquara, né? Intão, tinha a istera dipois a parte de tráis pá fechá a istera, ela era vortuada assim. PESQ.: Hã? INF.: Era caniço. PESQ.: Canço? INF.: Chamava caniço. Era uma peça....* (Ent. 14, linhas 444 e 446)

CANTADÔ • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Aquele que canta. • *A Compania é sete ou oito cantadô. Mais sempre ia mais porque uns cansava, né?* (Ent. 14, linha 476)

CANTIGA DE GAVIÃO • (n/d) • Ncf [Ssing + prep + Ssing] • Canto entoado por gaviões. • *PESQ.: Hã? Oi? Passô. O povo antigamente tinha muita história, muita crença? INF.: Nó, tinha munta dessas bobera. PESQ.: É? INF.: () passarinho, cantiga de gavião, curuja... PESQ.: Cantiga de gavião? INF.: É. PESQ.: Por que se escutasse o gavião cantando era ruim? INF.: Era agoro.* (Ent. 13, linha 318)

CANTURIA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Ação de cantar, canto. • *Aí era aquea canturia. Era bunito.. Eu lembro poco. Hoje em dia num tem nada mais disso.* (Ent. 13, linha 420)

CANZIL • (A) • Nm [Ssing] • Cel. • Cada um dos dois paus da canga, entre os quais o boi mete o pescoço. • *Tinha os tamoero, dipois tinha os canzil que era os buraco que ia imboxo pá botuá no pescoço do boi.* (Ent. 14, linha 356)

CAPADO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Porco grande e castrado para engorda. • *Ingordava o capado. Matava o capado tinha a carne e tinha a gurdura. E o mantimento todo tanto que cuía num vindia não. Punha na tuia lá no canto.* (Ent. 11, linha 113)

CAPÃOZINHO • (A) • Nm [Ssing] • Ind. • Mato pequeno e isolado. • *E ê foi correno lá po capãozinho e meu pai chego lá pois ele/ () ele entro dento da canoa e saiu po meio do rio.*

“Cê tá é doido D. num tem jeito de mexê cocê não.” Meu pai quiria cortá ele. (Ent. 7, linha 59)

CARABINA • (A) • Nf [Ssing] • Fr. • Tipo de espingarda. • *O animarzinho chegava na porta do curral e vortava pra trás. () o véio catava a carabina. “Cê num presta pra nada!” Pá! Matava o neguinho e interrava lá nesse buraco. (Ent. 2, linha 223)*

CARDERÃO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Panela grande, de bordas altas, que serve para cozinhar. • *INF. 1: Era/Era/Eles fazia da semente da mustarda. Oh, mas aquilo lá queimava. Nossa Senhora! INF. 2: O carderão ficava na perna. (Ent. 1, linha 315)*

CARDERO • (n/d) • Nm [Ssing] • Máquina usada para cardar. • *Aí cortava/ajudava a cortá a lâ. () Nós tinha que lavá o cardero cedo. (Ent. 13, linha 516)*

CARGUERO • (A) • Nm [Ssing] • Cast. • Animal que transporta carga sobre o dorso. • *Meu pai tinha uma () tinha um carro de boi. Lá na roça num havia condução. Num tinha caminhão, num tinha/ pra transportá as coisa tinha era carguero. (Ent. 14, linha 165)*

CARRANHENTO • (n/d) • Nm [ADJsing] • Pessoa de parcos hábitos higiênicos. • *Por isso que eu falo lugar atrasado (). Nosso pé ficava carranhento. Minha vó chegava lá (). Ela chegou “nossa seu pé tá muito carranhento” cêis vai embora lá pá aquea bica d’água pô esses pé de moio, cum/ e esfregá farelo/ paia de arroz, farelo de arroz. (Ent. 1, linha 588)*

CARRERÃO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Corrida, correria. • *E nós jogano pedra, nós jogano pedra nês. Dipois que nós viu que aquilo lá era uma coisa diferente, nós largô mão de jogá pedra e fincô num carrerão só e cada/ aí já tava perto de casa. Aí cada um foi pá sua casa e ... (Ent. 8, linha 85)*

CARRERO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Guia de carro de bois. • *O Zé Coração é carrero. (Ent. 4, linha 169)*

CARRIAR • (A) • [V] • Cast. • Ato ou efeito de colocar os bois que fazem parte da composição de um carro de boi para se movimentarem; conduzir o carro de boi. • *Põe mais poco. Fica mió de carriá. (Ent. 4, linha 204)*

CARROÇA • (A) • Nf [Ssing] • It. • Carro grosseiro, ordinariamente de tração animal, para transportar cargas ou pessoas. • *() Esses tempo veio um ou dois, o Z.L. tava coieno feção, aí veio. Quando eu vejo ês/ de veiz em quando ês aparece aqui, o mais novo. O L. fala assim: “o M. é assim, se ele tivé tonto, ê vem cá.” Aí acho que ê dá na cabeça de vim cá pidi uma carroça, um trem de mio, ele dá na idéia. (Ent. 13, linha 269)*

CARRO DE BOI • (A) • NCm [Ssing + prep + Ssing] • Lat. • Carro movimentado ou puxado, em geral, por uma ou mais parselhas de bois, e guiado por carreiro. • *PESQ.: O senhor fazia o quê? INF. 1: Mixia cum carro de boi, candiero. (Ent. 9, linha 11)*

CASA DE MORADA • (n/d) • Ncf [Ssing + prep + Ssing] • Lat. • Qualquer casa que serve para se viver. • *Sem casa de morada, sem nada, sem nada. Aí meu pai deu de cima, meu pai duente ia po Guapé, vai daqui, vai dali. Teve mió foi pra nós num foi preles. (Ent. 7, linha 89)*

CATINGA • (A) • Nf [Ssing] • Inc. • Cheiro forte e desagradável que exala do corpo humano. • *Decerto os vizinho viu a catinga, né? (Ent. 13, linha 202)*

CATINGUDO • (A) • Nm [ADJsing] • Aquele ou aquilo que cheira mal. • *Lá em casa tinha um que morava perto do currale, entrava nos buraco. Acho que até o gato pegou/sumiu faz tempo. Es fala que isso é ruim (). É bão tê aquele ramo catingudo ()... Aquê ramo catingudo. Uns fala gambá e oto num sei que/ chama. (Ent. 1, linhas 623 e 625)*

CAUSO • (A) • Nm [Ssing] • História, conto, fato. • Lat. • PESQ.: *Conta um caso ingraçado de quando o senhor era piqueno pra mim. Pode ser um engraçado ou um triste, tanto faiz. Mas eu prefiro os engraçados. INF. 1: Mais causo eu num sei né, fia? (Ent. 9, linha 247)*

CAVAQUINHO DE PEROBA • (n/d) • NCm [Ssing +prep + Ssing] • Híbrida (Latim + Tupi) • Pequeno pedaço de árvore. • *E quando a pessoa tava na roça e tava cum muita febre, muita febre e dor de cabeça. (). Ele cortava peroba, rancava aquês cavaquinho de peroba e punha pá fervê. A gente tomava aquilo (). (Ent. 1, linha 472)*

CAXOPINHA • (n/d) • Nf [Ssing] • Pequena caixa. • *Candeia é um/ uma caxopinha assim. (Ent. 9, linha 203)*

CHANFRADO • (n/A) • Nm [ADJsing] • Lat. • Que tem cortes. • *Não, é assim ó: a árvore é reta né? Corta reto assim depois corta assim chanfrado assim? Aí, que fica tipo dum cocho aí a resina vem e para aqui onde cortô reto. (Ent. 1, linha 425)*

CHAVEIA • (n/A) • Nf [Ssing] • Lat. • Peça de pau, que se mete no cabeçalho do carro de boi. • *Uai, esse aqui é o derradero, do cabeçaio, chaveia, do meio, pé da guia. Essa aqui é junta de guia. Nós tinha um boi que parecia cum esse aqui, chamado pexão. (Ent. 4, linha 223)*

CHIQUERO • (A) • Nm [Ssing] • Cast. • Lugar onde se criam ou recolhem porcos. • *Era. Mais o chiquero tava cheio de porco. (Ent. 10, linha 604)*

CHUMAÇO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Peça de madeira sobre a qual gira o eixo do carro de bois, e que produz o chio característico desses carros. • *Oca. E dipois tem o exo tamém. Aí no exo vai o chumaço, que é o que faiz cantá o carro de boi. ... Chama/ é o chumaço. (Ent. 14, linhas 405 e 408)*

CHUMISCADA • (n/d) • Nf [ADJsing] • Que está recoberta com reboco. • *Tenho. Inté ea tá pa cabá de arranjá. Num acabô de arranjá ea não. Tá chumiscada por dentro tudo. (Ent. 12, linha 215)*

COCÃO • (A) • Nm [Ssing] • Peça sobre a qual gira o eixo do carro de bois. • PESQ.: *No exo, era o exo que fazia ele cantá? INF. 1: É, uai. Aí rodava no cocão assim e cantava. (Ent. 4, linha 165)*

COCHO • (A) • Nm [Ssing] • Cont. • Espécie de vasilha em geral feita com um tronco de madeira escavada, para a água ou comida do gado. • *Não, é assim ó: a árvore é reta né?*

Corta reto assim depois corta assim chanfrado assim? Aí, que fica tipo dum cocho aí a resina vem e para aqui onde cortô reto. (Ent. 1, linha 426)

COICE • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Pancada que certos quadrúpedes, especialmente os eqüinos e bovinos, desferem com os cascos traseiros, firmando as patas dianteiras no chão. • *Aí ês fica meio brabo. Se bestá cum ês, ês dá coice, ês dá chifrada. Num pode bestá não. (Ent. 4, linha 231)*

COISERA • (n/d) • Nf [Ssing] • Porção de objetos ou assuntos. *Caso essas coisa, tem gente que tem dom pra isso. Piada, essas coisera, (). Nessa parte eu num sô... (Ent. 3, linha 50)*

COLERINA • (n/A) • Nf [Ssing] • Lat. • Espécie de cólera, diarreia. • *PESQ.: Tomava cavaquinho de peroba pra quê? INF. 1: Pa colerina. Senhora lembra quando ês falava que dava colerina? PESQ.: Que que é colerina? INF. 1: Colerina hoje é o que? É...diarrêia. ... Uma tal de colerina. (Ent. 1, linhas 474, 476 e 504)*

COLONHA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Grupo de casas de colonos. • *Tinha muita gente. Tinha colonha nessa fazenda aí. O A. tinha colonha. (Ent. 3, linha 117)*

COLONHO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Membro de uma colônia, cultivador de uma terra. • *INF.: Intão a/ eu num ia na iscola porque eu já tava mais maiozinha, mais a minha irmão mais nova foi munto na iscola. Ele ia pra/ ele gostava da roça. Tinha aquela losa pro fio dos fazendero, né? PESQ.: Aí tinha? INF.: Pos colonho, né? (Ent. 10, linha 544)*

COMPANIA DE REIS • (n/d) • Ncf [Ssing + prep + Spl] • Lat. • Espetáculo popular das festas de Natal e Reis, cuja ribalta é a praça pública, a rua, mas as vezes pode ser apresentado em residências. • *Da Compania de Reis era assim. O N. J. Que era dono da fazenda (). Aí ê pegô/ era daquês que num querditava em nada. Ê pegô deu/ “se esse povo vim eu vô pegá essa vaca das mais braba que tivé aqui pa matá essa Compania de Reis.” Ê pegô a vaca e fechô dento do currale. Quondo a Compania de Reis chegô cantô, o véio ficô dimirado. Aí ê falô “nem assim eu tô sastifeito. Esse povo, a vaca num pegô ês/ mas eu pego.” Ranjô dois jagunço pegô e matô essa Compania de Reis tudo. Todo mundo que tava na Compania de Reis. (Ent. 2, linhas 211, 213 e 215)*

CORGO • (n/A) • Nm [Ssing] • Lat. • Riacho • *É. Aí ês rezava, cantava, pidia um pai-nosso e umas três ave-maria pas arma. E tale coisa. E diz que num pudia incontrá. Aí se tivesse ota turma rezano de lá do corgo... (Ent. 13, linha 437)*

CRAMAR • (n/A) • [V] • Lat. • Reclamar, protestar. • *Agora hoje tem as coisa tudo fáci e o povo crama. (Ent. 11, linha 65)*

CRIAÇÃO • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • O conjunto de animais domésticos que se cria. • *Aí mamãe falô que ia lá. () tava aqui veio cá e comprô umas criação. ... E ê foi ajudá a levá as criação pa podê chegá lá em casa. (Ent. 15, linhas 486 e 488)*

CRIOLO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Diz-se de qualquer indivíduo negro. • *Ele matô um cara, um criolo de famia, gente boa. Matô o criolo e corda marrada no pescoço do criolo e*

espingarda de tiracosta no peito. Lá ia arrastano o nego pá in/jogá n'água. (Ent. 7, linhas 23 e 24)

CRUZERO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Grande cruz. • *A rezá, né? O sole tava quente, eu me lembro. Eu era piquena, a gente ia/ quando o sole tava quente na roça. A gente inchia o lito d'água, punha na cabeça e lá ia aguá o cruzero, né? (Ent. 10, linha 290)*

CUIA • (A) • Nf [Ssing] • Ind. • Vasilha feita com a casca da cuieira. • *É desajeitado/tinha que carregá assim ó. Aí é tinha um biquinho tarrancava naquilo ali./Pirigo cai c'aquilo/quebrá a cuia e ainda perdê o cumê. (Ent. 1, linha 711)*

CUMADE • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Madrinha, em relação aos pais da criança. • *Mandô! Ea muntuô na hora. Dormiu doi' dia. Aí papai falou: “que que deu na idéia da cumade Maria. (Ent. 1, linha 301)*

CUMÊ • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Comida. • *Quando eu vô lavá aquê tanto de trem cum coisa que feiz cumê prum povão. Agora é bão. Nós vai pus café. Só faço arroz, feijão e carne. (Ent. 12, linha 30)*

CUMPADE • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Padrinho de uma criança em relação aos pais dela. • *E minha avó era meia biruta. Era pá bebê poquinho e ela já punha na xícara. Falava po papai: “Ah cumpade G. vamo pô uma medida maió porque isso num vai valê de nada memo. Tá muito fraquinho”. (Ent. 1, linha 297)*

CUNDUÇÃO • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Veículo, transporte. • *Lá na roça num havia cundução. Num tinha caminhão, num tinha/ pra transportá as coisa tinha era carguero. (Ent. 14, linha 164)*

CURRALE • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Lugar onde se junta e recolhe o gado. • *Vai lá e toca aquês animal pro curral.” Neguinho tocava aquês animal até parecia, que Deus me perdoe, tentação. O animarzinho chegava na porta do curral e vortava pra trás. () o véio catava a carabina. (Ent. 2, linhas 221 e 222)*

CURRUPIÃO • (A) • Nm [Ssing] • Escorpião. Variante de escorpião. • *INF. 2: Uma vez eu fui lá na T. minha irmã. Passei. Aí, jantô. Não, fiz janta pro cêis. Aí eu falei: “não num vô jantá não”. Nós lá ia daqui da roça e passô la. Ela ligô se tivesse galinha levá... /pro L. comprá duas pra sortá na casa da fia dela que tava aparecendo currupião e que acaba com aquê é galinha. (Ent. 1, linha 79)*

CUSTAR • (A) • [V] • Lat. • Apresentar dificuldade, demora. • *Aí custô dimais memo, arranjo até advogado, uma bobera pur causa dum sino. (Ent. 13, linha 369)*

CUTELO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Instrumento cortante, semicircular, de ferro. • *Ê vem cá e fica fuçano cum essa horta aí, mexe cum cutelo, mexe cum inxada. (Ent. 15, linha 91)*

D

DANAR • (A) • [V] • Lat. • Enraivecer(-se), irritar(-se). • *Era aquela coisa custosa. Ota coisa menina/que eu lembro () da minha vó daná cum nós, no tempo do frio.* (Ent. 1, linha 583)

DAR CRIA • (n/d) • [V] • Lat. • O mesmo que parir. • ...e ela deu cria/ela arrumou cachorrinho de um cachorro preto e ela deu cria de uns cachorrinho tudo preto. (Ent. 1, linha 192)

DEMANDA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Processo, disputa, discussão. • *É. É antigo. Eu lembro que meu/ eu tinha uma avó que comprô umas terra. Essas terra tava meio inrolada e deu uma demanda. Intão, eu tinha um tio... PESQ.: Hum? INF.: É.../ E nessa demanda ele ia arrumá as papelada ou tinha que i em Jacuí ou Cabo Verde que é.../ que as iscritura, dos papel antigo... (Ent. 14, linhas 299 e 301)*

DE PRIMEIRO • (n/A) • [loc. adv.] • Antigamente; outrora. • *É uma pecinha piquena/ mas e a querosene de primero vinha na lata de 20 litro.* (Ent. 14, linha 218)

DEREIAR • (n/d) • [V] • Guiar carro de boi. *Ele ficava dereiano caquela cangaia até tirá corda do pescoço pa depois pô a canga.* (Ent. 4, linha 140)

DERRADERO • (A) • Nm [Ssing] • Relativo ao último, ao mais novo. • *Mais o derradero, acabô () limpinho. Um bunito terrero, assim limpinho. O o[u]to café mais véio e sujo é o povo do C. que ia panhá.* (Ent. 1, linha 22)

DESBANDONADA • (n/d) • Nf [ADJsing] • Lat. • O mesmo que abandonada. • *Minha casa cabô tudo. Tá tudo desbandonada. Até porta tá destrangolada.* (Ent. 2, linha 190)

DESBARRANCADO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Despenhadeiro, precipício. • *O buraco é poco pa diante da fazenda, num desbarrancado.* (Ent. 2, linha 228)

DESTRANGOLADA • (n/d) • Nf [ADJsing] • Desarrumada, quebrada. • *Minha casa cabô tudo. Tá tudo desbandonada. Até porta tá destrangolada.* (Ent. 2, linha 190)

DESVANECER • (A) • [V] • Cast. • Acabar, sumir. • *Dava uma cagança na criança, mas aí a barriga desvanecia.* (Ent. 1, linha 447)

DISPOIS • (A) • [Adv] • Lat. • Que vem logo a seguir. Variante de depois (depois > depois – caso de epêntese) • *Dispois eu vim na/assisti uma peça na Ventania.* (Ent. 15, linha 464)

DISQUILIBRAR • (n/d) • [V] • Fr. • Piorar de saúde. • *O O. toda vida duente, mais agora de certo tempo pra cá, coitado. Ê disquibrô memo.* (Ent. 15, linha 871)

DORAIADA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Sentir muitas dores. • *Tô cuma doraiada.* (Ent. 15, linha 2)

DRUMIR • (n/d) • [V] • Lat. • Deixar de estar acordado, descansar no sono. • *Invadiu o rancho que num tinha lugá ninhum pra drumí. (Ent. 2, linha 150)*

E

EM ANTES • (n/A) • [loc adv] • Antes, anteriormente. • *Eu vô fazê só mais uma verdura e o arroiz. É iguale ieu. Se eu fô fazê, tem o arroiz pronto, se o L. num fô sai trabuçano em antes do armoço, ieu isquento aquele ali que eu fiço onti. (Ent. 13, linha 10)*

EMBORNAZADA • (n/d) • Nf [Ssing] • Embornal cheio ou quase de qualquer conteúdo. • *É... eucalipero. Oto dia até peguei uma embornazada. Veio num sábado aqui. Falei “oh, vô pegá aí, o que as arve tivé.” Parece que tá semo bão a (). (Ent. 13, linha 107)*

EMBULIA • (n/d) • Nf [Ssing] • Raiva, nervosismo. • *INF.: Quando nós ingordava porco, aquilo, no dia de matá, eu sufria/ eu curria lá pra baxão. PESQ.: A sinhora num via mesmo? INF.: Dava uma embulia. (Ent. 10, linha 617)*

EMPACHADA • (A) • Nf • [ADJsing] • Fr. • Característica de ventre volumoso, barriga dura. • *Tia G., qué vê uma coisa que o papai fazia pa nós e era um santo remédio. Quando/hoje eu falo criança não acontece isso mais, né? Por que que as criança ficava empachada. (Ent. 1, linha 436)*

EMPRASTO • (A) • Nm [Ssing] • Gr. • Medicamento que amolece ao calor e adere ao corpo. • *Emprasto era quando fazia assim/era/era mato, era pranta. Então pegava a pranta colocava numa vazia ou pano. A mamãe massava num pano. Massava, massava, mas o que que colocava eu num sei. Depois vinha caquele punhado de coisa e batia no lugar da gente assim ó. ... O emprasto esfregava, esfregava, esfregava ali ó. (Ent. 1, linhas 377 e 381)*

EM RODA • (n/d) • [loc adv] • Ao redor, em volta. • *Agora as pessoa populares, a gente da vorta em roda ali cos namorado. Em roda do jardim ficava ASSIM. (Ent. 10, linha 216)*

ENCARRIAR • (A) • [V] • Lat. • Colocar objetos ou animais um atrás do outro. • *Intão põe ela pá incarriá assim e... (Ent. 14, linha 427)*

ENDEREITAR • (n/A) • [V] • Lat. • Melhorar algo ou alguém. • *Endereitava. Troxe a cama, desmanchô a cama dele. Toxe aquea ali ó. (Ent. 15, linha 877)*

ENVIR • (n/d) • [V] • O mesmo que vir. • *E daí quando nós todo mundo () nós envinha embora, os cachorrinho da C.... envinha um grandão (Ent. 1, linhas 124 e 125)*

ERVA SANTA-MARIA • (A) • Ncf [Ssing + Ssing + Ssing] • Lat. • Planta usada para fazer chá, espécie de hortelã. • *Aí, ê pega e colocava aquela prasta/ colocava aquela erva Santa-Maria tamém, ês gostava de colocá ela. (Ent. 1, linha 327)*

ESBAGAÇADO • (n/d) • Nm [ADJsing] • O mesmo que cansado. • *Aí ê perguntô meu pai se ele num sabia onde tava a mãe da égua que ele tinha emprestado. Meu pai falô: “ah, eu num*

sei. Mais pra que que cê quiria?” Não, é porque se eu subesse aonde ela tá, eu ia comprá ela pa num pari uma égua tão ruim iguale essa que eu tô esbagaçado. (Ent. 8, linha 25)

ESCADERA • (n/d) • Nf [Ssing] • O mesmo que quadril. • A escadere dueu e eu falei: “num é nada e cuntinuei a trabaiá.” Somei cum nada não. A coluna virô. (Ent. 15, linha 799)

ESTOPORAR • (n/d) • [V] • Resfriar-se, gripar-se. • *PESQ.: Mas o que que eles falam mesmo, por exemplo, a pessoa que ta torrando café aí ta naquele calor e sai no frio? INF.: Estopora. PESQ.: É isso mesmo. Eu já ouvi muito essa expressão da minha avó. INF.: Estopora. PESQ.: Ela entorta a boca. (Ent. 11, linhas 139 e 141)*

F

FEJÃO PAGÃO • (n/d) • NCm [Ssing + ADJsing] • Lat. • Feijão sem refogar e sem tempero. • *Fejão, feijão cozido. A mamãe falava fejão pagão. Pegava aquele fejão pagão e massava na mão assim... (Ent. 1, linha 592)*

FIADO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • O mesmo que fio, linha. • *E nós tinha que cortá, abri ficava no balaio certinho assim. Aí cardava, a mamãe cardava/ as muié fiava. Eas fazia murtirão de fiado, eu lembro. Cada uma lá vai ca sua rodinha na cacunda. Aí fazia esse fiado, ticia e fazia gasaio de frio. (Ent. 13, linhas 541 e 542)*

FOICE • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Instrumento curvo usado para ceifar. • *Naquela época usava/ as pessoa/ os homi ia roçá pasto, usava foice. Ia capiná, usava inxada. Ia torá mato, usava serrote. Serra, né? (Ent. 10, linha 354)*

FORNADA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • O que um forno cozinha de uma só vez. • *E depois tira aquela fornada de forno que tava muito quente e aí pode po o bolo, o pão-de-queijo, o biscoito pa ficá bem sequinho põe no forno mais fresco num é muito quente não. (Ent. 11, linha 164)*

FORNO DE CUPIM • (n/d) • NCm [Ssing + prep + Ssing] • Lat. • Forno construído com material extraído do cupinzeiro. • *O forno de cupim, num sei se era na porta da cuzinha. Sei que arrumô uma boca pertinho da porta. Aí de veiz em quando as galinha bota lá dento, lá por cima. Dento não! Dento a mamãe tampava. (Ent. 13, linha 489)*

FORRÓ • (n/d) • Nm [Ssing] • Pequena rosca. • *Ê levava aquê tanto de rosca, pão... E ieu mais os meus irmão que era piqueno pra nós num tinha nada mió do que cumê rosca, pão, fórró. Ês falava fórró, né? (Ent. 14, linha 223)*

FOSSA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Cavidade subterrânea para o despejo de matérias fecais, de imundícies. • *E carregava aquês coisa de barro. Pá fazê essa fossa. ... Pra fazê parede. As parede da/ da fossa lá (Ent. 5, linhas 32 e 41)*

FRANGAIADA • (n/d) • Nf [Ssing] • Uma porção de frangos reunidos. • *Uma frangaiada lá, as galinha, franga, mais duma setenta, galinha lá no terrero. (Ent. 2, linha 161)*

FRARDA DA CAMISA • (n/A) • Ncf [Ssing + prep + Ssing] • Gót. • Cueiro. • *INF. 2: A mamãe fazia dos trapinho, de ro[u]pa véia na mão, na máquina. Fazia na mão. /É. E tamém/tinha um negócio/Ês falava a frarda da camisa. INF. 1: A mamãe também fazia. INF. 2: Que era o primero pano que tinha que pô.* *PESQ.: O que? Como chamava? INF. 2: A frarda da camisa pa po nas criança. INF. 1: Que nem nós/ ês fala assim a barra da camisa, a parte de baixo da camisa, falava a frarda de camisa. (Ent. 1, linhas 564, 568 e 571 e 572)*

FROXAR • (n/d) • [V] • O mesmo que cansar. • *Prática é costume. Aí num tinha prática aí/ quando foi de duas hora pa tarde esse homi sacudido foi froxano, froxano, froxano. Cansano. (Ent. 8, linha 44)*

FUBÁ • (A) • Nm [Ssing] • Afr. • Farinha de milho usada para fazer mingau ou angu. • *Aí mandô pô aquê angu de fubá de munho nas costa. Eu tenho o sinale até hoje, quemado, a mancha. ... Angu de fubá de munho nas costa. (Ent. 2, linhas 74 e 77)*

FUERO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Estaca destinada a amparar a carga do carro de bois. • *INF.: Era duas peça vortiada. As cheda é onde vai o fuero pa po aquela... PESQ.: Vai o suero? INF.: Elas vem cum doze fuero. PESQ.: Ah! Fuero! INF.: Os fuero é mai' o[u] meno de metro. Intão põe ela incariada assim e... (Ent. 14, linhas 423, 425 e 427)*

FUGÃO DE LENHA • (A) • Ncm [Ssing + prep + Ssing] • Lat. • Caixa de ferro ou de alvenaria, com fornalha e chaminé, para cozinhar. • *É. Era biscoito. Só que era um biscoito munto bem feito no fugão de lenha. Forno de lenha que ês falava. (Ent. 13, linha 473)*

FUMENTAÇÃO • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Fricção medicamentosa sobre a pele. • *PESQ.: O que é isso? O que era fumentação INF. 1: Fumentação é assim: quando cê tava com uma dor/tipo assim/ ocê tinha muita dor eles fazia aquele () como que é sinapismo? INF.: Sanapismo. Eu tinha um medo daquilo pega fogo ni mim. INF. 1: E eu intão. Morria de medo (Ent. 1, linha 307)*

FUNDAR • (n/d) • [V] • Lat. • Enterrar, aprofundar. • *Acho que o óco fundô pá cima e taiô aqui ó. (Ent. 15, linha 339)*

FURQUIA • (A) • Nf [Ssing] • Esp. • Pequeno pedaço de madeira de três pontas. • *É, estaleiro. Acho que era num barranco. E punha umas furquia, sei lá. (Ent. 1, linha 643)*

G

GABIROBA • (A) • Nf [Ssing] • Ind. • Fruto da árvore conhecida como gabiroba. • *PESQ.: Não, mas que que eram as frutas que tinham no pasto pa comê? INF. 1: Uai, era gabiroba, essas coisa. Gaitera. (Ent. 9, linha 106)*

GAITADA • (A) • Nf [Ssing] • Gargalhada . • *Uma hora ea vai () o Dércio pega esse danado desse frango e mata. Matô o frango. () Nós tudo armuçano lá, ea dá aquea gaitada e () Fernando, eu gosto dimais do Fernando, da Maria. (Ent. 2, linha 166)*

GAITERA • (A) • Nf [Ssing] • Obs. • Fruta silvestre típica da região sul de Minas Gerais. • *PESQ.: O que que era as frutas que tinha lá na roça pro cêis comerem? INF. 1: Só laranja e manga. PESQ.: Só? Mas a N. falo que comia ota coisa. INF. 1: O quê? INF. 2: Gaitera. INF. 1: Ah, gaitera era no pasto. PESQ.: Não, mas que que eram as frutas que tinham no pasto pa comê? INF. 1: Uai, era gabirola, essas coisa. Gaitera. (Ent. 9, linhas 103, 104 e 106)*

GAMBILERO • (n/d) • Nm [Ssing] • Comerciante que compra e vende porcos ou bois. • *E ê era assim gambilero. Gambilero é gente que comprava garrote, boi, porco, breganhava, vindia, comprava. (Ent. 8, linha 5)*

GAMELA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Utensílio, geralmente de madeira ou barro, em forma de tigela, usado para lavar alimentos ou mesmo para servi-los. • *PESQ.: Cortava a árvore? INF. 2: Fazia uma gamela lá. (Ent. 1, linha 419)*

GARAPA • (A) • Nf [Ssing] • Cont. • Bebida proveniente da cana-de-açúcar. • *Chegava de madrugada () ficava pono o cavalo no ingenho, um punha a cana e o oto tocava o cavalo. Chegava manhecia o dia aquela caxa grande cheia de garapa. Punha nas caxa e ia apurá” (Ent. 5, linha 320)*

GARRAR • (n/A) • [V] • Celt. • Principiar, começar, iniciar alguma coisa. • *Garrá diante da inxada, hein? (Ent. 15, linha 786)*

GARROTE • (A) • Nm [Ssing] • Fr. • Bezerro de dois a quatro anos de idade. • *E ê era assim gambilero. Gambilero é gente que comprava garrote, boi, porco, breganhava, vindia, comprava. (Ent. 8, linha 5)*

GERATAÇÃO • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Desidratação. • *INF. 1: Colerina hoje é o que? É...diarréia INF. 2: Geratação. Da barriga pra baixo. (Ent. 1, linha 477)*

GOLO • (n/A) • Nm [Ssing] • Cont. • Um trago de uma bebida ou remédio qualquer. • *Intão, Nossa Senhora da Parecida. Cê custava a tomá um golo de urina. Era um santo remédio. (Ent. 1, linha 468)*

GRAÚDO • (A) • Nm [ADJsing] • Lat. • Grande, crescido, desenvolvido. • *Mais um arroiz graúdo. Papai chegô lé e falô: “o J. vai prantá áqueas terra de arroiz?” Eu falei: “ah, num sei, papai.” Male. (Ent. 15, linha 645)*

GUELA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • O mesmo que garganta. • *É. A (jojo) que ês fala. Intão toca ê lá e ê já tem o lugázinho dele de chegá lá no canto. Põe a sogá. Aí põe a canga, aí abutoa a brocha aqui, na guela dele aqui. (Ent. 4, linha 211)*

GUINÉ • (A) • Nm [Ssing] • Planta constituída de ramos mal cheirosos. Acredita-se que tem poder de curar mal-olhado. • *INF. 2: Aquê ramo catingudo. Uns fala gambá e oto num sei que/ chama. INF. 1: Guiné. Ês chama ele de guiné.” (Ent. 1, linha 626)*

I

IMBIGO • (n/A) • Nm [Ssing] • Lat. • Cicatriz produzida pelo corte do cordão umbilical. Variante antiga de umbigo (Umbigo > imbigio – caso de assimilação). • *Aí fazia tamém um de pô no imbigio/redondinho/vai as tirinha por riba/sabe como a mãe fazia aquilo/fazia pos quarto iscondida. Enfiava de baixo da cama. Óia o tanto que nós era bobo. (Ent. 1, linha 575)*

IMPARIADO • (A) • Nm [ADJsing] • Colocado lado a lado. • *Lá vai, lá vai impariado numa certa distância. Trinta braça paralelo cum nós na istrada. (Ent. 8, linha 76)*

IMPREITA • (A) • Nf [Ssing] • Fr. • Obra por conta de outrem, com pagamento previamente ajustado. • *INF.: É.../ o meu pai/ ês trabaivava/ o meu pai gostava é de tocá a meia. PESQ.: Tocá ? () INF.: É impreita nas fazenda, né? PESQ.: Ah, sei. INF.: Impreita, pegava assim impreita. Prantava arroz/ feijão/ mantimentos, né? (Ent. 10, linhas 243 e 245)*

INELAÇÃO • (n/d) • Nf [Ssing] • Inalação. • *PESQ.: Tomando o quê? INF.: Inelação. Mais diz que dá uma suadera nela. Ela dá de sinti mal. PESQ.: Que que é isso? () INF.: Aquele que tampa o vapor.” (Ent. 13, linha 100)*

INFRUEZA • (n/d) • Nf [Ssing] • It. • Gripe. • *Eu/ me deu uma infrueza danada. E eu ficava pensano que infrueza é essa? Aí dipois eu lembro num livro é o nome científico da gripe é infrueza. (Ent. 14, linha 45)*

INGASTAIO • (n/d) • Nm [Ssing] • Problema. • *Aí dipois arranjô um ingastaio aí/ uma cerca ao redó da casa. Passei pa casa, fugão num tinha. (Ent. 15, linha 668)*

INGENHO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Estabelecimento agrícola destinado à cultura da cana e à fabricação do açúcar. • *Lá em casa tinha ingenho. ((vozes)) Tinha ingenho, muía cana. (Ent. 5, linha 319)*

INTÉ • (A) • [Prep] • Limite em um espaço de tempo. Variante de até (até > inté – caso de alçamento com nasalização). • *Ah! Cidade é uma baruieira danada, né? Às veiz a gente ta durmino, acorda inté assustada, né? (Ent. 12, linha 206)*

INTENDIDO • (A) • Nm [ADJsing] • Sábio em algo ou alguma coisa. • *Nossa uma duença lá/ o meu pai era muito intendido da medicina. (Ent. 11, linha 68)*

INVOCADO • (A) • Nm [ADJsing] • Lat. • Cismado. • *E engraçado ele sempre foi invocado a sê padre. Ê teve no convento. (Ent. 15, linha 724)*

ISPICULAR • (A) • [V] • Perguntar em excesso. • *Aí ia lá e ispiculava porque tava duente, porque que tava porque que num tava. Fazia receita e ia um de a cavalo lá na Ventania fazê a forma do remédio. (Ent. 11, linha 85)*

ISPIGÃO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Pico de serra, de monte ou de rochedo. • *Oiei pra tráis, o caminhão tava lá no oto ispigão, crariô lá adiente. Aquela lanterna num era assombração, era o caminhão que envem.* (Ent. 4, linha 81)

ISPINHO DE BENZINHO • (n/d) • NCm [Ssing + prep + Ssing] • (n/e) • Espinho da planta conhecida como benzinho. • *INF.: O passarinho hoje tá incucado. Aí, nós já abria lâ/catá ispinho de benzinho.* (Ent. 13, linha 533)

ISPOLETA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Criança travessa, levada. • *Eu vinha ca minha mãe, né? Porque eu era ispoleta.* (Ent. 10, linha 58)

ISTEIO • (A) • Nm [Ssing] • Obs. • Peça de madeira, ferro, pedra, etc., que serve para segurar ou escorar alguma coisa. • *PESQ.: O pau-a-pique é o que? INF. 1: Os pau-a-pique é uns bambule assim. INF. 2: Não, fazia a maió parte da casa de maderá. Faiz uns isteio. PESQ.: Ahn? INF. 2: Cum certeza a do seu pai () era desse jeito.”* (Ent. 5, linha 46)

ISTUNDAR • (n/d) • [V] • (n/e) • Torrar, queimar a pele sob o sol. • *...o sole tava reganhano, tava de istundá.* (Ent. 15, linha 530)

ISTURDIA • (n/d) • [Adv] • (n/e) • Outro dia. • *Isturdia ainda falei no café a sariema tá advinhano chuva. Aí ês falaro “vai chovê não” ().* (Ent. 13, linha 328)

IXCUMUNGADO • (A) • Nm [Ssing] • Maldito. • *Ê falô assim: “pode i ixcumungado, cê vai de sole, mais cê vorta debaxo de chuva.”* (Ent. 15, linha 535)

IXEMPRAR • (n/A) • [V] • (n/e) • Aprender com os próprios erros. • *Aí pegô, ê num ixemprava não.* (Ent. 2, linha 225)

J

JACÁ • (A) • Nf [Ssing] • Ind. • Espécie de cesto feito de taquara ou de cipó. • *INF.: Carguero é/ ês arruma dois jacá assim feito de taquara. PESQ.: O quê? INF.: Jacá, balaio. ... Intão, uns fala balaio e otos fala jacá.* (Ent. 14, linhas 169, 171 e 175)

JAGUNÇO • (A) • Nm [Ssing] • Inc. • Capanga, assassino de aluguel. • *Aí ê falô: “nem assim eu tô sastifeito. Esse povo, a vaca num pegô ês/ mas eu pego.” Ranjô dois jagunço pegô e matô essa Compania de Reis tudo. Todo mundo que tava na Compania de Reis.* (Ent. 2, linha 215)

JERIZA • (A) • Nf [Ssing] • Cast. • Raiva, ódio. • *INF. 1: Era. Era o J.H. Dipois no oto dia quando maicô o casamento, o sole tava reganhano, tava de istundá. O rapaiz () o casamento cumigo/ ê neim lem casa num vortô mais. E eu tamém num vi cara dele. Tomô jeriza do J. PESQ.: Tomo o quê? INF. 1: Jeriza do J. H.* (Ent. 15, linhas 532 e 534)

JINELA • (n/A) • Nf [Ssing] • Lat. • Má vontade, aversão, antipatia a pessoa ou coisa. • *Da janela da minha casa cê pesca assim na represa. PESQ.: Nossa que beleza! INF.: Ficô cheinho, beraninha a janela.* (Ent. 2, linhas 193 e 195)

L

LADERADA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Várias subidas seguidas. • *Andava de noite, no escuro, naqueas laderada. Todo mundo acostumado, né? (Ent. 14, linha 478)*

LAMPARINA • (A) • Nf [Ssing] • Cast. • Pequeno recipiente com um líquido iluminante (óleo, querosene, etc.) no qual se mergulha um pequeno disco de madeira, de cortiça ou de metal traspassado por um pavio que, aceso, fornece luz atenuada; luminária. • *O que eu sei contá é no começo da vida da gente na roça, era muita dificuldade. Lá num tinha nada, num tinha luz num tinha nada. E era tudo cum lamparina de querosene. (Ent. 5, linha 6)*

LARANJA IOA • (n/d) • NCf [Ssing + ADJsing] • Ár. • Laranja extremamente doce. • *A senhora qué ioa? Laranja ioa? (Ent. 15, linha 768)*

LAVRAR • (A) • [V] • Lat. • Aprainar, tornar a superfície plana. • *Aí ês riscava assim/vamo supô que a /ês lavrava o pau que é redondo, né? (Ent. 1, linha 672)*

LÉGUA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Antiga unidade brasileira de medida itinerária, muito usada no meio rural, equivalente a 3.000 braças, ou seja, 6.600m. • *INF.: Pudia saí/ nós saía cedinho, sete hora, seis e meia, mais memo assim a distância era grande. Naquê tempo ês falava era légua. Era seis légua. E seis légua hoje é trinta e seis quilômetro. PESQ.: Trinta e seis quilômetros? INF.: E cada légua corresponde a... (Ent. 14, linhas 259 e 261)*

LEITERO • (A) • Nm [Ssing] • Fr. • Aquele que vende ou entrega leite. • *Não mandava o creme. A manteiga, né? Aí ia pro Glória, pra Passos memo. E vinha de véspera. De oito em oito dia ês trazia. Leitero num tinha não. Num usava tamém. Quaise num usava esse leite tratado, num usava nada, né? (Ent. 3, linha 70)*

LEVADÔ • (A) • Nm [Ssing] • Aquele que leva algo ou alguém. • *Era essa da capelinha de São Miguel. São Miguel protetor das arma acumpanha nós até o final da vida. É o levadô das nossa arma (). É, e lá Nossa Senhora da Parcida. É. Nós fazia de São Sebastião. Três. Com a de São Sebastião. (Ent. 13, linha 459)*

LINHA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Estrada, via. • *Um dia eu saí la na linha da/ da serra do Veado que ia lá pa Ventania. Crariô adiente. Eu suzinho, de noite. Eu já tinha visto falá isso mais/ a mula/ eu tinha uma mula boa/ mula ativa. A oreia da/ se a mula rifugá alguma coisa tem mais se ela num rifugô num tem nada. (Ent.4, linha 75)*

M

MACUQUENTA • (n/d) • Nf [ADJsing] • (n/e) • Pessoa encardida, suja. • *Eu falo, hoje num tem criança macuquenta mais. (Ent. 1, linha 604)*

MAIS • (A) • [Prep] • Lat. • Com; em companhia de. • *E ieu mais os meus irmão que era piqueno pra nós num tinha nada mió do que cumê rosca, pão, forró.* (Ent. 14, linha 222)

MALE-OIADO • (n/A) • NCm [Ssing + V p. pass.] • Lat. Inveja. • *INF. 1: E ês fala que num pode batizá a criança caquilo, né? INF. 2: É. INF. 1: Bertueja batizada nunca sara. INF. 2: É. Aqui, male-oiado tamém num pode.* (Ent.1, linha 540)

MAMINHA-DE-CADELA • (A) • NCf [Ssing + prep + Ssing] • Lat. • Espécie de fruta silvestre proveniente da planta conhecida como maminha-de-cadela. • *PESQ.: Não, mas que que eram as frutas que tinham no pasto pa comê? INF. 1: Uai, era gabiropa, essas coisa. Gaitera. PESQ.: Que mais? Só? INF. 2: Maminha de cadela. INF. 1: Ah, maminha de cadela. PESQ.: O que que era maminha de cadela? INF. 1: Era uma arvinha que dava uma frutinha.* (Ent. 9, linhas 108 e 109)

MANDIOCÁRIO • (n/d) • Nm [Ssing] • Plantação de mandiocas. • *O mandiocário que tava trançando assim a rama da mandioca. () cana, cada purrete de cana que ia imbora.* (Ent. 15, linha 624)

MANERO • (A) • Nm [ADJsing] • Lat. • Aquilo que é leve. • *Pa i até que dava porque aí o carro ia mais manero.* (Ent. 14, linha 264)

MANSA DE CARRO • (n/d) • NCf [ADJsing + Ssing] • Lat. • Boiada preparada para o carro de boi. • *PESQ.: Que que o senhor fazia mais? E a dona C. ajudano. INF. 2: Ajudano. Quantas boiada nós vendemo, mansa de carro.* (Ent. 4, linha 129)

MARCELA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • O mesmo que camomila. • *PESQ.: O senhor tomava chá de quê? INF. 1: De afavaca, era de todo jeito. PESQ.: É? Era bom pra quê esses chás? INF. 2: Gripe, né? INF. 1: Ah, pra gripe memo e pa tudo quanto há. PESQ.: É? INF. 2: Quando soltava o intestino: a marcela. INF. 1: É. INF. 2: Dava diarréia. PESQ.: Que que é marcela? INF. 1: Marcela é uma raminho que dá na horta. Margosa! (Ent. 9, linhas 282 e 286)*

MARCHADÔ • (A) • Nm [Ssing] • (n/e) • Espécie de cavalo cuja característica predominante é a marcha. • *INF.: A minha mãe pois água quente prele lavá os pé e ê tava lavano os pé e falô po meu pai assim ó: “ô cumpade J.” “O que que é cumpade S.” “Eu vô te falá uma coisa.” “Que que foi?” “Ocê num sabe onde tá a mãe dessa égua que ocê me imprestô?” Aí meu pai: “num sei.” Ela era muito trotona e animale trotão é/ faiz a gente cansá, né? PESQ.: Trotão é que/ que que ele faiz? INF.: Trotão é/ no modo dele andá, chacoaia dimais. Marchadô é/ ê num cansa né?... (Ent. 8, linha 22)*

MARCHA PICADA • (n/d) • NCf [Ssing + ADJsing] • Híbrida: Fr. + Lat. • Tipo de marcha de determinados cavalos. • *A mula pegô uma marcha picada, né. Pocotó, pocotó.* (Ent. 4, linha 249)

MARGOSA • (A) • Nf [ADJsing] • Lat. • Que possui sabor amargo. • *PESQ.: Que que é marcela? INF. 1: Marcela é uma raminho que dá na horta. Margosa! INF. 2: Margosa! PESQ.: É? INF. 2: Margosa por tripa.* (Ent. 9, linhas 286, 287 e 289)

MARIQUINHA • (A) • Nf [Ssing] • (n/e) • Tripeça muito usada para serviço de cozinha. • *INF.: Intão, tinha a mariquinha que é juntado três pau e fura por exemplo nos pé dele e dipois põe um gancho de arame e dipois lá onde vai fazê a cumida faiz a trempe de pedra como se fosse*

um buraco cavado. Abre aqueas três perna assim e um gancho lá e a panela põe na artura que qué. PESQ.: Hã? INF.: Põe ela berano o chão, põe se quisé po mais alto põe () aquilo era/ é/ era a chapa bem dizê. PESQ.: Hã? Chama como? INF.: É mariquinha. PESQ.: Mariquinha. E alguém conhece por outro nome? INF.: Que eu saiba é só por mariquinha. É um nome só. Num tinha oto não. (Ent. 14, linhas 245, 252 e 254)

MARQUESIM • (A) • Nf [Ssing] • (n/e) • Cama usada para doentes. • *Punha numa marquesim, numa caminha. (Ent. 11, linha 4)*

MASCATE • (A) • Nm [Ssing] • Ár. • Vendedor ambulante. • *Gente lá da roça vinha aqui na cidade? Não vinha. Num vinha não. O mascate ia lá levava umas peça de pano e ia vendeno. (Ent 11, linha 59)*

MATA-BICHERA • (n/d) • Ncf [V + Ssing] • (n/e) • Remédio para curar feridas de animais domésticos. • *Aí o L. jogô aquê () não aquê mata-bichera () aquê roxo, pa mode não sentá musquito. Apricô () num instantinho sarô. (Ent. 1, linha 139)*

MATRACA • (A) • Nf [Ssing] • Ár. • Instrumento de percussão, formado por tabuinhas movediças, ou argolas de ferro, que, ao serem agitadas, percutem a prancheta em que se acham presas e produzem uma série rápida de estalos secos. • *Mais era bunito, chegava batia a matraca. A gente até acordava cum ela. (Ent. 13, linha 428)*

MENTRUSTE • (n/A) • Nm [Ssing] • Lat. • Planta medicinal usada para fazer chá. • *INF. 2: Aquê ramo que dá () mentruste. INF. 1: É mentruste. INF. 2: É, hortelã. PESQ.: Hortelã, mentruste. (Ent. 1, linhas 384 e 385)*

MIÃO • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Peça que prende o eixo do carro de boi. • *INF.: Duas cambota, um mião. Mião ia no meio. PESQ.: Como que chamava? INF.: Mião. PESQ.: Mião? INF.: Mião. É. Cambota era feita de três peça. (Ent. 14, linhas 384, 386 e 388)*

MISSÃO • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Instituição de missionários enviados para pregação do catolicismo. • *INF.: Aí teve umas missão aqui. PESQ.: Ahn? INF.: A S. era piquena. PESQ.: Ahn? INF.: Mais cê pricisava vê o tanto de gente que ajuntava. Rodava isso tudo aí de tratore, de carreta. Aquê povão memo. (Ent. 3, linha 95)*

MODE • (n/d) • [Adv] • (n/e) • A fim de; para. • *...aquê roxo, pá mode não sentá musquito... (Ent. 1, linha 140)*

MOIRÃO • (A) • Nm [Ssing] • Inc. • Madeira utilizada na construção de cerca. • *Toca esse pordo, esse pordo chegava na portera e pulava pum lado e pulava pô oto. Quondo vê pulô no moirão da cerca. Morreu ispetado no moirão da cerca porque ele num era dele. Era de Santo Reis. Num dianta! (Ent. 2, linha 253)*

MOITONA • (A) • Nf [Ssing] • Obs. • Grupo espesso de plantas. • *Lá em casa teve uma veiz/ ((dixa eu vê))/ O T. já morava na cidade/era da J. G. achava graça do tanto que ele era esperto. Aqueas moitona arta assim/ era da J. o tale Bob... (Ent. 1, linha 157)*

MUCADO • (n/d) • [Pron] • (n/e) • Tanto; quantidade indefinida. • *Eu lavei um mucado cedo das panela. (Ent. 13, linha 74)*

MULA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Animal mamífero resultante do cruzamento de jumento com égua. • *Eu já tinha visto falá isso mais/ a mula/ eu tinha uma mula boa/ mula ativa. A oreia da/ se a mula rifugá alguma coisa tem mais se ela num rifugô num tem nada. (Ent. 4, linha 76 e 77)*

MULERO • (n/d) • Nm [Ssing] • Lat. • Aquele que compra e vende mula. • *Ês falava/ uns tocava a boiada, era boiadero. Os que tocava mula a gente falava era/ é os mulero. Tocava/ é/ ês ia comprá lá em Três Lagoas. (Ent. 14, linha 313)*

MUNHO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Engenho composto de duas mós sobrepostas e giratórias, movidas pelo vento, por queda-d'água, animais ou motor, e destinado a moer cereais. • *INF.: Aí mandô pô aquê angu de fubá de munho nas costa. Eu tenho o sinale até hoje, quemado, a mancha. PESQ.: Mandô pô o quê? INF.: Angu de fubá de munho nas costa. (Ent. 2, linhas 74 e 77)*

MUNJOLO • (A) • Nm [Ssing] • Afr. • Engenho, movido a água, usado para pilar milho e, primitivamente, para descascar café. • *E a farinha punha lá no munjolo. O munjolo massetava o mio até virá fubá. (Ent. 11, linha 124)*

MURTIRÃO • (A) • Nm [Ssing] • Ind. • Auxílio gratuito que prestam uns aos outros os lavradores, reunindo-se todos os da redondeza e realizando o trabalho em proveito de um só, que é o beneficiado, mas que nesse dia faz as despesas de uma festa ou função. • *INF.: Intão e tinha tamém/ tinha muito mutirão pa capiná roça. De mio, de arroz, de café... PESQ.: Mutirão? Mutirão é quando juntava um monte de gente? INF.: Isso. Uns falava mutirão, otos falava ajitório. (Ent. 14, linhas 492 e 494)*

N

NÓ CEGO • (n/d) • NCm [Ssing + ADJsing] • Lat. Pessoa de caráter duvidoso. • *INF.: O povo lá era munto nó cego. PESQ.: Por que? INF.: Assim ruim, mal. A gente criô lá naquela enfermidade, daquê jeito. (Ent. 2, linha 25)*

O

OCA • (A) • Nf [Ssing] • (n/e) • Perfuração redonda nas rodas do carro de boi. • *INF.: Intão a roda ela contém três buraco, onde vai o exo. PESQ.: Hã? INF.: E tem dois () buraco redondo... PESQ.: Hã? INF.: Que chama oca. PESQ.: Oca? INF.: Oca. E dipois tem o exo tamém. Aí no exo vai o chumaço, que é o que faiz cantá o carro de boi. (Ent. 14, linhas 403 e 405)*

ÓLEO DE CAPAÚVA • (n/d) • NCm [Ssing + prep + Ssing] • (n/e) • Óleo extraído da árvore capauva, que possui diversas aplicações medicinais. • *Óleo de Capauva é bão pra reumatismo. (Ent. 1, linha 416)*

P

PAIA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Haste seca das gramíneas (esp. cereais), despojada dos grãos, utilizada na indústria ou para forragem de animais domésticos. • *Punha paia rasgada nele e usava tocinho. (Ent. 14, linha 238)*

PAIADA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. Capoeira fina; mato ralo. • *Essas paiada de cima abriu era mais poco pra trais () mais agora, mais pra trais. (Ent. 13, linha 69)*

PAIÓ • (n/d) • Nm [Ssing] • Cast. • Construção próxima à casa da fazenda onde é armazenado o milho seco. • *É dexe jeito. Leva po paió, vai aquê desajeito, iguale a gata tá munto grande, gorda. (Ent. 1, linha 179)*

PANHAR • (A) • [V] • Cast. • Adquirir, pegar. Int. • *Esses dia, o L. falô que achava que a gata tava panhando cria. Ent. 1, linha 168)*

PANINHO DE BUNDA • (n/d) • NCm [Ssing + prep + Ssing] • (n/e) • Fralda de bebês. • *Aí tinha que tirá/ês falava paninho de bunda, hoje é fraldinha. (Ent.1, linha 573)*

PASSAGEM • (n/d) • Nf [Ssing] • Fr. • O mesmo que menopausa. • *Ela tava fazeno passagem, que ela casô nova, né? Criô as fiarada tudo. Morreu munto nova. (Ent. 10, linha 478)*

PASTO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Erva para alimento do gado; pastagem. • *...os homi ia roçá pasto, usava foice. Ia capiná, usava inxada. Ia torá mato, usava serrote. Serra, né? (Ent. 10, linha 354)*

PAU-A-PIQUE¹ • (n/d) • NCm [Ssing + prep + V] • (n/e) • Quitanda feita de fubá e assada na folha de bananeira. • *De repente, ela veio com um tantão de quitanda () ela ia fazê assim de tarde currido e () não sei que que ela arranjô que o biscoito tava duro memo. É de pau-a-pique, mais tudo duro. (Ent. 1, linha 101)*

PAU-A-PIQUE² • NCm [Ssing + prep + V] • (n/e) • Construção feita de ripas ou varas entrecruzadas e barro. • *As casa, a maió parte era feita de pau-a-pique e adobo. (Ent. 5, linha 43)*

PÉ-DA-GUIA • (n/d) • NCm [Ssing + prep + Ssing] • (n/e) • Junta de bois que está localizada atrás da guia. • *Uai, esse aqui é o derradero, do cabeçaio, chaveia, do meio, pé-da-guia. Essa aqui é junta de guia. Nós tinha um boi que parecia cum esse aqui, chamado pexão. (Ent.4, linha 223)*

PEGAR • (A) • [V] • Lat. • Começar, principiar. • *Aí nós pegô e foi imhora da iscola... (Ent. 8, linha 74)*

PELEJAR • (A) • [V] • Lat. • Batalhar; trabalhar muito. • *INF. 1: Eu cheguei, pelejei pa tirá esse gado. Cadê se dá jeito d'eu tirá. Ai chegô um cumpade meu e ajudô a tirá o gado da horta. (Ent. 15, linha 629)*

PEROBA • (A) • Nf [Ssing] • Ind. • Árvore conhecida por fornecer madeira de boa qualidade. Bastante conhecida também na região de Passos por possuir valor medicinal. • *Ele cortava peroba, rancava aquês cavaquinho de peroba e punha pa fervê. A gente tomava aquilo ().* (Ent. 1, linha 472)

PIÃO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Trabalhador rural. • *PESQ.: Mais trabalhava mais era cum plantação? INF. 1: É, plantação. Aí () que tratá dos pião tinha que levá cumê pra eles.* (Ent. 5, linha 63)

PIAU • (n/d) • Nf [Ssing] • Ind. • Qualquer animal que possui pintas espalhadas pelo corpo. • *Num murria. Aí eu e meus irmão, mais véio levantaro tudo pa vê matá o porca. Uma porcona que tava gorda. Porca piáu.* (Ent. 10, linha 624)

PICÃO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Erva conhecida por seu poder medicinal, por isso, muito usada para a infusão de chá. • *INF. 1: Hipatite? INF. 2: E só dava nas criança e curava cum picão né? INF. 1: Picão. Mas hoje hipatite é curada cum picão.* (Ent. 1, linhas 523 e 524)

PICAÇO • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Espantalho usado em plantações de diversas culturas. • *Levava um buneco de pano, falava picaço.* (Ent. 13, linha 410)

PILÃO • (A) • Nm [Ssing] • Fr. • Espécie de vaso de madeira onde se pila e descasca arroz, milho, café, etc. • *PESQ.: Era foice. Tem alguma coisa que usava antigamente que não usa mais no campo? INF. 2: Socá arroiz no pilão. PESQ.: Ah, socá arroiz no pilão. INF. 2: Socá arroiz no pilão... (Ent. 5, linhas 150 e 152)*

PINERA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Objeto formado de fios entrançados e usada para separar substâncias reduzidas a fragmentos, retendo as mais grossas. • *Mais, nós não têm nem rapé nem pinera, • pinera de taquara assim de baná feijão, de () feijão. Nós tem aquela fininha de cuá trem de mio verde. Aí, né, às vez arranja lá com o Carlão lá tem munta pinera à toa e ().* (Ent. 1, linhas 37 e 38)

PINGA • (A) • Nf [Ssing] • (n/e) • Bebida feita através da fermentação da cana-de-açúcar. • *É. Intão. Bãozinho memo. Tamém gosta dumas pinga ... Agora, o T.P. gostava de falá que a veinha tamém gostava duma pinga. ... Pede. Pede cinco, pede deiz. Pedi um rear pra comprá pinga. ... Aí vai bebê mais pinga pa ficá tonto. ... Cê vai bebê mais pinga.* (Ent. 13, linhas 241, 246, 274, 275 e 278)

PITITINHO • (n/d) • Nm [ADJsing] • (n/e) • O mesmo que pequeno. • *E daí quando nós todo mundo () nós envinha embora os cachorrinho da C., um pititinho latiu cum ela () envinha um grandão, juntô nessa cachorrinha dibaxo do pé de café...* (Ent.1, linha 125)

PITISQUINHO • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Peçaço pequeno de terra. • *Cada um tinha seu pitisquinho lá, pedacinho de vivê.* (Ent.7, linha 67)

PORDO • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Cavalos novos, aos três anos aproximadamente. • *Aí, ê pegô, fechô um pordo dos mió da tropa dele lá no curral.* (Ent. 2, linha 244)

POSAR • (A) • [V] • (n/e) • Pernoitar em um lugar qualquer. • *E aí depois o marido dela /o genro dela trabaia fora e ela fica só ela com os menino sem pará e a T. tem dia que posá lá com ela. . Tem que a T. í lá posá com ela por causa do medo do bicho.* (Ent. 1, linha 92)

PRECATA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Chinelo feito de pneu. • *INF. 1: As precata. Sabe que que é precata? PESQ.: Não que que é precata? INF. 1: Precata é aqueas arça de arreio. (Ent. 5, linhas 197 e 199)*

PROSÊ • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Conversa, bate-papo. • *PESQ.: E que horas que ês tira o leite? Cedinho? INF. 1: Fica num prosê danado. (Ent. 12, linha 523)*

Q

QUITANDA • (A) • Nf [Ssing] • Afr. • Biscoitos, bolo ou qualquer doce de forno. • *O cupim quemava assim e ficava certinho. Eu lembro do cupim e lembro das quitanda que ês fazia (). (Ent. 13, linha 487)*

QUORESMA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Período de quarenta dias compreendido entre a quarta-feira de Cinzas e o domingo de Páscoa. • *Agora hoje em dia quoresma é festa, é baile todo dia. (Ent. 13, linha 450)*

R

RABICHO • (A) • Nm [Ssing] • Cast. • Amor, paixão. • *O rabicho dele cum a mãe é grande. Falei gente do céu cum esse rapaiz. (Ent. 15, linha 861)*

RABO DO FOGÃO • (n/d) • NCm [Ssing + prep + Ssing] • Lat. • Parte frontal de um fogão a lenha. • *A gente chegava lá e ele tava cum pano marrado na cabeça, sentado no rabo do fogão. (Ent. 14, linha 43)*

RAJADA • (n/A) • Nf [ADJsing] • Cast. • Raiada, estriada. • *PESQ.: Essa aí que carrega o gato na boca? INF. 2: Não, é aquela rajada. (Ent. 1, linha 165)*

RAMA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • O conjunto dos ramos de uma planta; ramada, ramagem, ramalheira, ramaria. • *O mandiocário que tava trançando assim a rama da mandioca. () cana, cada purrete de cana que ia imbora. (Ent. 15, linha 623)*

RANCHO • (A) • Nm [Ssing] • Esp. • Cabana provisória feita no mato ou nas roças, geralmente de palha. • *Aí desceu ieu e ocê até na porta do rancho pegado na mão. Foi ou não foi? (Ent. 2, linha 140)*

RANJAR • (n/d) • [V] • (n/e) • Começar, principiar. • *Isso é bobeira () ranja uma correria. (Ent. 1, linha 07)*

RAPADURA • (A) • Nf [Ssing] • (n/e) • Produto da cana-de-açúcar confeccionado em forma de pequenos tijolos. • *Uai, fazia rapadura, fazia açuca. (Ent. 11, linha 232)*

RASTÉ • (n/A) • Nm [Ssing] • Lat. • Instrumento formado por uma fileira de dentes de ferro por onde se passa o linho a fim de se tirar a estopa. • *Mais, nós não têm nem rasté nem pinera, pinera de taquara assim de baná feijão, de () feijão. (Ent.1, linha 37)*

RASTERINHO • (A) • Nm [ADJsing] • Lat. • Que se eleva a pouca altura; raso. • *Mais, nós não têm nem rasté nem pinera, pinera de taquara assim de baná feijão, de() feijão. (Ent.1, linha 37)*

REBARBA • (n/A) • Nf [Ssing] • Fr. • Sobre, resto. • *Desses quinze fico só ieu lá na rebarba. Os oto tudo/ os oto catorze morreu. Mais ês já tava tudo sequinho, cum bronquite brabo. (Ent. 2, linha 60)*

REBENTADA • (A) • Nf [ADJsing] • Obs. • Sem dinheiro ou recursos; quebrado, falido. • *INF. 1: Mais ea podia pagá uma pa todo dia posá cum ea, né? PESQ.: Podia, né? INF. 1: Pur caus' que ea num é rebentada, né? Ela pode. (Ent. 12, linha 165)*

RECOMPERÁ • (n/d) • [V] • (n/e) • Recuperar, melhorar. • *Aí meu pai acho que eu num ia recomperá, né? Ficá mai' bunitinho, expriente, assim mai', hum, hum ... (Ent. 2, linha 16)*

RÉIS • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Moeda usual no início do século passado. • *Uai, aí ele viu que num dianta nada minha fia. Ocê fazê uma massage cum oto, fazê um truque cum oto. Se ocê faiz um truque numa pessoa cum deiz mi réis cê toma um prijuízo de 40. (Ent. 2, linha 257)*

REMOSA • (n/d) • Nf [ADJsing] • (n/e) • Algo ou alguma coisa gordurosa. • *INF. 2: Ês fala que a mustarda é quente, é remosa. E é memo? INF. 1: E colocava no pano. PESQ.: Remosa? O que é remosa? INF. 2: É trem quente (). INF. 1: É da natureza dela, trem forte. (Ent. 1, linha 321)*

RETIRERO • (A) • Nm [Ssing] • (n/e) • Aquele que, numa fazenda, ordenha o gado. • *E aí a gente ia rezá. Às veiz a gente ia rezá na fazenda. Ês punha leite./ que meu irmão era retirero. Aquês camarada que era retirero. Aí nós ia rezá na fazenda. Tinha uma taba grande assim. Tipo um vão pa rezá, né? (Ent. 10, linha 318)*

RETIRO • (A) • Nm [Ssing] • (n/e) • Local um tanto retirado da sede da fazenda pastoril, onde se solta o gado para engorda. • *Mais lá ês é cinco. Os oto dois tava levano leite. Ês tem um retiro. Leva leite lá pa linha das Água lá. Tem o B., o V.... (Ent. 13, linha 232)*

REZADÔ • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Curandeiro, benzedeiro, que faz rezas. • *É. É. Agora/ e tamém num podia abri a porta e janela que eas tava atrais dos rezadô. Num sei (). Mais era bunito, chegava batia a matraca. A gente até acordava cum ela. (Ent. 13, linha 427)*

RIBA • (A) • [Adv] • (n/e) • Em cima de algum lugar. • *No caminho que nós ia pa escola e o papai taiava, taiava a (), tirava por riba e fazia aquê coro da árve, pingava aquilo ali ó... (Ent. 1, linha 407)*

RODA • (n/A) • Nf [Ssing] • (n/e) • Máquina de fiar linho; variante de roda de fiar (roda de fiar > roda – caso de elipse). • *Eu era piquininha e sabia fiá na roda. Oh! Eu já sabia fiá na roda. (Ent. 10, linha 375)*

RODERO • (A) • Nm [Ssing] • (n/e) • Eixo de um carro ou de uma máquina. • *PESQ.: Que que é mesa? É a parte de trás? INF.: A mesa é o que ia em cima dos rodero. (Ent. 14, linha 414)*

RUADA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Espaço entre os pés de uma plantação de café. • *Agora/ no café travaia suzinho/ na rua/ ruada /suzinho, né? (Ent. 8, linha 35)*

RUINDADE • (n/A) • Nf [Ssing] • Cast. • Aquilo que é ruim física ou moralmente. • *Num sei / Eu arranjei uma ruindade essa noite sô. (Ent. 15, linha 45)*

S

SABÃO DE CUADA • (n/d) • NCm [Ssng + prep + Ssing] • Lat. • Sabão feito de cinzas e gordura. • *Fazia aquela gurdura, depois fazia a cinza. Pegava a cinza/ a lata inchia de cinza ia pono água e aí pingava/ fala que era sabão de cuada. (Ent. 5, linha 284)*

SABÃO PRETO • (n/d) • NCm [Ssng + prep + ADJsing] • Lat. • Sabão feito com soda e gordura de vaca. • *Fazia o sabão preto, da vaca. (Ent. 5, linha 276)*

SABUGO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Substância esponjosa e leve, que se encontra no interior de certas árvores e em especial no sabugueiro. • *O ferro era de brasa. Quemava cum sabugo, essa coisa. () era pa passá. (Ent. 5, linha 265)*

SACUDIDO • (A) • Nm [ADJsing] • Lat. • Forte, saudável, galhardo, esbelto. • *Ele era sacudido, mais era véiaco dimais. (Ent. 8, linha 38)*

SANAPISMO • (n/A) • Nm [Ssing] • Fr. • Papa medicamentosa, que tem como principal componente a mostarda. • *O sanapismo é isso de queimá. (Ent. 1, linha 339)*

SANFONA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Instrumento músico, com cordas de tripa muito tensas, que são friccionadas por uma roda, posta em movimento por uma manivela. • *Os vizinho podia/ ia munto lá em casa. Era divirtido. Chegava no domingo tocava viola, sanfona. (Ent. 10, linha 456)*

SANGRA D'ÁGUA • (n/d) • Ncf [Ssing + prep + Ssing] • Planta comum em brejos. • *INF. 1: Então, sangra d'água, sangra d'água é uma beleza pra esse negócio aqui. PESQ.: O que que é sangra d'água, é aquela resina? INF. 1: É uma resina de árvore. (Ent. 1, linha 402)*

SANTO REIS • (n/d) • NCm [Ssing + Ssing] • Os três reis magos. • *Falô: “uai, num tem jeito co poder de Santo Reis de jeito nenhum.” (Ent.2, linha 242)*

SAPÉ • (A) • Nm [Ssing] • Ind. • Espécie de capim de folhas duras, muito usado para cobrir casas. • *Pensa que eu dexei ês pó teia na minha casa? Pois sapé. (Ent. 15, linha 653)*

SARIEMA • (A) • Nf [Ssing] • Ind. • Ave pernalta, de asas curtas pouco adequadas para o voo, que vive nos descampados da América do Sul e se alimenta de pequenos roedores, insetos e lagartos. • *Isturdia ainda falei no café a sariema tá advinhano chuva. Aí ês falaro “vai chovê não” (). (Ent. 1, linha 327)*

SINTIDO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Consciência, lucidez. • *INF.: É. Uai, a gente grande memo, o sintido foge. PESQ.: Foge. INF.: Foge o sintido. E a hora que dá o branco da cabeça, todo mundo da pessoa. E num/ acontece. É...* (Ent. 13, linhas 151 e 153)

SISTEMÁTICO • (A) • Nm [ADJsing] • Fr. • Diz-se do indivíduo que, por ser metódico ao extremo, se torna ranheta, ranzinza. • *Nóis modô pa cá, né? Aí os povo lá/ meu pai quis mudá porque ele era assim um homi sistemático num gostava que/ né? Era sistemático/ daquês véio sistemático, né?* (Ent. 10, linha 55)

SOGA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Tira de couro, cujas extremidades se prendem às pontas do boi, e pela qual ele é puxado ou guiado. • *Põe a soga. Aí põe a canga, aí abutoa a brocha aqui, na guela dele aqui.* (Ent.4, linha 211)

SOMBRAÇÃO • (A) • Nf [Ssing] • Cont. • Alma do outro mundo. • *Às veiz o medo faiz a sombração.* (Ent 4, linha 117)

SORTERÃO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Aquele que não se casou. • *Ela foi namorada desse moço que êa caso cum ê./ Era um sorterão rico.* (Ent. 15, linha 174)

SUADERA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Ato ou efeito de transpirar. • Inelação. *Mais diz que dá uma suadera nela. Ela dá de sinti mal.* (Ent. 13, linha 100)

SUJOA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • O mesmo que parteira. • *Intão quando tinha uma criançinha/ quando ia nascê uma criança ês falava que tinha que i chamá a sujoa.* (Ent 14, linha 23)

T

TACHA • (A) • Nf [Ssing] • Obs. • Tacho grande, usado nos engenhos de açúcar. • () *aquela tacha que tava aquela beleza.* (Ent. 5, linha 323)

TAIO • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • O mesmo que corte. • *Ele feiz não pra ea pá num falá que tava taio gande.* (Ent. 15, linha 35)

TAMOERO • (A) • Nm [Ssing] • (n/e) • Peça central do carro de bois. • *Aqui tem um cambão que infia aqui nesse tamoero.* (Ent. 4, linha 213)

TAPO • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Pequena gase usada para curativos nos olhos. • *De noite ele limpô essa aqui. No oto dia tiro / ferramenta / o tapo. “ Hoje eu já enxerguei falei / Daqui a quinze dia que vem.* (Ent. 15, linha 191)

TECEDERA • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Mulher que tece pano. • *Pá levá pás tecedera que tinha tiare, né?* (Ent. 10, linha 389)

TERRERO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Espaço de terra plano e largo onde se criam animais domésticos. • *O terrero tava que era pura galinha. Intão a minha irmã saiu pa vim casá e aquê povão lá. (Ent. 10, linha 606)*

TIARE • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Aparelho ou máquina destinada a produzir tecidos. • *Pa levá pas tecedera que tinha tiare, né? (Ent. 10, linha 389)*

TIRADERA • (A) • Nf [Ssing] • (n/e) • Correia ou corrente que, nos carros de bois puxados por quatro animais, prende a canga dos bois da frente à dos bois do coice. • *Aí tinha as tiradera. Tiradera era uma... espécie de coro mais grossona pa aguentá, né? (Ent. 14, linha 363)*

TIRIÇA • (n/A) • Nf [Ssing] • (n/e) • Sintoma que pode ter várias causas, caracterizado pela cor amarela da pele. • *INF. 2: Dor de ouvido forte em criança, dor de barriga. Era tanta coisinha. Tiriça né? INF. 1: Tiriça. PESQ.: Que que era tiriça? INF. 1: Uai, tiriça era/hoje é. INF. 2: Uai, hoje é tiriça memo (). ... Então a gente fala tiriça. (Ent. 1, linha 510, 511, 513, 514 e 526)*

TOCAR • (A) • [V] • (n/e) • Conduzir gado. • *O L. foi ajudá o T. tocá criação e eu fui a pé e ês me acompanhano. (Ent. 1, linha 119)*

TOCINHO • (A) • Nm [Ssing] • Celt. • Gordura dos porcos, subjacente à pele, com o respectivo couro. • *Usava tocinho e punha ali. (Ent.14, linha 240)*

TOPAR • (A) • [V] • Onomat. • Deparar, encontrar. • *De vez em quando eu topo cum ela no Ki-Barato lá. (Ent. 12, linha 179)*

TORNERO • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Chuva em excesso. • *Chuvia dimais, fazia tornero, né? O povo ia e num achava custoso. É... / era três festa que tinha. Aí quando passava no oto sábado, aí sempre fazia/ ês falava pagode. Aí... (Ent. 13, linha 465)*

TRABISSERO • (n/d) • Nm [Ssing] • Lat. • Almofada que serve de apoio à cabeça. • *Um dia o dottor apricô injeção no trabissero do duente. (Ent. 11, linha 11)*

TRATO • (A) • Nm [Ssing] • (n/e) • Comida para animais em geral. • *Num tem trato. Trato da mão de Deus. Esses brotinho que tá saino da berada. (Ent. 13, linha 68)*

TREIÇÃO • (A) • Nf [Ssing] • (n/e) • Ajuda prometida aos vizinhos para limpar uma plantação. • *INF.: Ês fazia na quoresma. Mais festa de dança, essas coisa. Ês fazia treição de capiná. PESQ.: Fazia o que? INF.: Treição. A pessoa tava cum uma roça suja aí juntava os vizinho. ... E fazia treição. (Ent. 13, linhas 406 e 408)*

TREM • (A) • Nm [Ssing] • Fr. • Qualquer objeto ou coisa; negócio, treco, troço. • *Nóis tem aquela fininha de cuá trem de mio verde. (Ent. 1, linha 38)*

TRILHO • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Caminho, via. • *Naquê tempo era um tri[lho] pá passá cavalo um atrais do oto anssim ó. (Ent. 11, linha 108)*

TROPA • (A) • Nf [Ssing] • Fr. • Caravana de animais, geralmente burros ou bestas, usados para o trabalho de carga. • *Ia um tocano os animale, a tropa assim arriada e apiava pa ajudá carregá. (Ent. 4, linha 42)*

TROTÃO • (A) • Nm [ADJsing] • (n/e) • Animal que trota. • *Trotão é/ no modo dele andá, chacoaia dimais. Marchadô é/ ê num cansa né? Aí ê perguntô meu pai ((vozes))* (Ent. 8, linha 22)

TROTE • (A) • Nm [Ssing] • Fr. • Andadura natural das cavalgadas, entre o passo ordinário e o galope, e que se caracteriza pelas batidas regularmente espaçadas das patas. • *PESQ.: Ela num marchava? INF. 1: Era só trote. Cê sabe o que é trote? PESQ.: Não, o que que é trote? INF. 1: É tuada dura.* (Ent. 4, linha 244)

TUIA • (A) • Nf [Ssing] • Cont. • Grande arca usada para guardar cereais. • *Ingordava o capado. Matava o capado, tinha a carne e tinha a gurdura. E o mantimento todo tanto que cuía num vindia não. Punha na tuia lá no canto.* (Ent. 11, linha 114)

TURAR • (n/A) • [V] • Durar, conservar. • *PESQ.: A Dercy da televisão. INF. 1: Ah! Quantos ano? PESQ.: 101. INF. 1: Ah, não. Aí é turá dimais, né?* (Ent. 12, linha 590)

TUSTÃO • (A) • Nm [Ssing] • It. • Designação de moeda em geral; dinheiro. *Essa casa vai desmantelano e o fio manda arrumá ela. Eu num gasto um tustão.* (Ent. 15, linha 691)

U

URVAIO • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Orvalho, umidade. • *Umas bota assim. Tinha as butina e tinha a polônia. Usava aquilo pa num moiá muito de urvaio.* (Ent. 5, linha 213)

V

VEIÁCO • (A) • Nm [ADJsing] • Cast. • Aquele que ludibria de propósito ou por má índole. • *INF.: Lá tinha uma lavora de café e tinha um homi que trabaiava cum ês aí. PESQ.: Ahn? INF.: Diz que era munto véiaco.* (Ent. 8, linha 32)

VENDA • (A) • Nf [Ssing] • (n/e) • Pequeno estabelecimento comercial onde se vendem artigos variados. • *PESQ.: Aí aparecia lá em casa. Aí meu pai punha um prato de comida pra ele. Aí ele cumia. Aí ele pedia dinheiro pra ir beber. Aí meu pai num dava dinheiro pra ele não beber. INF. 1: Mais ele pidia nas venda, né?* (Ent. 12, linha 681)

VESPRONA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • O mesmo que véspera. • *Todo dia 25 de dezembro vesprona da Compania de Reis saí, cê iscuta cá da fazenda aquê povo afiano o instrumento no buraco.* (Ent. 2, linha 226)

VESTE • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Peça de roupa, em geral aquela que reveste exteriormente o indivíduo e, em grau menor ou maior, o caracteriza. • *Eu nasci em 27 e ela casô em 32. E eu lembro direitinho, a veste dela.* (Ent. 10, linha 592)

VIOLERO • (A) • Nf [Ssing] • Prov. • Tocador de viola. • *Ticia o corte de car/ e o meu pai/ tava chique. Ele era violero, cantava. Era bunito. Era um preto bunito, meu pai. (Ent. 10, linha 391)*

VORTIADA • (A) • Nf [ADJsing] • (n/e) • Algo ou alguma coisa envolta por. • *Era duas peça vortiada. As cheda é onde vai o fuero pa po aquela... Mais ês fazia só de taquara, né? Intão, tinha a istera dipois a parte de tráis pa fechá a istera, ela era vortiada assim. (Ent. 14, linhas 423 e 442)*

Z

ZANGAR • (n/d) • [V] • (n/e) • Piorar, agravar. • *Eu tomo quando eu zango. (Ent. 15, linha 292)*

ZAROIA • (A) • Nf [ADJsing] • Obs. • Estrábica, cega de um olho. • Intão, ela casô. *Ela já morreu, mais ela dexô uma purção, uma purção de fio. Mais ela era zaroia memo. (Ent. 14, linha 564)*



FOTO 11 – Gaiteira (árvore frutífera comum no município de Passos/MG)
Fonte: Acervo pessoal

CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tivemos como objetivo investigar o léxico rural do município de Passos – localizado no Sul/Sudoeste de Minas, relacionando-o à história e à cultura da região. À medida que desenvolvíamos a pesquisa, acreditávamos, cada vez mais, no dizer de Isquierdo (2001, p.91): *o estudo do léxico de uma região mostra dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo do grupo estudado.*

Com o intuito de ter uma amostra que correspondesse à realidade do mundo rural da região estudada, fomos a campo, em áreas rurais do município de Passos, a fim de realizar entrevistas orais. Pautando-nos por pressupostos teórico-metodológicos preestabelecidos, gravamos quinze entrevistas e transcrevemos todas elas. Esse material, que pode ser conferido no CD-Rom que se encontra anexado a esta dissertação, foi o ponto de partida para nossa análise linguística.

Na **Introdução** deste trabalho, abordamos a dinamicidade da língua, destacando a importância dos estudos lexicais, área que mais deixa transparecer a relação entre o homem e o meio em que vive. Em seguida, apresentamos a estrutura da pesquisa realizada.

No **Capítulo I**, enfocamos os pressupostos teóricos que embasam os estudos lexicais. Em um primeiro momento, debatemos o tema *língua, sociedade e cultura*, mostrando o desenvolvimento dessa linha de pensamento desde fins do século XIX – abordamos teóricos da antropologia linguística, da cultura, da sociolinguística e da dialetologia, discussões importantes para embasar uma pesquisa como esta. Posteriormente, centramos nosso estudo na lexicologia, já que trabalhamos com o léxico regional, e na lexicografia, pois um de nossos objetivos era a construção de um glossário.

Os aspectos históricos foram abordados no **Capítulo II**. Tratamos, nesse capítulo, da história do povoamento da região sul de Minas Gerais, desde as primeiras entradas e bandeiras no final do século XVII, início do XVIII, até o assentamento das primeiras famílias cujas atividades se relacionavam ao setor da agropecuária. Apresentamos ainda uma breve história do município de Passos/MG. Trata-se de uma abordagem necessária, uma vez que o conhecimento dos aspectos histórico-sociais da região em estudo contribui para a análise linguístico-cultural do léxico regional.

O **capítulo III** apresentou os procedimentos metodológicos adotados. Inicialmente, para a escolha dos informantes e para a realização da pesquisa de campo, quando gravamos as quinze entrevistas, apoiamos-nos em Labov (1969) e Duranti (2000). Já as

transcrições seguiram o modelo proposto pelo Projeto *Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais*. Em um segundo momento, com os dados selecionados – 337 lexias –, voltamo-nos para a construção das fichas lexicográficas, consultando 6 dicionários – datados do século XVIII ao XX – previamente selecionados; em seguida realizamos análise linguística desses dados. Para a construção do glossário, adotamos metodologia sugerida por Haensch (1982).

No **Capítulo IV**, apresentamos os nossos *corpora* coletados nas 15 entrevistas com moradores do município analisado. As lexias daí hauridas são apresentadas na forma de fichas lexicográficas. Essas fichas constituíram uma análise em que se estudou e se relacionou a lexia coletada a épocas passadas e atuais. Após análise quantitativa, através de gráficos e tabelas, resultado de análise das fichas lexicográficas, passamos à discussão de resultados.

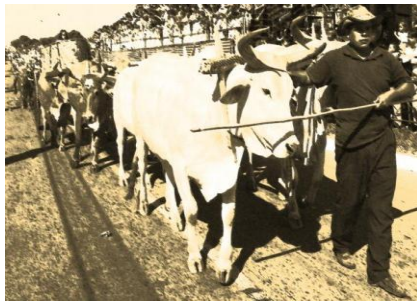
O **Capítulo V** apresenta a construção de um Glossário a partir dos dados retirados dos nossos *corpora*. Em um primeiro momento, organizamos as lexias pelo critério onomasiológico e, posteriormente, pelo critério semasiológico. Com isso, pudemos traçar um perfil sociocultural dominante na região: o léxico dessa parte do Sudoeste de Minas reflete o mundo rural – as plantas, as condutas, as crenças e os costumes. Sociedade e cultura refletidas na língua, tão bem descritas nas palavras de Aragão (1992, p.01) quando afirma que “as relações entre língua, sociedade e cultura são tão íntimas que, muitas vezes, torna-se difícil separar uma da outra ou dizer onde uma termina e a outra começa.”



Carro de boi tem que cantar. Bezuntar os chumaços e os cocões com azeite de mamona e tocar macio, devagar, até o eixo de óleo bálamo esquentar. Aí começava a cantilena. Inicialmente um rangido desentoado, mas, à medida que esquentava o eixo e o carreiro dava ritmo na tocada, passava ao rangido forte e uniforme. Não gostavam de carro que cantasse fino. Carro bom devia cantar rouco e forte. Podiam ser identificados a várias léguas pelo som do canto! Um carro nunca cantava igual a outro.

Délcio Amarante Mendonça¹⁷

¹⁷ *Carro de Boi* – Texto vencedor do II Concurso de contos da OAP/UFMG, 2009, 1º. lugar.



Painel Carro de boi

Fonte: Acervo pessoal (à exceção da foto central, Cf. FOTO 10).

REFERÊNCIAS

- AFONSO, José Eduardo. *A Guerra dos Emboabas*. São Paulo: Ática, 1998.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F; BENTES, Anna Chistina (Org.). *Introdução à linguística*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.
- ALVES, I.M. *Neologismo: criação lexical*. 2ª ed., São Paulo: Ática, 1994.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4ª ed., São Paulo: Hucitec/Brasília: INL, 1982 (reprod. Facsimil da 2ª ed.; 1ª ed. 1920).
- AMARAL, Eduardo T. Roque. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimo em três localidades de Minas Gerais*: Campanha, Minas Novas e Paracatu, 2003.
- ARAGÃO, M. do Socorro S.de et al. *O conto popular na Paraíba*. Um estudo lingüístico-gramatical. João Pessoa: UFPB, 1992.
- BALDINGER, K. *Semasiologia e Onomasiologia*. ALFA, 9, FFCL de Marília, 1966.
- BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981.
- BARBOSA, M.A. *Relações de significação nas unidades lexicais*. Recife: UFPE, 1998.
- BARBOSA, M. A. Contribuição Ao Estudo de Aspectos da Tipologia de Obras Lexicográficas. *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo, v. 8, p. 15-30, 1995.
- BARBOSA, W. de A. *A decadência das minas e a fuga da mineração*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.
- _____. *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: [s.n.], 1995.
- BAYLON, C. et al. *Forum: Méthode de Français*. Paris : Hachette : 2000.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Cia Editora Nacional/EDUSP, 1989.
- BIDERMAN, M.T.C. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos, 1978, p.19 -20.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação mental do léxico. In: BORBA, Francisco da Silva. (Org.). *Estudos de filologia e linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981. p.131-145.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. *A Ciência da Lexicografia*. Alfa, São Paulo, v.28 (supl.), 1984, p.143.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo: n. 2, 1998, p. 81-118.
- _____. As ciências do léxico. In: *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande (MS): Ed. UFMS, 1998.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- BLUTEAU, P. Raphael. *Vocabulário Português e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.
- BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- BRIGHT, William. *Sociolinguistics: Proceedings of the UCLA sociolinguistics conference 1964*. Paris: The Hague, 1966.
- CARDOSO, S.; FERREIRA, C. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A dialetologia no Brasil: perspectivas. In: *Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 1999
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade. Um passo da geolinguística brasileira: o Projeto ALiB. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.) *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p.39-49.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Atlas linguístico de Sergipe – II*. Salvador: EDUFBA, 2005. 2 v.
- CARRATO, José Ferreira. *A crise dos costumes nas Minas Gerais do século XVIII*. Assis: Sparata de: *Revista de Letras*, v. 3, p. 218-248, 1962.
- CARVALHO, A. *A Freguesia de Nossa Senhora da Assumpção do Cabo Verde e sua História*. Jundiá, SP, Gráfica Jundiá, 1998.
- CASTRO, Vandersí Sant'ana. Revisitando Amadeu Amaral. In: *Estudos Linguísticos XXXV*, 2006, p. 1937.
- CÓDICE, Costa Matoso: Coleção das notícias dos primeiros descobrimentos das minas na América que fez o doutor Caetano da Costa Matoso sendo ouvidor geral do Ouro Preto, de que tomou posse em fevereiro de 1749, e vários papéis. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1999. 2v.
- COHEN, M.A.A.M. et alii. Filologia Bandeirante. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1997, p. 79-94.
- CONFORTIN, H. *A faina lingüística.: estudo de comunidades bilíngüe italiano-português do Alto Uruguai Gaúcho*. Porto Alegre: Edições EST/URI-Campus de Erechim, 1998.
- COSERIU, Eugenio. *Princípios de Semántica Estructural*. Madrid: Gredos, 1977.
- COSERIU, Eugenio. *El hombre y su lenguaje*. 2. ed. Madrid: Editorial Gredos, S.A., 1991.
- COSERIU, E. *Competência linguística*. Madrid: Gredos, 1992.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- CUNHA, C. Presença de Antenor Nascentes. In: *Romanitas: revista de cultura romana (língua, Instituições e Direito)*. In honorem Antenor Nascentes, Anos XV – XVI, vols. 12 e 13, p.43-54.

DIÉGUES JUNIOR, M. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1960.

_____. *Etnias e Culturas no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1952.

DURANTI, A. *Antropologia Linguística*. Trad. espanhola: Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

FARACO, C. A. *Linguística Histórica*. São Paulo: Parábola, 2005.

FERREIRA, Carlota. Atlas prévio dos falares baianos: alguns aspectos metodológicos. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Ed. UEL, 1998. p.15-29.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; FERREIRA, Marina Baird; ANJOS, Margarida dos. *Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. totalm. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA NETO, W.; RODRIGUES, A.C. de S. Transcrição de inquéritos: problemas e sugestões. In: *Filologia Bandeirante*. São Paulo: Humanitas, 2000, p. 171-194.

FICHEIRO: Minas Gerais Micro Passos. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:MinasGerais_Micro_Passos.svg. Acesso em 19 dez. 2009.

FIORIN, J.L. Política linguística no Brasil. In: *Revista Gragoatá No. 9*. p.115-Niterói: UFF, 2000.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001.

FISHMAN, J. *The Sociology of Language*. Rowley, MA: Newbury House Publishers, 1972.

FRAGOSO, J.L.R. Homens de Grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790- 1830). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 125.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. 8.ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

FRIEIRO, E. *Feijão, angu e couve: ensaio sobre a comida dos mineiros*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, Ed. UFMG, 1966.

GADET, Françoise. *Saussure: une science de la langue*. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.

GECKELER, H. *Semántica Estructural y Teoria del Campo Léxico*. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

GODOY, S.A. de. *Negociações e conflitos na rota das monções*. Em Estudos de História, v. 10 n. 2. Franca, SP., UNESP, Franca, 2003, p.83-106.

GRILO, A.T. – Câmara de Passos, 150 anos. Passos, MG., Ed. comemorativa do sesquicentenário da Câmara, impreso na EPIGRAF, Piumhi, MG., 1998.

_____. Glória, Memórias da Cidade de São João Batista. S.S.B. da Glória, Prefeitura Municipal, edição comemorativa do cinquentenário, impresso em Passos, MG., na Ed. São Paulo, 1999.

GRILO, A. T. et Grupo Memória Carmelitana – Carmo do Rio Claro, aulas de História Social, Caderno 1 – Prefeitura Municipal de Carmo do Rio Claro, MG., 1996.

GRILO, A.T. Tocaia no fórum: violência e modernidade. 2009. Tese (Doutorado em História) – USP – Franca – 450 p.

HAENSCH, Günther *et al.* *La lexicografía: de la lexicografía teórica a la lexicografía práctica.* Madrid: Gredos, 1982 .

HOLANDA, S.B. de. *Monções.* 1ª edição. Rio de Janeiro: Ceb-rj, 1945.

HUBER, Joseph. *Gramática do Português Antigo.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

HYMES, D. *Language in culture and society.* A Reader in Linguistics and Anthropology. New York: Harper and Row, 1964.

HYMES, D. On communicative competence. In PRIDE, J.B.; HOLMES, J. (Ed.). *Sociolinguistics.* Harmondsworth, England: Penguin Books, 1972.

HYMES, D. H. On Communicative Competence. In: BRUMFIT, C. J. & JOHNSON, K. *The Communicative Approach to Language Teaching.* Oxford: Oxford University Press, 1979.

ISQUERDO, Aparecida Negri. *De Nascentes ao AliB: a propósito da definição da rede de pontos em pesquisas geolinguísticas no Brasil. Atas do II Encontro do Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste.* Brasília, vol. II, fevereiro de 2004, p. 390-398. Disponível em: <<http://www.unb.br/gelco>>. Acesso em: 28 novembro 2009.

ISQUERDO, A. N. *Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa.* In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. de (Orgs.). *As ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia.* Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p.91-100.

_____. *Atlas regionais em andamento no Brasil: perspectivas metodológicas.* In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.) *A geolinguística no Brasil – trilhas seguidas, caminhos a percorrer.* Londrina: Uduel, 2005, p. 334-356.

ISQUERDO, A.N. & ALVES, I.M. (org.) *As ciências do léxico*, volume III. Campo Grande: Editora UFMS/Humanitas, 2007

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns.* Philadelphia: Pennsylvania University Press, Oxford, Blackwell, 1972.

_____. *Building on empirical foundations.* In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Yakov. (Eds.) *Perspectives on historical linguistics.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982. p. 17-92.

_____. *Principles of linguistic change.* Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

LYONS, J. *Semântica.* Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1977.

- MAGALHÃES, B. de. *Expansão geográfica do Brasil colonial*. 2.ed. aumentada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.
- MARTINET, A. *Elementos de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1975.
- MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie. Domaine Française*. Paris: Didier, 1953.
- MG QUILOMBO. Disponível em: www.mgquilombo.com.br/site/index.php?option=c. Acesso em 11 mar. 2009.
- MENDONÇA, Délcio Amarante. *Carro de boi*. Belo Horizonte, OAP/UFMG, 2009.
- MENEZES, Joara Maria de Campos. 2009. *O léxico toponímico nos domínios de Dona Joaquina de Pompéu*. Dissertação (Mestrados em Linguística) – UFMG – Belo Horizonte.
- MILROY, L. *Language and Social networks*. 2.ed. Oxford: Blackwell, 1987.
- MILROY, L.; GORDON, M. *Sociolinguistics – Method and Interpretation*. Oxford: Blackwell, 2003.
- MILROY, J.; MILROY, L. Varieties and Variation. In: COULMAS, F. (org) *The Handbook of sociolinguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 1997.
- MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. *Antônio de Moraes Silva: Lexicógrafo da Língua Portuguesa*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2006.
- NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.
- NORONHA, W.A. de. *História de Passos*. Passos, MG. : Prefeitura Municipal, 1969.
- OLIVEIRA, A. M. P. P; ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico*. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.
- OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. *O Português do Brasil: Brasileirismos e Regionalismos*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Araraquara, 1999. 350p.
- OLIVEIRA, A.M.P.P. Regionalismos e brasileirismo: a questão da distribuição geográfica. In: ISQUERDO, A.N.; OLIVEIRA, A.M.P.P. de (Orgs.) *As ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p.109-116.
- PAIVA, C.A.; KLEIN, H.S. Escravos e livres nas Minas Gerais do século XIX: Campanha 1831. São Paulo, *Estudos Econômicos*, 22(1), jan/abr. 1992, p. 133-135.
- PASTORELLI, Daniele Silva ; MARTINS, Denis Pereira ; ISQUERDO, A. N. . *O Projeto Atlas Linguístico do Brasil no cenário nacional*. In: III Encontro de Iniciação Científica do Curso de Letras, 2006, Rolândia. Anais do III Encontro de Iniciação Científica do Curso de Letras - 2005. Rolândia-PR : FACCAR, 2006.
- PIMENTA, J.D. *Caminhos de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1971.
- POTTIER, B. *Linguistique générale. Théorie et description*. Paris: Klincksieck, 1974.
- PRETI, Dino. *Sociolinguística: Os Níveis da Fala*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1987.

- QUINTANA, Mário. *Caderno H*. 2.ed. São Paulo: Globo, 2006. p.260.
- RIBEIRO, José P.C. *Atlas Geográfico – Minas Gerais e Belo Horizonte*. Belo Horizonte: [s.n.], 1999.
- SACRAHOME. Disponível em: <http://www.sacrahome.com.br>. Acesso em 20 set.2009.
- SAINT-HILAIRE, A. *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo, 1822*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1974. p.64.
- SAPIR, E. *Language: an introduction to the study of speech*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1949.
- SAPIR, E. *Linguística como ciência: ensaios*. Rio de Janeiro : Acadêmica, 1961.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1981.
- SEABRA, M.C.T.C. de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – UFMG – Belo Horizonte – 368 páginas.
- _____. (org.). *O Léxico em Estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.
- SILVA, António de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.
- SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos*. 2ª ed., Belém: Conselho Nacional de Pesquisa/Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.
- SILVEIRA BUENO, Francisco da. *Vocabulário Tupi-Guarani Português*. 6ª ed., São Paulo: Éfeta, 1998.
- SOUZA, V.L. de. *Caminho do boi, caminho do homem: O léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*. 2008. Dissertação (Mestrados em Linguística) – UFMG – Belo Horizonte – 278 páginas.
- SOUZA, Genésio S.. *Linguística História/Antropologia Linguística: possibilidades interdisciplinares*. In: IV Congresso Internacional/XVII Instituto de Linguística - ABRALIN, 2005, Brasília. Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN. Brasília : Editora da UnB, 2005.
- TARALLO, F. *A Pesquisa Sociolinguística*. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- TEIXEIRA, Yolanda Mourão. *Constituição do léxico*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1975.
- TOSI, P.G. *Capitais no Interior, Franca e História da Indústria Coureiro-Calçadista (1860-1945)*. Franca: UNESP, 2002.
- TRINDADE, J.S., Dom Frei. *Visitas pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade (1821- 1825)*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Culturais. Fundação João Pinheiro; IEPHA/MG, 1998, p. 210-227)

- VASCONCELOS, D. de. *História Antiga das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.
- VASCONCELOS, S. de. *Bandeirismo*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1944.
- VAZANTE. Disponível em: www.vazante.mg.gov.br. Acesso em 29 jan. 2010.
- VERDELHO, Telmo. Dicionários portugueses, breve história. In: *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002.
- VILELA, Mário. *Léxico e Gramática*, Coimbra, Almedina, 1995
- WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários – Uma pequena introdução à Lexicografia*. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2005.
- ZEMELLA, Mafalda. *O Abastecimento da Capitania das Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: FFLCH/USP, 1951.